OS PENSADORES

X

ERASMO DE ROTTERDAM

ELOGIO DA LOUCURA

THOMAS MORE

A UTOPIA

1972

EDITOR: VICTOR CIVITA

Títulos originais:
Encomium, id est, Stultitiae Laus.
De optimo reipublicae statu, deque nova insula Utopia.

1.ª edição — Dezembro 1972

© — Copyright desta edição, 1972,
Abril S.A. Cultural e Industrial, São Paulo.
Traduções publicadas sob licença de:
Atena Editora, São Paulo.

Sumário

Elogio da Loucura 7
A Utopia 159

ERASMO DE ROTTERDAM

ELOGIO DA LOUCURA

Tradução e notas de PAULO M. OLIVEIRA

ERASMO
A
THOMAS MORE,
SAÚDE.

Achando-me, dias atrás, de regresso da Itália à Inglaterra, a fim de não gastar todo o tempo da viagem em insípidas fábulas, preferi recrear-me, ora volvendo o espírito aos nossos comuns estudos, ora recordando os doutíssimos e ao mesmo tempo dulcíssimos amigos que deixara ao partir. E foste tu, meu caro More, o primeiro a aparecer aos meus olhos, pois que malgrado tanta distância, eu via e falava contigo com o mesmo prazer que costumava ter em tua presença e que juro não ter experimentado maior em minha vida. Não desejando, naquele intervalo, passar por indolente, e não me parecendo as circunstâncias adequadas aos pensamentos sérios, julguei conveniente divertir-me com um elogio da Loucura. Por que essa inspiração[1]? — perguntar-me-ás. Pelo seguinte: a princípio, dominou-me essa fantasia por causa do teu gentil sobrenome, tão parecido com a *Moria*[2] quanto realmente estás longe dela e, decerto, ainda mais longe do conceito que em geral dela se faz. Em seguida, lisonjeou-me a idéia de que essa engenhosa pilhéria pudesse merecer a tua aprovação, se é verdade que divertimentos tão artificiais, não me

[1] *Quae Pallas isthuc tibi misit in mentem.* Homero introduz Palas, que vai sugerindo, a Penélope e a Ulisses, ora uma coisa, ora outra.
[2] Loucura, em grego.

parecendo plebeus, naturalmente, nem de todo insulsos, te possam deleitar[3], permitindo que, como um novo Demócrito, observes e ridicularizes os acontecimentos da vida humana. Mas assim como, pela excelência do gênio e de talentos, estás acima da maioria dos homens, assim também, pela rara suavidade do costume e pela singular afabilidade, sabes e gostas, sempre e em toda parte, de habituar-te a todos e a todos parecer amável e grato.

Por conseguinte, gostarás agora não só de aceitar de bom grado esta minha pequena arenga, como um presente do teu bom amigo, mas também de colocá-la sob o teu patrocínio, como coisa sagrada para ti e, na verdade, mais tua do que minha. Já prevejo que não faltarão detratores para insurgir-se contra ela, acusando-a de frivolidade indigna de um teólogo, de sátira indecente para a moderação cristã, em suma, clamando e cacarejando contra o fato de eu ter ressuscitado a antiga comédia[4] e, qual novo Luciano[5], ter magoado a todos sem piedade. Mas os que se desgostarem com a ligeireza do argumento e com o seu ridículo devem ficar avisados de que não sou eu o seu autor, pois que com o seu uso se familiarizaram numerosos grandes homens. Com efeito, muitos séculos antes, Homero escreveu a sua Batraquiomaquia, Virgílio cantou o mosquito e a amoreira, e Ovídio, a nogueira; Polícrates chegou a fazer o elogio de Busíris, mais tarde impugnado e corrigido por Isócrates; Glauco enalteceu a injustiça, o filósofo Favorino louvou Tersites e a

[3] Ao subir ao cadafalso, onde devia perder a cabeça em testemunho da Verdade, Thomas More, com o mesmo ânimo intrépido e tranqüilo, não podendo dar um passo por causa da gota, disse a um dos guardas, com aquele seu mesmo estilo de bonomia: *"Amigo, ajuda-me a subir, que ao descer não te darei mais incômodo"*.

[4] Criada por Susarião de Mégara. Tão desabusada que citava os nomes das pêssoas, sem que a lei o proibisse. À antiga comédia sucedeu a sátira entre os latinos.

[5] Luciano, retórico de Samos, autor do *Diálogo dos Mortos*. Tão satírico que não per-

febre quartã; Sinésio, a calvície e Luciano, a mosca parasita; finalmente, Sêneca ridicularizou a apoteose de Cláudio, Plutarco escreveu o diálogo do grilo com Ulisses, Luciano e Apuleio falaram do burro; e um tal Grunnio Corocotta fez o testamento do porco, citado por São Jerônimo. Saibam, pois, esses censores que também, para divertir-me, já joguei xadrez e montei em cavalo de pau [6], como um menino. Na verdade, haverá maior injustiça do que, sendo permitida uma brincadeira adequada a cada idade e condição, não poder um literato pilheriar, principalmente quando a pilhéria tem um fundo de seriedade, sendo as facécias manejadas apenas como disfarce, de forma que quem as lê, quando não seja um solene bobalhão, mas possua algum faro, encontre nelas ainda mais proveito do que em profundos e luminosos temas? Que dizer, então, de alguém que, com um longo discurso, depois de muito estudar e fatigar as costas, elogiasse a retórica ou a filosofia? Ou de alguém que escrevesse o elogio de um príncipe; outro, uma exortação contra os turcos; outro fizesse horóscopos e predições baseado nos planetas; outro, questões de *lana caprina* [7] e investigações futilíssimas? Portanto, assim como não há nada mais inepto do que abordar graves argumentos puerilmente, assim também é bastante agradável e plausível tratar de igual forma as pilhérias, que não têm aqui outro objetivo senão o pilheriar.

Quanto a mim, deixo que os outros julguem esta minha tagarelice; contudo, se o amor-próprio não me engana, creio ter elogiado a Loucura sem estar inteiramente louco. Quanto à imputação de sarcasmo, não deixarei de dizer que há muito tempo existe a liberdade de estilo com a qual se zomba da maneira por que vive e conversa o homem, desde que não se caia no cinismo

doava aos próprios deuses. Foi por isso considerado ímpio e ateu.

[6] *Equitare in arundine longa.* (Horácio.)

[7] *Alter rixatur de lana saepe caprina.* (Horácio.)

e no veneno. Assim, pergunto se se deve estimar o que magoa, ou antes o que ensina e instrui, censurando a vida e os costumes humanos, sem pessoalmente ferir ninguém. Se assim não fosse, precisaria eu mesmo fazer uma sátira a meu respeito, com todas as particularidades que atribuo aos outros. Além disso, quem se insurge em geral contra todos os aspectos da vida não deve ser inimigo de ninguém, mas unicamente do vício em toda a sua extensão e totalidade. Se houver, pois, alguém que se sinta ofendido por isso, deverá procurar descobrir as suas próprias mazelas, porque, do contrário, se tornará suspeito ao mostrar receio de ser objeto da minha censura. Muito mais livre e acerbo nesse gênero literário foi São Jerônimo, que nem sequer perdoava os nomes das pessoas! Nós, porém, além de calarmos absolutamente os nomes, temperamos o estilo, de forma que o leitor honesto verá por si mesmo que o nosso propósito foi mais divertir do que magoar. Seguindo o exemplo de Juvenal, em nenhum ponto tocamos na oculta cloaca de vícios da humanidade, nem revelamos as suas torpezas e infâmias, limitando-nos a mostrar o que nos pareceu ridículo. Se, apesar de tudo, ainda houver ranzinzas e descontentes, que ao menos observem como é bonito e vantajoso ser acusado de loucura. Com efeito, na boca da que trouxemos à cena e fizemos falar, foi necessário pôr os juízos e as palavras que mais se coadunam com o seu caráter. Mas, para que hei de te dizer todas essas coisas, se és emérito advogado, capaz de defender egregiamente mesmo as causas menos favoráveis?

Sem mais, eloqüentíssimo More, estimo que estejas são e tomes animosamente a parte de tua loucura.

Vila, 10 de junho de 1508.

DECLAMAÇÃO DE ERASMO DE ROTTERDAM

Embora os homens costumem ferir a minha reputação e eu saiba muito bem quanto o meu nome soa mal aos ouvidos dos mais tolos, orgulho-me de vos dizer que esta Loucura, sim, esta Loucura que estais vendo é a única capaz de alegrar os deuses e os mortais. A prova incontestável do que afirmo está em que não sei que súbita e desusada alegria brilhou no rosto de todos ao aparecer eu diante deste numerosíssimo auditório. De fato, erguestes logo a fronte, satisfeitos, e com tão prazenteiro e amável sorriso me aplaudistes, que na verdade todos os que distingo ao meu redor me parecem outros tantos deuses de Homero, embriagados pelo néctar com nepente[8]. No entanto, antes, estivestes sentados, tristes e inquietos, como se há pouco tivésseis saído da caverna de Trofônio[9]. Com efeito, como no instante em que surge no céu a brilhante figura do sol, ou como quando, após um rígido inverno, retorna a primavera com suas doces aragens e vemos todas as coisas tomarem logo um novo aspecto, matizando-se de novas cores, contribuindo tudo para de certo *modo* rejuvenescer a natureza, assim também, logo que me vistes, transformastes inteiramente as vossas fisionomias. Bastou,

[8] Erva cujo suco, misturado com vinho, desperta a alegria.

[9] Trofônio, filho de Apolo, segundo a lenda, era um célebre arquiteto grego. Construiu em Lebadia, na Beócia, um templo consagrado a Apolo, no centro do qual havia uma caverna onde se acreditava que um demônio interpretasse os oráculos. Como os que aí entravam para consultá-lo saíssem desfigurados, surgiu o provérbio segundo o qual uma pessoa muito triste parece ter saido do antro ou da caverna de Trofônio.

pois, a minha simples presença para eu obter o que valentes oradores mal teriam podido conseguir com um longo e longamente meditado discurso: expulsar a tristeza de vossa alma.

Se, agora, fazeis questão de saber por que motivo me agrada aparecer diante de vós com uma roupa tão extravagante, eu vo-lo direi em seguida, se tiverdes a gentileza de me prestar atenção; não a atenção que costumais prestar aos oradores sacros, mas a que prestais aos charlatães, aos intrujões e aos bobos das ruas, numa palavra, a que o nosso Midas[10] prestava ao canto do deus Pã. E isso porque me agrada ser convosco um tanto sofista: não da espécie dos que hoje não fazem senão imbuir as mentes juvenis de inúteis e difíceis bagatelas, ensinando-os a discutir com uma pertinácia mais do que feminina. Ao contrário, pretendo imitar os antigos, que, evitando o infame nome de filósofos, preferiram chamar-se sofistas[11], cuja principal cogitação consistia em elogiar os deuses e os heróis. Ireis, pois, ouvir o elogio, não de um Hércules ou de um Sólon, mas de mim mesma, isto é, da Loucura.

Para dizer a verdade, não nutro nenhuma simpatia pelos sábios que consideram tolo e impudente o auto-elogio. Poderão julgar que seja isso uma insensatez, mas deverão concordar que uma coisa muito decorosa é zelar pelo próprio nome.

De fato, que mais poderia convir à Loucura do que ser o arauto do próprio mérito e fazer ecoar por toda parte os seus próprios louvores? Quem poderá pintar-me com mais fidelidade do que eu mesma? Haverá, talvez, quem reconheça melhor em mim

[10] Midas, famoso rei da Frígia. Escolhido juiz para decidir quem cantava melhor, Pã ou Apolo, julgou em favor do primeiro. Apolo, irritado, colocou-lhe duas orelhas de burro na testa.

[11] Antigamente, assim se chamavam os filósofos e os que professavam a verdadeira sabedoria. Em seguida, os retóricos também tiveram esse nome.

o que eu mesma não reconheço? De resto, esta minha conduta me parece muito mais modesta do que a que costuma ter a maior parte dos grandes e dos sábios do mundo. É que estes, calcando o pudor aos pés, subornam qualquer panegirista adulador, ou um poetastro tagarela, que, à custa do ouro, recita os seus elogios, que não passam, afinal, de uma rede de mentiras. E, enquanto o modestíssimo homem fica a escutá-lo, o adulador ostenta penas de pavão, levanta a crista, modula uma voz de timbre descarado comparando aos deuses o homenzinho de nada, apresentando-o como modelo absoluto de todas as virtudes, muito embora saiba estar ele muito longe disso, enfeitando com penas não suas a desprezível gralha, esforçando-se por alvejar as peles da Etiópia, e, finalmente, fazendo de uma mosca um elefante. Assim, pois, sigo aquele conhecido provérbio que diz: *Não tens quem te elogie? Elogia-te a ti mesmo.*

Não posso deixar, neste momento, de manifestar um grande desprezo, não sei se pela ingratidão ou pelo fingimento dos mortais. É certo que nutrem por mim uma veneração muito grande e apreciam bastante as minhas boas ações; mas, parece incrível, desde que o mundo é mundo, nunca houve um só homem que, manifestando reconhecimento, fizesse o elogio da Loucura.

Não faltou, contudo, quem, com grande perda de azeite e de sono, exaltasse, com elogios estudadíssimos, os Busíris[12] e os Fálaris[13], a febre quartã e a mosca, a calvície e outras pestes semelhantes. Ireis, pois, ouvir de mim mesma o meu panegírico, o qual, não sendo oportuno nem estudado, será, por isso mesmo,

[12] Busíris, rei do Egito, filho de Neteno e de Líbia. Segundo a lenda, foi morto por Hércules, por sacrificar os forasteiros e usar para com eles de grande crueldade.

[13] Fálaris, famoso tirano de Agrigento, na Sicília. Entre as suas crueldades inauditas, distingue-se a de ter mandado Perilo fazer um touro de cobre para dentro dele queimar vivos os que condenava à morte.

muito mais sincero. Não julgueis que assim vos fale por ostentação de engenho, como costuma fazer a maior parte dos oradores. Estes, como bem sabeis, depois de se esfalfarem bem uns trinta anos em cima de um discurso, talvez surrupiado de outrem, são tão impudentes que procuram impingir que o fizeram, por divertimento, em três dias, ou então que o ditaram. Eu, ao contrário, sempre gostei muito de dizer tudo o que me vem à boca.

Não espereis que, de acordo com o costume dos retóricos vulgares, eu vos dê a minha *definição* e muito menos a minha *divisão*. Com efeito, que é *definir?* É encerrar a idéia de uma coisa nos seus justos limites. E que é *dividir?* É separar uma coisa em suas diversas partes. Ora, nem uma nem outra me convém. Como poderia limitar-me, quando o meu poder se estende a todo o gênero humano? E como poderia dividir-me, quando tudo concorre, em geral, para sustentar a minha divindade? Além disso, por que haveria de me pintar como sombra e imagem numa *definição* quando estou diante dos vossos olhos e me vedes em pessoa?

Sou eu mesma, como vedes; sim, sou eu aquela verdadeira *dispenseira* de bens, a que os latinos chamam *Stultitia* e os gregos, *Moria*. E que necessidade haveria de vo-lo dizer? O meu rosto já não o diz bastante? Se há alguém que desastradamente se tenha iludido, tomando-me por Minerva ou pela Sabedoria, bastará olhar-me de frente, para logo me conhecer a fundo, sem que eu me sirva das palavras, que são a imagem sincera do pensamento. Não existe em mim simulação alguma, mostrando-me eu por fora o que sou no coração. Sou sempre igual a mim mesma, de tal forma que, se alguns dos meus sequazes presumem não passar por tais, disfarçando-se sob a máscara e o nome de sábios, não serão eles mais do que macacos vestidos de púr-

pura, do que burros vestidos com pele de leão. Qualquer, pois, que seja o raciocínio feito para se mostrarem diferentes do que são, dois compridos orelhões descobrirão sempre o seu Midas.

Para dizer a verdade, não estou nada satisfeita com essa gente ingrata, com esses perversos velhacos, porque, embora pertençam mais do que os outros ao nosso império, não só publicamente se envergonham de usar o meu nome, como muitas vezes chegam a aplicá-lo aos outros como título oprobrioso. Portanto, sendo eles loucos e arquiloucos, embora assumam a atitude de sábios e de Tales[14], não teremos razão de chamá-los loucamente de sábios?

A esse respeito, pareceu-me igualmente oportuno imitar os retóricos dos nossos dias, que se reputam outras tantas divindades, uma vez que podem gabar-se de outras línguas como a sanguessuga[15] e consideram coisa maravilhosa inserir nos seus discursos, de cambulhada, mesmo fora de propósito, palavrinhas gregas, a fim de formarem belíssimos mosaicos. E, quando acontece que um desses oradores não conhece as línguas estrangeiras, desentranha ele de rançosos papéis quatro ou cinco vocábulos, com os quais lança poeira aos olhos do leitor, de forma que os que o entendem se orgulhem do próprio saber e os que não o compreendem o admirem na proporção da própria ignorância. Para nós, os tolos, um dos maiores prazeres não consistirá em admirar, com a máxima surpresa, tudo o que nos vem dos países ultramontanos? Finalmente, se houver alguns que, embora não entendendo nada desses velhos idiomas, queiram dar mostras de que os compreendem, nesse caso devem aparentar uma fisionomia satisfeita, aprovar abanando a cabeça, ou simplesmente as

[14] Tales, um dos sete sábios da Grecia.
[15] Diz Plínio que a língua da sanguessuga é bifurcada.

longas orelhas de burro, e dizer com um ar de importância: *Bravo! Bravo! Muito bem! Justamente!*

Mas retomemos o fio do nosso raciocínio. Portanto, sabeis agora o meu nome, homens... Mas, que epíteto poderei aplicar-vos? Sem dúvida, o de *estultíssimos!* Que vos parece? Poderia, acaso, a deusa Loucura dar epíteto mais digno aos seus adoradores, aos iniciados nos seus mistérios? Como, porém, poucos dentre vós conhecem a minha genealogia, vou procurar informar-vos a respeito com o auxílio das musas[16].

Para dizer a verdade, não nasci nem do Caos[17], nem do Orco, nem de Saturno, nem de Jápeto, nem de nenhum desses deuses rançosos e caducos. É Plutão, deus das riquezas, o meu pai. Sim, Plutão (sem que o levem a mal Hesíodo, Homero e o próprio Júpiter), pai dos deuses e dos homens; Plutão, que, no presente como no passado, a um simples gesto, cria, destrói, governa todas as coisas sagradas e profanas; Plutão, por cujo talento a guerra, a paz, os impérios, os conselhos, os juízes, os comícios, os matrimônios, os tratados, as confederações, as leis, as artes, o ridículo, o sério (ai! não posso mais! falta-me a respiração), concluamos, por cujo talento se regulam todos os negócios públicos e privados dos mortais; Plutão, sem cujo braço toda a turba das divindades poéticas, falemos com mais franqueza, os próprios deuses de primeira ordem[18] não existiriam, ou pelo menos passariam muito mal; Plutão, finalmente, cujo desprezo é tão terrível que a própria Palas[19] não seria capaz de proteger bastante os que o provocassem, mas cujo favor, ao contrário, é

[16] Com o auxílio das musas, porque o que se segue é uma ficção poética.

[17] Hesíodo, na sua *Teogonia,* faz derivar do Caos e do Orco, como deuses mais antigos, todas as outras divindades.

[18] A teologia pagã admitia doze divindades primárias, superiores a todas as outras.

[19] Palas, deusa da sabedoria. Defendeu Júpiter contra os gigantes.

tão poderoso que quem o obtém pode rir-se de Júpiter e de suas setas. Pois bem, é justamente esse o meu pai, de quem tanto me orgulho, pois me gerou, não do cérebro, como fez Júpiter com a torva e feroz Minerva, mas de Neotetes[20], a mais bonita e alegre ninfa do mundo. Além disso, os meus progenitores não eram ligados pelo matrimônio, nem nasci como o defeituoso Vulcano, filho da fastidiosíssima ligação de Júpiter com Juno. Sou filha do prazer e o amor livre presidiu ao meu nascimento; para falar com nosso Homero, foi Plutão dominado por um transporte de ternura amorosa. Assim, para não incorrerdes em erro, declaro-vos que já não falo daquele decrépito Plutão que nos descreveu Aristófanes, agora caduco e cego, mas de Plutão ainda robusto, cheio de calor na flor da juventude, e não só moço, mas também exaltado como nunca pelo néctar, a ponto de, num jantar com os deuses, por extravagância, o ter bebido puro e a grandes goles.

Se, além disso, fazeis questão de saber ainda qual a minha pátria (uma vez que, em nossos dias, é como uma prova de nobreza notificar ao público o lugar no qual demos os nossos primeiros vagidos), ficai sabendo que não nasci nem na ilha Natante de Delos, como Apolo; nem da espuma do agitado Oceano, como Vênus; nem das escuras cavernas. Nasci nas ilhas Fortunadas, onde a natureza não tem necessidade alguma da arte. Não se sabe, ali, o que sejam o trabalho, a velhice, as doenças; nunca se vêem, nos campos, nem asfódelo, nem malva, nem lilá, nem lúpulo, nem fava, nem outros semelhantes e desprezíveis vegetais. Ali, ao contrário, a terra produz tudo quanto possa deleitar a vista e embriagar o olfato: mólio[21], panacéia, nepente, manjerona, ambrósia, lótus, rosas, violetas, jacintos, anêmonas. Nascida

[20] Neotetes, isto é, a juventude.
[21] Erva excelente contra o veneno.

no meio de tantas delícias, não saudei a luz com o pranto, como quase todos os homens: mas quando fui parida, comecei a rir gostosamente na cara de minha mãe. Não invejo, pois, ao supremo Júpiter, o ter sido amamentado pela cabra Amaltéia, pois que duas graciosíssimas ninfas me deram de mamar: Mete[22], filha de Baco, e Apédia[23], filha de Pã. Ainda podeis vê-las, aqui, no consórcio das outras minhas sequazes companheiras. Se, por Júpiter, também quereis saber os seus nomes, eu vo-los direi, mas somente em grego. Estais vendo esta, de olhar altivo? É *Philautia,* isto é, o amor-próprio. E esta, de olhos risonhos, que aplaude batendo palmas? É *Kolaxia,* isto é, a adulação. E a outra, de pálpebras cerradas parecendo dormir? É *Lethes,* isto é, o esquecimento. E aquela, que se acha apoiada nos cotovelos, com as mãos cruzadas? É *Misoponia,* isto é, o horror à fadiga. E esta, que tem a cabeça engrinaldada de rosas, exalando essências e perfumes? É *Hedoné,* isto é, a volúpia. E a outra, que está revirando os olhos lúbricos e incertos e parece dominada por convulsões? É *Ania,* isto é, a irreflexão. Finalmente, aquela, de pele alabastrina, gorducha e bem nutrida, é *Trophis,* isto é, a delícia. Entre essas ninfas, podeis distinguir ainda dois deuses: um é *Komo,* isto é, o riso e o prazer da mesa; o outro é *Nigreton Hypnon,* isto é, o sono profundo.

Acompanhada, pois, e servida fielmente por esse séquito de criados, estendo meu domínio sobre todas as coisas, e até os monarcas mais absolutos estão submetidos ao meu império. Já conheceis, portanto, o meu nascimento, a minha educação e a minha corte. Agora, para que ninguém julgue não haver razão para eu usurpar o nome de deusa, quero demonstrar-vos quanto

[22] Mete, a Embriaguez.
[23] Apédia, a Imperícia. Segundo a lenda, Pã é grosseiro e material.

sou útil aos deuses e aos homens e até onde chega o meu divino poder, desde que me presteis ouvidos com bastante atenção.

Já escreveu sensatamente alguém que ser deus consiste em favorecer os mortais. Ora, se com razão foram incluídos no rol dos deuses os que introduziram na sociedade o vinho, a cerveja e outras tantas vantagens proporcionadas ao homem, por que não serei eu proclamada e venerada como a primeira das divindades, eu, que a todos, prodigamente, dispenso sozinha tantos bens?

Antes de tudo, dizei-me: haverá no mundo coisa mais doce e mais preciosa do que a vida? E quem, mais do que eu, contribui para a concepção dos mortais? Nem a lança poderosa de Palas, nem a égide[24] do fulminante Júpiter, nada valem para produzir e propagar o gênero humano. O próprio pai dos deuses e rei dos homens, a um gesto do qual treme todo o Olimpo, faria bem em depor o seu fulmíneo trissulco, em deixar aquele ar terrível e majestoso com o qual aterroriza toda aquela multidão de deuses, e em apresentar-se, o pobrezinho, como bom cômico, sob uma forma inteiramente nova, quando quiser desempenhar a função, por ele já tantas vezes desempenhada, de procriar pequenos Júpiter.

Vejamos, agora, os bobalhões dos estóicos, que se reputam tão próximos e afins dos deuses. Mostrai-me apenas um, dentre eles, que, sendo mil vezes estóico, nunca tenha usado barba, distintivo da sabedoria (se bem que tal distintivo seja também comum aos bodes): precisará deixar o seu ar cheio de orgulho, assumir uns ares de fidalgo, abandonar a sua moral austera e inflexível, fazer asneiras e loucuras. Em suma, será forçoso que

[24] Escudo de Júpiter, feito com a pele da cabra Amaltéia, que o amamentou.

esse filósofo se dirija a mim e a mim se recomende, se quiser tornar-se pai.

E por que, segundo o meu costume, não hei de vos falar mais livremente? Dizei-me, por favor: serão, talvez, a cabeça, a cara, o peito, as mãos, as orelhas, partes do corpo reputadas honestas, que geram os deuses e os homens? Ora, meus senhores, eu acho que não: o instrumento propagador do gênero humano é aquela parte, tão deselegante e ridícula que não se lhe pode dizer o nome sem provocar o riso. Aquela, sim, é justamente aquela a fonte sagrada de onde provêm os deuses e os mortais.

Pois bem, quem desejaria sacrificar-se ao laço matrimonial, se antes, como costumam fazer em geral os filósofos, refletisse bem nos incômodos que acompanham essa condição? Qual é a mulher que se submeteria ao dever conjugal, se todas conhecessem ou tivessem em mente as perigosas dores do parto e as penas da educação? Se, portanto, deveis a vida ao matrimônio e o matrimônio à *Irreflexão,* que é uma das minhas sequazes, avaliai quanto me deveis. Além disso, uma mulher que já passou uma vez pelos espinhos do indissolúvel laço, e que anseia por tornar a passar por eles, não o fará, talvez, em virtude da assistência da ninfa *Esquecimento,* minha cara companheira? É preciso dizer, pois, a despeito do poeta Lucrécio, e a própria Vênus não ousaria negá-lo, que sem a nossa pujança e a nossa proteção, a sua força e a sua virtude languesceriam e se desvaneceriam completamente[25].

Foi, por conseguinte, dessa agradável brincadeira, por mim temperada com o riso, o prazer e a amorosa embriaguez, que saíram os carrancudos filósofos, agora substituídos pelos homens vulgarmente chamados frades, os purpúreos monarcas, os

[25] Lucrécio reconheceu em Vênus o princípio de toda a geração.

pios sacerdotes e os pontífices três vezes santíssimos. Finalmente, dessa brincadeira é que também surgiu toda a turba das divindades poéticas; turba tão imensa que o céu, embora muito espaçoso, mal pode contê-la. Mas, pouco amiga seria eu da verdade, se, depois de vos provar que de mim tivestes o gérmen e o desenvolvimento da vida, não vos demonstrasse ainda que provêm da minha liberalidade todos os bens que a vida encerra.

Que seria esta vida, se é que de vida merece o nome, sem os prazeres da volúpia? Oh! Oh! Vós me aplaudis? Já vejo que não há aqui nenhum insensato que não possua esse sentimento. Sois todos muito sábios, uma vez que, a meu ver, loucura é o mesmo que sabedoria. Podeis, pois, estar certos de que também os estóicos não desprezam a volúpia, embora astutamente se finjam alheios a ela e a ultrajem com mil injúrias diante do povo, a fim de que, amedrontando os outros, possam gozá-la mais freqüentemente. Mas, admitindo que esses hipócritas declamem de boa fé, dizei-me, por Júpiter, sim, dizei-me se há, acaso, um só dia na vida que não seja triste, desagradável, fastidioso, enfadonho, aborrecido, quando não é animado pela volúpia, isto é, pelo condimento da loucura. Tomo Sófocles por testemunho irrefragável, Sófocles[26] nunca bastante louvado. Oh! nunca se me fez tanta justiça! Diz ele, para minha honra e minha glória: "Como é bom viver! mas, sem sabedoria, porque esta é o veneno da vida". Procuremos explicar essa proposição.

Todos sabem que a infância é a idade mais alegre e agradável. Mas, que é que torna os meninos tão amados? Que é que nos leva a beijá-los, abraçá-los e amá-los com tanta afeição? Ao ver esses pequenos inocentes, até um inimigo se enternece e os

[26] Alusão a uma passagem de Sófocles: Filoxeno assoa o nariz dentro de um apetitoso manjar, para os outros ficarem com nojo e ele comê-lo sozinho.

socorre. Qual é a causa disso? É a natureza, que, procedendo com sabedoria, deu às crianças um certo ar de loucura, pelo qual elas obtêm a redução dos castigos dos seus educadores e se tornam merecedoras do afeto de quem as tem ao seu cuidado. Ama-se a primeira juventude que se sucede à infância, sente-se prazer em ser-lhe útil, iniciá-la, socorrê-la. Mas, de quem recebe a meninice os seus atrativos? De quem, se não de mim, que lhe concedo a graça de ser amalucada e, por conseguinte, de gozar e de brincar? Quero que me chamem de mentirosa, se não for verdade que os jovens mudam inteiramente de caráter logo que principiam a ficar homens e, orientados pelas lições e pela experiência do mundo, entram na infeliz carreira da sabedoria. Vemos, então, desvanecer-se aos poucos a sua beleza, diminuir a sua vivacidade, desapàrecerem aquela simplicidade e aquela candura tão apreciadas. E acaba por extinguir-se neles o natural vigor.

Por tudo isso, observai, senhores, que,quanto mais o homem se afasta de mim, tanto menos goza dos bens da vida, avançando de tal maneira nesse sentido que logo chega à fastidiosa e incômoda velhice, tão insuportável para si como para os outros. E, já que falamos de velhice, não fiqueis aborrecidos se por um momento chamo para ela a vossa atenção. Oh! como os homens seriam lastimáveis sem mim, no fim dos seus dias! Mas, tenho pena deles e estendo-lhes a mão. Não raro, as divindades poéticas socorrem piedosamente, com o divino segredo da metamorfose, os que estão prestes a morrer: Faetonte transforma-se em cisne, Alcione em pássaro, etc. Também eu, até certo ponto, imito essas benéficas divindades. Quando a trôpega velhice coloca os homens à beira da sepultura, então, na medida do que sei e do que posso, eu os faço de novo meninos. De onde o provérbio: *Os velhos são duas vezes crianças.*

Perguntar-me-eis, sem dúvida, como o consigo. Da seguinte forma: levo essas caducas cabeças ao nosso Letes (porque, entre parênteses, sabeis que esse rio tem sua nascente nas ilhas Fortunadas e que um seu pequeno afluente corre nas proximidades do Averno) e faço-as beber a grandes goles a água do *Esquecimento*. E é assim que dissipam insensivelmente as suas mágoas e recuperam a juventude. Alegar-se-á, contudo, que deliram e enlouquecem: pois é isso mesmo, justamente nisso consiste o tornar a ser criança. O delírio e a loucura não serão, talvez, próprios das crianças? Que é que, a vosso ver, mais agrada nas crianças? A falta de juízo. Um menino que falasse e agisse como um adulto não seria um pequeno monstro? Pelo menos não poderíamos deixar de odiá-lo e de ter por ele um certo horror. Há muitos séculos, é trivial o provérbio: *Odeio o menino de saber precoce*. Quem, por outro lado, poderia fazer negócios ou ter relações com um velho, se este aliasse a uma longa experiência todo o vigor do espírito e a força do discernimento?

Por conseguinte, por obra da minha bondade, o velho se torna criança, devendo-me a libertação de todas as fastidiosas aflições que atormentam o sábio. Além disso, o meu criançola não desagrada numa roda de bebida, nem sente aversão pela vida, dificilmente suportada na idade robusta. Torna a soletrar, muitas vezes, as três letras daquele tolo velho a que alude Plauto: *A.M.O.* Ora, se ele fosse um pouquinho sábio, não é certo que seria o mais infeliz dos mortais? Mas, por efeito da minha bondade, uma vez isento de todo aborrecimento e inquietação, recreia os amigos e é agradável na conversação. E não vemos, em Homero, o velho Nestor falar mais doce do que o mel, enquanto o feroz Aquiles prorrompe em excessos de furor? O mesmo poeta não nos pinta alguns velhos sentados nos muros e fazendo lépidos discursos? Afirmo, pois, de acordo com esse

raciocínio, que a felicidade da velhice supera a da meninice. Não se pode negar que a infância é muito feliz; mas, nessa idade, não se tem o prazer de tagarelar, de resmungar por trás de todos, como fazem os velhos, prazer que constitui o principal condimento da vida. Outra prova do meu confronto é a recíproca inclinação que se nota nos velhos e nos meninos, e o instinto que os leva a manterem entre si boas relações. Assim é que se verifica que *todo semelhante ama o seu semelhante.*

De fato, essas duas idades têm uma grande relação entre si, e não vejo nelas outra diferença senão as rugas da velhice e a porção de carnavais que os primeiros têm sobre a corcunda. Quanto ao mais, a brancura dos cabelos, a falta dos dentes, o abandono do corpo, o balbucio, a garrulice, as asneiras, a falta de memória, a irreflexão, numa palavra, tudo coincide nas duas idades. Enfim, quanto mais entra na velhice, tanto mais se aproxima o homem da infância, a tal ponto que sai deste mundo como as crianças, sem desejar a vida e sem temer a morte.

Julgue-me, agora, quem quiser, e confronte o bom serviço que prestei aos homens com a metamorfose dos deuses. Não preciso recordar aqui os horríveis efeitos do seu ódio; falarei apenas dos seus benefícios. Que graças concedem eles aos que estão para morrer? Transformam um em árvore, outro em pássaro, este em cigarra, aquele em serpente, etc., que são, na verdade, grandes esforços de beneficência! Chega a parecer que a passagem de um ser para o outro é o mesmo que morrer. Quanto a mim, é o homem em pessoa que eu reconduzo à idade mais bela e mais feliz. Se os mortais se abstivessem totalmente da sabedoria e só quisessem viver submetidos às minhas leis, é certo que não conheceriam a velhice e gozariam, felizes, de uma perpétua juventude.

Observai, por favor, aquelas fisionomias sombrias, aqueles rostos torturados e sem cor, mergulhados na contemplação da natureza ou em outras sérias e difíceis ocupações: parecem envelhecidos antes de terminada a juventude, e isso porque um trabalho mental assíduo, penoso, violento, profundo, faz com que aos poucos se esgotem os espíritos e a seiva da vida. Reparai, agora, um pouco, como os meus tolos são gordos, lúcidos e bem nutridos, ao ponto de parecerem verdadeiros porcos acarnânios[27]. Esses felizes mortais não sentiriam nenhum incômodo na velhice, se nenhum contato tivessem com os sábios. Infelizmente, porém, isso acontece. Que fazer? Vê-se claramente que o homem não nasceu para gozar aqui na terra de uma felicidade perfeita.

Tenho ainda em meu favor o importante testemunho de um famoso provérbio que diz: *Só a loucura tem a virtude de prolongar a juventude, embora fugacíssima, e de retardar bastante a malfadada velhice.* Compreende-se, pois, o que em geral se diz dos belgas; ao passo que em todos os outros homens a prudência cresce na proporção dos anos, neles, ao contrário, a loucura está na proporção da velhice. Pode-se dizer, portanto, que não há no mundo nenhuma nação mais jovial nem mais alegre do que essa, no comércio da vida, nem que sinta menos o aborrecimento dos anos. Citemos porém, além dos belgas, os povos que vivem sob o mesmo clima e cujos costumes são quase os mesmos: quero referir-me aos meus holandeses, que eu posso gabar-me de ter entre os meus fiéis adoradores. Nutrem por mim tanto afeto e tanto zelo que foram julgados dignos de um epíteto derivado do meu nome e, muito longe de se envergonharem, o consideram sua glória principal.

[27] Para Acarnânia, cidade não muito distante de Siracusa, na Sicília, iam os porcos de raça mais apurada.

Invoquem tudo isso os estultíssimos mortais, invoquem Circe, Medéia, Vênus, a Aurora, e procurem também aquela não sei que fonte que tem a virtude de rejuvenescer, virtude que somente eu, contudo, posso e costumo praticar. Só eu possuo o elixir admirável com o qual a filha de Memnão prolongou a juventude de Titão, seu avô. Eu sou a Vênus cujo favor rejuvenesceu Faão, por quem Safo andou perdidamente apaixonada. São minhas aquelas ervas, se é que existem, meus aqueles encantamentos, minha aquela fonte, que não só restituem a passada juventude, mas, o que é mais desejável, a tornam perpétua. Se, portanto, concordais em que não há nada mais precioso do que a juventude e mais detestável do que a velhice, posso concluir que reconheceis a dívida que tendes para comigo, sim, para comigo, pois que, para vos tornar felizes, sei prolongar tamanho bem e retardar um mal tão grande.

Mas, por que falar ainda mais dos mortais? Percorrei todo o céu, analisai todas as divindades: ficarei satisfeita por me insultarem com o belo nome que tenho a honra de trazer, se for encontrada uma só divindade que não deva exclusivamente a mim todo o seu poder. Por favor: por que Baco tem sempre, como um rapazinho, o rosto rubicundo e a longa cabeleira loura? É porque passa a vida fora de si, embriagado nos banquetes, nos bailes, nas festas, nos folguedos, recusando qualquer relação com Minerva. E tão alheio é à ambição de trazer o nome de sábio, que gosta de ser venerado com escárnios e zombarias. Nem mesmo se ofende com o provérbio que lhe dá o sobrenome de *Ridículo,* sobrenome que mereceu porque, sentado à porta do templo, e divertindo-se os camponeses em emporcalhá-lo de mosto e de figos frescos, ele se ria de arrebentar os queixos. E quantos golpes satíricos não desferiu contra esse deus a Comé-

dia Antiga[28]? — O estólido, o insulso deus! — exclamava-se. — Digno de haver nascido da coxa de Júpiter! — Mas, dizei-me sem simulação: quem de vós, a ser esse deus, estólido e insulso, mas sempre alegre, sempre jovem, sempre feliz, sempre motivo de prazer e alegria gerais, preferiria ser aquele Júpiter simulador, terror do mundo inteiro, ou o velho Pã, que com o seu barulho espalha terrores pânicos, ou o defeituoso Vulcano, todo enfumarado e cansado do estafante trabalho, ou a própria Palas, terrível pela lança e pela cabeça de Medusa, e que a todos encara com um olhar feroz?

Passemos a outras divindades. Sabeis por que Cupido se conserva sempre moço? É porque só se ocupa com bagatelas, porque está sempre brincando e rindo, sem juízo e sem reflexão alguma, correndo puerilmente de um lado para outro, sem saber ao menos o que se faz ou o que se diz. Por que a áurea Vênus mantém sempre florida a sua beleza? Não o sabeis? É porque é minha parente próxima, conservando sempre no rosto a áurea cor de meu pai Plutão. Além disso, se devemos prestar fé aos poetas e aos seus rivais, os escultores, essa deusa aparece sempre com uma expressão risonha e satisfeita, sendo com razão chamada por Homero de *áurea Vênus*. E Flora, mãe das delícias, não era, talvez, um dos principais objetos da religião dos romanos?

Das divindades dos prazeres já falamos bastante. Fazeis questão, agora, de conhecer a vida dos deuses tétricos e melancólicos? Interrogai Homero e os outros poetas, e eles poderão dizer-vos, a esse respeito, belíssimas coisas, fazendo-vos ver que os deuses são pelo menos tão loucos quanto os mortais. Júpiter deixa os seus raios, abandona as rédeas do universo, para entre-

[28] Atribuíam-se a Baco dois nascimentos: um, materno; outro, da coxa de Júpiter.

gar-se aos amores, o que para vós não constitui novidade. Esquece o seu sexo a altiva e inacessível Diana, para consagrar-se inteiramente à caça, o que não impede que se apaixone loucamente por seu ardoroso Endimião, a ponto de se dar, muitas vezes, ao incômodo de descer do céu, em forma de Lua, para cumulá-lo com seus favores. Mas prefiro que as suas indecências sejam reprovadas por Momo[29], cujas censuras são eles os únicos a ouvir. Foi, pois, bem feito que os deuses, enraivecidos, o precipitassem à terra juntamente com Ate[30], porque, importuno com a sua sabedoria, ele perturbava sua felicidade. E, longe de encontrar acolhimento nos paços monárquicos, não acha uma alma que lhe preste hospitalidade em seu exílio, ao passo que a *Adulação,* minha companheira, ocupa sempre o primeiro lugar, essa mesma *Adulação* que sempre esteve de acordo com Momo como o lobo com o cordeiro.

E assim, livres da importuna censura de Momo, os deuses se entregaram com maior liberdade e alegria a toda sorte de prazeres. Com efeito, quantas palavras chistosas não pronuncia aquele Priapo de uma figa? Quanto não faz rir Mercúrio com suas ladroeiras e seus feitiços? Que não faz Vulcano[31] nos banquetes dos deuses? Põe-se a correr para chamar a atenção sobre o seu andar claudicante, brinca, diz asneiras, em suma, faz tudo para tornar o banquete alegre. E que direi daquele velho imbecil que se apaixonou por Silene e gosta de dançar com Polifemo e com as ninfas? E daqueles sátiros semícapros que em suas danças praticam cem atos imodestíssimos? Pã provoca o riso dos deu-

[29] Momo, filho do Sono e da Noite; deus ocioso, que censura os outros deuses.

[30] Ates, a Discórdia.

[31] Diz Homero que Vulcano serve a mesa nos banquetes, faz os deuses rirem com o seu andar claudicante, serve o néctar a sua mãe e diz coisas engraçadas para reconciliá-la com Júpiter, seu pai.

ses com suas insípidas cantilenas: eles o escutam com grande atenção e preferem cem vezes a sua música à das musas, principalmente quando os vapores do néctar principiam a perturbar-lhes a cabeça. Mas, por que não hei de recordar as extravagâncias que fazem as divindades depois dos banquetes, sobretudo depois de terem bebido muito? Asseguro-vos, por Deus, que, embora eu seja a Loucura e esteja, por conseguinte, habituada a toda espécie de extravagâncias, muitas vezes não consigo conter o riso. Mas é melhor que me cale, porque, se algum deus desconfiado e prevenido me escutasse, também eu poderia ter a mesma sorte de Momo.

Mas já é tempo de, seguindo o exemplo de Homero, passarmos alternadamente, dos habitantes do céu aos da terra, onde nada se descobre de feliz e de alegre que não seja obra minha.

Primeiro, vós bem vedes com que providência a natureza, esta mãe produtora do gênero humano, dispôs que em coisa alguma faltasse o condimento da loucura. Segundo a definição dos estóicos, sábio é aquele que vive de acordo com as regras da razão, e louco, ao contrário, é o que se deixa arrastar ao sabor de suas paixões. Eis por que Júpiter, com receio de que a vida do homem se tornasse triste e infeliz, achou conveniente aumentar muito mais a dose das paixões que a da razão, de forma que a diferença entre ambas é pelo menos de um para vinte e quatro. Além disso, relegou a razão para um estreito cantinho da cabeça, deixando todo o resto do corpo presa das desordens e da confusão. Depois, ainda não satisfeito com isso, uniu Júpiter à razão, que está sozinha, duas fortíssimas paixões, que são como dois impetuosíssimos tiranos: uma é a Cólera, que domina o coração, centro das vísceras e fonte da vida; a outra é a Concupiscência, que estende o seu império desde a mais tenra juventude até a

idade mais madura. Quanto ao que pode a razão contra esses dois tiranos, demonstra-o bem a conduta normal dos homens. Prescreve os deveres da honestidade, grita contra os vícios a ponto de ficar rouca, e é tudo o que pode fazer; mas os vícios riem-se de sua rainha, gritam ainda mais forte e mais imperiosamente do que ela, até que a pobre soberana, não tendo mais fôlego, é constrangida a ceder e a concordar com os seus rivais.

De resto, tendo o homem nascido para o manejo e a administração dos negócios, era justo aumentar um pouco, para esse fim, a sua pequeníssima dose de razão, mas, querendo Júpiter prevenir melhor esse inconveniente, achou de me consultar a respeito, como, aliás, costuma fazer quanto ao resto. Dei-lhe uma opinião verdadeiramente digna de mim: — Senhor — disse-lhe eu — dá uma mulher ao homem, porque, embora seja a mulher um animal inepto e estúpido, não deixa contudo de ser mais alegre e suave, e, vivendo familiarmente com o homem, saberá temperar com sua loucura o humor áspero e triste deste.

Quando Plutão pareceu hesitar se devia incluir a mulher no gênero dos animais racionais ou no dos brutos, não quis com isso significar que a mulher fosse um verdadeiro bicho, mas pretendeu, ao contrário, exprimir com essa dúvida a imensa dose de loucura do querido animal. Se, porventura, alguma mulher meter na cabeça a idéia de passar por sábia, só fará mostrar-se duplamente louca, procedendo mais ou menos como quem tentasse untar um boi, malgrado seu, com o mesmo óleo com que costumam ungir-se os atletas. Acreditai-me, pois, que todo aquele que, agindo contra a natureza, se cobre com o manto da virtude, ou afeta uma falsa inclinação ou não faz senão multiplicar os próprios defeitos. E isso porque, segundo o provérbio dos gregos, *o macaco é sempre macaco, mesmo vestido de púrpura.*

Assim também a mulher é sempre mulher, isto é, sempre louca, seja qual for a máscara sob a qual se apresente.

Não quero, todavia, acreditar jamais que o belo sexo seja tolo ao ponto de se aborrecer comigo pelo que eu lhe disse, pois também sou mulher, e sou a Loucura. Ao contrário, tenho a impressão de que nada pode honrar tanto as mulheres como o associá-las à minha glória, de forma que, se julgarem direito as coisas, espero que saibam agradecer-me o fato de eu as ter tornado mais felizes do que os homens.

Antes de tudo, têm elas o atrativo da beleza, que com razão preferem a todas as outras coisas, pois é graças a esta que exercem uma absoluta tirania mesmo sobre os mais bárbaros tiranos. Sabereis de que provém aquele feio aspecto, aquela pele híspida, aquela barba cerrada, que muitas vezes fazem parecer velho um homem que se acha ainda na flor dos anos? Eu vo-lo direi: provém do maldito vício da prudência, do qual são privadas as mulheres, que por isso conservam sempre a frescura da face, a sutileza da voz, a maciez da carne, parecendo não acabar nunca, para elas, a flor da juventude. Além disso, que outra preocupação têm as mulheres, a não ser a de proporcionar aos homens o maior prazer possível? Não será essa a única razão dos enfeites, do carmim, dos banhos, dos penteados, dos perfumes, das essências aromáticas, e de tantos outros artifícios e modas sempre diferentes de vestir-se e disfarçar os defeitos, realçando a graça do rosto, dos olhos, da cor? Quereis prova mais evidente de que só a loucura constitui o ascendente das mulheres sobre os homens? Os homens tudo concedem às mulheres por causa da volúpia, e, por conseguinte, é só com a loucura que as mulheres agradam aos homens. Para confirmar ainda mais essa conclusão, basta refletir nas tolices que se dizem, nas loucuras

que se fazem com as mulheres, quando se anseia por extinguir o fogo do amor.

Já vos revelei, portanto, a fonte do primeiro e supremo prazer da vida. Concordo em que alguns existam (sobretudo certos velhos mais bebedores que mulherengos) cujo supremo prazer não seja a devassidão. Deixo indecisa a questão de saber se é possível um bom banquete sem mulheres. O que é certo é que mesa alguma nos pode agradar sem o condimento da loucura. E tanto isso é verdade que, quando nenhum dos convidados se julga maluco ou, pelo menos, não finge sê-lo, é pago um bobo, ou convidado um engraçado filante que, com suas piadas, suas brincadeiras, suas bobagens, expulse da mesa o silêncio e a melancolia. Com efeito, que nos adiantaria encher o estômago com tão suntuosas, esquisitas e apetitosas iguarias, se os olhos, os ouvidos, o espírito e o coração não se nutrissem também de diversões, risadas e agradáveis conceitos? Ora, sou eu a inventora exclusiva de tais delícias. Teriam sido, porventura, os sete sábios da Grécia os descobridores de todos os prazeres de um banquete, como sejam tirar a sorte para se saber quem deve ser o rei da mesa, jogar dado, beberem todos no mesmo copo, cantar um de cada vez com o ramo de murta na mão[32], dançar, pular, ficar em várias atitudes? Decerto que não: somente eu podia inventá-los, para a felicidade do gênero humano. Todas as coisas são de tal natureza que, quanto mais abundante é a dose de loucura que encerram, tanto maior é o bem que proporcionam aos mortais. Sem alegria, a vida humana nem sequer merece o nome de vida. Mergulharíamos na tristeza todos os nossos dias, se com essa espécie de prazeres não dissipássemos o tédio que parece ter nascido conosco.

[32] Cantar com um ramo de murta na mão era um costume dos antigos: o primeiro a cantar pegava um ramo de murta e, ao terminar, entregava-o ao vizinho, que fazia o mesmo, e assim até ao último convidado.

Talvez haja pessoas que, à falta de tais passatempos, limitem toda a sua felicidade às relações com verdadeiros amigos, repetindo sem cessar que a doçura de uma terna e fiel amizade ultrapassa todos os outros prazeres, sendo tão necessária à vida como o ar, a água, o fogo. — Tão agradável é a amizade acrescentam — que afastá-la do mundo equivaleria a afastar o sol; em suma, é ela tão honesta (vocábulo sem significado para mim) que os próprios filósofos não hesitam em incluí-la entre os principais bens da vida. — Mas, que se dirá, quando eu provar que sou também a única fonte criadora de semelhante bem? Vou, pois, demonstrá-lo, não com sofismas, nem com caprichosos argumentos tão ao gosto de retóricos, mas à boa maneira e com toda a clareza.

Coragem, vamos! Dissimular, enganar, fingir, fechar os olhos aos defeitos dos amigos, ao ponto de apreciar e admirar grandes vícios como grandes virtudes, não será, acaso, avizinhar-se da loucura? Beijar, num transporte, uma verruga da amiga, ou sentir com prazer o fedor do seu nariz, e pretender um pai que o filho zarolho tenha dois olhos de Vênus[33], não será isso uma verdadeira loucura? Bradem, pois, quanto quiserem, ser uma grande loucura, e acrescentarei que essa loucura é a única que cria e conserva a amizade. Falo aqui unicamente dos homens, dos quais não há um só que tenha nascido sem defeitos, e admitindo que, para nós, o homem melhor seja o que tem menores vícios. É por isso que os sábios, pretendendo divinizar-se com sua filosofia, ou não contraem nenhuma amizade ou tornam a sua uma ligação áspera e desagradável. Além disso, só costumam gostar sinceramente de raríssimas pessoas, de forma que nenhum escrúpulo me impede de asseverar que não gostam absolu-

[33] Costumava-se pintar Vênus com os olhos um pouco estrábicos, para despertar o amor e o desejo, e porque o estrabismo de certas mulheres não passa de pura afetação.

tamente de ninguém, pela razão que vou apresentar. Quase todos os homens são loucos; mas por que quase todos? Não há quem não faça suas loucuras e, a esse respeito, por conseguinte, todos se assemelham; ora, a semelhança é justamente o principal fundamento de toda estreita amizade.

Quando, porventura, nasce entre esses austeros filósofos uma recíproca benevolência, decerto que não é sincera nem durável. Todos eles são de humor volúvel e intratável, além de serem penetrantes demais: têm olhos de lince para descobrir os defeitos dos amigos, e de toupeira para ver os próprios. Portanto, como os homens estão sujeitos a muitas imperfeições (e podeis acrescentar a estas a diferença de idade e de inclinações, os numerosos erros, passos em falso e vicissitudes da vida humana), como poderia por um só instante subsistir entre esses Argos o laço da amizade, se a *euétheia,* como a chamam os gregos, que em latim equivale a estupidez ou conivência, não o reforçasse? Não traz Cupido, esse autor, esse pai de toda ternura, uma venda nos olhos, que lhe faz confundir o belo com o feio? Não é ele, porventura, que faz cada um achar belo o que é seu, de forma que o velho é tão apaixonado por sua velha quanto o jovem por sua donzela? Essas coisas se verificam em toda parte, mas em toda parte são motivo de riso. Pois são justamente essas coisas ridículas que formam o principal laço da sociedade e que, mais do que tudo, contribuem para a alegria da vida.

O que dissemos da amizade também pensamos e com mais razão dizemos do matrimônio. Trata-se (como deveis estar fartos de saber) de um laço que só pode ser dissolvido pela morte. Deuses eternos! Quantos divórcios não se verificariam, ou coisas ainda piores do que o divórcio, se a união do homem com a mulher não se apoiasse, não fosse alimentada pela adulação,

pelas carícias, pela complacência, pela volúpia, pela simulação, em suma, por todas as minhas sequazes e auxiliares? Ah! como seriam poucos os matrimônios, se o noivo prudentemente investigasse a vida e os segredos de sua futura cara-metade, que lhe parece o retrato da discrição, da pudicícia e da simplicidade! Ainda menos numerosos seriam os matrimônios duráveis, se os maridos, por interesse, por complacência ou por burrice, não ignorassem a vida secreta de suas esposas. Costuma-se achar isso uma loucura, e com razão; mas é justamente essa loucura que torna o esposo querido da mulher, e a mulher, do esposo, mantendo a paz doméstica e a unidade da família. Corneia-se um marido? Toda a gente ri e o chama de corno, enquanto o bom homem, todo atencioso, fica a consolar a cara-metade, e enxugar com seus ternos beijos as lágrimas fingidas da mulher adúltera. Pois não é melhor ser enganado dessa forma do que roer-se de bílis, fazer barulho, pôr tudo de pernas para o ar, ficar furioso, abandonando-se a um ciúme funesto e inútil? Afinal de contas, nenhuma sociedade, nenhuma união grata e durável poderia existir na vida, sem a minha intervenção: o povo não suportaria por muito tempo o príncipe, nem o patrão o servo, nem a patroa a criada, nem o professor o aluno, nem o amigo o amigo, nem o marido a mulher, nem o hospedeiro o hóspede, nem o senhorio o inquilino, etc., se não se enganassem reciprocamente, não se adulassem, não fossem prudentemente cúmplices, temperando tudo com um grãozinho de loucura. Não duvido de que tudo o que até agora vos disse vos tenha parecido da máxima importância. E de que duvida a Loucura? Mas muitas outras coisas deveis ainda escutar de mim. Redobrai, pois, vossa gentil atenção.

Dizei-me por obséquio: um homem que odeia a si mesmo

poderá, acaso, amar alguém? Um homem que discorda de si mesmo poderá, acaso, concordar com outro? Poderá ser capaz de inspirar alegria aos outros quem tem em si mesmo a aflição e o tédio? Só um louco, mais louco ainda do que a própria Loucura, admitireis que possa sustentar a afirmativa de tal opinião. Ora, se me excluirdes da sociedade, não só o homem se tornará intolerável ao homem, como também, toda vez que olhar para dentro de si, não poderá deixar de experimentar o desgosto de ser o que é, de se achar aos próprios olhos imundo e disforme, e, por conseguinte, de odiar a si mesmo. A natureza, que em muitas coisas é mais madrasta do que mãe, imprimiu nos homens, sobretudo nos mais sensatos, uma fatal inclinação no sentido de cada qual não se contentar com o que tem, admirando e almejando o que não possui: daí o fato de todos os bens, todos os prazeres, todas as belezas da vida se corromperem e se reduzirem a nada. Que adianta um rosto bonito, que é o melhor presente que podem fazer os deuses imortais, quando contaminado pelo mau cheiro? De que serve a juventude, quando corrompida pelo veneno de uma hipocondria senil? Como, finalmente, podereis agir em todos os deveres da vida, quer no que diz respeito aos outros, quer a vós mesmos — como, repito, podereis agir com decoro (pois agir com decoro constitui o artifício e a base principal de toda ação), se não fordes auxiliados por esse *amor-próprio* que vedes à minha direita e que merecidamente me faz as vezes de irmão, não hesitando em tomar sempre o meu partido em qualquer desavença? Vivendo sob a sua proteção, ficais encantados pela excelência do vosso mérito e vos apaixonais por vossas exímias qualidades, o que vos proporciona a vantagem de alcançardes o supremo grau de loucura. Mais uma vez repito: se vos desgostais de vós mesmos, persuadi-vos de que nada pode-

reis fazer de belo, de gracioso, de decente. Roubada à vida essa alma, languesce o orador em sua declamação, inspira piedade o músico com suas notas e seu compasso, ver-se-á o cômico vaiado em seu papel, provocarão o riso o poeta e as suas musas, o melhor pintor não conquistará senão críticas e desprezo, morrerá de fome o médico com todas as suas receitas, em suma Nereu[3 4] aparecerá como Tersites, Faão como Nestor, Minerva como uma porca, o eloqüente como um menino, o civilizado como um bronco. Portanto, é necessário que cada qual lisonjeie e adule a si mesmo, fazendo a si mesmo uma boa coleção de elogios, em lugar de ambicionar os de outrem. Finalmente, a felicidade consiste, sobretudo, em querer ser o que se é. Ora, só o divino *amor-próprio* pode conceder tamanho bem. Em virtude do *amor-próprio,* cada qual está contente com seu aspecto, com seu talento, com sua família, com seu emprego, com sua profissão, com seu país, de forma que nem os irlandeses desejariam ser italianos, nem os trácios, atenienses, nem os citas, habitantes das ilhas Fortunadas. Oh! surpreendente providência da natureza! Em meio a uma infinita variedade de coisas, ela soube pôr tudo no mesmo nível. E, se não se mostrou avara na concessão de dons aos seus filhos, mais pródiga se revelou ainda ao conceder-lhes o amor-próprio. Que direi dos seus dons? É uma pergunta tola. Com efeito, não será o amor-próprio o maior de todos os bens?

Mas, para vos mostrar que tudo quanto entre os homens existe de célebre, estupendo, glorioso, é tudo obra minha, quero começar pela guerra. Não se pode negar que essa grande arte

[3 4] Segundo Homero, Nereu era o mais belo dentre os que assediavam Tróia, e Tersites o mais disforme. — Faão foi rejuvenescido por Vênus, o que fez Safo apaixonar-se perdidamente por ele. — Nestor viveu três séculos.

seja a fonte e o fruto das mais estrepitosas ações. No entanto, que coisa se poderia imaginar de mais estúpido que a guerra? Dois exércitos se batem (sabe Deus por que motivo) e da sua animosidade obtêm muito mais prejuízo do que vantagem. Os que morrem inutilmente na guerra são incontáveis como os megareses[35]. Além disso, dizei-me: que serviço poderiam prestar os sábios, quando os exércitos se estendem em ordem de combate e reboam no espaço o rouco som das cornetas e o rufar dos tambores, ao passo que eles, definhados pelo estudo e pela meditação, arrastam com dificuldade uma vida que se tornou enferma pelo pouco sangue, frio e sutil, que lhes circula nas veias[36]? São necessários homens troncudos e grosseiros, robustos e audazes, mas de muito pouco talento, sim, são necessárias justamente semelhantes máquinas para o mister das armas. Quem poderá conter o riso ao ver Demóstenes fardado, para que, seguindo o sábio conselho de Arquíloco[37], mal aviste inimigo, jogue fora o escudo e se ponha a correr sem parar, pouco lhe importando que se revele, assim, um soldado tão covarde quanto excelente orador?

Podereis dizer-me que a guerra exige grande prudência. Concordo convosco, mas somente quanto aos generais e feita a ressalva de que se trata apenas de uma prudência toda especial, relativa ao mister das armas e que nenhuma relação tem com a sabedoria filosófica. É por isso que os parasitas, os proxenetas, os ladrões, os sicários, os boçais, os estúpidos, os falidos e, em geral, toda a escória social podem aspirar muito mais à imortali-

[35] Provérbio de Teócrito, inspirado pela resposta do Oráculo, segundo a qual os megareses eram incontáveis.

[36] Diz Aristóteles que a efervescência e a densidade do sangue é que produzem a força, a audácia e a estupidez dos homens; ao contrário, a sutileza e a frieza produzem a fraqueza, a pusilanimidade e o talento.

[37] Os espartanos baniram Arquíloco, por ele se gabar, convencido do seu "mérito", de ter abandonado o escudo para fugir mais depressa.

dade da guerra do que os homens que vivem dia e noite absorvidos na contemplação. Quereis um grande exemplo da inutilidade desses filósofos? Tomai o incomparável Sócrates, declarado pelo oráculo de Apolo como o primeiro e único sábio. Estúpida declaração! Mas, não importa: não sabendo eu o que tenha esse filósofo empreendido em benefício público, deveis deixá-la abandonada ao escárnio universal. É que esse homem não era de todo louco, tendo embora recusado constantemente o título de sábio e respondido que semelhante título só era conveniente à divindade. Era também de opinião que qualquer que desejasse passar por sábio devia abster-se totalmente do regime da república. Se, porém, tivesse acrescentado que quem deseja ser tido em conta de homem deve abster-se de tudo o que se chama sabedoria, então eu teria concebido a seu respeito alguma opinião favorável. Mas, afinal de contas, por que é que esse grande homem foi acusado perante os magistrados? Por que foi ele condenado a beber cicuta? Não teria sido, talvez a sua sabedoria a causa de todos os seus males e, finalmente, de sua morte? Tendo passado toda a vida a raciocinar em torno das nuvens e das idéias, ocupando-se em medir o pé de uma pulga e se perdendo em admirar o zumbido do pernilongo, descuidou-se esse filósofo do estudo e do conhecimento dos homens, bem como da arte sumamente necessária de se adaptar a eles. Aí tendes, nesse retrato, o que também diz respeito a múitos dos nossos. Platão, que foi discípulo de Sócrates, ao ver o mestre ameaçado do último suplício, empenhou-se em tratar a sua causa como valente defensor, abriu a boca para realizar o seu digno papel, mas, perturbado pelo barulho da assembléia, perdeu-se na metade do primeiro período. Que direi de Teofrasto, discípulo de Aristóteles, que mereceu tal nome por sua eloqüência? Ao pretender falar ao

povo, perdeu a voz, de tal forma que se diria "ter visto o lobo". Pergunto, agora, se esses homens seriam capazes de encorajar os soldados. Isócrates, que sabia compor tão belas orações, desejou, acaso, falar em público? O próprio Cícero, pai da eloqüência romana, costumava tremer e gaguejar como um menino no início de suas orações. É verdade que Fábio interpreta essa timidez como o traço distintivo do orador penetrante e que conhece o perigo a que se acha exposto; mas esse simples fato não será a confissão de que a filosofia é absolutamente incompatível com os negócios públicos? Como, pois, poderiam esses sábios sustentar o ferro e o fogo da guerra, se morrem de medo toda vez que não se trata de combater apenas com a língua?

E, depois de tudo quanto dissemos, será possível decantar a célebre máxima de Platão, segundo a qual "as repúblicas seriam felizes se governadas pelos filósofos ou se os príncipes filosofassem"? Tenho a honra de vos dizer que a coisa é justamente o oposto. Se consultardes os historiadores, verificareis, sem dúvida, que os príncipes mais nocivos à república foram os que amaram as letras e a filosofia. Parece-me que os dois Catões[38] bastam como prova do que afirmo: um perturbou a tranqüilidade de Roma com numerosas delegações estúpidas, e o outro, por ter querido defender com excessiva sabedoria os interesses da república, destruindo pela base a liberdade do povo romano. Acrescentai a estes os Brutos[39], os Cássios, os Gracos e o próprio Cícero, que não causou menor dano à república de Roma do que

[38] Catão, o Censor, acusado quarenta vezes, foi sempre absolvido. Apesar disso, foi o autor de mais de setenta condenações. — Catão de Útica foi obstinado opositor de César.
[39] Bruto e Cássio foram chamados "os últimos romanos". Depois de matarem César, foram vencidos e se suicidaram. — Tibério e Caio Graco, ambos eloqüentes, ambos sediciosos, acabaram morrendo num conflito. — Cícero combateu Marco Antônio e Demóstenes adversou Filipe.

Demóstenes à de Atenas[40]. Quero lembrar que Antonino foi um bom príncipe, embora haja fortes indícios em contrário e justamente porque, tendo sido excessivamente filósofo, acabou tornando-se importuno e odioso aos cidadãos; mas, ao lembrar que foi bom, devo recordar, sem me contradizer, que foi ainda mais nocivo ao império, por ter deixado como sucessor o seu filho Cômodo, do que o favoreceu com sua administração. Os homens que se consagram ao estudo da ciência são, em geral, infelicíssimos em tudo, sobretudo com os filhos. Suponho que isso provenha de uma precaução da natureza, que dessa forma procura impedir que a peste da sabedoria se difunda em excesso entre os mortais. O filho de Cícero degenerou, e, quanto aos dois filhos do sábio Sócrates, mais se pareciam com a mãe do que com o pai, isto é, como foi acertadamente interpretado por alguém, eram ambos idiotas.

Isso não seria nada se esses filósofos só fossem incapazes de exercer os cargos e empregos públicos; o pior, porém, é que estão longe de ser melhores para as funções e os deveres da vida. Convidai um sábio para um banquete, e vereis que ou conservará um profundo silêncio ou interromperá os demais convidados com frívolas e importunas perguntas. Convidai-o para um baile, e dançará com a agilidade de um camelo. Levai-o a um espetáculo, e bastará o seu aspecto para impedir que o povo se divirta. Por se ter recusado obstinadamente a abandonar sua imponente gravidade, é que o sábio Catão[41] foi constrangido a retirar-se. Entra o sábio em alguma palestra alegre? Logo todos

[40] Cícero levou Antônio a destruir a república romana, e Demóstenes, os atenienses a fazer a guerra contra Filipe, com funestos resultados.

[41] Estando Catão presente aos jogos florais, não quiseram os atores iniciá-los, porque as mulheres dançavam nuas e os homens formavam grupos lascivos. Exigiram-lhe, então, que deixasse o seu ar de gravidade ou se retirasse. Catão tomou o último partido.

se calam, como se tivessem visto o lobo. Trata-se, porém, de comprar, de vender, de concluir um contrato, em suma, de fazer uma dessas coisas que diariamente sucedem a cada um? Tomareis o sábio mais por uma estátua do que por um homem, a tal ponto se mostra ele embaraçado em cada negócio. Assim, o filósofo não é bom, nem para si, nem para o seu país, nem para os seus. Mostrando-se sempre novo no mundo, em oposição às opiniões e aos costumes da universalidade dos cidadãos, atrai o ódio de todos com sua diferença de sentimentos e de maneiras.

Tudo o que fazem os homens está cheio de loucura. São loucos tratando com loucos. Por conseguinte, se houver uma única cabeça que pretenda opor obstáculo à torrente da multidão, só lhe posso dar um conselho: que, a exemplo de Timão[42], se retire para um deserto, a fim de aí gozar à vontade dos frutos de sua sabedoria.

Mas, voltando ao assunto: que virtude, que poder já reuniu, no recinto de uma cidade, homens naturalmente rudes, indômitos e selvagens? Quem já pôde humanizar esses ferozes animais? A adulação. Nesse sentido é que se devem entender a fábula de Anfião[43] e a cítara de Orfeu. Quem reanimou e reuniu a plebe romana, quando ameaçava dissolver-se? Foi, acaso, uma oração filosófica? Decerto que não: foi um ridículo, um pueril apólogo sobre a revolta dos membros contra o estômago[44]. Temísto-

[42] Escandalizado com os costumes dos seus concidadãos, esse filósofo se retirou para um deserto, rompendo toda a ligação com os homens.

[43] Segundo a lenda, quando Anfião cantava, as pedras se transformavam em muralha. — Com sua cítara, Orfeu fazia correrem atrás de si as pedras, as plantas e os animais.

[44] Achando-se o povo romano cheio de dívidas e oprimido pela crueldade dos patrícios, os plebeus fugiram de Roma e foram acampar no Monte Sacro. O Senado enviou-lhes, então, Menênio Agripa, que, como orador, devia induzi-los a voltar. Menênio conseguiu-o com o seguinte apólogo: "Os membros — disse ele — insurgiram-se, uma vez, contra o estômago, acusando-o de explorar o seu trabalho, sem nada fazer para eles. Em seguida, recusaram-se a lhe prestar o habitual auxílio. E logo caíram numa fraqueza mortal, reconhecendo então o seu erro".

cles[45] produziu o mesmo efeito com o seu apólogo da raposa e o ouriço. Empregue, pois, o sábio os mais tolos conceitos da filosofia, e jamais triunfará como um Sertório[46] com sua imaginária corça ou o engraçado ardil da cauda dos dois cavalos. Não alcançará nunca o seu objetivo como o alcançaram os dois cães do célebre legislador de Esparta[47]. Já não falo de Minos nem de Numa[48], que por meio de fabulosas invenções souberam tirar proveito da ignorância popular. É sempre com semelhantes puerilidades que se faz mover a grande e estúpida besta que se chama povo.

Dizei-me se houve uma única cidade que tenha adotado as leis de Platão e de Aristóteles, ou as máximas de Sócrates[49]. Respondei-me: que motivo levou os Décios, pai e filho, a se consagrarem aos deuses infernais? Que ganhou Cúrcio precipitando-se na voragem[50]? Tudo foi obra da glória, dessa dulcís-

[45] Estando o povo ateniense indignado com a avareza dos magistrados, Temístocles contou que uma raposa picada pelas moscas agradeceu ao ouriço que se ofereceu para coçá-la, dizendo-lhe que o remédio seria pior do que o mal.

[46] Plutarco, na vida de Sertório, conta que esse general enganou os espanhóis declarando-lhes que Diana lhe dera de presente uma corça muito bonita que lhe revelava todas as coisas. — O mesmo Sertório, na guerra contra Pompeu, quis mostrar a um bando de bárbaros que vale mais o engenho do que a força. Mandou vir dois cavalos, um velho e muito magro, e o outro fogoso; depois, mandou que um homem robusto arrancasse a cauda do primeiro, mas o homem, por mais força que empregasse, não o conseguiu. Então, mandou que um homem fraco arrancasse, fio por fio, a cauda do cavalo fogoso. E num instante a ordem foi executada.

[47] Licurgo, para mostrar aos lacedemônios a força da educação, pegou dois cães da mesma raça, um muito habituado a caçar e o outro amansado em casa. Em seguida, tendo posto diante de ambos uma panela cheia de comida e deixado em liberdade uma lebre o primeiro saiu em perseguição da lebre e o segundo dirigiu-se para a panela.

[48] Minos, rei de Creta, a fim de tornar mais venerada sua autoridade, fez espalhar que, de nove em nove anos, Júpiter, seu pai, lhe indicava as leis que devia criar para o povo. Numa, também, inventou que tinha conferências noturnas com a deusa Egéria, que lhe aconselhava a instituição dos sacrifícios e das leis.

[49] São máximas de Sócrates: É melhor sofrer uma injúria do que fazê-la; a morte não é um mal; a filosofia consiste em meditar na morte, etc.

[50] Surgiu uma voragem no Foro de Roma e, consultado o oráculo, este respondeu que a mesma só se fecharia se se jogasse dentro dela tudo quanto o povo romano tinha de mais precioso. Cúrcio precipitou-se, então, no abismo, com suas armas e seu cavalo, certo de que o povo romano nada possuía de mais precioso que as suas armas e a sua bravura.

sima sereia que, por isso, foi muito condenada por nossos sábios. É por isso que eles exclamam: — Pode haver maior loucura que a de um candidato que adula suplicantemente o povo para conquistar honras e que compra o seu favor à custa de liberalidade? que a daquele que recebe servil e humildemente os aplausos dos mentecaptos? daquele que fica lisonjeado com as aclamações populares? daquele que se deixa carregar em triunfo, como uma estátua, para ser visto pelo povo, ou que é efigiado em bronze no foro? A todas essas loucuras, acrescentai a da adoção dos nomes e sobrenomes; acrescentai as honras divinas prestadas a um homem sem mérito algum; acrescentai, finalmente, as cerimônias públicas levadas a efeito para colocar no número dos deuses os mais celerados tiranos[51]. Quem será capaz de negar que não há coisa mais tola? Não bastaria um Demócrito para rir bastante disso. Mas não será também verdade que a Loucura foi a autora de todas as famosas proezas dos valorosos heróis que tantos literatos eloqüentes elevaram às estrelas? É a Loucura que forma as cidades; graças a ela é que subsistem os governos, a religião, os conselhos, os tribunais; e é mesmo lícito asseverar que a vida humana não passa, afinal, de uma espécie de divertimento da Loucura.

Mas passemos, agora, a falar das artes. Quem anima os homens a descobrir, a transmitir aos seus pósteros tantas produções, ao parecer excelentes, se não a sede de glória? Acharam esses homens, na verdade bastante tolos, que não deviam poupar nem velas, nem suor, nem esforços de fadiga para conquistar

[51] Os romanos costumavam divinizar os imperadores defuntos enchendo de palha e de perfumes uma alta torre, à qual ficava presa uma águia; esta, libertada pelas chamas, levantava vôo, enquanto um perfume suavíssimo se desprendia do braseiro. O povo acreditava que se tratasse da alma do príncipe subindo aos céus.

não sei que imortalidade, a qual não passa, em última análise, de uma belíssima quimera. Deveis, pois, à Loucura todos os bens que já se introduziram no mundo, todos esses bens que estais gozando e que tanto contribuem para a felicidade da vida.

Pois bem, que direis, senhores, se, depois de vos ter provado que a mim se devem todos os louvores atribuídos à força e ao engenho humanos, eu vos provar que a mim também pertencem os que recebe a prudência? — Essa é boa! — dirá, talvez, alguém. — Pretendeis misturar o fogo com a água, pois a Loucura e a Prudência não são menos opostas que esses dois elementos contrários. — Não obstante sentir-me-ei lisonjeada por vos convencer disso, desde que continueis a prestar-me vossa gentil atenção.

Se a prudência consiste no uso comedido das coisas, eu desejaria saber qual dos dois merece mais ser honrado com o título de *prudente:* o sábio, que, parte por modéstia, parte por medo, nada realiza, ou o louco, que nem o pudor (pois não o conhece) nem o perigo (porque não o vê) podem demover de qualquer empreendimento. O sábio absorve-se no estudo dos autores antigos; mas que proveito tira ele dessa constante leitura? Raros conceitos espirituosos, alguns pensamentos requintados, algumas simples puerilidades — eis todo o fruto de sua fadiga. O louco, ao contrário, tomando a iniciativa de tudo, arrostando todos os perigos, parece-me alcançar a verdadeira prudência. Homero, embora cego, enxergava muito bem essas verdades: "O tolo — disse ele — aprende à própria custa e só abre os olhos depois do fato". Duas coisas, sobretudo, impedem que o homem saiba ao certo o que deve fazer: uma é a vergonha, que cega a inteligência e arrefece a coragem; a outra é o medo, que, indicando o perigo, obriga a preferir a inércia à ação. Ora, é próprio

da Loucura dirimir todas essas dificuldades. Raros são os que sabem que, para fazer fortuna, é preciso não ter vergonha de nada e arriscar tudo. Quero observar-vos, além disso, que os que preferem a prudência fundada no julgamento das coisas estão muito longe de possuírem a verdadeira prudência.

Todas as coisas humanas têm dois aspectos, à maneira dos Silenos de Alcibíades[52], que tinham duas caras completamente opostas. Por isso é que, muitas vezes, o que à primeira vista parece ser a morte, na realidade, observado com atenção, é a vida. E assim, muitas vezes, o que parece ser a vida é a morte; o que parece belo é disforme; o que parece rico é pobre; o que parece infame é glorioso; o que parece douto é ignorante; o que parece robusto é fraco; o que parece nobre é ignóbil; o que parece alegre é triste; o que parece favorável é contrário; o que parece amigo é inimigo; o que parece salutar é nocivo; em suma, virado o Sileno, logo muda a cena. Estarei falando muito filosoficamente? Pois vou explicar-me com maior clareza.

Todos vós estais convencidos, por exemplo, de que um rei, além de muito rico, é o senhor dos seus súditos. Mas, se ele tiver no peito um coração brutal, se for insaciável na sua cobiça, se nunca se mostrar satisfeito com o que possui, não concordareis comigo que é miserabilíssimo? Se ele se deixar transportar por seus vícios e por suas paixões, não se tornará um dos escravos mais vis? O mesmo se poderia dizer de tudo o mais. Basta, porém, esse exemplo. — E com que fim — podeis perguntar-me

[52] Os Silenos de Alcibíades eram velhos Sátiros. Chamavam-se Silenos porque se balançavam em torno da moenda. Também se chamavam assim os que espremiam as uvas. Conhecido por esse nome foi o preceptor de Baco. Chamavam-se ainda Silenos certas estátuas ridículas exteriormente, mas que internamente encerravam imagens divinas. Alcibíades, espirituosamente, comparava Sócrates a essas estátuas, por ser ele deselegante e grosseiro exteriormente, mas encerrando uma alma divina.

— nos dizeis tudo isso? — Um pouco de paciência, e vereis aonde quero chegar. Se alguém se aproximasse de um cômico mascarado, no instante em que estivesse desempenhando o seu papel, e tentasse arrancar-lhe a máscara para que os espectadores lhe vissem o rosto, não perturbaria assim toda a cena? Não mereceria ser expulso a pedradas, como um estúpido e petulante? No entanto, os cômicos mascarados tornariam a aparecer; ver-se-ia que a mulher era um homem, a criança um velho, o rei um infeliz e Deus um sujeito à-toa. Querer, porém, acabar com essa ilusão importaria em perturbar inteiramente a cena, pois os olhos dos espectadores se divertiam justamente com a troca das roupas e das fisionomias. Vamos à aplicação: que é, afinal, a vida humana? Uma comédia. Cada qual aparece diferente de si mesmo; cada qual representa o seu papel sempre mascarado, pelo menos enquanto o chefe dos comediantes não o faz descer do palco. O mesmo ator aparece sob várias figuras, e o que estava sentado no trono, soberbamente vestido, surge, em seguida, disfarçado em escravo, coberto por miseráveis andrajos. Para dizer a verdade, tudo neste mundo não passa de uma sombra e de uma aparência, mas o fato é que esta grande e longa comédia não pode ser representada de outra forma.

Prossigamos. Se algum sábio caído do céu surgisse entre nós e se pusesse a gritar: "Não! Aquele que venerais como 'Vosso *Deus e* Senhor'[53] não é sequer um homem, não passando de um animal dominado pelo impulso do instinto, de um escravo dos mais abjetos, pois serve a tantos vis tiranos quantas são as suas

[53] "Vosso Deus e Senhor", eram títulos que se atribuía o imperador Domiciano. — Marcial diz não haver animal pior do que um príncipe perverso. — Tendo Diógenes subido, certa vez, a uma tribuna, e como, para arengar, repetisse: "Homens, escutai!", logo uma grande multidão se formou em torno de sua pessoa, perguntando-lhe todos o que queria. E ele respondeu: "Dirigi-me a homens, e não a vós, que de humanos só tendes a figura".

paixões" — se esse sábio, dirigindo-se a alguém que chorasse a morte do pai, o exortasse a rir, dizendo-lhe que esta vida não passa, na realidade, de uma contínua morte e que, por conseguinte, seu pai só fez cessar de morrer; se, enfurecendo-se com algum vaidoso soberbo de sua genealogia, o tratasse de ignóbil e de bastardo por estar totalmente afastado da virtude, que é a única e exclusiva fonte da verdadeira nobreza; e se dessa maneira o nosso filósofo fosse falando de todas as outras coisas humanas, pergunto eu que resultado obteria ele de suas declamações. Passaria, decerto, para todos, por louco furioso. Portanto, ficai certos de que, assim como não há maior estupidez do que querer passar por sábio fora do tempo, assim também não há nada mais ridículo e imprudente do que uma prudência mal compreendida e inoportuna. Na verdade, nós nos enganamos redondamente quando queremos distinguir-nos no gênero humano, recusando-nos a nos adaptar aos tempos. Nunca se deveria esquecer esta lei que os gregos estabeleceram para os seus banquetes: *Bebei e ide-vos embora*[54]. O contrário seria pretender que a comédia deixasse de ser comédia. Além disso, se a natureza vos fez homens, a verdadeira prudência exige que não vos eleveis acima da condição humana. Em poucas palavras, de duas uma: ou dissimular intencionalmente com os seus semelhantes, ou correr ingenuamente o risco de se enganar com eles. E não será esta — indagam os sábios — outra espécie de loucura? — Quem o nega? Que me concedam, porém, que é essa a única maneira de cada qual fazer a sua pessoa aparecer na comédia do mundo.

Quanto ao resto... Deuses imortais! Devo falar? Devo calar-me? E por que devo calar-me, se tudo o que quero dizer é

[54] O sentido moral desse provérbio dos gregos é que é necessário adaptar-se às pessoas com as quais se convive, ou então separar-se delas. Também Cícero disse, no mesmo sentido: "Se vives em Roma, vive de acordo com os costumes romanos".

mais verdadeiro do que a própria verdade? Ajudai-me, porém, em assunto de tão relevante importância, a me dirigir às Musas e pedir-lhes que me auxiliem, dispondo-se a vir de seu Helicão até a mim, tanto mais quanto os poetas tantas vezes cometem a indiscrição de fazê-las descer por meras frioleiras. Vinde, pois, por um instante, ó filhas de Júpiter, pois quero provar que essa sabedoria tão gabada, e que enfaticamente se chama o baluarte da felicidade, só é acessível aos que são orientados pela Loucura.

Antes de mais nada, sustento que, em geral, as paixões são reguladas pela Loucura. Com efeito, que é que distingue o sábio do louco? Não será, talvez, o fato de o louco se guiar em tudo pelas paixões, e o sábio pelo raciocínio? É por isso que os estóicos afastam do sábio toda e qualquer perturbação de ânimo, considerando-a um verdadeiro mal. Aliás, se é que nos merecem fé os peripatéticos, as paixões fazem as vezes de pedagogos aos que se encaminham para o porto da sabedoria: são como estímulos e incentivos para a satisfação dos deveres da vida e para uma conduta virtuosa. É verdade que Sêneca, duas vezes estóico, isenta o seu sábio de toda sorte de paixões. Oh! bela obra-prima! Decerto, esse sábio não é mais homem, mas uma espécie de deus que nunca existiu. Falemos mais claramente: o que ele fez foi uma fria estátua de mármore, privada de todo senso humano.

Que os senhores estóicos apreciem e amem à vontade o seu sábio e vão passar a vida na cidade de Platão [55], ou, se acharem melhor, na região das idéias, ou nos jardins de Tântalo [56]. Que

[55] Esse filósofo escreveu o plano de uma república, mas ninguém quis adotá-lo. Luciano ridiculariza-o por esse fato, dizendo: "Platão é o único habitante de sua cidade".

[56] "Nos Jardins de Tântalo": serviam-se os gregos desse provérbio para significar um lugar inexistente.

espécie de homem é um estóico? Quem poderá deixar de evitá-lo como a um monstro, de temê-lo como a um fantasma? Eis o retrato de um estóico: surdo à voz dos sentidos, não sente paixão alguma; o amor e a piedade não impressionam absolutamente o seu coração duro como o diamante; nada lhe escapa, nunca se perde, pois tem uma vista de lince; tudo pesa com a máxima exatidão, nada perdoa; encontra em si mesmo toda a felicidade e se julga o único rico da terra, o único sábio, o único livre, numa palavra, pensa que só ele é tudo, e o mais interessante é que é o único a se julgar assim. Amigos? É a sua última preocupação, pois não possui nenhum. Sem nenhum escrúpulo, chega a insultar os deuses e a condenar como verdadeira loucura tudo o que se faz no mundo, ridicularizando todas as coisas.

Vede o belo quadro desse animal que nos apresentam como o modelo acabado da sabedoria. Dizei-me, por favor: se a questão pudesse ser posta a votos, que cidade desejaria semelhante magistrado? Que exército reclamaria um tal general? Quem o convidaria à sua mesa? Estou igualmente convencida de que não acharia, sequer, uma mulher ou servo que quisessem e pudessem suportá-lo. E quem, ao contrário, não preferiria um homem qualquer, tirado da massa dos homens estúpidos, que, embora estúpido, soubesse mandar ou obedecer aos estúpidos, fazendo-se amar por todos; que, sobretudo, fosse complacente para com a mulher, bom para os amigos, alegre na mesa, sociável com todos com quem convivesse; que finalmente, não se achasse estranho a tudo o que é próprio da humanidade? Mas, para falar a verdade, chego a ter nojo de falar dessa espécie de sábios. Passo, por isso, a tratar dos outros bens da vida.

* * *

Quando se reflete atentamente sobre o gênero humano, e quando se observam como de uma alta torre (justamente a maneira pela qual Júpiter costuma proceder, segundo dizem os poetas) todas as calamidades a que está sujeita a vida dos mortais, não se pode deixar de ficar vivamente comovido. Santo Deus! Que é, afinal, a vida humana? Como é miserável, como é sórdido o nascimento! Como é penosa a educação! A quantos males está exposta a infância! Como sua a juventude! Como é grave a velhice! Como é dura a necessidade da morte! Percorramos, ainda uma vez, esse deplorável caminho. Que horrível e variada multiplicidade de males! Quantos desastres, quantos incômodos se encontram na vida! Enfim não há prazer que não tenha o amargor de muito fel. Quem poderia descrever a infinita série de males que o homem causa ao homem, como sejam a pobreza, a prisão, a infâmia, a desonra, os tormentos, a inveja, as traições, as injúrias, os conflitos, as fraudes, etc.? Eu não saberia dizer-vos que delito teria o homem cometido para merecer tão grande quantidade de males, nem que deus furioso o teria constrangido a nascer em tão horrível vale de misérias. Assim, pois, quem quer que examine a fundo a miserabilíssima condição do gênero humano, não poderá, decerto, deixar de aprovar o exemplo das virgens de Mileto [57], embora seja um exemplo digno de toda a compaixão.

Quais foram os mais célebres desgostosos da vida que procu-

[57] Conta Aulo Gélio que as virgens de Mileto foram tomadas, certa vez, de um furioso amor que as levou ao suicídio.

raram espontaneamente a morte? Não foram, porventura, os amigos mais próximos da sabedoria? Para não falar de Diógenes, Xenócrates, Catão, Cássio, Bruto, lembro apenas o famoso Quirão [58], que preferiu a morte à imortalidade. Já sei que logo compreendereis quanto o mundo duraria pouco, se a sabedoria fosse comum entre os mortais. Sou mesmo de opinião que, em breve, haveria necessidade de uma nova argila e de um novo Prometeu [59]. Mas também nesse caso, sou eu quem providencia, mantendo os homens na ignorância, na irreflexão, no esquecimento dos males passados e na esperança de um futuro melhor. Misturando as minhas doçuras com as da volúpia, eu amenizo o rigor do seu destino. Amam a vida não só quase todos os homens, como até aqueles cujo fio da existência está prestes a ser cortado pela morte, aqueles que devem deixar a vida depois de um bom número de anos. Eles não mostram nenhuma pressa de passar para o número dos mortos. Quanto mais motivos têm os homens para viver contra a própria vontade, tanto menos se enojam da vida, evidenciando que não acham excessivamente longos os seus dias. São um efeito da minha bondade esses velhos que vedes alcançar a nestórea decrepitude e que de humano só possuem a figura. Por isso é que são gagos, delirantes, desdentados, encanecidos, calvos, ou, para descrevê-los melhor, com as palavras de Aristófanes, enrugados, corcundas, sem nenhum resto de virilidade. E, não obstante, amam com transporte a vida. Não se limitam esses velhotes insensatos aos prazeres da existência, mas se esforçam ainda por imitar, o quanto *podem*, *a*

[58] Quirão, preceptor de Aquiles, recusou a imortalidade que lhe ofereceram os deuses como prêmio por sua probidade, a fim de evitar o tédio que sentiria com a reprodução contínua das mesmas coisas.

[59] Diz a lenda que Prometeu fez o corpo humano com argila e o animou com o fogo roubado do céu.

juventude: um enegrece os cabelos brancos; outro esconde com uma cabeleira a cabeça calva; outro põe dentes tomados de empréstimo de algum porco; outro se apaixona loucamente por uma moça e faz por ela loucuras que envergonhariam um rapazinho. Estamos tão habituados a ver um homem todo curvado ao peso dos anos e que já enxerga a terra em que está para descer, a vê-lo, repito, casar-se com uma mocinha sem dote, e casar-se, certamente, mais para o de outrem do que para o próprio uso, que isso se torna quase um motivo de louvor.

Eis, porém, um quadro ainda mais divertido: aquelas velhas apaixonadas, aqueles cadáveres semivivos que parecem ter saído do Érebo e já estão fedendo a carniça, ainda sentem arder o coração. Lascivas como cadelas no cio, só respiram uma porca sensualidade e dizem descaradamente que sem volúpia a vida não vale nada. Essas velhas cabras ainda fazem o amor e, quando encontram algum Faão[60], costumam remunerar generosamente a repugnância que causam. Então, mais do que nunca, se esmeram na pintura do rosto, passam a vida diante do espelho, arrancam fios brancos de barba, ostentam dois seios flácidos e enrugados, cantam com voz rouquenha e hesitante para despertar a lânguida concupiscência, bebem à grande, intrometem-se nas danças das moças, escrevem cartas amorosas — eis os meios que essas velhas raposas empregam para dar coragem aos seus custosos campeões. Enquanto isso, a sociedade exclama: — Que velhas malucas! Que velhas malucas! — Mas se a sociedade tem razão, elas se riem e, imersas nos prazeres, aproveitam a felicidade que lhes proporciono. Eu desejaria que esses censores indiscretos soubessem dizer-me o que será mais estúpido: viver alegre e satisfeito, ou eternamente desesperado até se

[60] Faão foi loucamente amado por Safo, que por ele não era correspondida.

enforcar com uma corda. Poderão dizer-me que é uma verdadeira infâmia a vida desses velhos e dessas velhas. Não o nego; mas, que importa isso aos meus loucos? Ou são inteiramente insensíveis à desonra, ou então, quando a sentem, sufocam facilmente o remorso. Os meus bons e fiéis súditos têm uma filosofia especial, que os faz distinguir muito bem os males imaginários dos males reais. Cai-vos uma pedra na cabeça? Oh! isso sim, é na realidade um mal! Mas a desonra, a infâmia, as censuras, as maldições só nos fazem mal quando queremos sentir: desde que não pensemos nisso, deixam de ser um mal. Que mal pode fazer o que murmura a sociedade, desde que vós intimamente vos aplaudais? Ora, somente eu tenho a virtude de sublimar os homens a esse alto grau de perfeição, e é esse um dos meus maiores predicados. Parece-me, contudo, ouvir alguns filósofos dizerem que uma das maiores desgraças para um homem consiste em ficar louco, em viver no erro, na ilusão e na ignorância. Oh! como estão redondamente enganados! Respondo-lhes, ao contrário, que é justamente nisso que consiste ser homem. Confesso-vos que não sei explicar como podem tratar de infelizes os meus loucos, sendo a loucura, como é, patrimônio universal da humanidade, e quando todos os mortais nascem, educam-se e se conformam com ela.

Parece-me bastante ridículo lastimar um ser que se acha no seu estado normal. Considerareis deplorável o fato de o homem não ter asas para voar como os pássaros, ou quatro pés como os quadrúpedes, ou a fronte armada de chifres como o touro? Lamentareis a sorte de um belo cavalo, pelo fato de não ter aprendido gramática ou de não comer bem? Deplorareis um touro, pelo fato de não ser adestrado na palestra? Portanto, assim como o cavalo não é infeliz por ignorar a gramática,

assim também não o é o louco, pois a loucura é natural no homem. Mas os sutis disputadores meus antagonistas continuam a perseguir-me com novos sofismas. Dentre todos os animais — dizem eles — só o homem goza do privilégio de aprender as artes e as ciências, a fim de suprir com os seus conhecimentos às lacunas da natureza. Como se houvesse sombra de verdade em que a natureza, tão previdente e vigilante quanto ao pernilongo e até quanto às ervas ou às florzinhas do campo, fosse esquecer-se unicamente do homem, deixando de lhe fornecer tudo aquilo de que precisa! Oh! que absurdo! Não! As ciências e as artes que tanto decantais não são obra da natureza: foi um certo gênio chamado Teuto [61], grande inimigo do gênero humano, que, por cúmulo da desventura dos homens, as inventou. Eis por que, muito longe de contribuírem para essa felicidade que se pretende apresentar como razão de sua descoberta, as ciências são, ao contrário, extremamente nocivas. Tinha decerto bom faro aquele sábio e prudente rei [62] que, com tanta finura, segundo Platão, reprovou a invenção do alfabeto.

Digamos, pois, francamente, que a ciência e a indústria se introduziram no mundo com todas as outras pestes da vida humana, tendo sido inventadas pelos mesmos espíritos que deram origem a todos os males, isto é, pelos demônios, que por

[61] A respeito de Teuto, diz Sócrates a Platão: "Ouvi dizer que, perto de Neucrates, no Egito, houve um dos primeiros deuses a quem era consagrado o pássaro chamado Íbis. Esse demônio ou deus chamava-se Teuto e foi o inventor dos números, da geometria, da astrologia, dos jogos de azar, do alfabeto. Tâmus reinava, naquele tempo, sobre todo o Egito e residia numa poderosa cidade que os gregos chamavam de Tebas do Egito. Ora, tendo ido Teuto procurar esse monarca, a fim de lhe mostrar as suas invenções, disse-lhe este que era preciso comunicá-lo aos egípcios".

[62] Segundo Platão. Na mesma passagem acima citada, lê-se que, tendo o Rei Tâmus perguntado a Teuto qual era a vantagem de suas letras alfabéticas, este último respondeu: "Servem para despertar a memória". Ao que replicou o rei: "Pois a mim me parece justamente o contrário, porque os homens, servindo-se desses caracteres, porão tudo no papel e não conservarão nada na memória".

sinal tiraram da ciência o seu nome[63]. Nada disso se conhecia no século de ouro, em que, sem método, sem regra, sem instrução, os homens viviam felizes, guiados pela Natureza e pelo próprio instinto. Com efeito, que utilidade teria, naquele tempo, a gramática? Havia apenas a linguagem, e, ainda assim, só era falada para exprimir o pensamento. Não havia necessidade de lógica, porque, tendo todos os mesmos raciocínios, as divergências de opinião não provocavam discussão alguma. Não se conhecia a retórica naquela idade pacífica, em que não havia nem processos, nem conflitos, nem discursos. Nessa época, os legisladores eram inúteis, porque, reinando os bons costumes, não havia necessidade de leis[64]. Além disso, aqueles mortais eram religiosíssimos, motivo por que não ansiavam por investigar com impia curiosidade os segredos da natureza. Convencidos de que a um pequeno inseto como o homem não é lícito ultrapassar os estreitos limites de sua capacidade, não quebravam a cabeça com a pesquisa das dimensões, dos movimentos, dos efeitos, das origens ocultas dos astros. Também não lhes passava pela imaginação a impertinente idéia de querer saber o que se acha além dos céus.

Mas, aos poucos, foi desaparecendo a inocência do século de ouro, de forma que os maus gênios, como já disse, logo descobriram as artes, mas ainda em pequeno número e muito pouco exercitadas. Em seguida, a superstição dos caldeus[65] e a ociosa leviandade dos gregos criaram mil outras, todas muito oportu-

[63] Os gregos davam aos sábios o nome de demônios, por causa de uma antiga *palavra* que significa *"sei, aprendo"* e da qual pensam os gramáticos se derive o nome de demônio.

[64] Diz Tácito que a quantidade das leis é a prova de um mau governo e da decadência de uma nação, porque são os maus costumes que colocam os homens na contingência de fazer leis.

[65] Atribui-se aos caldeus a invenção da astrologia e da magia. Erasmo trata-os de supersticiosos por acreditarem eles que todas as estrelas fossem divindades.

nas e excelentes para atormentar o espírito. Só a gramática é mais do que suficiente para nos aborrecer durante toda a vida. De todas essas artes, são tidas em maior apreço as que mais se aproximam do bom senso, isto é, da loucura. Mas que vantagem proporcionam aos que delas fazem profissão? Morrem de fome os teólogos, definham os físicos, caem no ridículo os astrólogos, são desprezados os dialéticos. E só o médico faz fortuna.

A principal vantagem da medicina está em que, quanto mais ignorante, ousado e temerário é quem a exerce, tanto mais estimado é pelos senhores laureados. Além disso, essa profissão, da maneira por que muitos a exercem hoje em dia, se reduz a uma espécie de adulação, quase como a eloqüência.

Depois dos médicos, vêm imediatamente os rábulas ou jurisconsultos. Eu não saberia dizer-vos ao certo se esses supostos filhos de Têmis precederam os sequazes de Esculápio: disputam a precedência entre si. O que é fora de dúvida é que os filósofos, quase que por consenso unânime, ridicularizam os advogados e, com muita propriedade, qualificam essa profissão de *ciência de burro*. Mas, burros ou não, serão sempre eles os intérpretes das leis e os reguladores de todos os negócios. Ao passo que esses senhores estendem os seus latifúndios, o pobre teólogo, depois de ter revistado todas as arcas da divindade, é obrigado a comer favas e a viver numa eterna guerra com os insetos nojentos.

De tudo quanto dissemos acerca das disciplinas, pode-se concluir que as artes mais vantajosas são as que mais se relacionam com a loucura. Por conseguinte, são perfeitamente felizes os homens que, sem ter qualquer relação com as ciências especulativas e práticas, têm como único guia a natureza, a qual não possui nenhum defeito e nunca deixa que se percam os que seguem fiel e exatamente os seus passos, sem a pretensão de sair dos

limites da condição humana. A natureza é inimiga de todo artifício, e, de fato, vemos crescer mais felizes as coisas não contaminadas por nenhuma arte.

Permiti que me detenha um pouco sobre o mesmo argumento. Não será verdade que, entre tantas espécies de animais, os que vivem mais felizes são os que não têm nenhuma disciplina e que só a natureza reconhecem como mestra? Quem será mais feliz e admirável do que as abelhas? No entanto, nem sequer possuem todos os sentidos do corpo. Apesar disso, quando é que a arquitetura encontrará alguém que as iguale na construção dos edifícios? Qual foi o filósofo que já instituiu uma república semelhante? Já o cavalo, por estar mais próximo dos sentimentos do homem, e sendo por este dominado, participa consideravelmente das calamidades humanas. Acontece, muitas vezes, que esse animal doméstico, em lugar de fugir da batalha, se atira ao perigo, e, na ambição da vitória, um golpe mortal estende-o por terra, obrigando-o a comer poeira junto com o cavaleiro. Já não falo das cruéis mordeduras, das esporadas agudas, da prisão que é a estrebaria, das rédeas, do pesado cavaleiro, em suma, de toda a trágica escravidão a que ele, a exemplo do homem, se sujeitou espontaneamente, na ânsia excessiva de se vingar do veado, seu inimigo. Bem mais desejável é a vida das moscas e dos pássaros, por nascerem livres e tomar a natureza o encargo de nutri-los. Seriam mesmo perfeitamente felizes e tranqüilos se não devessem temer as insídias dos homens. Não imaginais quanto perdem os pássaros da sua primitiva beleza, quando aprendem, nas gaiolas, os nossos cantos. E assim é verdade, sob todos os aspectos, que as produções da natureza ultrapassam de muito as da arte.

Por tudo isso, nunca terei louvado bastante a Pitágoras por se

ter transformado em galo. Esse filósofo, em virtude da metempsicose, passou por todos os estados: filósofo, homem, mulher, rei, confidente, peixe, cavalo, rã e creio até que esponja. E, depois de todas essas transmigrações, declarou que o homem era o mais infeliz de todos os animais, pois todos os outros estão satisfeitos de ficar nos limites prefixados pela natureza, enquanto só o homem se esforça por ultrapassá-los. Além disso, Pitágoras costumava antepor os tolos aos sábios e aos grandes. Tal era, também, a opinião de Grilo, um dos companheiros do sensato Ulisses, o qual, tendo sido transformado em porco pela bruxa Circe, preferia grunhir tranqüilo e à vontade num chiqueiro a andar na pista de novos perigos e novas aventuras com o seu general. Parece-me, também, que o próprio Homero, o célebre pai da mitologia, não diverge dessa opinião, pois que, em geral, considera miseráveis todos os mortais e diz que a morte os cerca por toda parte. Nem mesmo Ulisses, o seu famoso herói e modelo de sabedoria, constitui para ele uma exceção, pois chega a lhe aplicar, várias vezes, o epíteto de *infeliz*. No entanto, não diz o mesmo de Páris, de Ajax e de Aquiles, que eram loucos. Pelo contrário: como Ulisses fosse engenhoso e astuto e seguisse os conselhos de Minerva, preferindo-os a tudo mais, Homero deplorou a infelicidade desse rei de Ítaca.

Voltando, pois, ao meu assunto, afirmo que os que se aplicam *ao estudo* das ciências estão muito longe da felicidade e são duplamente loucos, porque, esquecendo-se de sua condição natural e querendo viver como outros tantos deuses, fazem à natureza, com as máquinas de arte, uma guerra de gigantes. De tudo isso infiro que os verdadeiros felizardos são os que mais se aproximam da índole e da estupidez dos brutos, sem empreenderem nada que esteja acima das forças humanas.

Pois bem! Tratemos de defender esse argumento, não com os entimemas dos estóicos, mas com um exemplo palmar. Deuses imortais, julgai-o! Quem no mundo viverá mais feliz do que os vulgarmente chamados bobos, tolos, insensatos e imbecis? Ah! como acho bonitos esses nomes! Quero dizer-vos uma coisa que, à primeira vista, talvez tomeis por extravagante e absurda. Mas, que importa? Apesar disso, não quero deixar de vo-la dizer, tanto mais quanto é superior a qualquer outra verdade.

Respondei-me: é ou não exato que os homens que se julgam privados de entendimento nenhum medo têm da morte? E esse medo — por Baco! — não é um mal indiferente! Além disso, estão isentos dos terríveis remorsos da consciência; não temendo nem fantasmas nem trevas, não são atormentados pela perpétua perspectiva dos males; não são enganados pela vã esperança de futuros bens. Em suma, os seus dias não são envenenados pela infinita série de cuidados a que está sujeita a vida. A desonra, o temor, a ambição, a inveja, o amor, a amizade são coisas inteiramente estranhas para eles, pois gozam da incomparável vantagem de só na forma diferirem dos animais. Mas isso não basta, pois que, segundo a opinião dos teólogos, chegam a ser impecáveis. Isso posto, tornai a consultar ainda uma vez o vosso íntimo, ó insensatos partidários da sabedoria! Ponderai, examinai atentamente quantas aflições do espírito vos atormentam dia e noite; reuni em bloco, sob os vossos olhos, todos os diversos males da vida; e julgai, finalmente, por vós mesmos, quanto é grande a felicidade que proporciono aos meus insensatos. Não gozam eles apenas de um contínuo prazer, rindo, jogando e cantando, mas me parece, além disso, que a alegria, o prazer, a chacota, o riso seguem-lhes os passos por toda parte. Dir-se-ia que os deuses tiveram a bondade de misturá-los com os homens para

edulcorar a tristeza da vida humana. Eu desejaria que notásseis ainda um privilégio que honra muitíssimo os meus súditos. Diversa é a disposição do coração humano de indivíduo para indivíduo; mas, quanto aos meus loucos, todos os homens os tratam como se fossem de casa. Desejam-nos com transporte, abraçam-nos, lisonjeiam-nos, alimentam-nos, socorrem-nos em suas necessidades, em suma, permitem-lhes dizer e fazer todo mal que lhes aprouver. Não só não se encontra ninguém que se atreva a contrariá-los, como parece que até as próprias feras, por um natural sentimento da sua inocência, contém diante deles a sua inata ferocidade. São sagrados para os deuses, para mim sobretudo, motivo por que é muito justo que todos usem para com eles do mesmo respeito.

Que diremos, em seguida, de tantas outras prerrogativas de que gozam os meus sequazes? Os maiores monarcas de tal forma concentram neles as suas delícias, que muitos não podem nem jantar, nem passear, nem ficar longe deles por uma hora sequer. Que diferença não acharão, pois, entre os seus bobos e os sábios melancólicos, dos quais talvez mantenham um para lhes fazer as honras? E uma tal diferença nada tem de misterioso nem de surpreendente, porque os sábios, em geral, só sabem dizer coisas melancólicas e, às vezes, confiando no próprio saber, permitem-se ofender os delicados ouvidos com pungentes *verdades*. Os meus loucos, ao contrário, têm uma vida totalmente oposta e observam, para com os príncipes, todas as maneiras que mais costumam agradar, divertindo os outros com mil chacotas e bobagens, com ditos satíricos, com caretas e disparates de fazer qualquer pessoa rebentar de riso. Notai, de passagem, o privilégio que têm os bobos de poder falar com toda a sinceridade e franqueza. Haverá coisa mais louvável do que a

verdade? Se bem que, com Platão, o provérbio de Alcibíades diga que a *verdade se encontra no vinho e nas crianças,* contudo é a mim, particularmente, que convém esse elogio, porque, segundo o testemunho de Eurípides, tudo o que o tolo encerra no coração, ele o traz também impresso na cabeça e o manifesta nas palavras. Mas os sábios, segundo o mesmo Eurípides, têm duas línguas, uma para dizer o que pensam e a outra para falar conforme as circunstâncias: quando o querem, têm talento para fazer o preto aparecer como branco e o branco como preto, soprando com a mesma boca o calor e o frio[66] e exprimindo com palavras exatamente o contrário do que sentem no peito.

Não posso deixar, aqui, de lastimar a sorte dos príncipes. Oh! como são infelizes! Inacessíveis à verdade, só contam com a amizade dos aduladores. Mas ponderará alguém que eles não devem queixar-se senão de si mesmos. Por que será que os príncipes não gostam de prestar ouvidos à verdade? E por que detestam a companhia dos filósofos? Ah! bem vejo que isso se deve ao medo que têm os príncipes de encontrar, entre os filósofos, algum petulante que se atreva a dizer o que é verdadeiro e não o que é agradável! Concedo, de bom grado, que a verdade seja odiada por todos e muito mais pelos monarcas. Mas é justamente essa razão o que mais honra os meus loucos. Nem mesmo dissimulam os vícios e os defeitos dos reis. Que digo eu? Chegam, muitas vezes, a insultá-los, a injuriá-los, sem que esses

[66] Alusão ao seguinte apólogo de Aniano: No máximo rigor do inverno, um camponês recebeu um sátiro em sua cabana. Ao ver que o camponês soprava os dedos, perguntou-lhe o sátiro: "Por que faz assim?" Ao que o outro respondeu: "Para me esquentar com o calor do bafo". Mais tarde, posta a mesa, vendo o sátiro que o camponês soprava uma comida muito quente, perguntou-lhe por que fazia o mesmo com a comida. Ao que respondeu o camponês: "Para esfriá-la". Então, o sátiro levantou-se subitamente e lhe disse: "Como?! Pela mesma boca, você põe para fora o calor e o frio? Ah! não quero negócio com essa gente!" E, assim dizendo, saiu a correr.

senhores do mundo se ofendam por isso ou se aborreçam. Sabemos que os príncipes, em lugar de ficarem indignados, riem-se de todo coração quando um tolo lhes diz coisas que seriam mais do que suficientes para enforcar um filósofo. Só se costuma defender a verdade quando não se é atingido por ela; ora, só aos loucos os deuses concederam o privilégio de censurar e moralizar sem ofender a ninguém. Quase pela mesma razão é que as mulheres gostam dos loucos e dos bobos, e é por isso que esse sexo é tão inclinado ao riso e às frivolidades. Além disso, qualquer coisa que façam as senhorinhas com essa espécie de pessoas (e às vezes com toda espécie), parece-lhes uma brincadeira ou uma chacota, tão engenhoso e ladino é o belo sexo em colorir e mascarar os seus ardis.

Voltando, pois, à felicidade dos loucos, devo dizer que eles levam uma vida muito divertida e depois, sem temer nem sentir a morte, voam direitinho para os Campos Elísios, onde as suas piedosas e fatigadas almazinhas continuam a divertir-se ainda melhor do que antes. Confrontai, agora, a condição de qualquer sábio com a de um tolo. Imaginai, figurai um homem venerável, verdadeiro modelo de sabedoria, e observai como faz a sua passagem pela terra. Constrangido desde a infância a consagrar-se ao estudo, passa a flor dos anos nas vigílias, nas aflições, na mais assídua fadiga; e, mal sai dessa dura escravidão, acha-se ainda mais infeliz do que nunca. Por isso é que, devendo viver com economia, com moderação, com tristeza, com severidade, ele se torna cruel e pesado a si mesmo, incômodo e insuportável aos outros. Pálido, magro, enfermiço, remelento, franco, encanecido, velho antes do tempo, termina uma vida infeliz com a morte prematura. Mas que importa ao sábio morrer moço ou velho, quando se pode afirmar, com toda a razão, que nunca

viveu? Com efeito, não se pode falar em viver quando não se gozam todos os prazeres da vida. Que vos parece, agora, esse belo retrato do sábio? Agrada-vos?

Mas, já estou esperando que as importunas rãs que são os estóicos[67] venham atacar-me com novos argumentos. E — dirão elas — uma insigne loucura não estará perto do furor, ou melhor, não poderá chamar-se um verdadeiro furor? Mas, que quer dizer ser furioso? Não significará, talvez, ter a mente perturbada? Como me inspiram piedade esses filósofos! O mais das vezes, não sabem o que dizem. Pois bem, se mo permitirem as musas, quero derrubar, quero destruir também esse paládio. Não posso negar que os estóicos sejam argumentadores sutis; mas por pouco que queiram ter reputação de bom senso, devem distinguir duas espécies de loucura, da mesma maneira por que Sócrates, segundo Platão, distinguia duas Vênus[68] e dois Cupidos. Afirmo que nem todas as loucuras tornam igualmente infeliz o homem. Se assim não fosse, Horácio decerto não teria aplicado o epíteto de amável ao furor que invade os poetas e que revela o futuro. O citado Platão não teria incluído, entre os principais bens da vida, o furor dos vates, dos adivinhos e dos amantes, e a Sibila Cumana não teria empregado esse vocábulo para exprimir as penas e os trabalhos de Enéias.

Há, portanto, duas espécies de furor. Um vem do fundo do inferno, e são as fúrias que o mandam para a terra. Essas atrozes e vingativas divindades tiraram da cabeça uma porção de serpentes e atiram suas escamas sobre os homens quando querem

[67] Alguns autores antigos chamam os estóicos de rãs, por causa da sua importuna loquacidade.

[68] Segundo Pausânias, havia duas Vênus: uma, mais antiga, sem mãe e filha do céu, por isso chamada celeste; a outra, filha de Júpiter e Diana, chamada a Vênus comum. E, assim, distingue ele o amor vulgar do amor celeste.

divertir-se em atormentá-los. Têm nisso as suas origens o furor da guerra, a devoradora sede do ouro, o infame e abominável amor, o parricídio, o incesto, o sacrilégio, o peso de consciência e todos os outros flagelos semelhantes de que se servem as fúrias para dar aos mortais uma amostra dos suplícios eternos.

Existe, porém, outro furor inteiramente oposto ao precedente, e sou eu quem o proporciona aos homens, que deveriam desejá-lo sempre como o maior de todos os bens. Em que pensais que consista esse furor ou loucura? Consiste numa certa alienação de espírito que afasta do nosso ânimo qualquer preocupação incômoda, infundindo-lhe os mais suaves deleites. É justamente essa divagação que, como um insigne dom dos supremos deuses, deseja Cícero para si quando diz a Ático que não pode mais suportar o peso de tantos males [69]. Um grego, de cujo nome não me recordo, era do mesmo parecer, e a sua história é tão engraçada que eu até quero contá-la. Esse homem era louco de todas as formas: desde manhã muito cedo até tarde da noite, ficava sentado sozinho no teatro e, imaginando que assistia a uma magnífica representação, embora na realidade nada se representasse, ria, aplaudia e divertia-se à grande. Fora dessa loucura, ele era, em tudo o mais, uma ótima pessoa: complacente e fiel com os amigos; terno, cortês, condescendente com a mulher; indulgente com os escravos, não se enfurecendo quando via quebrar-se uma garrafa. Seus parentes deram-se ao incômodo de curá-lo com heléboro; mal, porém, ele voltou ao estado que impropriamente se chama de bom senso, dirigiu-lhes esta bela e sensata apóstrofe: "Meus caros amigos, que fizeram vocês? Pretendem

[69] Tendo Ático censurado Cícero pelo fato de se afligir excessivamente com a tirania dos triúnviros, dando a muitos a impressão de que perdera o juízo, Cícero respondeu que ainda conservava a lucidez, mas que desejava ficar louco para não ser mais tão sensível às calamidades públicas.

ter-me curado e, no entanto, mataram-me: para mim acabaram-se os prazeres: vocês me tiraram uma ilusão que constituía toda a minha felicidade". Tinha sobras de razão esse convalescente, e os que, por meio da arte médica, julgaram curá-lo, como de um mal, de tão feliz e agradável loucura, mostraram precisar mais do que ele de uma boa dose de heléboro.

Ainda não decidi se se deva ou não chamar indistintamente de loucura todo erro de espírito e do senso. É que, em geral, dizemos ser louco todo aquele que, sendo curto de vista, toma um burro por jumento, ou que, por ter pouco discernimento, considera excelente um mau poema. Ao mesmo tempo, quando um homem comete um estranho erro, não só de senso, mas também de inteligência, nele persistindo longamente — por exemplo, quando, ao escutar o zurro de um burro, julga ouvir uma sinfonia ou, então, quando, embora pobre e de origem humilde, imagina ser o rei Creso, da Lídia[70] — nesse caso se diz que o pobrezinho perdeu o miolo. Mas essa loucura, quando dirigida a um objeto de prazer, como costuma acontecer quase sempre, bastante agradável se torna tanto para os que a têm como para os que são meros espectadores. Assim, essa espécie de loucura é bem mais espalhada do que em geral se pensa. Às vezes, é um louco que se ri de outro louco, divertindo-se ambos mutuamente. Também não é raro ver-se um mais louco rir-se muito de outro menos do que ele. Mas na minha opinião o homem é tanto mais feliz quanto mais numerosas são as suas modalidades de loucura, contanto que não saia da espécie que nos é peculiar e que é tão espalhada que eu não saberia dizer se haverá, em todo o gê-

[70] Creso, rei da Lídia, foi o homem mais rico da terra. Tendo um dia perguntado a Sólon se não era ele o mais feliz dos mortais, o filósofo respondeu-lhe: "Majestade, vós me pareceis muito rico, tendes um grande reino; reservo-me, porém, para responder à vossa pergunta quando fordes muito feliz".

nero humano, um só indivíduo que seja sempre sábio e não tenha também a sua modalidade. Se alguém, ao ver uma abóbora, a tomasse por uma mulher, dir-se-ia ser o pobrezinho um louco. A razão disso é que semelhante perturbação raras vezes costuma aparecer entre nós. Mas quando um marido imbecil adora a mulher, julgando-a mais fiel do que Penélope, mesmo que ela lhe faça crescer na cabeça um bosque de chifres, e intimamente se felicita, bendizendo enormemente o seu destino e dando graças a Deus por o ter unido a semelhante Lucrécia — ninguém acha que se trate de loucura, porque isso, hoje em dia, é a coisa mais natural deste mundo. Nessa categoria, é preciso incluir também os que desprezam tudo a não ser a caça, não concebendo maior prazer que o de ouvir o rouco som da trompa e os latidos dos cães. Creio mesmo que, ao sentirem o cheiro dos excrementos caninos, imaginam estar cheirando cinamomo. Trata-se de despedaçar uma presa? Oh! incomparável delícia! Degolar, esfolar, cortar um boi ou um carneiro? Ah! é um mister vil, digno somente da ralé! Mas, um bicho do mato? Oh! a honra de cortar um bicho do mato é reservada unicamente às pessoas de alta linhagem! O monteiro-mor, com a cabeça descoberta e de joelhos, pega o facão sagrado para esse sacrifício (pois Diana se ofenderia se se servisse de outro) e, empunhando o ferro com a mão direita, corta religiosamente determinados membros do animal, fazendo tudo com certa ordem e com cerimônias especiais. E, durante a pomposa operação, todo o bando de caçadores acerca-se do sacerdote de Diana, observando profundo silêncio e mostrando, ao assistir ao espetáculo mil vezes visto, a mesma surpresa que teria se fosse a primeira vez. Em seguida, aquele a quem cabe a sorte de provar um pedaço da caça julga ter conquistado ainda mais nobreza. Por fim, os caçadores, depois

de levarem a vida perseguindo e comendo caça, não obtêm outro resultado do seu assíduo e fatigante exercício senão o de se terem transformado também em outros tantos animais selvagens. E, não obstante, intimamente, pensam ter uma vida real.

Outra espécie de homens semelhantes à que há pouco descrevi é constituída por aqueles que se sentem devorados pela mania de construir. Uma vez invadidos por essa irrequieta paixão, nunca se dão por satisfeitos, sendo a sua preocupação contínua a de fazer, edificar, destruir, até que, como Horácio, nessa tarefa de mudar o quadrado em redondo e o redondo em quadrado, acabam por ficar sem casa e sem pão. E com que ficam? Ficam com a doce lembrança de terem passado com prazer um grande número de anos.

Vejamos, agora, os alquimistas, que podem ser considerados os loucos por excelência. Têm a cabeça sempre repleta de novos e misteriosos segredos. O seu único fim é confundir, misturar, modificar a natureza, procurando por terra e por mar não sei que quintessência, que na realidade só se encontra em uma quimérica imaginação. Não julgueis, por isso, que se desgostem diante dos insucessos: ao contrário, cheios de louca e lisonjeira esperança, nunca se arrependem das despesas nem da fadiga, pois são engenhosíssimos em iludir-se a si mesmos e em tornar-se vítimas da própria obstinação. Mas qual é, em geral, o seu objetivo? Pensando enriquecer-se, gastam tudo, não lhes restando nem mesmo com que construir um pequeno lar. É verdade que esses sonhadores não deixam de ter belíssimos sonhos, tentando tudo quanto é meio imaginável para incitar os outros a correr atrás dessa felicidade. Finalmente, constrangidos pela miséria a dar um adeus às suas quiméricas esperanças, acham ainda uma grande compensação em se poderem gabar de ao menos terem formado tão glorioso e nobre projeto. Mas, ao

mesmo tempo, censuram a natureza pelo fato de ter dado aos homens uma vida demasiado breve para levar a termo empresa de tamanha importância.

Sinto certo escrúpulo em introduzir em nossa sociedade os jogadores de profissão. Mas, decerto que é uma loucura, oferecendo um espetáculo ridículo os que, de tão apaixonados pelo jogo, sentem bater e saltar o coração dentro do peito, sempre que vêem cartas na mesa ou ouvem o barulho dos dados. Então, quando a enganosa esperança de recuperar o que perderam faz com que percam o resto dos seus bens e quando a sua nau se quebra contra o escolho do jogo, escolho não menos fatal que o de Maléia[71], ainda se julgam muito felizes por se terem salvo nuzinhos em pelo desse naufrágio. E o mais bonito é que essa espécie de gente prefere roubar a quem quer que seja, exceto ao que a despojou, pelo receio de passar à conta de pouco honesta. Que deveria eu dizer desses velhos que, quase cegos de tanta idade, chegam a pôr os óculos para jogar e, tendo as mãos atacadas pela gota, pagam a alguém para que jogue os dados por eles? São tão loucos pelo jogo, e nele experimentam tão extremo prazer, que sou levada a considerá-lo como de minha atribuição. Mas, muitas vezes, o jogo se transforma em raiva e furor, e, então, me inclino a atribuí-lo mais às fúrias do que a mim.

Mas eis que se adiantam algumas pessoas, que sem dúvida vivem sob as minhas leis: são os que se divertem ouvindo ou contando milagres e romanescas invencionices. Não acreditais? Pois esse bom gosto proporciona tal prazer que os sábios são indignos de experimentá-lo. É preciso, sim, é preciso ter nascido sob um particular auspício dos deuses para poder saborear tão doces quimeras. E o melhor é que nunca se fartam de ouvir

[71] O promontório de Maléia, na Lacônia, província do Peloponeso, era tão perigoso que se costumava dizer: "Quando navegares diante de Maléia, esquece de todo a tua casa".

semelhantes patranhas. Os milagres, os espectros, os duendes, os fantasmas, o inferno, e mil outras visões dessa natureza, são o assunto mais comum das conversas do vulgo ignorante, sendo que, quanto mais extraordinárias são essas coisas, com tanto maior prazer são elas ouvidas e facilmente acreditadas. E não penseis que tais histórias se contem apenas para iludir as horas de aborrecimento: tornaram-se, na boca dos monarcas e dos pregadores, um meio de tirar proveito da crendice popular.

A essa espécie podem agregar-se, a justo título, os ridículos e originais supersticiosos, os quais, toda vez que têm a sorte de ver alguma estátua de madeira ou alguma imagem do seu polifêmico São Cristóvão [72], ficam convencidos de que nesse dia não poderão morrer. Soldados há que, depois de uma pequena prece diante da imagem de Santa Bárbara, ficam certos de que sairão ilesos da batalha. Alguns acreditam que, invocando Santo Erasmo em certos dias, com certas orações e à luz de certas lamparinas, seja possível fazer uma grande fortuna em pouco tempo [73]. E que direi do hercúleo São Jorge, que para esses supersticiosos faz as vezes de um novo Hipólito [74]? Na verdade, não se pode deixar de rir diante de sua devoção, que consiste em ornar pomposamente o cavalo do santo e quase que em prostrar-se diante do animal assim enfeitado, para adorá-lo. Fazem questão absoluta de conservar o favor e a proteção do cavaleiro por meio de alguma oferta, sendo inviolável para eles o juramento que fazem pelo seu penacho. Mas por que não falar dos que julgam que, em vir-

[72] Alusão ao fato de São Cristóvão ser pintado como um gigante com uma planta na mão e metido no meio de um rio até às nádegas, justamente como Virgílio descreve Polifemo na *Eneida*, livro V.

[73] Os marinheiros invocam São Cristóvão, os soldados Santa Bárbara e os avarentos Santo Erasmo.

[74] Hipólito: despedaçado pelos cavalos. Tornou-se célebre pela resistência oferecida ao amor pecaminoso de Fedra, sua madrasta.

tude dos perdões e das indulgências, não têm nenhuma dívida para com a divindade? Com a exatidão de uma clepsidra e da mesma maneira por que, matematicamente, sem recear erro de cálculo, medem os espaços, os séculos, os anos, os meses, os dias — assim também, com essa espécie de falazes remissões medem eles as horas do purgatório. Outra espécie de extravagantes é constituída pelos que, confiando em certos pequenos sinais exteriores de devoção, em certos palanfrórios, em certas rezas que algum piedoso impostor inventou para se divertir ou por interesse, estão convencidos de que irão gozar uma inalterável felicidade, conquistar riquezas, obter honras, satisfazer determinados prazeres, nutrir-se bem, conservar-se sãos, viver longamente e levar uma velhice robusta. E, como se isso não bastasse, ainda esperam poder ocupar no paraíso um posto elevado, sob a condição, porém, de só passarem ao número dos beatos tão tarde quanto possível. Pensam, então, chegado o tempo de voar por entre as inefáveis e eternas delícias do céu, uma vez abandonados pelos bens da terra, a que se aferram de todo o coração.

Persuadidos dos perdões e das indulgências, ao negociante, ao militar, ao juiz, basta atirarem a uma bandeja uma pequena moeda, para ficarem tão limpos e tão puros dos seus numerosos roubos como quando saíram da pia batismal. Tantos falsos juramentos, tantas impurezas, tantas bebedeiras, tantas brigas, tantos assassínios, tantas imposturas, tantas perfídias, tantas traições, numa palavra, todos os delitos se redimem com um pouco de dinheiro, e de tal maneira se redimem que se julga poder voltar a cometer de novo toda sorte de más ações. Quem já terá visto homens mais tolos, ou melhor, mais felizes do que os devotos, os quais julgam que entrarão infalivelmente no reino dos

céus, recitando todos os dias sete versículos, que eu não sei quais sejam, dos salmos sagrados? No entanto, foi um demônio quem fez tão bela descoberta; mas, um demônio tolo, que tinha mais vaidade do que talento, tanto assim que cometeu a imprudência de exaltar o seu mágico segredo junto a São Bernardo [75], que era muito mais esperto do que ele. E todas essas coisas não serão, talvez, excelentes loucuras? Ah! como isso é verdadeiro! Até eu, que sou a Loucura, não posso deixar de sentir vergonha. No entanto, não é o público o único a aprovar tão completas extravagâncias. Sustentam a sua prática, dando o exemplo, os próprios professores de teologia. E, já que viajo por esses mares, convém continuar a navegar. Digamos, assim, algumas palavras sobre a invocação dos santos. É curioso verificar que cada país se gaba de ter no céu um protetor, um anjo tutelar, de forma que, num mesmo povo, entre esses grandes e poderosos senhores da corte celeste, se encontrem as diversas incumbências do protetorado. Um cura dor de dentes, outro assiste ao parto das mulheres; aquele faz achar os objetos perdidos, este vela pela segurança e prosperidade do gado; um salva os náufragos, outro confere a vitória nos combates. Suprimo o resto, porque será um nunca mais acabar.

Além desses, existem outros santos que gozam de um crédito e um poder universais, encontrando-se entre estes, em primeiro lugar, a mãe de Deus, a quem o vulgo atribui poder maior que o do seu próprio filho. Ora, as graças que os homens pedem aos santos não serão, talvez, insinuadas também pela Loucura?

[75] Conta-se que o diabo, encontrando um dia São Bernardo, gabou-se de saber sete versículos dos salmos que, recitados diariamente, levariam na certa ao paraíso. O santo teve curiosidade de saber quais eram os versículos, mas o diabo não quis revelá-los. "Zombarei de ti — disse-lhe então o santo — pois vou recitar diariamente o *Saltério*, de forma que assim recitarei também os sete versículos". E o diabo, com receio de se tornar causa de tão grande devoção, acabou revelando o segredo.

Dizei-me se, entre tantos votos religiosos de reconhecimento que vedes cobrindo por completo as paredes e as abóbadas das igrejas, já vistes pendurado um único de reconhecimento por cura milagrosa de loucura. Decerto que não: os homens não costumam importunar os santos para obter uma graça dessa natureza. Daí resulta que, por maior que seja a sua devoção, nunca se tornam nem um pouquinho mais sábios. Eis por que, enquanto se vêem, suspensos dos altares, votos relativos a toda sorte de graças recebidas, nenhum se encontra, todavia, que se refira a um caso de curado de loucura. Aquele pendurou um voto por se ter salvo a nado quando julgava naufragar; este, porque não morreu de um grave ferimento recebido numa briga; um outro, porque, enquanto os outros caíam prisioneiros do inimigo, conseguiu subtrair-se ao perigo, graças a uma feliz e valorosa fuga; aquele outro, porque tendo sido condenado à forca como prêmio às suas boas ações, caiu do laço, graças a algum santo dos larápios, a fim de que, pior do que antes e em virtude da caridade do próximo, voltasse a roubar os que tivessem a bolsa muito cheia de dinheiro; um outro, por ter recuperado a liberdade rompendo as grades da prisão; outro por se ter restabelecido facilmente de uma febre muito grave, com grande mágoa do médico, que esperava fazer uma cura mais longa e mais lucrativa; este, porque, em lugar da morte, encontrou remédio no veneno que lhe fora dado, enquanto sua mulher, que já suspirava pelo momento da libertação, ficou na maior amargura por ter falhado o golpe; outro, porque, tendo caído com seu carro, não teve receio algum e pôde reconduzir à casa, sãos e salvos, os cavalos; aquele, porque, tendo ficado soterrado num desabamento, conseguiu salvar-se sem nada sofrer; outro, finalmente, porque, tendo sido pilhado em flagrante pelo marido de sua bela, saiu da enrascada com a maior desenvoltura.

Ora, bem vedes que ninguém deu graças a Deus, ou à Virgem, ou a qualquer santo, por ter recuperado o juízo. A loucura tem tantos atrativos para os homens, que, de todos os males, é ela o único que se estima como um bem. Mas, por que engolfar-me nesse oceano de superstições?

Se eu tivesse cem línguas e cem bocas,
E férrea voz, em vão de tantos tolos
As espécies contar eu poderia,
E de tanta tolice os vários nomes.

(Virgílio, *Eneida,* livro VI, e
Homero, *Ilíada,* cantos VI.)

De tal maneira está a vida de cada cristão repleta de semelhantes desejos! Bem sei que os sacerdotes não são tão cegos que não compreendam deformidades tão vergonhosas; mas é que, em lugar de purgar o campo do Senhor, eles se empenham em semeá-lo e cultivá-lo de ervas daninhas, com toda a diligência, certos como estão de que estas costumam aumentar-lhes as ganhuças. Suponha-se que, em meio a todos esses prejuízos, surgisse um odioso moralista que, em tom apostólico, fizesse esta patética, mas verdadeira exortação: "Não basta ter devoção por São Cristóvão: é preciso, também, viver segundo a lei divina, para não chegar a um mau fim. Não basta oferecer uma pequena moeda para obter perdões e indulgências: é preciso, ainda, *odiar* o mal, chorar, velar, rezar, jejuar, numa palavra, mudar de vida, praticando constantemente o Evangelho. Confiais em algum santo? Pois segui os seus exemplos, vivei como ele viveu, e assim merecereis a graça do vosso santo protetor". Aqui entre nós:

esse moralista não andaria mal falando dessa forma, mas, ao mesmo tempo, tiraria os homens de um estado de felicidade, para lançá-los na miséria e na dor.

Uma palavrinha acerca de uma espécie de doidos, porque seria um grande mal não os pôr igualmente em cena, quando honram tanto o meu império. Quero referir-me aos ricos que, vendo chegar o fim dos seus dias, providenciam grandiosos preparativos para uma passagem magnífica ao túmulo. É com grande prazer que se observa como esses moribundos se aplicam seriamente às suas pompas fúnebres. Estabelecem, artigo por artigo, quantos círios e quantas velas devem arder nos seus funerais, quantas pessoas vestidas de luto, quantos músicos, quantos carpidores devem acompanhar o féretro, como se, depois de mortos, ainda pudessem conservar alguma consciência para gozar o espetáculo, ou soubessem ao certo que os mortos costumam ficar envergonhados quando os seus cadáveres não são sepultados com a magnificência exigida por seu próprio estado. Finalmente, parece que esses ricos consideram a morte como um cargo de edil, que os obrigue a ordenar festas populares e banquetes.

Embora seja fecundíssimo o meu assunto, e eu forçada a tratá-lo superficialmente, não poderei, contudo, silenciar sobre esses grandes panegiristas, esses vaidosos apreciadores da *própria nobreza*. Não é raro encontrar, entre estes, os que, com ânimo abjeto e vilíssimas e plebéias inclinações, vos pasmem à força de repetir: "Sou um fidalgo". Convém provar a antiguidade de suas estirpes? Um descende do piedoso Enéias; outro remonta ao primeiro cônsul de Roma; este procede, em linha reta, do rei Artur. Além disso, mostram as estátuas e os retratos dos antepassados: enumeram os bisavós e os tataravós; recor-

dam os antigos sobrenomes e os feitos dos seus maiores. Enquanto isso, pouco diferem eles de uma estátua muda, e eu os diria mesmo quase inferiores às próprias figuras que vão mostrando. Esses idiotas fazem um alto conceito de si mesmos e estão sempre cheios da estéril idéia de sua ascendência. O que é fato, porém, é que imbuídos dessa quimera, levam uma vida contente e feliz. Ora, o que contribui, em grande parte, para que em tão boa conta se tenha esse belo fantasma de nobreza, é justamente o respeito que o vulgo insano demonstra por eles, parecendo até enxergar nesse gênero de bestas, nesses nobres sem mérito, outras tantas divindades.

Mas, ao tratar do *amor-próprio,* por que hei de me restringir a uma ou duas espécies apenas de loucura? Quantos meios surpreendentes não possuirá o meu caro *amor-próprio,* que vedes aqui presente, para impedir que o homem fique desgostoso de si mesmo? Olhai aquele rosto: não há macaco mais feio, nem mais disforme; no entanto, julga-se um lindo rapaz. E, perto dele, o outro que traça duas ou três linhas com exatidão, à força de compasso! Intimamente, já se aplaude, julgando-se um Euclides. E aquele que está cantando, ainda pior que um galo? Não importa: pensa ter uma voz paradisíaca. Todavia, há também outra espécie de loucura verdadeiramente agradável: alguns possuem um numeroso bando de criados, cada qual com uma boa qualidade, e julgam que essas boas qualidades lhes sejam peculiares. Tal era, segundo Sêneca, aquele rico duplamente feliz que, ao pretender contar alguma história, tinha sempre ao *redor os* escravos, que lhe auxiliavam a memória, sugerindo-lhe os vocábulos adequados, mesmo os mais comuns. Esse senhor era, além disso, tão fraco que bastava um pequeno sopro de vento para levá-lo ao chão: isso, contudo, não impedia que estivesse sempre

disposto a bater-se a socos, fiando-se na força dos escravos, como se esta fosse sua.

É inútil passar aqui em revista os que professam as artes, porque com razão podem ser considerados os prediletos, os favoritos do meu *amor-próprio*. Em geral, essas pessoas estão de tal forma fanatizadas por seu pequeno mérito que prefeririam ceder uma parte do seu patrimônio a confessar-se ineptas. Os cômicos, os músicos, os oradores, os poetas — eis aí, eis os melhores amigos do *amor-próprio!* Quanto mais ignorantes, tanto mais perfeitos se julgam em sua arte, e, assim prevenidos em benefício próprio, aproveitam todas as ocasiões para celebrar os próprios louvores. Mas não penseis que não encontrem quem os aplauda, pois toda tolice, por mais grosseira que seja, sempre encontra sequazes. Mas, ainda é pouco: quanto mais contrária ao bom senso é uma coisa, tanto maior é o número dos seus admiradores, e constantemente se vê que tudo o que mais se opõe à razão é justamente o que se adota com maior avidez. Perguntar-me-eis por quê? Pois já não vos disse mil vezes? É porque quase todos os homens são malucos. A ignorância tem, pois, dois grandes privilégios: um, que consiste em estar de perfeito acordo com o *amor-próprio,* e outro, que consiste em trazer em si a maior parte do gênero humano. Por conseguinte, seríeis duas vezes ingênuos se quisésseis elevar-vos acima do nível comum, com toda a vossa ciência filosófica. Que pensais que obteríeis com isso? Podeis estar certos de que, além de vos custar muito caro semelhante propósito, chegaríeis ao ponto de não saberdes tolerar mais ninguém e de não poderdes por mais ninguém ser tolerados. Resultaria, enfim, que ninguém seria capaz de apreciar o vosso gênio e de penetrar os vossos sentimentos.

Parece-me de novo oportuno fazer outra reflexão sobre o

amor-próprio. Façamo-la juntos. Todo homem, ao nascer, recebe o seu *amor-próprio* como um dom da natureza. Mas essa mãe comum não se limitou apenas ao homem, pois fez o mesmo presente à sociedade, de maneira que não se acha uma única nação, uma única cidade que não tenha o seu gosto particular. Os ingleses, por exemplo, amam com transporte a beleza, a música e os banquetes lautos; os escoceses dão grande valor à nobreza e, sobretudo, à que deriva do sangue do seu rei, gabando-se, além disso, de serem raciocinadores sutis; os franceses atribuem-se a polidez e a civilidade, sendo que sobretudo os parisienses gabam a sua teologia; os italianos decantam a sua literatura e sua eloqüência. Em suma, cada nação se compraz em ser a única verdadeiramente civilizada e sem sombra de barbarismo. Pode dizer-se que os romanos são os mais enfatuados desse gênero de felicidade: Roma moderna sonha ainda participar da grandeza de Roma antiga. Os venezianos são felizes pela alta opinião que têm da própria nobreza. Vangloriam-se os gregos de terem sido os inventores das artes e das ciências, além de serem os descendentes dos famosos heróis que em seu tempo tanto estrépito fizeram no mundo. Os turcos e todos os outros povos semelhantes, que não passam afinal de um ajuntamento de bárbaros, se jactam de serem os únicos que vivem no seio da verdadeira religião, ridicularizando as superstições e a idolatria dos cristãos. E que direi dos judeus? Estes vivem satisfeitíssimos, à espera do seu Messias, e, muito longe de impacientar-se pela enorme demora, obstinam-se cada vez mais em esperá-lo, achando que não podem em absoluto estar enganados, apoiados como se encontram nas promessas do seu Moisés. Os espanhóis reservam para si toda a glória da guerra. Finalmente, os alemães se pavoneiam por sua natureza gigantesca e por sua habilidade na ciência da magia.

Mas, vamos! Liquidemos logo o assunto, que seria interminável. Estais vendo, agora, se não me engano, como o *amor-próprio* difunde por toda parte grandes alegrias, quer nos indivíduos, quer nas nações. Ao lado do *amor-próprio,* acha-se sempre a sua boa irmã — a *adulação.* Isto posto, respondei-me: em que consiste o *amor-próprio?* Não consistirá, porventura, em agradar, em satisfazer, em adular a si mesmo? Pois bem: quando procedeis dessa forma em relação aos outros, isso se chama *adulação.* Hoje em dia, tem essa pobre *adulação* a desgraça de estar muito desacreditada: mas, por quem? Por todas as pessoas que se ofendem mais com as palavras do que com os fatos. Acredita-se que a *adulação* não possa coadunar-se com a boa fé. Idéia falsa! Pois os próprios animais não nos mostram o contrário? Em vão se procuraria animal mais cortesão e adulador do que o cão, e, não obstante, quem pode vangloriar-se de ser mais fiel do que ele? O esquilo domesticado procura sempre brincar: será ele, por isso, menos amigo do homem? Se a *adulação* excluísse a boa fé, seria preciso concluir, então, que os ferozes leões, os tigres cruéis e os irrequietos leopardos devem ser afeiçoados à espécie humana. Não ignoro que há péssima *adulação,* da qual costumam servir-se os maliciosos e os caçadores para arruinar e ridicularizar míseros tolos e vaidosos. Não é essa, porém, a minha *adulação* predileta, e praza a Deus que não a conheça nunca! Provém a minha da doçura, da bondade, da inteireza de coração, e tanto se avizinha da virtude como se distancia de um caráter rude, insociável e importuno, que, como diz Horácio, desgosta e afasta. A minha *adulação* reanima os espíritos abatidos, alegra os melancólicos, estimula os poltrões, desperta os estúpidos, restabelece os enfermos, acalma os furibundos, forma e mantém os amores. A minha *adulação* incita as crianças ao trabalho e ao estudo, e consola os velhos. Sob o manto do lou-

vor, censura e instrui os monarcas, sem ultrajá-los. Enfim, minha *adulação* faz com que os homens, como outros tantos Narcisos [76], se apaixonem por si mesmos, dando origem à principal felicidade da vida.

Quem já viu ação mais delicada e mais grata que a praticada por dois bons e honestos burros que se coçam mutuamente? É a esse mútuo auxílio que se dirige em grande parte a eloqüência, muito a medicina e ainda mais a poesia. Devo acrescentar que essa *adulação* é o mel, o condimento de toda a sociedade humana. Dizem os sábios que é um grande mal estar enganado; eu, ao contrário, sustento que não estar é o maior de todos os males. É uma grande extravagância querer fazer consistir a felicidade do homem na realidade das coisas, quando essa realidade depende exclusivamente da opinião que dela se tem. Tudo na vida é tão obscuro, tão diverso, tão oposto, que não podemos certificar-nos de nenhuma verdade. Tal era justamente o princípio dos meus acadêmicos, que se mostravam nisso menos orgulhosos que todos os outros filósofos. Porque, se há verdades que, tendo sido bem demonstradas, não deixam lugar às dúvidas, quantas não serão — pergunto — as que perturbam a tranqüilidade e os prazeres da vida? Os homens, enfim, querem ser enganados e estão sempre prontos a deixar o verdadeiro para correr atrás do falso. Quereis disso uma prova sensível e incontrastável? Ide assistir a um sermão, e vereis que, quando o cacarejador (oh! que injúria! enganei-me, desculpai-me) queria dizer, quando o pregador aborda o assunto com seriedade e apoiado em argumentos, o auditório dorme, boceja, tosse, assoa o nariz, relaxa o corpo, inteiramente enjoado. Se, porém, o orador, como quase sempre é

[76] Narciso, filho do rio Cefiso e de Leríope, foi um jovem de grande beleza que, vaidoso de si mesmo, se amou com tanto transporte que acabou morrendo de fraqueza.

o caso, conta uma velha fábula ou um milagre da lenda, então o auditório logo se agita, os dorminhocos despertam, todos os ouvintes levantam a cabeça, arregalam os olhos, prestam atenção. Nunca observastes que, ao celebrar-se numa igreja a festa de um santo poético ou romântico — por exemplo, de um São Jorge, de um São Cristóvão, de uma Santa Bárbara — em geral se costuma consagrar-lhe uma pompa e uma devoção bem maiores que a que se consagra a São Pedro e São Paulo, e ao próprio Nosso Senhor? Mas não é este o lugar apropriado para tal questão.

Voltemos ao nosso assunto. Quanto não custa conquistar a felicidade de opinião! Que os que pretendem repor a felicidade no gozo das coisas tenham a bondade de observar quais e quantos são os sofrimentos que costumam causar mesmo os objetos menos importantes. Para fazermos um juízo a respeito, bastanos lembrar as dificuldades que oferece o estudo da gramática. A opinião, ao contrário, é concebida sem esforço, insinua-se por si mesma no coração e contribui também, talvez mais do que a evidência e a realidade das coisas, para a felicidade da vida. Se um esfomeado come carne podre, cujo fedor obrigaria um outro a tapar o nariz, se ele a come com tanto gosto como se se tratasse do alimento mais fino, eu vos pergunto se por isso deve ser considerado menos feliz. Ao contrário, se um enfastiado comesse excelentes iguarias e, em lugar do seu gosto, sentisse náuseas, onde estaria, nesse caso, a sua felicidade? Para um homem que tem uma mulher feiíssima, mas na qual vê perfeitamente a sua bela, não é o mesmo que se tivesse desposado uma Vênus? O tolo que possui um mau e miserabilíssimo quadro, mas acredita possuir uma pintura de Zêuxis ou de Apeles, não se cansando de contemplá-lo e admirá-lo, não será incomparavelmente mais

feliz do que o que, tendo comprado por elevado preço um quadro desses excelentes pintores, não experimente igual prazer ao contemplar as suas obras?

De um homem que tem a honra de trazer o meu nome, eu sei que, pouco depois das núpcias, deu de presente à sua mulher brilhantes falsos. Sendo ele um engraçado tratante, convenceu a mulher de que as pedras eram preciosas, tendo lhe custado uma grande soma. Ora, nada faltava ao prazer da esposa. Ela gostava de se enfeitar com aqueles pedaços de vidro e não se cansava de admirá-los, satisfeitíssima de possuir o imaginário tesouro, como se este fosse real. Ao mesmo tempo, o marido poupara uma despesa apreciável e estava contente com o engano da mulher, que lhe agradecia da mesma forma por que o teria feito se ele lhe tivesse dado um magnífico presente.

Merecem ser incluídos nessa categoria os habitantes da caverna de Platão [77]. Ao verem, os tolos, as sombras e as aparências de diversas coisas, admiram-nas e nada mais procuram, dando-se por satisfeitos. Já os filósofos, por estarem fora da caverna, não só observam os mesmos objetos como lhes investigam os mistérios. Não terão uns e outros o mesmo prazer? Se o remendão Micilo [78], de que fala Luciano, tivesse podido passar o resto dos seus dias no belíssimo sonho em que se embalava quando o despertaram, poderia ele desejar felicidade maior?

[77] Dizia Platão que eram leigos e sonhadores os que menosprezavam as idéias divinas e as coisas espirituais com o fim de se entregarem totalmente aos prazeres do corpo. "Esses homens — disse o filósofo — são escravos de si mesmos e têm por domicílio uma caverna".

[78] Segundo Luciano, não passava Micilo de um pobre remendão. Tendo este, certa vez, ceado admiravelmente em casa de um vizinho abastado, sonhou que tinha ficado rico e, depois, carregado às costas, ia gozar todos os bens da opulência. Como, porém, um galo o despertasse com seu canto, ele teve tal decepção e ficou tão furioso que pouco faltou para matar o importuno cantor.

Não haveria, pois, diferença alguma entre os sábios e os loucos, se não fossem mais felizes estes últimos. Sim, porque estes o são por dois motivos: o primeiro é que a felicidade dos loucos não custa nada, bastando um pouquinho de persuasão para formá-la; o segundo é que os meus loucos são felizes mesmo quando estão juntos com muitos outros. Ora, é impossível gozar um bem quando se está sozinho.

Os sábios são em número tão escasso que nem vale a pena falar deles, e eu desejaria saber mesmo se é possível descobrir algum. No curso de tantos séculos, a Grécia se vangloria de ter produzido apenas sete sábios. É na verdade maravilhoso! O gênero humano deve mesmo muito a essa felicidade da Grécia! Foram mesmo sete? Pois pedi a Deus que não vos venha o desejo de anatomizá-los cuidadosamente, porque, de contrário (juro-vos por Hércules, arrebento-vos a cabeça), não encontraríeis, decerto, nem a metade de um filósofo e talvez nem mesmo um terço.

Quero louvar-me ainda num outro fato. Entre os numerosos méritos que os poetas costumam atribuir a Baco, o que se mantém e é realmente o primeiro é o que consiste em tirar e dissipar do ânimo dos mortais as aflições, as inquietações e a tristeza, perversas filhas da razão: mas, por pouco tempo, porque, depois de algumas horas de sono, voltam a atormentar-nos imediatamente e, como se costuma dizer, a todo o galope. Não será isso inteiramente o oposto do bem que proporciono aos mortais? Eu os embriago, mas também lhes tiro a razão. Minha embriaguez é muito diferente da de Baco: enche a alma de alegria, de tripúdio e de delícias, dura até ao fim da vida e não custa dinheiro nem dá remorsos.

Os homens me devem ser particularmente gratos, pois não

permito que haja entre eles algum que não sinta mais ou menos os defeitos da minha beneficência. Nenhuma das outras divindades reparte igualmente, entre os mortais, os seus favores. Não cresce por toda parte aquele vinho generoso e saboroso que afasta as aflições importunas e enche até o ânimo mais melancólico de alegria, de coragem e de esperanças. Vênus raramente concede o dom da beleza; Mercúrio dá a poucos a eloqüência e Hércules é parco dispensar das riquezas; o homérico Júpiter na cabeça de muito poucos põe a coroa; Marte freqüentemente recusa aos dois exércitos o seu auxílio; Apolo costuma dar respostas desagradáveis aos que consultam o seu oráculo; o filho de Saturno constantemente lança suas setas; Febo às vezes manda a peste e Netuno mata mais pessoas do que salva. Quanto às horríveis divindades chamadas *Véjoves*[79], como seriam Plutão, a Discórdia, o Castigo, a Febre, e outras tantas que deveriam antes chamar-se carniceiras que divindades, não merecem em absoluto que eu me dê ao trabalho de lhes fazer alusão.

Portanto, a verdade é que os outros deuses não são bons e benéficos para todos os mortais, sendo a Loucura a única deusa que cumula de favores todo o gênero humano. E o admirável é que a minha generosidade não é manchada por nenhum interesse. Sou a única que não exige nem votos nem ofertas. Minha divindade não se ofende nem ordena vítimas de expiação, quando omitida alguma cerimônia do meu culto. Não ponho em desordem o céu e a terra para vingar-me de alguém que, tendo convidado todos os outros deuses, só a mim tenha esquecido em casa, deixando-me à margem do odor e da fumaça das vítimas

[79] Divindade infernal na mitologia romana. Erasmo emprega o nome na acepção coletiva de divindades infernais às quais os romanos sacrificavam sem esperar outra ajuda a não ser a de não criar obstáculo aos seus projetos e desejos. (N. do E.)

sacrificadas. Para confusão e vergonha dos outros deuses, deverei eu mesma dizer que se mostram tão incontentáveis e caprichosos que seria um mal absolutamente menor deixá-los em abandono do que adorá-los. Com eles se deveria fazer o que se costuma praticar com as pessoas intratáveis e inclinadas ao mal, isto é, cortar com eles toda correspondência, uma vez que tão caro é o preço de sua amizade.

E quem acreditaria, agora, que essa minha conduta devesse provocar desprezo? Até agora, é voz geral, ninguém pensou em prestar à Loucura honras divinas; ninguém lhe consagrou um templo; ninguém a nutriu com vapores das vítimas. Para falar-vos com franqueza, e creio que já o disse, tamanha ingratidão me causa grande surpresa; mas pouco me importa isso e, de acordo com a minha natural facilidade, não levo a coisa a mal. Eu cheiraria à sabedoria e seria indigna de ser Loucura se reclamasse essas honras divinas. Que é que se me ofereceria sobre os altares? Um pouco de incenso, um pouco de farinha, um bode, um porco. Poderia eu permitir que se degolassem esses inocentes animais para deleitar-me o olfato? Oh! que ridículas bagatelas! Tenho um culto, sim, um culto que abrange o mundo inteiro e que todos os mortais me prestam, e os próprios teólogos o consolidam pelo exemplo. Não tenho a bárbara e cruel ambição de Diana, que vê com prazer as vítimas humanas, mas creio, ao contrário, ser religiosamente servida e venerada quando me vejo esculpida em cada coração e representada pelos costumes e conduta.

A propósito de culto, o que os cristãos prestam aos santos consiste quase todo em amá-los e imitá-los. Oh! como são numerosos os que, em pleno meio-dia, acendem velas aos pés da Virgem Mãe de Deus! Mas não se acha quase nenhum que siga

os seus exemplos de castidade, de modéstia, de zelo pela causa da salvação. No entanto, a imitação das suas virtudes seria o único culto capaz de assegurar o céu aos devotos.

De resto, por que hei de exigir um templo, se possuo um tão vasto e tão belo, que é a terra inteira? Não me faltam ministros, nem sacerdotes, salvo nos lugares onde não existe nenhum homem. Eu não desejaria que me julgásseis tão idiota ao ponto de me preocupar com estátuas e imagens: tais figuras seriam de resultados bem funestos para o nosso culto, pois que muitas vezes sucede que os devotos estúpidos e materiais tomam a imagem pelo santo, e, nesse caso, a nossa sorte seria a mesma dos que são suplantados por seus vigários. Todos os mortais são estátuas a mim erigidas, imagens vivas da minha pessoa, mesmo contra a própria vontade. Consinto, pois, de bom grado, que os outros deuses tenham templos, um num canto da terra, outro em outro, e sejam festejados apenas em certos dias do ano. Adore-se Febo em Rodes, Vênus em Chipre, Juno em Argos, Minerva em Atenas, Júpiter no Monte Olimpo, Netuno em Taranto, Priapo em Lâmpsaco. Quanto à minha condição divina, será sempre mais gloriosa que a deles, enquanto a terra for meu templo e todos os mortais as minhas vítimas.

Poderá, talvez, parecer a alguém que eu esteja pregando impudentes mentiras. Quero, porém, mostrar-vos que tudo isso é a pura verdade. Reflitamos um pouco sobre a vida humana, e se eu não vos demonstrar que sou a deusa à qual todos os homens são mais gratos e que eles mais estimam, desde o cetro ao bastão do pastor, acima de todas as coisas, estou disposta a deixar de ser a Loucura. Não quero, contudo, dar-me ao trabalho de percorrer todas as condições, pois demasiado longa seria a carreira. Limitar-me-ei, assim, a indicar as principais, das quais facilmente se poderá inferir o resto.

* * *

A começar pelo vulgo, ou seja a gentinha, não há dúvida de que todo ele me pertence, pois tão fecundo é em toda sorte de loucuras, tal é o número das que descobre diariamente, que mil Demócritos seriam poucos para rir-se bastante, sendo que esses mil Demócritos ainda precisariam de outro Demócrito para rir-se deles. É incrível dizer-se quanto esses grosseiros homenzinhos servem diariamente de divertimento, de riso e de chacota aos deuses. Para vos convencerdes disso, convém dizer-vos uma coisa. Os deuses são sóbrios até à hora do almoço, empregando essas horas matinais em contenciosas deliberações e em escutar as preces dos mortais. Terminada a refeição, ao sentirem subir à cabeça os vapores do néctar sorvido a largos goles, não sabem mais aplicar-se a assuntos de alguma importância. Que pensais que eles fazem, então, para restaurar o cérebro? Reúnem-se todos na parte mais elevada do céu e, sentados lá em cima, olham para baixo, divertindo-se à grande com o espetáculo das várias ações humanas. Deuses imortais! Que bela e ridícula comédia não resultará de todos os movimentos dos loucos? Bem posso dizê-lo, pois que às vezes participo desse divertimento das divindades poéticas.

Um se apaixona perdidamente por uma mulherzinha, e, quanto menos correspondido, tanto mais acesa se torna sua paixão amorosa; outro casa-se com o dote e não com a moça; outro prostitui a própria mulher, vendendo-a ao primeiro que encontra; outro, finalmente, agitado pelo demônio do ciúme, espia como um Argos a conduta da esposa. E que coisas estranhas não se dizem e fazem quando morre um parente próximo? Che-

ga-se ao ponto de pagar a pessoas que finjam chorar e gesticulem como cômicos. Quanto maior é a alegria experimentada pelo coração, tanto maior é a tristeza que o rosto aparenta, o que deu origem ao provérbio grego: *Chorar na sepultura da madrasta.* Este tira o quanto pode, seja de onde for, e dá tudo de presente à própria barriga, com o risco de morrer de fome depois de satisfeita a gulodice; aquele põe toda a sua felicidade no ócio e no sono; há alguns que, preocupados sempre com os negócios alheios, descuram inteiramente dos próprios interesses; vêem-se os que contraem dívidas para pagar as dos outros e, quando se julgam ricos, verificam que estão falidos; há os que, vivendo pobremente, não conhecem outra felicidade senão a de enriquecer os seus herdeiros; outros, ávidos de riquezas, percorrem os mares em busca de um ganho incerto, confiando às ondas e aos ventos uma vida que nenhum ouro do mundo poderia resgatar; outros, sedentos de sangue, preferem tentar a sorte no meio dos perigos e dos horrores da guerra a passar seus dias, cômoda e tranqüilamente, no seio da família; enfim, gabam-se de uma gorda herança, quando conseguem apoderar-se do ânimo de algum velho que está para morrer sem herdeiros, ou quando têm a fortuna de cativar a graça e o favor de uma rica velhota. Mas, depois, como se riem os deuses, ao verem esses pescadores de dinheiro nas próprias redes!

Os negociantes, sobretudo, são os mais sórdidos e estúpidos atores da vida humana: não há coisa mais vil do que a sua profissão, e, como coroamento da obra, exercem-na da maneira mais porca. São, em geral, perjuros, mentirosos, ladrões, trapaceiros, impostores. No entanto, devido à sua riqueza, são tidos em grande consideração e chegam a encontrar frades aduladores, particularmente entre os mendicantes, que lhes fazem humil-

demente a corte e publicamente lhes dão o nome de veneráveis, a fim de lhes abiscoitar uma parte dos mal adquiridos tesouros. Vêem-se, também, alguns sequazes de Pitágoras, que adotando a opinião desse filósofo, segundo a qual todos os bens são comuns, usurpam conscientemente tudo o que podem, como se conseguissem uma herança legítima. Outros, imaginando-se ricos, arquitetam belíssimas quimeras de fortuna e vivem felizes nas suas esperanças. Alguns querem passar por ricos, embora às vezes chegue a lhes faltar o necessário. Um apressa-se a esbanjar todos os seus bens, enquanto outro está sempre preocupado em acumular, por meios lícitos e ilícitos, tudo o que pode. Há os que anseiam por obter um cargo, e os que, acima de tudo, preferem viver ociosamente sentados a um canto do lar. Enfurecem-se as partes com a demora do processo, parecendo apostar qual das duas tem mais a possibilidade de enriquecer um juiz venal e um advogado prevaricador, cujo intuito não é senão prolongar a demanda, que só para eles traz vantagens. Uns vivem tentando renovar, outros meditam grandes empresas. Alguns empreendem uma romaria a Jerusalém, a Roma, a São Tiago, onde não têm nada que fazer, enquanto deixam abandonados em casa a mulher e os filhos, que tanto necessitam de sua presença.

Se, finalmente, pudésseis observar, do mundo da lua, como o fez Menipo, as inúmeras agitações dos mortais, decerto acreditaríeis estar vendo uma densa nuvem de moscas ou de pernilongos brigando, insidiando-se, guerreando-se, invejando-se, espoliando-se, enganando-se, fornicando-se, nascendo, envelhecendo, morrendo. Não podeis sequer imaginar os horrores e as revoluções com que enche a terra esse animalzinho, tão pequeno e de tão pouca duração, que vulgarmente se chama *homem*.

Quantas vezes um rápido turbilhão guerreiro ou pestífero

basta para subtrair e dizimar num momento muitos milhares de homens! Mas eu própria seria profundamente estúpida e mereceria que Demócrito se risse de mim a valer, se pretendesse descrever todas as extravagâncias e loucuras do vulgo. Passemos, pois, a falar dos que conservam, entre os homens, uma aparência de sabedoria e possuem, como dizem eles, esse ramo de louro de Virgílio.

Entre esses, ocupam o primeiro posto os gramáticos, ou sejam os pedantes. Essa espécie de homens seria decerto a mais miserável, a mais aflita, a mais malquista pelos deuses, se eu não tivesse o cuidado de mitigar os incômodos de tal profissão com gêneros especiais de loucura. Não estão eles sujeitos apenas às cinco pragas e flagelos do epigrama grego, mas ainda a seiscentos outros. Sempre famélicos e sujos nas suas escolas, ou melhor, nas suas cadeias ou lugares de suplícios e de tormentos, no meio de um rebanho de meninos, envelhecem de fadiga, tornam-se surdos com o barulho, ficam tísicos com o fedor e a imundície. No entanto, quem o diria? Graças a mim, os pedantes se julgam os primeiros homens do mundo. Não podeis imaginar o prazer que experimentam fazendo tremer os seus tímidos súditos com um ar ameaçador e uma voz altissonante. Armados de chicote, de vara, de correia, não fazem senão decidir o castigo, sendo ao mesmo tempo partes, juízes e carrascos. Parecem-se mesmo com o burro da fábula, o qual, por ter às costas uma pele de leão, julgava-se tão valoroso como este. A sua imundície afigura-se-lhes asseio; o fedor serve-lhes de perfume; e, acreditando-se *reis em* meio à sua miserabilíssima escravidão, não desejariam trocar as próprias tiranias pelas de Fálaris ou de Dionísio[80]. O que sobre-

[80] Fálaris, como vimos na nota 13, era um tirano crudelíssimo de Agrigento. — Dionísio, famoso tirano de Siracusa, foi expulso do reino por seus próprios súditos, em virtude das grandes crueldades que cometera. Ao chegar a Corinto, a fim de exercer o mister de mestre-escola, disse: "Também isto é reinar"

tudo contribui para torná-los felizes é a idéia que fazem da própria erudição. Embora não façam senão meter palavras insignificantes e insulsas frivolidades na cabeça das crianças confiadas aos seus cuidados — santo Deus! — consideram um nada diante deles os Palêmones e os Donatos[81]. Nem mesmo sei com que meios conseguem lisonjear as estúpidas mães e os idiotas pais dos alunos, ao ponto de serem realmente considerados como os ilustres homens que eles próprios se inculcam. Acrescentemos a isso outro gênero de prazer por eles experimentado toda vez que conseguem descobrir, num velho papelucho todo sujo e comido de traças, o nome da mãe de Anquises ou alguma palavra geralmente desconhecida — *bubsequam,* por exemplo, *bovinatorem, manticulatorem*[82] — ou quando têm a sorte de encontrar um pedaço de lápide antiga, na qual se encontrem caracteres truncados. Ah! por Júpiter imortal! que tripúdio, que triunfo, que aplausos! Não foi certamente maior a alegria de Cipião ao subjugar a África, nem a de Dario ao conquistar a Babilônia. É indizível a alegria experimentada por esses pedantes, quando, ao lerem de porta em porta os seus versos gelados e insulsos, encontram por acaso algum admirador. Logo se julgam novos Virgílios e não sei se se gabam de que a alma de Marão lhes tenha passado pelo cérebro. Oh! como é bonito vê-los trocar, entre si, elogio por elogio, admiração por admiração, lisonja por lisonja! Se acontece que um homem da arte erra em alguma sintaxe e outro mais penetrante do que ele o percebe — santo Deus! — que cenas, que discussões, que injúrias, que invectivas!

A propósito de gramática, quero contar-vos uma bonita história: a história é verídica e, se eu estiver mentindo, quero ter

[81] Palêmones e Donato, dois famosos gramáticos.

[82] Palavras rebuscadas para designar, respectivamente, boiadeiro, tergiversador, ladrão. (N. do E.)

todos os gramáticos contra mim (vede só que terrível declaração!). Conheço um homem de sessenta anos que conhece perfeitamente o grego, o latim, as matemáticas, a filosofia, a medicina. Pois seríeis capazes de adivinhar com que se preocupa esse sábio universal, há uns vinte anos? Tendo abandonado todos os estudos, dedica-se exclusivamente à gramática, pondo o cérebro num tormento contínuo. Só ama a vida para ter tempo de dirimir algumas dificuldades dessa importante arte, e morreria satisfeito se descobrisse um método seguro de distinguir bem as oito partes do discurso, coisa que, a seu ver, não conseguiram com perfeição nem os gregos nem os latinos. Bem vedes que é uma questão de suma importância para o gênero humano. Com efeito, não é mesmo uma miséria estar sempre correndo o risco de tomar uma conjunção por advérbio? Um tal equívoco mereceria uma guerra cruenta.

Quero, agora, observar-vos que há mais gramáticas do que gramáticos: só Aldo, um dos meus favoritos nesse gênero, publicou cinco. Pois bem: o meu cabeçudo estuda-as todas, mesmo quando escritas num estilo bárbaro e insuportável; analisa-as todas, da primeira até à última, causando profunda inveja aos que escrevem tão mal sobre o assunto e torturado sempre pela dúvida de que possam roubar-lhe a glória e o fruto de suas longas fadigas. Que vos parece esse ridículo sábio? Devemos chamá-lo de louco ou delirante? Chamai-o do que quiserdes, desde que concordeis em que é graças a mim que esse animal sobrecarregado de misérias anda sempre tão satisfeito, tão orgulhoso de si mesmo e da sua sorte, a qual ele não trocaria pela dos mais ricos e poderosos reis da terra.

Já os poetas não me devem tanto, não porque não sejam igualmente loucos, mas porque têm o direito de ser membros *ex pro-*

fesso do meu partido. Há muito tempo que se diz que "os poetas e os pintores formam uma nação livre". Os poetas fazem consistir toda a sua arte em impingir lorotas e fábulas ridículas para deleitar os ouvidos dos tolos. Isso não impede que, apoiados nessas ridicularias, se gabem de obter uma divina imortalidade e ainda a prometam aos outros. O *amor-próprio* e a *adulação* são os seus conselheiros indivisíveis, e eu não tenho adoradores mais fiéis nem mais constantes do que eles.

Os oradores também pertencem à minha seita. Devo, porém, confessar-vos que não são os meus súditos mais fiéis, pois se assemelham, até certo ponto, aos filósofos. Apesar disso, além de serem igualmente cheios de amor-próprio e de vaidade, não deixam de ser fecundos em frivolidades, sendo que os mais célebres chegaram a escrever a sério extensos tratados sobre a maneira de pilheriar. O autor, pouco importa o nome, que dedicou a Herênio a arte de dizer, inclui a loucura entre várias espécies de facécias. O próprio Quintiliano, esse príncipe dos retóricos, compôs sobre o riso um capítulo mais volumoso do que a *Ilíada,* de Homero. Segundo esses escritores, a loucura tem uma força maior do que a razão, porque, muitas vezes, aquilo que não se pode conseguir com nenhum argumento se obtém com uma chacota. Finalmente, eu não desejaria ser a Loucura, se a arte de provocar o riso com gostosas piadas não fosse exclusivamente minha.

Outra espécie de pessoas mais ou menos da mesma laia é constituída pelos que ambicionam uma fama imortal publicando livros. Todos esses escritores têm parentesco comigo, sobretudo os que só publicam coisas insípidas. Quanto aos autores que só escrevem para poucos, isto é, para pessoas de fino gosto e perspicazes, que não recusam o juízo de Pérsio e de Lélio, confesso-

vos ingenuamente que merecem mais compaixão do que inveja. Imersos numa contínua meditação, pensam, tornam a pensar, acrescentam, emendam, cortam, tornam a pôr, burilam, refundem, fazem, riscam, consultam, e nesse trabalho levam às vezes nove e dez anos, de acordo com o preceito de Horácio, antes do manuscrito ser impresso. Oh! como me causam piedade tais escritores! Nunca estando satisfeitos com o seu trabalho, que recompensa podem esperar? Ai de mim! um pouco de incenso, um reduzido número de leitores, um louvor incerto. Mas respondei-me francamente: compensarão essas tênues bagatelas o sacrifício do sono, mais doce do que tudo, da tranqüilidade, dos prazeres, numa palavra, de todas as doçuras da vida? É preciso acrescentar ainda que esses sonhadores que andam em busca de imortalidade arruínam a saúde, tornam-se pálidos, magros, remelentos e, às vezes, até cegos. São sempre miseráveis, invejados, não têm prazer algum e, como resultado, só conseguem apressar a velhice e a própria morte. Malgrado tudo isso, o nosso sábio considera suficiente, como remédio a tantos males, a aprovação de um ou dois remelentos da sua espécie.

Mas. falemos, agora, de um autor que escreva sob os meus auspícios e do qual seja eu a Minerva. Não conhecendo a meditação, nem a tortura do cérebro, nem as vigílias, escreve tudo o que sonha, tudo o que lhe vem à cabeça. Tudo lhe parece surpreendente e divino. A pena mal pode açompanhar a velocidade da imaginação e dos pensamentos. Não despendendo mais do que um pouco de papel, escreve um mundo de disparates e de impertinências convencido de que, publicando bobagens, granjeará mais facilmente os aplausos da maioria, isto é, de todos os tolos e de todos os ignorantes. E quem poderá negar que esse homem seja verdadeiramente feliz? Responder-me-eis que, assim

parecendo, é preciso renunciar completamente à esperança de ser aplaudido pelos verdadeiros doutos! Bolas! que grande sacrifício! Raramente sucede que esses críticos sábios e requintados dêem importância ao meu autor. Mas, mesmo admitindo que todos eles o lessem, seria, igualmente, dispensável o seu sufrágio para secundar o dos tolos e ignorantes, que representam a opinião de quase todo o gênero humano. Poreis em dúvida essa verdade?

Compreendem-na ainda melhor os plagiários[83] que com suas facilidades se apropriam das obras alheias, gozando da glória que aqueles dos quais eles a roubaram conseguiram com imensa dificuldade. Não ignoram esses impudentes que, mais dia menos dia, será descoberto o furto, mas em compensação esperam aproveitar-se dele por algum tempo. É um prazer doido ver como se pavoneiam quando elogiados; quando, ao passar por um lugar, são apontados e ouvem dizer: — *Olhe, aquele ali é um homem verdadeiramente admirável;* quando vêem seus livros bem juntinhos e bem expostos na loja de algum livreiro. Seus nomes são lidos no alto de cada página, e são no mínimo três, todos estrangeiros, parecendo caracteres mágicos. Esses nomes — por Júpiter imortal! — não têm significação alguma, mas não deixam, em substância, de ser verdadeiros nomes! Considerando-se, além disso, toda a vastidão da terra, pode dizer-se que pouquíssimos são que os louvam, não sendo muito diverso do dos ignorantes o gosto dos sábios. Costuma também acontecer, freqüentemente, que esses nomes são inventados e tomados de empréstimo aos antigos. Há, por exemplo, os que gostam de se chamar Telêmaco; outros, Esténelo; outros, Laerte; outros, Polícrates; outros, Trasímaco, etc. Os nossos plagiários sentem-se

[83] Plagiários eram os que roubavam as crianças e os escravos. A palavra tem, hoje, um sentido análogo, referindo-se aos que roubam idéias alheias.

orgulhosos de fazer reviver esses nomes mortos e adotá-los, mas fariam bem, igualmente, se se chamassem camaleões, abóboras, etc., e, segundo o uso de alguns filósofos, dessem aos seus livros os títulos de *A* ou *B*. É engraçadíssimo ver essas azêmolas incensarem-se entre si nas letras, nas poesias e nos elogios. — Vencestes, Alceu[84] — diz um. — E vós, Calímaco[85] — responde o outro — eclipsastes o orador romano. — E vós superastes o divino Platão. — Às vezes, esses generosos campeões injuriam-se reciprocamente, a fim de aumentarem pela emulação a própria fama. Enquanto isso, o público fica suspenso, sem saber que partido tomar durante a polêmica. Mas, em geral, acontece que os bravos antagonistas fazem prodígios, merecendo ambos os louros da vitória e as honras do triunfo. No entanto, vós sábios, vos rides dessas belas coisinhas e as considerais como verdadeiras loucuras. E quem poderá dizer que não tendes razão? Não podeis mesmo negar que somente eu faço a felicidade dos maus escritores e dos plagiários, que decerto não trocariam os seus triunfos pelos dos Alexandres ou dos Cipiões. Mas acreditarão esses doutos que eu vejo rir tão gostosamente, zombando da loucura alheia, que não me devem também alguma obrigação? Se assim é, fiquem certos de que ou são cegos ou miseravelmente ingratos. Passemos, pois, em revista as profissões dos doutos.

Pretendem os advogados levar a palma sobre todos os eruditos e fazem um grande conceito da sua arte. Ora, para vos ser franca, a sua profissão é, em última análise, um verdadeira tra-

[84] Alceu de Mitilene, um dos maiores poetas líricos da antiguidade. Inimigo figadal de Pítaco, de Periandro e de outros tiranos. Inventor dos versos alcaicos.

[85] Calímaco, célebre poeta grego, nascido em Cirene. Segundo Quintiliano, era ele considerado, entre os gregos, como príncipe dos poetas elegíacos. Catulo imitou-o. Afirmava Calímaco que um grande livro é um grande mal.

balho de Sísifo[86]. Com efeito, eles fazem uma porção de leis que não chegam a conclusão alguma. Que são o digesto, as pandectas, o código? Um amontoado de comentários, de glosas, de citações. Com toda essa mixórdia, fazem crer ao vulgo que, de todas as ciências, a sua é a que requer o mais sublime e laborioso engenho. E, como sempre se acha mais belo o que é mais difícil, resulta que os tolos têm em alto conceito essa ciência.

Podemos unir a esses, com toda a honra, os dialéticos e os sofistas, que fazem mais barulho do que todo o bronze dodônio[87], sendo que cada um deles poderia superar em tagarelice mais de vinte mulheres, mesmo dentre as que costumam distinguir-se pelo falatório. Não obstante, ainda seria de desejar que não tivessem outro defeito a não ser o de falar demais; mas, por desgraça nossa, são sempre discussões de *lana caprina,* e, à força de discutir para sustentar a verdade (como pretendem eles), perdem de vista, o mais das vezes, a própria verdade. Esses eternos discutidores estão sempre contentes consigo mesmos e, armados de três ou quatro silogismos, sempre dispostos a desafiar para a controvérsia quem quer que seja e sobre qualquer argumento. A obstinação serve-lhes de espada invencível, pois não cedem nunca, ainda mesmo que tivessem de medir-se com um Estentor[88].

Seguem-se-lhes, imediatamente, os veneráveis filósofos, respeitáveis pela barba e pela túnica. Gabam-se de ser os únicos sá-

[86] Sísifo, segundo os poetas, foi condenado a fazer rolar uma enorme pedra, sem parar, até ao cume de uma montanha. Mal, porém, chegava ao termo do seu trabalho, a pedra rolava para baixo.

[87] No templo de Dodona, havia um lugar dedicado a Júpiter, no qual se achavam vários vasos dispostos de maneira tal que, ao se bater no primeiro, o som se propagava até ao último, produzindo um barulho insuportável.

[88] Diz Homero que Estentor tinha uma voz tão forte que equivalia à de cinqüenta pessoas falando ao mesmo tempo.

bios e acreditam que todos os outros homens não passem de sombras móveis. Rasguemos esse véu de orgulho e de presunção, e vejamos o que são os filósofos. Não passam, também, de ridículos loucos: quem poderá conter o riso ao ouvi-los sustentar seriamente a infinidade dos mundos? O sol, a lua, as estrelas, todos esses globos são por eles conhecidos tão bem como se os tivessem medido palmo a palmo ou com um fio. Sem duvidar de nada, eles vos dizem a causa do trovão, dos ventos, dos eclipses e de todos os outros mistérios físicos. Na verdade, ao ouvi-los falar com tanta convicção, qualquer os julgaria membros do grande conselho dos deuses ou testemunhas oculares da natureza quando tudo saiu do nada. Mas, a despeito disso, a natureza, essa hábil produtora do universo, parece zombar das suas conjecturas. Basta, com efeito, refletir-se sobre a estranha diversidade dos seus sistemas, para se dever confessar que eles não têm nenhuma idéia segura, pois que, enquanto se gabam de saber tudo, não estão de acordo em nada. Os filósofos nem ao menos se conhecem, porquanto, ao tentarem elevar-se às mais sublimes especulações, caem num buraco com que não contavam e quebram a cabeça contra uma pedra. Estragando a vista na contemplação meticulosa da natureza e com o espírito sempre distante, vangloriam-se de distinguir as idéias, os universais, as formas separadas, as matérias-primas, os *quid,* os *esse,* em suma, todos os objetos que, de tão pequenos, só poderiam distinguir-se, se não me engano, com olhos de lince.

Em nenhuma outra ciência se despreza tanto o vulgo profano como nas matemáticas, que consistem em triângulos, quadrados, círculos e outras figuras geométricas semelhantes, que se sobrepõem umas às outras, confundindo tudo como um labirinto. Por fim, atordoam os idiotas com diversas letras dispostas como um

exército em ordem de batalha e subdivididas em várias companhias.

Mas, não esqueçamos os astrólogos, aos quais o céu serve de biblioteca e os astros servem de livros. Graças a esse estudo, compreendem tudo muito bem e revelam o futuro, predizendo maiores prodígios do que os magos. E o mais bonito é que ainda têm a fortuna de encontrar crédulos.

Talvez fosse melhor não falar dos teólogos, tão delicada é essa matéria e tão grande é o perigo de tocar em semelhante corda. Esses intérpretes das coisas divinas estão sempre prontos a acender-se como a pólvora, têm um olhar terrivelmente severo e, numa palavra, são inimigos muito perigosos. Se acaso incorreis na sua indignação, lançam-se contra vós como ursos furibundos, mordem-vos e não vos largam senão depois de vos terem obrigado a fazer a vossa palinódia com uma série infinita de conclusões; mas, se recusais retratar-vos, condenam-vos logo como hereges. E, mostrando essa cólera, chamando de herege, de ateu, conseguem fazer tremer os que não concordam com eles. Embora não haja ninguém que, tanto como eles, dissimule os meus favores, não é menos verdadeiro que me devem muito. Eis por que impus ao meu amor-próprio favorecê-los mais do que a todos os outros mortais, e de fato são eles os meus maiores prediletos. É por isso que, do alto da sua elevação e à maneira de *tantos* anjos que habitam o terceiro céu, consideram o resto dos homens como outros tantos animais bajuladores e têm piedade deles. Cercados de uma série de magistrais definições, conclusões, corolários, proposições explícitas, em suma, de tudo o que compõe a malícia da escola sacra, usam de tantos subterfúgios que o próprio Vulcano não conseguiria embrulhá-los, mesmo empregando a rede de que se serve para mostrar aos deuses os

seus cornos nascentes. Não há nó que esses senhores não saibam desfazer de um golpe com a mais que tenédia bipene do *distinguo:* bipene formada de todos os novos vocábulos sonoros e empolados que nasceram no seio da sutileza escolástica.

Observemos os nossos oráculos em meio às suas mais sublimes funções; observemo-los, repito, a interpretar a seu talante os ocultos mistérios da salvação e por que motivo foi criado e ordenado o mundo. Trata-se de saber por que canais passou à posteridade a mancha do pecado original? Trata-se da Encarnação e da Eucaristia? Ah! tais mistérios são muito batidos e dignos apenas de teólogos noviços! Eis as questões dignas dos grandes mestres, dos mestres iluminados, como dizem eles, os quais, ao tratar desses argumentos, se agitam e tomam fôlego: — Houve algum instante na geração divina? — Jesus Cristo tem muitas filiações? — É possível esta proposição: — Deus Pai odeia o seu Filho? — Ter-se-ia Deus unido pessoalmente a uma mulher, ao diabo, a um burro, a uma abóbora, a uma pedra? — No caso de Deus se ter unido à natureza de uma abóbora, como fez com a natureza humana, de que maneira essa beata e divina abóbora teria pregado, feito milagres e sido crucificada? — Como teria ela consagrado São Pedro, se este tivesse dito missa quando o corpo de Jesus Cristo estava pregado na cruz? — Poder-se-ia dizer, então, que o Salvador era um verdadeiro homem? — Será permitido comer e beber depois da ressurreição? (Essa dúvida existe no íntimo dos nossos reverendos, que muito satisfeitos ficariam com uma resposta a essa pergunta).

Mas não consiste somente nisso o armazém teológico; há ainda inúmeras outras argúcias, não menos frívolas e sutis do que as supracitadas. Tais são, por exemplo, o instante da geração divina, as noções, as relações, as formalidades, os *quid,* os

ecce, e tantas outras quimeras de natureza semelhante. Duvido que alguém seja capaz de descobri-las, a não ser que tenha uma vista tão penetrante que lhe permita distinguir, através de densas nuvens, objetos inexistentes.

Acrescentemos a tudo isso a sua moral estranha e contraditória, diante da qual são um nada os paradoxos estóicos. Sustentam, por exemplo, que consertar o sapato de um pobre em dia de domingo é um pecado maior do que estrangular mil pessoas; que seria preferível deixar cair o mundo no nada de onde veio a proferir a menor mentira,etc. Além disso, contribuem para sutilizar ainda mais essas sutilíssimas sutilezas todos os diversos subterfúgios dos escolásticos; e assim é que seria menos difícil sair de um labirinto do que desembaraçar-se do embrulho dos realistas, dos noministas, dos tomistas, dos albertistas, dos occanistas, dos escotistas — ai de mim! já me falta a respiração, e, contudo, só citei as principais seitas da escola, não falando de muitíssimas outras. Em todas essas facções, são tantas as erudições e tantas as dificuldades, que, se os próprios apóstolos descessem à terra e fossem obrigados a discutir com os teólogos modernos sobre essas sublimes matérias, sou de opinião que teriam necessidade de um novo espírito totalmente diverso daquele que, em seu tempo, lhes dava a possibilidade de falar. São Paulo tinha fé, mas não deu uma definição da fé bastante magistral quando disse: *A fé é a substância da coisa esperada e o argumento da que não aparece.* No mesmo apóstolo ardia o fogo da caridade, mas ele não se mostrou bom lógico ao omitir a definição e a divisão dessa virtude no capítulo XIII da sua Primeira Epístola aos Coríntios. Os apóstolos consagravam com devoção e com piedade o sacramento da Eucaristia: se tivessem, porém, de explicar como Deus pode passar de um lugar para outro por

meio da consagração; como se dá a *transubstanciação;* como um mesmo corpo pode encontrar-se ao mesmo tempo em vários lugares; que diferença existe entre o corpo de Jesus Cristo no céu, na cruz e na Eucaristia; em que momento se verifica a *transubstanciação,* de vez que a *fórmula sacramental,* como dizem eles, sendo composta de sílabas e de palavras, só pode ser pronunciada sucessivamente — creio eu que, se esses primeiros teólogos do cristianismo tivessem de dirimir tais dificuldades, teriam necessidade da agudeza dos escotistas, que são verdadeiros Mercúrios na arte de argumentar e definir. Tiveram os apóstolos, é verdade, a sorte de conviver com a mãe de Jesus, mas nenhum deles a conheceu tão bem como os nossos teólogos, que provaram geometricamente ter sido a Virgem fecunda preservada da mancha do pecado original. São Pedro recebeu as chaves das próprias mãos do Homem-Deus, sendo de supor-se que este não tivesse tido a intenção de colocá-las em más mãos; mas, não sei se o beato pescador conhecia bem o significado daquelas místicas chaves. Nós, porém, sabemos, com certeza, que ele nunca perguntou a Deus, seu mestre, como poderia um grosseiro e ignorante pescador ter as chaves da ciência. Os apóstolos batizavam continuamente mas apesar disso nunca ensinaram a causa formal, material, eficiente e final do batismo, nem fizeram menção do caráter delével e indelével do mesmo. Esses fundadores da religião cristã adoravam a Deus, mas a sua adoração apoiava-se neste princípio fundamental do Evangelho: *Deus é um espírito puro e é preciso adorá-lo em espírito e verdade.* Parece, igualmente, não ter sido revelado aos apóstolos que o culto, nas escolas chamado *latria,* possa prestar-se tanto a Jesus Cristo em pessoa como às suas imagens rabiscadas na parede com carvão, bastando que representem o Filho de Deus dando a

bênção com os dois dedos, índice e médio, da mão direita levantada, e com a cabeça ornada por uma longa cabeleira e um tríplice círculo de raios. Mas como poderiam os apóstolos possuir tão grande e salutar erudição? Eles não encaneceram no fatigante estudo das ciências físicas e metafísicas de Aristóteles e dos escotistas. Os apóstolos costumam falar da graça, mas não distinguem a *graça gratuita* da *graça gratificante;* exortam às boas obras, mas não distinguem a *obra operante* da *obra operada;* inculcam a caridade, mas não separam a *infusa* da *adquirida,* além de não explicarem se essa amável e divina virtude é *substância* ou *acidente, criada* ou *incriada;* detestam o pecado, mas eu quisera morrer se eles já foram capazes de definir cientificamente o que chamamos de pecado, a não ser que tenham sido inspirados pelo espírito dos escotistas. Se São Paulo, pelo qual devemos julgar todos os outros apóstolos, tivesse tido uma boa teoria do pecado, teria ele condenado com tanta insistência as polêmicas, as contendas, as querelas, as discussões em torno de palavras? Digamos, pois, com franqueza, que São Paulo não conhecia as argúcias e as qualidades espirituais que distinguem os modernos, tanto mais quanto as controvérsias surgidas na primitiva Igreja não passavam de pueris mesquinharias diante do refinamento dos nossos mestres, que, em matéria de sutileza, ultrapassaram de muito o próprio sofista Crisipo[89]. — Façamos, porém, justiça à sua modéstia, pois não condenam o que os apóstolos escreveram com pouco acerto e precisão, mas se limitam a interpretá-lo de modo favorável, para usar de certa consideração para com a venerável antiguidade e para com o apostolado. Não seria, aliás, razoável pretender que os apóstolos

[89] Crisipo foi discípulo de Cleanto, sucedendo-lhe como orientador da escola dos estóicos.

tratassem dessas difíceis matérias, quando o seu divino mestre nunca lhes disse uma palavra a respeito.

Já não têm a mesma consideração para com os Crisóstomos, os Basílios, os Jerônimos, os Padres da Igreja, não encontrando dificuldade em pôr em certas passagens de suas obras: *Isto não foi recebido*. É preciso considerar que esses antigos doutores deviam refutar os filósofos pagãos e, naturalmente, os obstinadíssimos judeus: faziam-no, porém, mais pelo exemplo e pelos milagres do que com argumentos, tanto mais quanto os primitivos inimigos do cristianismo eram de gênio tão limitado que nunca poderiam conceber um único princípio de Escoto. Mas, adiantem-se agora, se quiserem; e os incrédulos, os pagãos, os judeus, os hereges, todos, sem exceção, deverão converter-se e ceder à força das ínfimas sutilezas dos teólogos modernos. É preciso ser estúpido ou impudente para não conhecer o valor das suas argúcias ou desprezá-las. Acho prudente aconselhar a rendição ao primeiro assalto ou a aceitação do desafio quando houver igualdade de armas. Mas, nesse caso, seria o mesmo que lançar um mago contra um mago, ou empregar uma espada encantada contra outra espada encantada. Seria, em suma, o mesmo que tecer o pano de Penélope[90].

A propósito de combate, parece-me que os cristãos deveriam mudar as suas tropas na guerra movida contra os infiéis. Se em lugar da grosseira e material soldadesca, que há tanto tempo empregam inutilmente nas cruzadas, expedissem, contra os turcos e os sarracenos, os clamorosos escotistas, os obstinados occamistas,os invencíveis albertistas e toda a milícia dos sofistas, quem poderia resistir ao assalto dessas tropas coligadas?

[90] Segundo Homero, Penélope desmanchava à noite o pano tecido de dia, a fim de frustrar as esperanças dos Proces na ausência de Ulisses. Penélope prometera aos Proces que se casaria logo que o pano estivesse terminado.

Bem ridícula seria, a meu ver, uma tal batalha, e inteiramente nova a vitória. Quem seria tão frio ao ponto de não acender-se ao fogo das disputas? Quem seria tão poltrão ao ponto de não acorrer aos golpes dessas esporas? Quem pode gabar-se de ter tão boa vista que não se perturbe com o esplendor dessas sutilezas?

Pensais que eu esteja brincando? Não vos iludais. Um tal exército seria ainda menos numeroso do que se supõe, porque, entre os próprios teólogos, existem homens de uma doutrina sólida e judiciosa, aos quais causam náuseas essas frívolas e impertinentes argúcias, e os há ainda de uma consciência tão reta que experimentam por elas horror, como que por uma espécie de sacrilégio. — Que horrível heresia! — exclamam eles. — Em lugar de adorarem a impenetrável obscuridade dos nossos mistérios (que justamente por isso são mistérios), pretendem explicá-los. E de que maneira? Com uma linguagem imunda e argumentos não menos profanos que os do gentios. Arrogam-se insolentemente o direito de definir e discutir verdades incompreensíveis, profanando assim a majestade da teologia com as palavras e sentenças mais insulsas e triviais.

No entanto, esses insignificantes faladores envaidecem-se com sua vazia erudição e experimentam tanto prazer em ocupar-se dia e noite com essas suavíssimas nênias que nem tempo lhes sobra para ler ao menos uma vez o Evangelho e as cartas de São Paulo. E o mais bonito é que, enquanto assim cacarejam em suas escolas, imaginam-se os defensores da Igreja, que cairia na certa, se cessassem um momento de sustentá-la com a força dos seus silogismos, exatamente como Atlante, segundo os poetas, sustenta o céu com as costas.

Contam ainda os nossos discutidores com outro grande moti-

vo de felicidade. As Escrituras são, em suas mãos, como um pedaço de cera, pois costumam dar-lhes a forma e o significado que mais correspondam ao seu gênio. Pretendem que as suas decisões acerca das Sagradas Escrituras, uma vez aceitas por alguns outros escolásticos, devam ser mais respeitadas do que as leis de Sólon e antepostas aos decretos dos papas. Erigem-se em censores do mundo e, se alguém se afasta um pouquinho das suas conclusões, diretas ou indiretas, obrigam-no logo a se retratar, sentenciando como oráculos: *Essa proposição é escandalosa, esta aqui é temerária, aquela cheira à heresia, aquela outra soa mal.* Dessa forma, nem o Evangelho, nem o batismo, nem Paulo, nem Pedro, nem Jerônimo, nem Agostinho, nem o próprio Tomás de Aquino, embora aristotélico fanático, saberiam fazer um ortodoxo sem o beneplácito desses bacharéis, tão necessária é a sua sutileza para bem decidir da ortodoxia. Quem teria suspeitado que não fosse cristão alguém que sustentasse serem igualmente boas as duas proposições: *Sócrates, corres* e *Sócrates corre,* se os teólogos de Oxford não tivessem querido fazer sabê-lo, fulminando as duas proposições condenáveis? Como se teria purgado a Igreja de tantos erros, se não tivesse podido distingui-los antes de ter sido aplicado o grande sigilo da universidade às proposições condenadas?

Não considerareis felicíssimas essas pessoas? Mas prossigamos ainda um pouco. Quantas lindas lorotas não vão esses doutores impingindo a respeito do inferno? Conhecem tão bem todos os seus apartamentos, falam com tanta franqueza da natureza e dos vários graus do fogo eterno, e das diversas incumbências dos demônios, discorrem, finalmente, com tanta precisão sobre a república dos danados, que parecem já ter sido cidadãos da mesma durante muitos anos. Além disso, quando julgam

conveniente, não se poupam ao trabalho de criar ainda novos mundos, como o mostraram formando o décimo céu, por eles denominado *empíreo* e fabricado expressamente para os beatos, sendo mais do que justo que as almas glorificadas tivessem uma vasta e deliciosa morada para aí gozarem de todo o conforto, divertindo-se juntas e até jogando a péla quando tivessem vontade.

Os nossos finos pensadores têm a cabeça tão cheia, tão agitada por essas bobagens, que decerto não estava mais cheia a cabeça de Júpiter quando, ao querer parir Minerva, implorou o socorro do machado de Vulcano. Não vos admireis, pois, ao vê-los aparecer nas defesas públicas com a cabeça cuidadosamente cingida com tantas faixas, pois não fazem senão procurar impedir, por meio desses respeitáveis liames, que ela arrebente de todos os lados em virtude da porção de ciência de que o seu cérebro se acha sobrecarregado. Não posso deixar de rir (podeis, agora, ver se não se trata de um grande argumento, pois que a Loucura raramente ri), não posso deixar de rir ao escutar essas célebres personagens, que nem sequer falam, mas balbuciam. Só se reputam teólogos quando perfeitos senhores de sua bárbara e porca linguagem, que só pode ser entendida pelos da arte; gabam-se disso, chamando-lhe *agudeza* e dizendo com arrogância que não falam para o vulgo profano; e acrescentam que a dignidade das santas escrituras não permite subordiná-las às regras gramaticais. Admiremos a majestade dos teólogos! Somente a eles é permitido falar incorretamente e, quando muito, se concede que o vulgo lhes dispute essa prerrogativa. Finalmente, os teólogos se colocam imediatamente depois dos deuses e quando, por uma espécie de religiosa veneração, se ouvem chamar *nossos mestres,* imaginam ver nesse título alguma coisa daquele

inefável nome composto de seis letras e tão adorado pelos judeus. Nessa presunção, querem que se escreva MESTRE NOSSO, com letras maiúsculas, sendo esse título tão misterioso que, se em latim se modificasse a ordem das duas palavras e se pusesse o *Nosso* antes do *Mestre,* tudo estaria perdido, ou pelo menos sofreria um grande vexame a majestade do nome teológico.

Depois desses, segue-se imediatamente a espécie melhor do gênero animal, isto é, os que vulgarmente se chamam *monges* ou *religiosos*. Seria, porém, abusar grosseiramente dos termos chamá-los, ainda hoje, por tais nomes. Com efeito, por via de regra, não há pessoas mais irreligiosas do que essas e, como a palavra *monge* significa *solitário,* parece-me não se poder aplicá-la mais ironicamente às pessoas que se encontram em toda parte, acotovelando-se a cada passo. Sem o meu socorro, que seria desses pobres porcos dos deuses? São de tal forma odiados que, quando por acaso são vistos, costuma-se tomá-los por aves de mau agouro. Isso não impede que cuidem escrupulosamente da sua conservação e se considerem personagens de alta importância. A sua principal devoção consiste em não fazer nada, chegando ao ponto de nem ler. Sem dar-se ao trabalho de entender os salmos, já se julgam demasiado doutos quando lhes conhecem o número, e, quando os cantam em coro, imaginam enlevar o céu com a asnática melodia. Entre esse variegado rebanho, alguns se encontram que se gabam da própria imundície e da própria mendicidade, indo de casa em casa esmolar, mas com uma fisionomia tão descarada que parecem mais exigir um crédito do que pedir a esmola. Albergues, botequins, carros, diligências, todos, em suma, são por eles importunados, com grande prejuízo dos verdadeiros necessitados. É dessa forma que pretendem ser,

como dizem eles, os nossos apóstolos, com toda a sua imundície, toda a sua ignorância, toda a sua grosseria, todo o seu descaramento. Nada mais ridículo do que a ordem exata e precisa que observam em todos os seus atos: tudo é feito por eles a compasso e à medida. Os sapatos devem ter tantos nós, o cíngulo deve ser de tal cor, a roupa composta de tantas peças, a cinta de tal qualidade e de tal largura, o hábito de tal forma e de tal tamanho, a coroinha de tantas polegadas de diâmetro. Além disso, devem comer, a tal hora, tal qualidade e tal quantidade de alimento, dormir somente tantas horas, etc. Ora, todos podem compreender muito claramente que é impossível conciliar tão precisa uniformidade com a infinita variedade de opiniões e de temperamentos. Pois é nessa metódica exterioridade que os monges encontram argumento para desprezar os que eles chamam de *seculares*. Muitas vezes, dá causa a sérias contendas entre as diferentes ordens, a ponto de essas santas almas que se vangloriam de professar a caridade apostólica se destruírem mutuamente. E por quê? Por causa de um cíngulo diverso ou da cor mais carregada da roupa.

Alguns desses *reverendos* mostram, contudo, o hábito de penitência, mas evitam que se veja a finíssima camisa que trazem por baixo; outros, ao contrário, trazem externamente a camisa, e a roupa de lã sobre a pele. Os mais ridículos, a meu ver, são os que se horrorizam ao verem dinheiro, como se se tratasse de uma serpente, mas não dispensam o vinho nem as mulheres. Não podeis, enfim, imaginar quanto se esforçam por se distinguirem em tudo uns dos outros. Imitar Jesus Cristo? É o último dos seus pensamentos. Muito se ofenderiam se lhes dissésseis que obtiveram isto ou mais aquilo deste ou daquele instituto. Julgais que a enorme variedade de sobrenomes e de títulos não deleite muito

os seus ouvidos? Há os que se gabam de chamar-se *franciscanos,* tronco que se subdivide nos seguintes ramos: os *reformados,* os *menores observantes,* os *mínimos,* os *capuchinhos;* outros se dizem *beneditinos;* estes se chamam *bernardinos* e aqueles, de *Santa Brígida;* outros são de *Santo Agostinho;* estes se denominam *guilherminos* e aqueles, *jacobitas,* etc. Como se não lhes bastasse o nome de *cristãos.* Quase todos confiam tanto em certas cerimônias e em certas tradiçõezinhas humanas, que um só paraíso lhes parece um prêmio muito modesto para os seus méritos. No entanto, Jesus Cristo, desprezando todas essas macaquices, só julgará os homens pela caridade, que é o primeiro dos seus mandamentos. Em vão, tremendo no dia do juízo final, apresentarão eles a Deus um corpo bem nutrido por tudo quanto é peixe; em vão lhe oferecerão o canto dos salmos e os inúmeros jejuns; em vão sustentarão que arruinaram a barriga com uma única refeição; em vão produzirão uma porção de práticas fradescas, capazes de carregar pelo menos sete navios; em vão se gabará este de ter passado sessenta anos sem tocar em dinheiro, a não ser com dois dedos muito sujos; em vão mostrará aquele o seu hábito tão sórdido que até um barqueiro se recusaria a vesti-lo; em vão se gabará outro de ter vivido cinqüenta e cinco anos sempre encerrado em seu claustro, como uma esponja; em vão aquele fará ver que perdeu a voz de tanto cantar, e este, que a longa solidão lhe perturbou o cérebro; em vão dirá um outro que o perpétuo silêncio entorpeceu-lhe a língua. Interrompendo todas essas gabolices (pois do contrário seria um nunca mais acabar), Jesus Cristo dirá: — De que país vem essa nova raça de judeus? Pois não dei aos homens uma lei única? Sim, e somente essa eu reconheço como verdadeiramente minha. E esses malandros não dizem sequer uma palavra a respeito?

Abertamente e sem parábolas, eu prometi, outrora, a herança do meu Pai, não às túnicas, nem às oraçõezinhas, nem à inédia, mas à observância da caridade. Não, não reconheço pessoas que apreciam demais as suas pretensas obras meritórias e querem parecer mais santas do que eu próprio. Procurem, se quiserem, um céu à parte. Mandem construir um paraíso por aqueles cujas frívolas tradições eles preferiram à santidade dos meus preceitos. — Qual não será a consternação de todos eles, ao ouvirem tão terrível sentença e ao verem que se lhes antepõem os barqueiros e os carroceiros? No entanto, a despeito de tudo isso, são sempre felizes com suas vãs esperanças, o que, em substância, não é senão o efeito da minha bondade para com eles.

Não posso deixar de vos dar, aqui, um conselho salutar: nunca desprezeis essa vaga geração bastarda (os mendigos, sobretudo), embora ela viva separada da república. É que os frades, por meio do canal que se chama a *confissão,* estão a par de todos os mais íntimos segredos das pessoas. Não se pode dizer que ignorem ser um delito capital a revelação das coisas ouvidas no tribunal da penitência. Isso, porém, não impede que o façam em diversas circunstâncias, sobretudo quando, alegres e esquentados pelo vinho, querem divertir-se contando histórias engraçadas. É verdade que, para isso, usam das maiores cautelas, pois em geral não citam os nomes das pessoas. Desgraçado daquele que irritar esses zangãos da sociedade! A vingança vem pronta como um raio do céu. Subitamente, no primeiro discurso ao povo, lançam os seus dardos contra o inimigo, tão bem pintado pelo padre pregador com suas caridosas invectivas que seria preciso ser cego para não saber a quem visam atingir. E o mastim só deixará de ladrar quando, a exemplo do que fez Enéias com o Cérbero, lhe taparem a boca com fogaças. Já que falamos desses

bons apóstolos no púlpito, dizei-me se não é verdade que abandonaríeis qualquer charlatão, qualquer saltimbanco, para ouvir os seus ridículos discursos. Bem poderiam eles chamar-se, com toda a honra, os macacos dos retóricos, tal é o prazer que experimentam ao imitar as regras estabelecidas pelos retóricos sobre a arte de falar. Santo Deus! observai como gesticulam, como são mestres em modular a voz, como cantam, como se remexem, como ficam senhores do assunto, como fazem retumbar toda a igreja com os seus socos e os seus berros. É no silêncio do claustro que eles apreendem essa veemente maneira de evangelizar, que passa de um fradeco a outro como um segredo de suma importância. Sendo eu apenas uma divina mulherzinha, não me é lícito iniciar-me em tão profundos mistérios, mas não quero deixar de vos dizer o que tenho podido anotar por bom preço.

Principiam sempre as suas mixórdias com uma invocação tomada de empréstimo aos poetas, e fazem um exórdio sem relação alguma com o assunto que devem abordar. Devem, por exemplo, pregar a caridade? Começam pelo rio Nilo. Devem pregar sobre o mistério da cruz? Começam pelo Belo, o fabuloso dragão da Babilônia[91]. Devem pregar o jejum quaresmal? Começam pelas doze constelações do zodíaco. Devem pregar a fé? Começam pela quadratura do círculo. E assim por diante. Eu mesma, que vos falo, já ouvi uma vez um desses pregadores, homem de uma loucura consumada (perdoai-me, atrapalho-me sempre, queria dizer de uma doutrina consumada).

Esse homem devia explicar o impenetrável mistério da Trin-

[91] Belo, dragão de Babilônia, cuja história, segundo se supõe, foi introduzida nos escritos de Daniel por um certo Teodósio. Com efeito, o texto hebraico não faz a respeito nenhuma referência.

dade, mas, para patentear a sublimidade do seu engenho e para contentar os ouvidos dos teólogos, não quis seguir o caminho habitual. E que estrada tomou? Era mesmo preciso um homem da sua envergadura para fazer a escolha. Começou o discurso pelo alfabeto e, depois de ter, com prodigiosa memória, recitado exatamente o ABC passou das letras às sílabas, das sílabas às palavras, das palavras à concordância do sujeito com o verbo e do substantivo com o adjetivo. Enquanto isso, todo o auditório estava suspenso e não poucos perguntavam, com Horácio, qual poderia ser o objetivo de tantas frioleiras. Mas o padre pregador tirou logo a dúvida dos ouvintes mostrando que os elementos da gramática eram o símbolo e a imagem da sacrossanta Trindade. E o mostrou com evidência igual à que mal poderia conseguir um geômetra nas suas demonstrações. É preciso confessar, aliás, que essa demonstração de sublime eloqüência custara uma imensa fadiga ao nosso *non plus ultra* dos teólogos, pois empregou em sua tarefa nada menos de oito bons meses. O pobre homem, porém, ressentiu-se, e os extraordinários esforços feitos por tão bela obra-prima tornaram-no mais cego do que uma toupeira, consumida que foi por seu espírito toda a agudeza da vista. Mas, quem o diria? Muito pouco é o seu desgosto por ter perdido a vista, e até lhe parece ter adquirido a glória por bom preço.

Tive ainda o prazer de escutar outro pregador da mesma têmpera. Era um venerável *teólogo* de oitenta anos, mas tão corrompido na teologia que todos o teriam tomado pelo próprio Escoto ressuscitado. O bom velho subira ao púlpito para explicar o adorável mistério do Santíssimo Nome de Jesus.

Ah! saiu-se às maravilhas! Demonstrou o orador, mas com uma sutileza imperceptível, que tudo quanto se podia dizer para glorificar o Salvador, tudo se achava nas letras componentes do

seu augustíssimo nome. Sabeis todos, senhores, a língua latina? Se houver alguém que não a saiba, poderá dormir um pouquinho. Em primeiro lugar, fez observar o velho catedrático que o substantivo *Jesus* só tem em sua declinação três casos diferentes: o nominativo, o acusativo e o ablativo. Rara e curiosa doutrina! Como lamento a ignorância dos que não podem saboreá-la! Mas que significam esses três casos? E isso é coisa que se pergunte? Pois não se vêem neles, claramente expressas, as três divinas pessoas da mesma natureza? Mas ainda há outra coisa! O primeiro desses três casos, refleti bem, termina em *s, Jesus;* o segundo em *m, Jesum;* e o terceiro em *u, Jesu.* Grande mistério, meus irmãos! Essas três letras finais significam que o Salvador é ao mesmo tempo o *Sumo,* o *Médio* e o *Último.* Restava, porém, resolver uma dificuldade mais espinhosa que todos os problemas de matemática e, não obstante, ele o conseguiu de forma surpreendente. O velho bajoujo teve a felicidade de separar o vocábulo *Jesus* em duas partes iguais: *Je-su.* Mas, que faremos daquele *s,* que, tendo perdido o companheiro, está surpreso de se achar sozinho? Um pouco de paciência e logo repararemos o mal. Os hebreus, em lugar de *s,* pronunciam *syn:* ora, em bom escocês, *syn* quer dizer pecado. Pois bem! — exclamou o pregador — quem será tão incrédulo ao ponto de negar que o Salvador *tirou os pecados do mundo?*

Com essa explicação tão profunda quanto imprevista, todos os ouvintes, sobretudo os teólogos, foram tomados de tal surpresa que pareciam novas Níobes[92], e eu me pus a rir com tanta

[92] Níobe, irmã de Penélope e mulher de Anfião, rei de Tebas. Orgulhosa de sua fecundidade, pois tinha sete filhos homens e outras tantas mulheres, considerou-se superior a Latona que tinha somente dois: Apolo e Diana. Em virtude desse fato, Apolo e Diana mataram com suas setas todos os filhos de Níobe, os quais ficaram nove dias insepultos no próprio sangue. A dor de Níobe foi tão profunda que ela se transformou num rochedo.

força que pouco faltou para que me sucedesse o mesmo inconveniente que ao irrequieto Príapo, quando teve a curiosidade, que lhe custou caro, de espiar os mistérios noturnos de Canídia e Ságana[93]. Com efeito quando foi que os oradores gregos e romanos já se serviram, em suas orações, de uma introdução tão desesperada? Esses grandes homens julgavam vicioso o exórdio que não tivesse relação alguma com o assunto. A natureza ensinou tão bem aos homens esse método, que até um tratador de porcos, ao precisar contar alguma história, não começará decerto com uma coisa estranha, mas entrará imediatamente no assunto. Os nossos doutíssimos frades, ao contrário, acreditariam passar por maus retóricos se o preâmbulo, como dizem eles, tivesse a menor conexão com o resto do argumento, não pondo os ouvintes na necessidade de perguntar: *Aonde irá ele chegar por esse caminho?*

Em terceiro lugar, propõem, em forma de narração, algum trecho do Evangelho, mas superficialmente e de fugida, e, se bem que devesse ser esse o seu principal dever, eles o tratam de passagem, quase que incidentalmente. Em quarto lugar, como se representassem uma nova personagem, levantam uma questão teológica, que embora não se coadune muito com o assunto, é por eles julgada tão necessária que lhes pareceria um pecado contra a arte a não inclusão dessa digressão. É nessas passagens que os nossos pregadores franzem soberbamente as teológicas sobrancelhas e atordoam os ouvidos do auditório com magníficos epítetos dedicados aos seus doutores: *solenes, sutis, sutilíssimos, seráficos, santos, irrefragáveis,* etc., etc. É também nessas

[93] Conta Horácio que, tendo Priapo assistido, uma vez, às cerimônias noturnas de Canídia e de Ságana, que invocavam as Fúrias e as Sombras num jardim, teve tal surpresa que deixou escapar um formidável peido. As duas bruxas, assustando-se com o barulho, interromperam a feitiçaria e saíram a correr a toda pressa.

passagens que, como uma saraivada, descarregam uma tempestade de silogismos, de maiores, de menores, de conseqüências, de corolários, de suposições; e, como bons intrujões, impingem essas insípidas e insolentes bagatelas da sua escola a uma multidão de ignorantes.

Eis-nos chegados, afinal, ao quinto ato da comédia, no qual, mais do que nunca, é mister que se mostrem valentes na arte. Desentranham então do armazém da sua memória alguma estranha e portentosa fabulazinha, provavelmente tirada do espelho da história ou dos feitos romanos, e a vão remendando e interpretando no sentido *alegórico, tropológico, anagógico,* até que, dessa maneira, terminam o discurso, o qual, com muita propriedade, pela surpreendente variedade de suas partes, se poderia chamar, com Horácio, de verdadeiramente monstruoso.

Façamos, agora, em conjunto, o exame dos seus sermões. Os nossos reverendos aprenderam, não sei dizer de quem, que a introdução do discurso deve ser feita devagar e em voz baixa. Em virtude dessa regra, falam tão baixinho no exórdio que sou capaz de apostar que nem mesmo eles ouvem o que dizem, como se se dispusessem a falar para não serem entendidos por ninguém. Além disso, ouviram dizer que, para despertar as emoções, o orador deve empregar, de vez em quando, a veemência da exclamação. E assim é que, como fiéis, mas maus observadores desse preceito, quando todos os julgam muito tranqüilos, eles, de repente e sem nenhuma razão, começam a gritar como verdadeiros maníacos. É com toda a sinceridade que vos digo que, ao se mostrarem assim mais doidos do que pregadores, bem se poderia prescrever-lhes uma boa dose de heléboro, pois bem se pode considerar louco aquele que grita por gritar. Ao mesmo tempo, convencidos de que o orador deve animar-se com o

desenvolvimento do discurso, dizem pausadamente os primeiros períodos de cada parte, mas, logo depois, sempre sem haver razão para isso, levantam a voz com tanta força que, ao terminarem, a impressão é de que vão desmaiar. Finalmente, sabendo que as regras da retórica prescrevem que, de vez em quando, se despertem os ouvintes com alguma engraçada pilhéria, esforçam-se os nossos pregadores por motejar, mas — santo Deus! — como o conseguem maravilhosamente! Fazem justamente como o burro da fábula, ao querer tocar a lira.

Às vezes, esses cães da Igreja também sabem morder, mas sem fazer mal, porque mais parecem beliscar do que ferir. Ao afetarem uma grande liberdade apostólica, lançando-se contra os vícios e os maus costumes, é justamente quando revelam maior adulação. Pregam como os charlatães, e juraríeis que, embora conheçam muito mais que os frades o coração humano, com estes é que aprenderam a sua arte. Com efeito, é tal a semelhança das suas declamações que de duas uma: ou os charlatães aprenderam retórica com os nossos pregadores, ou os nossos pregadores estudaram eloqüência com os charlatães.

Apesar de tudo, nunca faltam os ouvintes, e eu mesma tenho cuidado de me incluir entre eles. Há até alguns que os admiram como se fossem Cíceros ou Demóstenes. Os que mais concorrem para ouvi-los são as mulheres e os negociantes, cujo afeto os bons pregadores procuram conquistar. Os negociantes, vendo-se adulados e justificados, prestam-lhes de bom grado uma porção de benefícios imerecidos, pois encaram tais donativos como uma espécie de restituição. Quanto às mulheres, têm elas vários motivos secretos para amar os religiosos, quando mais não fosse por encontrarem neles um bálsamo e um consolo contra os desgostos e o enjôo do laço conjugal.

Parece que já demonstrei suficientemente quanto me devem essas cabeças encapuzadas que, com vãs devoções, com cerimônias ridículas, com berros e ameaças, exercem sobre o povo uma particular tirania, na ânsia de serem comparados aos Paulos e aos Antônios. Mas percebo que já falei muito sobre esses cômicos ingratos, que sabem tão bem dissimular os meus favores como fingir-se sinceramente religiosos. Deixo-os, pois, com muito prazer.

Já é tempo de dizer alguma coisa sobre os príncipes e os grandes, que são justamente o oposto dos velhacos e impostores de que acabei de falar, pois me prestam o seu culto sem nenhuma reserva e com a franqueza própria do seu estado. Se esses felizes semideuses tivessem na cachola meia onça apenas de cérebro, que haveria no mundo de mais triste e miserável que a sua condição? Quem quer que se desse ao trabalho de refletir atentamente sobre os deveres de um bom monarca, bem longe de querer usurpar uma coroa com o falso juramento, o parricídio, o liberticídio, em suma, com os mais execrandos delitos, tremeria ante o aspecto de um cargo tão enorme. Com efeito, observemos em que consistem as obrigações de um homem que é posto à testa de uma nação. Deve dedicar-se dia e noite ao bem público e nunca ao seu interesse privado; pensar exclusivamente no que é vantajoso para o povo; ser o primeiro a observar as leis de que é autor e depositário, sem desviar-se nunca de nenhuma delas; observar, com firmeza e com os próprios olhos, a integridade dos secretários e dos magistrados; ter sempre presente que todos têm os olhares fixos na sua conduta pública e privada, podendo ele, à maneira de um astro salutar, influir beneficamente sobre as coisas humanas, ou, como um infausto cometa, causar as maiores desolações. Não deve esquecer-se nunca de que os vícios e os

delitos dos súditos são infinitamente menos contagiosos que os do senhor, e repetir diariamente, a si mesmo, que o príncipe se acha numa elevação, razão por que, quando dá maus exemplos, a sua conduta é uma peste que se comunica rapidamente, fazendo enormes estragos; refletir que a fortuna de um monarca o expõe continuamente ao perigo de abandonar o justo caminho; resistir aos prazeres, à impureza, à adulação, ao luxo, pois nunca estará suficientemente preparado para reprimir tudo o que pode seduzi-lo. Deve, finalmente, conservar sempre na memória que, além das insídias, dos ódios, dos temores, de todos os males a que o príncipe se acha exposto a cada momento por parte dos seus súditos, deverá ele, mais cedo ou mais tarde, apresentar-se perante o tribunal do Rei dos reis, no qual lhe serão pedidas contas exatas de todos os seus menores atos, sendo ele julgado com rigor proporcional à extensão do seu domínio. Repito, pois, mais uma vez, que, se um príncipe refletisse bem sobre tudo isso, como o teria feito se fosse um pouquinho sábio, decerto não poderia comer nem dormir tranqüilamente um só dia em sua vida. Mas não vos arreceeis, pois consegui um remédio para isso. Com o favor da minha inspiração, os príncipes descansam tranqüilos sobre o seu destino e sobre os seus ministros, vivendo na ociosidade e só mantendo relações com pessoas que possam contribuir para diverti-los de qualquer aflição ou aborrecimento. Acham eles que cumprem bastante os deveres de um bom rei divertindo-se diariamente nas caçadas, possuindo belíssimos cavalos, vendendo em benefício próprio os cargos e os empregos, servindo-se de expedientes pecuniários para devorar as energias do povo e engordar à custa do sangue dos escravos. Não se pode negar que usem de cautela na aplicação dos impostos, pois alegam sempre títulos de necessidade, pretextos de urgência, e,

embora essas exações não passem no fundo de mera ladroeira, esforçam-se, todavia, por encobri-las com o véu do interesse público, da justiça e da eqüidade. Dirigem ao povo belas palavras, chamando de *bons, fiéis, afeiçoadíssimos* os seus súditos, e, enquanto furtam com uma das mãos, acariciam com a outra, prevenindo assim os seus lamentos e acostumando-os, aos poucos, a suportar o jugo da tirania. Dito isso, quero fazer uma suposição: imaginai no trono (coisa que, aliás, acontece freqüentemente), imaginai no trono, dizia eu, um homem ignorante das leis, quase inimigo do bem público, que só tem em mira o seu interesse pessoal, escravo dos prazeres, menosprezador das ciências, que despreza a verdade, que não pode escutar uma linguagem sincera, que tem a felicidade dos escravos como o último dos prazeres, que não segue senão suas paixões, que mede cada coisa pela própria utilidade. Colocai nesse homem a gargantilha de ouro, ornamento que significa o complexo e a união de todas as virtudes; colocai-lhe na cabeça a coroa enriquecida de pedras preciosas, o que o adverte de estar na obrigação de superar todos os outros em toda sorte de heróicas virtudes; ponde-lhe o cetro na mão, cetro que é o símbolo da justiça e de uma alma perfeitamente incorrutível; vesti-o, finalmente, com a minha púrpura, que denota um vivo amor ao povo e um ardentíssimo zelo por sua felicidade. Sou de parecer que, se esse monarca comparasse os seus ornamentos reais com a sua viciosa conduta, não poderia deixar de sentir vergonha e rubor, e estou convencida de que teria bastante receio de ser posto a ridículo, com os seus simbólicos enfeites, por algum lépido e sensato glosador.

Passemos, agora, aos grandes da corte. Não há escravidão mais vil, mais repulsiva, mais desprezível do que aquela a que se submete essa ridícula espécie de homens, que, não obstante, cos-

tuma ganhar para si, de alto a baixo, o resto dos mortais. Convenhamos, porém, que são modestíssimos num único ponto: é que, satisfeitos de possuir o ouro, as pedras, a púrpura e todos os outros símbolos da sabedoria e da virtude, cedem facilmente aos outros o cuidado da sabedoria e da virtude. Para eles, a maior felicidade consiste em ter a honra de falar ao rei, de chamá-lo de Senhor e Mestre absoluto, de fazer-lhe um breve e estudado cumprimento, de poder prodigalizar-lhe os títulos faustosos de Vossa Majestade, Vossa Alteza Real, Vossa Serenidade, etc., etc. Toda a habilidade dos cortesãos consiste em trajar-se com propriedade e magnificência, em andar sempre bem perfumados e, sobretudo, em saber adular com delicadeza. Quanto ao espírito e aos costumes, são verdadeiros Feácios[94], verdadeiros amantes de Penélope; a esse respeito, sabeis o que diz Homero[95], e, melhor do que eu, vo-lo repetirá a ninfa Eco. O vil escravo do monarca, quando não deva fazer a corte ao senhor (pois nesse caso se levantaria ao primeiro canto do galo), costuma dormir até ao meio-dia, e, mal desperta, o mercenário capelão, que já esperava por esse momento, resmunga-lhe às pressas uma missa. Em seguida, passa a cuidar do almoço, e daí a pouco, do jantar, ao qual sucedem imediatamente os jogos de dados e de xadrez, os bobos, as cortesãs, os divertimentos inconvenientes e todos os outros prazeres chamados passatempos. Esses devotos exercícios não se fazem sem uma ou duas merendas; depois, vem a ceia, e se passa a noite no meio das garrafas. E assim, sem pensar que se nasce para morrer, a vida passa rapidamente. As

[94] Os Feácios, segundo Homero, eram tão estúpidos e materiais que Ulisses conseguia deles tudo o que queria.

[95] Homero descreve os amantes de Penélope como homens que só se preocupavam com os prazeres do amor e que, depois de comer e beber à grande, só pensavam em cantar e em dançar.

horas, os dias, os meses, os anos, os lustros transcorrem para eles sem nenhum aborrecimento, como um relâmpago. Tenho a impressão de sair de um banquete, ao vê-los gabarem-se de suas ridicularias. Aquela ninfa se julga mais próxima dos deuses, por arrastar atrás de si uma cauda mais longa do que as outras; esse fidalgo, por ter recebido do príncipe uma cotovelada no estômago, ao tentar penetrar na multidão, fica satisfeito e acredita haver menor distância entre ele e o soberano; aquele cortesão pavoneia-se com a corrente de ouro que lhe pende do pescoço, por ser muito mais pesada que a dos outros e servir, assim, não só para mostrar opulência como também sua robustez de carregador.

A vida dos príncipes e dos fidalgos leva-me, naturalmente, a falar também da dos papas, cardeais e bispos. Faz tanto tempo que essa sagrada gente, com surpreendente emulação, imita os reis e os sátrapas, que não tenho dúvida alguma em dizer que chegou a superá-los. Imaginai, agora, que um bispo, por divertimento, se pusesse a considerar o seu cortejo e ornamentos pontificais. Se um bispo refletisse que a candidez do roquete significa uma vida completamente imaculada; que a mitra bicorne, cujas extremidades se unem em um nó, denota profundo conhecimento do Velho e do Novo Testamento; que as mãos enluvadas exprimem um coração depurado de todo contágio mundano na administração dos sacramentos; que a cruz dos sapatos o adverte de que deve velar continuamente pelo rebanho sob a sua guarda; que a cruz prelatícia que lhe pende do peito é sinal de vitória completa sobre as paixões humanas — se o nosso prelado, repito, refletisse sobre todas essas belas coisas e muitas outras que eu suprimo, não será verdade que se tornaria magro, pensativo, macilento, hipocondríaco? Chegaria a causar piedade! Mas,

não, não duvideis, eu remediei a tudo. Aconselhei a esses pretensos sucessores dos apóstolos que seguissem um caminho inteiramente oposto, e ninguém jamais soube aproveitar melhor os meus conselhos. Com efeito, o principal objetivo dos nossos Ilustríssimos e Reverendíssimos consiste em viver alegremente, e, quanto ao rebanho, que dele cuide Jesus Cristo. Aliás, já não possuem os arcediagos, os vigários gerais, os confessores, os frades e mil outros fiéis mastins, que estão sempre em guarda contra o lobo do inferno? Os bispos chegaram a esquecer que o seu nome, tomado ao pé da letra, significa trabalho, zelo, solicitude pela redenção das almas. Mas — por Baco! — não se esquecem nunca das honrarias e do dinheiro.

Gabam-se os veneráveis cardeais de descenderem em linha reta dos apóstolos, mas eu desejaria que filosofassem um pouco sobre os seus hábitos, e fizessem a si mesmos esta apóstrofe: "Se eu descendo dos apóstolos, por que não faço, então, o que eles fizeram? Não sou senhor, mas simples distribuidor das graças espirituais, e muito breve terei de prestar contas da minha administração. Que significa esta nívea candidez do meu roquete, se não uma suma pureza de costumes? Que quer dizer esta sotaina de púrpura, se não um ardente amor a Deus? Que denota esta capa da mesma cor (tão ampla e espaçosa que bastaria para cobrir não somente a mula do eminentíssimo, mas até um camelo *junto* com o cardeal), se não uma caridade ilimitada e sempre pronta a socorrer o próximo, isto é, a instruir, a exortar, a acalmar o furor das guerras, a resistir aos maus princípios, a dar de boa vontade o próprio sangue e as riquezas pelo bem da Igreja? Para que tantos tesouros? Aqueles que pretendem representar o antigo colégio dos apóstolos não deveriam, antes de tudo, imitar a sua pobreza?" Afirmo que, se os cardeais fizessem a si mes-

mos semelhante apóstrofe, refletindo seriamente sobre todos esses pontos, de duas uma: ou devolveriam imediatamente o chapéu, ou levariam uma vida laboriosa, cheia de desgostos e de desejos, justamente como faziam os primeiros apóstolos da Igreja.

Prosternemo-nos, agora, aos pés do Sumo Pontífice, e beijemos-lhe religiosamente as santas pantufas. Os papas dizem-se vigários de Jesus Cristo, mas, se procurassem conformar-se à vida de Deus seu mestre; se sofressem pacientemente os seus padecimentos e a sua cruz, mostrando o mesmo desprezo pelo mundo; se refletissem seriamente sobre o belo nome de papa, isto é, de pai, e sobre o santíssimo epíteto com que são honrados — quem seria mais infeliz do que eles? Quem desejaria comprar, com todos os haveres, esse cargo eminente, ou quem, uma vez elevado ao mesmo, desejaria, para sustentar-se nele, empregar a espada, os venenos e toda sorte de violências? Ai! quantos bens perderiam eles se a sabedoria se apoderasse por um instante do seu ânimo! A sabedoria?! Bastaria que tivessem um grãozinho apenas daquele sal de que fala o Salvador. Perderiam, então, aquelas imensas riquezas, aquelas honras divinas, aquele vasto domínio, aquele gordo patrimônio, aquelas faustosas vitórias, todos aqueles cargos, aquelas dignidades e aqueles ofícios de que participam; todos aqueles impostos que percebem, quer nos próprios Estados, quer nos alheios; o fruto de todos aqueles favores e de todas aquelas indulgências, com as quais vão traficando tão vantajosamente: aquela numerosa corte de cavalos, de mulas, de servos; aquelas delícias e aqueles prazeres de que gozam continuamente. Observai, observai quantas coisas precisariam perder, sendo que isso é apenas uma sombra da felicidade pontifícia. Todos esses bens seriam logo sucedidos pelas vigílias, pelos

jejuns, pelas lágrimas, pelas preces, pelos sermões, pelas meditações, pelos suspiros e mil outros trabalhos de natureza semelhante. Acrescentemos ainda que tantos escritores, tantos copistas, tantos notários, tantos advogados, tantos promotores, tantos secretários, tantos banqueiros, tantos escudeiros, tantos palafreneiros, tantos rufiões (silêncio neste ponto, pois é preciso respeitar os ouvidos castos), em suma, toda aquela prodigiosa turba de pessoas de toda classe, que arruínam (que honram, queria eu dizer) a sé de Roma — sim, digamos também que toda essa turba só poderia esperar morrer de fome. Seria o mais bárbaro, o mais abominável, o mais detestável de todos os delitos querer reduzir à sacola e ao bastão os supremos monarcas da Igreja, os verdadeiros luminares do mundo. Dizem eles que a Pedro e a Paulo competia viver de esmolas, ficando com todo o peso do pontificado, mas eles podem comodamente sustentá-lo, reservando-se eles, para si, somente o que no mesmo existe de esplêndido e de agradável. Agora, pergunto: não fazem muito bem?

Graças a mim, por conseguinte, é que nunca houve alguém que mais vivesse no ócio e na moleza do que um papa. Como as funções episcopais[96] consistem em ornamentos misteriosos e quase teatrais, em cerimônias, em títulos faustosos de *beatíssimo, reverendíssimo, santíssimo,* em bênçãos e maldições, julgam eles que já fazem bastante a vontade de Jesus Cristo, sem suspeitarem o que lhes poderá este dizer-lhes um dia. Agora não é mais necessário fazer milagres; instruir o povo dá muito trabalho; ensinar as escrituras cheira à escolástica; para pregar, seria preciso tempo; chorar convém somente às mulheres; ser pobre, oh! que coisa feia! deixar-se vencer é vergonhoso demais e indigno de um homem que mal admite que lhe beijem o beatís-

[96] Antigamente, todos os bispos se chamavam papas.

simo pé os reis mais poderosos; finalmente, morrer, oh! é a mais amarga de todas as coisas! ser crucificado — irra! — é uma infâmia horrível!

Assim, pois, as armas dos papas não consistem todas naquelas doces bênçãos de que fala São Paulo [97] e das quais são eles tão avaros. Consistem elas em interdições, suspensões, gravames, anátemas, pinturas vingadoras [98] e naquele terribilíssimo castigo pelo qual um beatíssimo padre pode mandar à vontade qualquer alma para o inferno. Os nossos Santíssimos Pais em Cristo e os seus vigários gerais nunca empregam com maior zelo esse espantoso castigo do que no caso daqueles que, à instigação do demônio, tentam diminuir ou danificar o patrimônio de São Pedro. Dizia este bom apóstolo ao seu Mestre: — Deixamos tudo para seguir-te. — Compreendereis que grande sacrifício fez o pobre pescador! Foi a fortuna o que ele conseguiu em virtude dessa renúncia; é por isso que Sua Santidade glorificada possui terras, cidades, domínios, e percebe impostos e taxas. E é sobretudo para defender e conservar essa rica aquisição que os pontífices romanos costumam condenar as almas. É verdade que nem ao menos poupam os corpos, e, inflamados pelo zelo de Jesus Cristo, desfraldam a bandeira de Marte e, sem piedade, empregam o ferro e o fogo para sustentar as suas razões. Bem vedes que não se pode fazer semelhante guerra sem derramar o sangue cristão. — Mas, que importa? — respondem os papas. — Estamos defendendo apostolicamente a causa da Igreja e só deporemos as armas quando tivermos vingado a esposa de Jesus Cristo

[97] De que fala São Paulo na epístola aos romanos, cap. XVI.

[98] Em Roma, costumava-se expor ao povo o retrato do excomungado pintado num pano e representado da forma seguinte: sentado, com uma cara satânica, tendo um demônio de cada lado, os quais lhe punham na cabeça uma coroa de fogo, enquanto outro demônio o segurava pela túnica e lhe queimava os pés.

contra os seus inimigos. — Eu desejaria saber, porém, se haverá para a Igreja inimigos mais perniciosos do que esses ímpios pontífices, os quais, em lugar de pregar Jesus Cristo, deixam no esquecimento o seu nome e o põem de lado com leis lucrativas, alteram a sua doutrina com interpretações forçadas e, finalmente, o destroem com exemplos pestilentos.

Além disso, assim como a Igreja cristã foi fundada com sangue, confirmada com sangue, dilatada com sangue, assim também os papas a governam com sangue, como se nunca Jesus Cristo tivesse existido para protegê-la e sustentá-la. A guerra é, por natureza, tão cruel, que muito mais conviria às feras do que aos homens; tão insensata que os poetas a atribuíram às fúrias do inferno; tão pestilenta que corrompe todos os costumes; tão iníqua que a fazem melhor perversos ladrões do que homens probos e virtuosos; finalmente, tão ímpia que nenhuma relação possui com Jesus Cristo nem com sua moral. Isso não impede que alguns pontífices abandonem todas as funções pastorais para consagrar-se inteiramente a esse flagelo da humanidade. Entre esses papas guerreiros, encontram-se até velhos [99] que agem com todo o vigor da juventude, que nenhuma consideração têm pelo dinheiro, que suportam corajosamente a fadiga e não têm o menor escrúpulo em fazer subverter as leis, a religião e a humanidade. Mas não faltam eruditos aduladores para dar a esse *manifestíssimo* delírio o nome de zelo, piedade, valor. E acham razões para provar que desembainhar a espada e cravá-la no coração de um irmão não é absolutamente infringir o grande mandamento da caridade para com o próximo. Na verdade, ainda não sei se os papas, em matéria de guerra, seguiram o

[99] Trata-se, muito provavelmente, de uma alusão a Júlio II, papa cujo fanatismo guerreiro tantos males causou à humanidade.

exemplo de alguns bispos da Alemanha, ou se estes bispos é que se julgaram autorizados, pela conduta dos papas, a empreender a guerra. O que é certo é que os prelados alemães agem com maior liberdade, porque, desprezando inteiramente o serviço divino, as bênçãos e todas as outras cerimônias do bispado, como verdadeiros sátrapas só respiram a guerra, chegando a sustentar que é dever de um bispo entregar a alma a Deus para defender a honra da sua dignidade. Os padres também estão, em geral, animados pelo mesmo espírito, não querendo de modo algum degenerar da santidade dos prelados. Assim, não podeis imaginar com que coragem empunham as armas toda a vez que se trata dos seus dízimos: espadas, fuzis, pedras, nada lhes escapa. Esses ministros do altar não cabem em si de alegria quando descobrem, nas obras dos antigos, alguma passagem com que possam aterrar as consciências e provar ao vulgo que lhes deve ainda muito mais do que os dízimos. Não há mais perigo de que lhes entre na cabeça o que leram em muitíssimos lugares sobre os seus deveres para com o povo. Deveriam ao menos lembrar-se de que a tonsura significa a obrigação de viverem livres de qualquer paixão humana, para se consagrarem totalmente às coisas do céu. Muito longe de fazerem tais reflexões, incidem em toda sorte de volúpia e julgam cumprir plenamente os seus deveres e a obrigação de praticar o bem, como dizem eles, quando murmuram, às pressas e entre os dentes, o ofício divino. Santo Deus! aposto que não há nenhuma divindade que queira escutá-los e, muito menos, que possa compreendê-los. Nenhuma divindade?! Estou convencida de que nem eles próprios se entendem entre si quando ornejam em coro. Mas tanto os sacerdotes como os profanos sabem muito bem quais são os seus direitos e os seus emolumentos. O que é incômodo os senhores padres costu-

mam, prudentemente, descarregar sobre as costas alheias, numa devolução recíproca, como na péla. Os eclesiásticos costumam proceder mais ou menos como os príncipes seculares: assim como estes abandonam as rédeas do governo nas mãos dos primeiros-ministros, que confiam a administração do Estado aos numerosos subalternos que se acham sob as suas ordens, assim também os ministros dos santuários costumam, modestamente, descarregar sobre o povo o peso da devoção e da piedade, e o povo, por sua vez, passa-o aos que denomina *pessoas religiosas,* como se não tivesse nenhuma relação com a Igreja e não tivesse feito nenhum voto no batismo. Em seguida, os padres, como se fossem iniciados no mundo e não em Cristo, dizem-se *seculares* e deixam aos *regulares* o pesado encargo da piedade; os regulares julgam-na especialmente destinada aos *monges;* os *monges* relaxados atribuem-na aos *reformados;* finalmente, todos se põem de acordo e pretendem que a devoção pertença aos *mendicantes,* que acabam por enviar a péla aos *cartuxos,* em cujo retiro se pode afirmar, efetivamente, que a piedade está sepultada, de tal forma se esforçam eles por viverem escondidos do mundo. Conduta semelhante têm os generais da milícia clerical. Os papas, sempre ativos e incansáveis em sua tarefa de receber dinheiro, descarregam sobre os bispos tudo o que há de incômodo no apostolado; os bispos sobre os párocos; os párocos sobre os vigários; os vigários sobre os frades mendicantes; e os mendicantes, finalmente, enviam as ovelhas aos pastores espirituais, que sabem tosquiá-las e tirar-lhes proveito da lã.

Mas, até onde me levou o assunto? O meu propósito não é investigar e satirizar a vida dos prelados e dos padres, mas fazer o meu elogio: que ninguém pense que, ao louvar os maus príncipes, queira eu censurar os bons. Por conseguinte, só vos dei uma

idéia superficial de todas as condições para vos demonstrar, à evidência, que nenhum homem pode viver feliz sem ser iniciado nos meus mistérios e sem participar dos meus favores. Invoco o testemunho da Fortuna, essa deusa da felicidade e da desgraça que, embora caprichosa ao extremo, tem sempre o prazer de secundar as minhas intenções. Com efeito, exatamente como eu, não será ela inimiga capital dos sábios? Em compensação, confere seus bens aos loucos e, por fim, ao vê-los dormindo, derrama-lhes no seio os seus tesouros. Decerto já ouvistes falar de um certo Timóteo, capitão ateniense, cuja fortuna foi tal que, mesmo dormindo, conquistou e saqueou cidades. Quando, porém, começou a atribuir tanta fortuna ao próprio mérito, foi abandonado pela deusa e caiu na maior miséria. Pois não se costuma dizer que os tolos são felizes e que até o mal se converte para eles num bem? No entanto, é justamente o contrário o que costuma suceder aos sábios. Já diz o provérbio: *Quem, como Hércules, nasceu no quarto dia da lua, só pode esperar sofrimentos: montado no cavalo de Sejano, quebrará a perna; tendo dinheiro de Tolosa, pouco proveito terá.* Mas deixemos os provérbios, pois pode parecer que me apropriei de todos os comentários do meu Erasmo.

Volto, pois, ao meu assunto, e digo que a Fortuna só ama as pessoas que não pensam em nada, gostando de beneficiar os aturdidos e os temerários, isto é, os que dizem como César no Rubicão: *Alea jacta est.* A sabedoria só pode inspirar temor, o que faz com que a condição de um verdadeiro filósofo chegue a causar piedade aos homens de bom senso. Com o cérebro repleto de belíssimas e sólidas especulações, quer físicas, quer morais, sente o estômago doer de fome e nem sequer sabe onde encontrar o necessário. Além disso, é abandonado, desprezado, odiado,

evitado por todos, enquanto os tolos, verificando que o precioso metal que os anima constitui o móvel maior da sociedade civilizada, são elevados aos empregos públicos e em tudo favorecidos pela fortuna. Eis por que os que se consideram felizes quando acolhidos pelos grandes e quando conversam com esses deuses queridos, que são os meus escravos diletos, não têm necessidade alguma da sabedoria, que é a coisa mais detestada nas cortes e nos paços. Quereis enriquecer-vos no comércio? Renunciai à sabedoria, porque, do contrário, como poderíeis fazer um falso juramento sem vos sentirdes dilacerar por um horrível remorso? Como poderíeis deixar de enrubecer quando surpreendidos numa mentira? Como sufocaríeis os ásperos e tormentosos escrúpulos que sentem os sábios pelo furto e pela usura? Como poderíeis deixar de travar convosco uma contínua guerra íntima? Ambicionais as dignidades e os bens eclesiásticos? Um burro e um búfalo poderiam consegui-los mais facilmente que um filósofo. Amais a volúpia? As mulheres que a têm como principal escopo procuram os tolos e fogem dos sábios como dos escorpiões. Quem, finalmente, deseje gozar os prazeres da vida, deve cortar qualquer relação com os sábios e preferir tratar com a escória popular. Em suma, para resumir tudo numa única idéia, voltai-vos para todos os lados, e vereis que os papas, os príncipes, os juízes, os magistrados, os amigos, os inimigos, os grandes, os pequenos, todos, sem exceção, agem em virtude do ouro sonante. E, como o filósofo, fora do estritamente necessário, considera como esterco esse metal, não é de admirar que todos desprezem a sua intimidade.

* * *

Mas, embora o meu elogio seja uma fonte inesgotável, não é justo abusar da vossa paciência entretendo-vos ainda mais com esta minha declamação, razão por que vos livrarei logo da fadiga de vossa atenção. Apenas vos peço um pequeno favor, necessário à minha glória. Talvez haja aqui presentes (uma vez que os maus costumam imiscuir-se sempre entre os bons) alguns sábios que digam ser eu bela somente aos meus próprios olhos, e não faltarão senhores legistas que aleguem o fato de eu não haver citado nenhum texto em meu favor. Citemos, pois, como fazem eles, a torto e a direito.

Antes de mais nada, não se pode pôr em dúvida o conhecido provérbio que diz: *Quando falta a coisa, é preciso representá-la,* o que é inteiramente confirmado por esta sentença que se costuma ensinar até aos meninos: *Procura-se muita sabedoria para se poder passar por louco.* Julgai, pois, se a loucura deve ou não ser incluída entre os maiores bens, quando os próprios sábios tributavam louvores à sua imagem e à sua sombra falaz. Mas Horácio, que a si mesmo se chama o lúcido e bem nutrido porco de Epicuro, exprime a coisa com maior naturalidade, quando aconselha a temperar a loucura com a sabedoria. Ele desejaria, é certo, que essa loucura fosse de curta duração, mas, a esse respeito, revela, a meu ver, pouco critério. O mesmo poeta diz nas suas *Odes: É um grande prazer ser louco quando se deseja sê-lo.* Em outro lugar, diz *preferir parecer estranho e ignorante a parecer sábio e furioso.* Homero, que por toda a parte louva muitíssimo o seu Telêmaco, não deixa de o chamar várias vezes de menino tolo; e os trágicos gostam de dar aos jovens o epíteto de tolo e imprudente, como um epíteto de bom augúrio. Qual é o argumento da divina *Ilíada?* Não serão, talvez, os furores e as loucuras dos reis e dos povos? Cícero nunca se orientou tão

bem, por mim, como quando disse: *Todas as coisas estão cheias de loucura.* Ora, convireis que, quanto mais extenso é um bem, tanto mais excelente é ele.

Mas é possível que os autores citados tenham pouca autoridade para os cristãos. Pois bem: apoiarei, se julgais conveniente, ou, para exprimir-me teologicamente, fundarei o meu elogio no testemunho das sagradas escrituras. Permiti que o faça, senhores nossos mestres, é o que vos peço humildemente. A empresa é bastante difícil e exigiria pelo menos uma boa invocação às musas; mas, por outro lado, seria uma indiscrição fazer descer pela segunda vez, do monte Helicão, essas nove virgenzinhas, pois bem vedes que o caminho é muito longo. Além disso, a matéria que devo abordar nada tem a ver com Apolo. Portanto, seria melhor que, dispondo-me eu a me arvorar em teóloga e a correr sobre os espinhos teologais, se dignasse o espírito de Escoto a passar da sua Sorbonne para o meu ânimo. Ah! queira Deus que esse beato espírito, mais pungente que o ouriço e mais agudo que o porco-espinho, inflame a minha mente! Depois, quando eu tiver acabado, que voe por onde mais lhe agradar, inclusive entre os corvos. Praza igualmente aos céus que me seja permitido mudar de aspecto, vestindo um hábito teologal! Vou, porém, experimentar, e, quando me ouvirdes impingir tanta teologia, não suspeiteis que eu tenha forçado e espoliado as arcas dos *nossos mestres*. Mas, afinal, não me parece surpreendente que, tendo mantido por tantos séculos uma estreita amizade com os teólogos, tenha eu sido atacada por um pouquinho da sua sublime ciência. E por que não poderia acontecer-me tal coisa? Não será, talvez, verdade que até o irrequieto Priapo, embora sendo um deus de curto entendimento, ao escutar o mestre ler grego em voz alta, guardou algumas palavras na memória e as

reteve como um doutor? E que diríamos do galo de Luciano? Como se sabe, depois de ter vivido longo tempo com os homens, articulou inesperadamente a língua e falou como eles. Mas, dito isso, comecemos sob os auspícios da Fortuna.

O Eclesiastes, capítulo primeiro, versículo... versículo... esperai um pouco... oh! meu Deus! não me recordo mais, e assim também a página, a linha, etc. (pois que, para citar teologicamente, é preciso dizer tudo). Mas no Eclesiastes está escrito que o *número dos loucos é infinito*. Ora, esse número infinito não abrangerá a todos os homens, com poucas exceções, se é que já houve algumas? Mais ingenuamente, porém, o confessa Jeremias: *Todos os homens* — diz ele no capítulo X — *tornaram-se loucos à força de sabedoria*. E atribui a sabedoria somente a Deus, deixando aos homens a loucura como predicado. Um pouco antes, diz ele: *O homem não deve gabar-se da sua sabedoria*. Mas por que dizeis isso, ó santo, ó divino oráculo do futuro? *É porque* (assim me parece ouvi-lo responder) *o homem não tem nenhuma idéia da sabedoria*. Voltemos ao Eclesiastes. Quando Salomão, esse grande monarca iluminado do céu, faz aquela patética exclamação moral: *Vaidade das vaidades, tudo é vaidade!* — não vedes, senhores, que, sem gaguejar, ele declara que a vida humana, como também eu já vos disse tantas vezes, não é outra coisa senão um divertimento da Loucura? E não foi também isso o que Cícero, com grande honra para mim, repetiu muito depois, isto é, que *tudo está cheio de loucura?* E quando o citado Eclesiastes diz ainda que *o louco muda como a lua e o sábio é estável como o sol* — que imaginais que isso signifique? Não significará, talvez, que todos os homens são loucos e que somente a Deus pertence o título de sábio? Com efeito, por lua entendem os intérpretes a natureza humana, e por sol a fonte da

verdadeira luz, que é Deus. Também o Salvador apóia essa verdade quando diz, no Evangelho, que o epíteto de *bom* só cabe a Deus. Ora, segundo os estóicos, *sábio e bom* são dois sinônimos; portanto, todos os homens, sendo maus, são também, por uma conseqüência necessária, todos malucos.

Diz ainda Salomão no capítulo XV: *A tolice é a alegria do tolo,* o que significa que, *sem a loucura, nada se acha de agradável na vida.* E em outra passagem: *Progredir na ciência é o mesmo que progredir na dor, e onde há muito sentimento há também muita contrariedade.* Não repetirá esse mesmo excelente pregador, no capítulo VII, o mesmo pensamento? — *A tristeza* — diz ele — *mora no coração do sábio, e a alegria no do tolo.* Não contente de ter conhecido a fundo a sabedoria, teve ele o desejo de conhecer também a mim. Pensais que eu esteja gracejando? Ouvi o oráculo, capítulo I: *Apliquei-me ao conhecimento da prudência e da doutrina, dos erros e da loucura.* É preciso notar que, nessa passagem, sou citada em último lugar, a fim de me ser conferida a honra que mereço, como posso prová-lo. De fato, foi o Eclesiastes que o escreveu; ora, na ordem eclesiástica, segundo o cerimonial em uso, o primeiro em dignidade é o que ocupa o último posto, de acordo com o preceito de Cristo.

Que a loucura é realmente superior em dignidade à sabedoria prova-o, à evidência, o autor do Eclesiastes, seja ele quem for, no capítulo XLIV. Mas, meus caros ouvintes, antes de citar essa passagem, quero fazer um pacto convosco: juro-vos por Hércules que nunca mais vos falarei disso, se não responderdes favoravelmente às minhas perguntas, a exemplo daqueles que, segundo Platão, discutiam com Sócrates. Dou, pois, início à minha indução.

Dizei-me, por favor, o que será melhor ocultar: as coisas raras

e preciosas, ou as vis e triviais? Como, não respondeis? Por que permaneceis imóveis como se não passásseis de estátuas? Mas não será o vosso silêncio que me fechará a boca. Os gregos responderão por vós e dirão que a *bilha se deixa sem receio à porta, ao passo que as coisas preciosas se conservam escondidas*. Receando, porém, que profaneis essa sentença, rejeitando-a, acho conveniente advertir-vos que é de Aristóteles, o deus dos *nossos mestres*. Continuemos: haverá aqui alguém bastante louco que, de bom grado, seja capaz de abandonar na rua o seu dinheiro e as suas jóias? Não o creio, naturalmente! Todos vós, ao contrário, me pareceis, se não me engano, desses homens que costumam ocultar muito bem tudo o que possuem de precioso e que só se descuidam das coisas que pouco ou nada importa perder. Assim, pois, exigindo a prudência que se escondam as coisas de valor e que não se deixem expostas senão as coisas de pouca entidade, a minha causa venceu, triunfou! O Eclesiastes ordena que se manifeste a sabedoria e se oculte a loucura. Textualmente: *O homem que esconde a própria loucura é melhor que o que esconde a própria sabedoria*. Mas isso não basta. As sagradas escrituras atribuem ainda ao louco a candura de ânimo, da qual não é suscetível o sábio, embora se julgue sempre melhor do que os outros. É, pelo menos, como interpreto a seguinte passagem do Eclesiastes, capítulo X: *Ao passear, o louco supõe que todos os que encontra sejam loucos como ele*. Quem pode deixar de admirar essa candura e essa sinceridade? Naturalmente, todos os homens fazem um alto conceito de si mesmos, mas a loucura torna o homem tão humilde que procura dividir a sua virtude com todos os outros homens e comunicar-lhes a glória do seu mérito. Salomão julgava ter chegado a tanta perfeição, dizendo no capítulo XXX: *Eu sou o mais louco de*

todos os homens. São Paulo, esse evangelista, esse apóstolo das gentes, não passou sem atribuir-se o meu nome, pois disse aos coríntios: *Como louco, eu afirmo que sou o maior de todos* (de tal maneira considerava ele vergonhoso ser superado em loucura). Mas, enquanto isso, insurgem-se contra mim certos teólogos grecistas, impingindo como novidades coisas rançosas e antigas e se esforçando por cegar o vulgo com anotações que, além do mais, são pensamentos roubados aqui e ali: entre eles, encontra-se, se não em primeiro, pelo menos em segundo lugar, o meu caro Erasmo, que freqüentemente cito para lhes prestar uma homenagem[100]. — Oh Loucura! — exclamam eles — tu te mostras verdadeiramente digna do teu nome, tanto em tuas interpretações como em tudo o mais! O pensamento do apóstolo é bem diverso daquele que tu sonhas: não há a intenção de persuadir que ele seja mais louco que os outros; depois de ter dito que *eles são ministros de Cristo e eu também o sou,* como se não bastasse igualar-se aos outros, acrescenta, corrigindo-se: *E o sou mais do que eles,* sentindo-se não somente igual aos outros apóstolos no ministério do evangelho, mas ainda um tanto superior. Para evitar o escândalo que semelhante declaração poderia provocar, São Paulo chama-se louco, pois só os loucos têm o direito de dizer tudo sem risco de ofender alguém. Mas, seja qual for a interpretação que se dê ao que escreveu São Paulo, deixo que o *discuta* quem quiser. Quanto a mim, prefiro ser atacada pelos fogos desses grandes, desses enormes, desses gordos, desses célebres teologastros, com os quais a maior parte dos doutores prefere correr o risco de enganar-se, a conhecer a verdade ocultada por esse séquito de pessoas de três línguas[101], às quais se dá

[100] Erasmo refere-se às anotações por ele feitas ao Novo Testamento e à obra de São Jerônimo, consideradas muito úteis ao estudo das escrituras.
[101] Três línguas, isto é, o hebraico, o latim e o grego.

tanta importância como às gralhas. Além disso, tenho em meu favor glorioso teólogo, que prudentemente julgo não dever nomear, pois sei muito bem que as nossas gralhas não deixariam de me citar a fábula do *Asinus ad Lyram*[102]. Esse doutor assim explica magistralmente, teologicamente essa passagem: *Eu o digo com menor sabedoria, eu o sou mais do que eles.* Faz disso um novo capítulo — e assim é quem exige uma dialética consumada — que vos acrescenta uma nova seção. Eis, não só quanto à forma, mas também quanto ao fundo, as palavras do meu teólogo: *Eu o digo com menor sabedoria,* isto é, se vos pareço louco quando me igualo aos falsos apóstolos, mais tolo vos parecerei ainda se quiser preferir-me a eles. Depois, como que divagando, passa de repente a outro assunto.

Mas, como sou louca ao querer atormentar meu cérebro com a interpretação de um só teólogo! Pois não conquistaram os nossos teólogos o direito público de esticar o céu, isto é, as escrituras, como se fossem uma pele? Se devemos dar crédito ao douto São Jerônimo, que possuía cinco línguas, o próprio São Paulo usava do referido direito, encontrando-se em suas obras coisas que parecem oposta às sagradas escrituras. Por essa pia fraude do apóstolo das gentes, podemos julgar todas as outras. Tendo São Paulo observado, certa vez, uma inscrição que os atenienses tinham posto sobre um altar, na qual se lia: *Aos deuses da Ásia, da Europa e da África, aos deuses ignotos e estranhos* — truncou a inscrição e, tomando somente a parte julgada vantajosa à religião cristã, suprimiu o resto. E até as palavras: *ao deus ignoto,* que formam o texto do seu discurso, bem se vê que não foram citadas com fidelidade. Os teólogos modernos mos-

[102] "Burro diante da lira", provérbio que exprime o mesmo que "boi diante do palácio", quando se olha uma coisa sem saber o que significa.

tram ter aproveitado bastante esse exemplo, pois freqüentemente, da passagem de um autor, costumam tirar cinco ou seis palavras e alterar-lhes o sentido, como lhes convém. E assim é que, ao se confrontar a cópia com o original, ou quando se compara a citação com o desenvolvimento do raciocínio, fica patenteado que o autor citado não teve a intenção de dizer o que se pretende, ou então disse justamente o contrário. Pois é o que fazem os *nossos mestres,* e o fazem com tão feliz impudência que os próprios legistas, que tanto se divertem em citar a torto e a direito, ficam com muita inveja deles.

E como poderiam deixar de sair-se bem com essa astúcia os guerreiros espirituais? Tudo podem esperar depois do primeiro sucesso do grande teólogo de que há pouco vos falei. Oh! que bom! Estou com o nome na ponta da língua! Receio, porém, que me citem outra vez o provérbio grego do *Asinus ad Lyram.*

Esse doutor, no evangelho de São Lucas, interpretou uma passagem de forma tão consentânea com o espírito de Cristo como o fogo com a água. Julgai-o, pois. Por ocasião de um extremo perigo, ocasião em que os bons clientes mais assiduamente se acham em torno dos seus protetores, oferecendo-lhes todos os seus serviços, o Salvador, querendo tornar os seus discípulos superiores à esperança de qualquer socorro humano, fez aos mesmos a seguinte pergunta: — "Quando vos enviei pelo *mundo*, faltou-vos alguma coisa?" — Eles não tinham nem dinheiro para a viagem, nem sapatos para garantir-se contra as pedras e os espinhos, nem alforjes a que pudessem recorrer em caso de fome. Como os apóstolos lhe respondessem que tinham sempre encontrado o necessário, o Salvador acrescentou: — "Agora, aquele de vós que tiver um saco, pequeno ou grande, deve levá-lo consigo; e aquele que não tiver espada, venda a tú-

nica para comprá-la". Como toda a doutrina evangélica aconselha a mansidão, a tolerância e o desprezo pela vida, seria preciso ser cego para não perceber o sentido e a intenção de Cristo nessa passagem. O divino legislador queria preparar os seus convidados para o ministério do apostolado e, por isso, impunha-lhes que se destacassem de todas as coisas desta terra. Não bastava largar os sapatos e os alforjes, mas deviam ainda despojar-se dos hábitos, o que significa, sem dúvida, o perfeito desprendimento de coração com que deviam entrar na carreira do apostolado.

É verdade que Jesus Cristo mandou que os apóstolos arranjassem uma espada, mas não das que servem de instrumento fatal nas mãos dos ladrões e dos parricidas, e sim de uma espada espiritual que penetrasse até ao fundo do coração, que extirpasse todas as paixões mundanas, a fim de que só a piedade reinasse e dominasse no ânimo. Observai agora, por favor, como o nosso célebre *Asinus ad Lyram* esticou o sentido dessa passagem: por espada, entende ele o direito de defesa contra a perseguição; por alforje, entende a provisão de víveres, como se o Salvador, tendo percebido que sem essa medida não atenderia bastante ao esplendor e à dignidade dos seus missionários, tivesse mudado de parecer e se retratado da sua determinação.

Não se recordava o nosso legislador da sua moral? Pois declarou formalmente aos seus discípulos que seriam beatos se sofressem pacientemente a infâmia, os ultrajes, os suplícios; disse-lhes que a verdadeira felicidade era reservada aos brandos de coração, e não aos soberbos; exortou-os, enfim, com o exemplo dos pássaros e dos lírios, a se abandonarem à Providência. Esquecera-se, então, o Salvador dessas suas máximas quando, por um espírito inteiramente oposto, mandou que os apóstolos trouxessem uma espada, vendessem o hábito para comprar uma,

e preferissem andar nus a andar desarmados? Assim como o nosso sutil comentador encerra na espada tudo o que pode servir para repelir a força, assim também entende por alforje tudo o que diz respeito à comodidade da vida. Dessa forma, esse intérprete do espírito de Deus faz com que os apóstolos apareçam no teatro do mundo, para pregar Jesus crucificado, todos armados de lanças, balistas, fundas e bombardas. E assim também, para não viajarem em jejum, carrega-os de dinheiro, malas e embrulhos.

Mas, por que Jesus Cristo, depois de ter mandado que os seus discípulos vendessem a própria camisa (por honestidade, creio que foi só) para comprar uma espada, ordenou em seguida, com ar de severidade e desdém, que a pusessem na bainha? Por que os apóstolos,ao que saibamos, nunca desembainharam a espada contra a violência dos tiranos? Seriam obrigados a fazê-lo, em sã consciência, se Cristo expressamente o tivesse determinado. O nosso teólogo, porém, não se atrapalhou diante dessa dificuldade.

Um outro doutor, cujo nome discretamente deixo de citar, deu o mais belo salto do mundo. O profeta Habacuc disse: "As peles da terra de Madiã serão revolvidas". Ora, é claro como o sol que o profeta quer referir-se às tendas dos madianitas; mas, firmando-se o bom teólogo no termo *peles,* disse que a referida passagem era, sem dúvida alguma, uma alusão ao esfolamento de São Bartolomeu.

Não faz muito tempo que intervim numa discussão teológica, pois quase nunca falto a esse gênero de combate. Tendo alguém perguntado como se poderia provar, com as sagradas escrituras, que contra os hereges deviam ser empregados o ferro e o fogo, em lugar da discussão e do raciocínio, logo se levantou um

velho, cujo aspecto severo e temerário facilmente indicava tratar-se de um teólogo, e, franzindo as sobrancelhas, respondeu com uma voz altissonante: "Foi o próprio São Paulo que fez esta sábia lei: *Evita* (devita) *o herege depois de uma ou duas admoestações*". Como fosse repetindo muitas vezes e em voz alta essas palavras, todos o julgaram dominado por um acesso frenético. Mas ele acabou explicando o enigma: "Sereis — exclamou — tão ignorantes que não noteis que esse vocábulo *devita* (evita) é formado, em latim, pela preposição *de,* mais o nome substantivo *vita,* significando *fora da vida?* Portanto, São Paulo mandou queimar os hereges e jogar suas cinzas ao vento".

Alguns puseram-se a rir ante tão nova e inesperada etimologia, mas outros acharam-na profunda e verdadeiramente teológica. Percebendo o barbado que não eram por ele todos os sufrágios da assembléia, lançou mão do argumento decisivo: "Está escrito — disse ele — está escrito: *Não permitirás que viva o malfeitor;* ora, o herege é malfeitor, por conseguinte, etc.". Então, todos admiraram o talento do doutor, e o seu juízo *por conseguinte* é universalmente aplaudido. Não passa pela cabeça de ninguém que a citada lei dissesse respeito unicamente aos feiticeiros, aos bruxos, aos magos e a todas as pessoas que os hebreus chamavam de malfeitores, porque, do contrário, seria preciso ainda condenar ao fogo a embriaguez e a fornicação. Mas é uma tolice perder-me em semelhantes frioleiras, cujo número é tão grande que nem Dídimo nem Crisipo disseram tantas, embora tenham publicado uma enorme quantidade de volumes, o primeiro tratando da dialética e o segundo da gramática.

Apenas vos peço que me façais justiça numa coisa: se é permitido que esses divinos mestres se afastem tanto do bom senso

e da verdade, não condeneis, com mais forte razão, a minha insensatez nas citações, pois não passo, afinal, de uma sombra em confronto com os teólogos.

Volto de novo a São Paulo. Falando de si mesmo, diz esse apóstolo: *Suportais pacientemente os tolos... Considerai-me também um tolo... Não falo segundo Deus, mas como se fosse tolo... Somos tolos por Jesus Cristo.* Que glória para mim é o fato de um autor de tanto peso referir-se tão favoravelmente à Loucura! No entanto, o mesmo São Paulo, não contente com isso, passa a recomendar a loucura como coisa sumamente necessária à salvação. *Aquele, dentre vós* — diz ele — *que quiser parecer sábio, deve tornar-se louco, para poder fazer-se sábio.* Não chamou Jesus Cristo *loucos,* em São Lucas, àqueles dois discípulos com os quais se encontrou na estrada, depois da ressurreição? Não obstante, isso não me causa tanta surpresa como o que disse o apóstolo das gentes: *A loucura de Deus é melhor que a sabedoria dos homens.* Ora, de acordo com a interpretação de Orígenes, não se pode aplicar essa loucura à opinião dos homens. Do mesmo gênero é esta passagem: *O mistério da cruz é uma loucura para os que perecem.*

Mas, por que hei de me cansar invocando tantos testemunhos? O Homem-Deus, voltando-se para o seu Pai, já lhe disse nos salmos: *Conheces minha loucura?* Não é, pois, sem motivo, ou melhor é visivelmente por essa razão que os loucos são os prediletos de Deus. Nesse particular, o Ser Supremo assemelha-se aos príncipes da terra, pois que, em geral, essas divindades imortais não gostam nada das pessoas sensatas e honestas. Com efeito, César temia mais Cássio e Bruto, do que ao glutoníssimo

Antônio [103]; Nero não podia tolerar Sêneca [104]; Platão desiludiu-se com Dionísio, o tirano [105]. No entanto, apreciaram muito os estúpidos, os simples e os imbecis.

O Homem-Deus, igualmente, condena sempre e detesta os sábios que só confiam na própria filosofia. São Paulo disse nítida e claramente: *Deus escolheu tudo o que há de tolo no mundo... Deus julgou conveniente salvar o mundo pela loucura.* E assim o fez, decerto, porque não teria podido fazê-lo com a sabedoria.

O próprio Deus diz pela boca do profeta Isaías: *Eu confundirei a sabedoria dos sábios e reprovarei a prudência dos prudentes.* E a humanidade de Jesus não dá graças a Deus por ter ocultado aos sábios o mistério da salvação, para revelá-lo aos pequenos, isto é, aos maluquinhos, com toda a força e energia do vocábulo grego? Pela mesma razão, podemos explicar ainda a contínua guerra que, segundo o evangelho, fez o Salvador aos doutores da lei, aos escribas e aos fariseus, ao mesmo tempo que tomava o partido do vulgo ignorante. *Desgraçados de vós* — dizia ele — *ó escribas e fariseus!* Não significará essa imprecação o mesmo que *desgraçados de vós, ó sabios?* Finalmente, o Senhor do universo só costumava conversar com os meninos, as mulheres e os pescadores. Também Jesus Cristo preferia, entre tantas espécies de animais, os que mais se afastavam da sagacidade da raposa: escolheu um burrinho para o seu carro de triunfo, quando teria podido cavalgar um soberbo leão. O Espírito Santo desceu sobre a segunda pessoa da Santíssima Trindade,

[103] Quando lhe avisaram que tomasse cuidado com Antônio, César respondeu: "Não temo os gordos e os glutões, mas os sóbrios e os pálidos". Referia-se a Bruto e Cássio, que de fato o apunhalaram em pleno Senado.

[104] Nero mandou cortar as veias de Sêneca, por ter esse filósofo, quando seu preceptor, censurado as suas infames ações.

[105] Tendo ido expressamente à Sicília para tentar melhor, pelo estudo da filosofia, os sentimentos do feroz Dionísio, tirano da ilha, Platão passou pelo desgosto de ver fracassar inteiramente o seu propósito.

não em forma de águia ou de gavião, mas de pomba, que é o mais simples dos pássaros. Além disso, as sagradas escrituras falam freqüentemente de animais que têm um instinto muito limitado, que são os veados, os cabritos e os cordeiros. E não é de *ovelhas* que Jesus Cristo chama os que são eleitos para gozar com ele do reino dos céus? Ora, onde haverá animal mais estúpido do que a ovelha? Antigamente, por desprezo e injúria, costumava-se dar esse nome às pessoas estúpidas e idiotas. Ainda mais: em virtude da comparação dos eleitos com as ovelhas, Jesus Cristo vangloria-se do título de pastor e gosta muitíssimo do nome de *Cordeiro*. De fato, é com esse nome que São João Batista o faz conhecer, quando diz: *Eis o Cordeiro de Deus!* E sob essa forma é ele igualmente representado em diversas visões do Apocalipse.

Mas quais são as nossas conclusões do que aqui fica dito? Ei-las:

Os homens são malucos, sem excetuar mesmo os que fazem profissão de piedade. Jesus Cristo, que é a sabedoria do Pai, procede como tolo ao unir-se à natureza humana da forma por que o fez, isto é, tornando-se pecador para redimir o pecado. Observai como o Salvador executou dignamente o seu projeto. Tendo estabelecido, em seus decretos, que salvaria os homens com a loucura da cruz, utilizou nessa tarefa apóstolos grosseiros e idiotas, recomendando-lhes calorosamente que evitassem a sabedoria e seguissem a loucura, e indicando-lhes o exemplo dos meninos, das gralhas e dos pássaros, seres sem nenhum artifício e sem inquietações, que só se orientam pelas leis da natureza e pelo mecanismo do instinto.

Esse legislador proibiu-lhes que se preparassem para comparecer perante os tribunais dos reis e dos presídios, e não quis que pensassem no dia seguinte nem observassem a medida do tempo,

com receio de que, fiando-se na própria sabedoria, não se abandonassem inteiramente à sua providência. E foi por essa razão que o grande Arquiteto do universo proibiu que o primeiro e lindo par de esposos, por ele feitos e unidos em matrimônio, provassem o fruto da árvore da ciência do bem e do mal, sob pena de sua desgraça e morte. É a melhor prova de que a ciência é o veneno da felicidade. São Paulo rejeita-a como perniciosa, ao dizer que ensoberbece o coração, e creio que São Bernardo exprimiu o mesmo sentimento desse apóstolo, ao chamar *monte do saber* àquele monte no qual o soberbo Lúcifer fixou sua morada.

Não me parece que deva silenciar sobre o sumo crédito de que gozo no céu, pois que aí facilmente se obtém o perdão com o meu nome, ao passo que não é favorável o da sabedoria. Pecou um homem com conhecimento de causa? Não penseis que procure alegar suas luzes, pois pode considerar-se feliz quando pode cobrir-se com o manto da loucura. É por isso que Aarão, no livro XII dos Números, se não me engano, querendo implorar o perdão para si e para a sua mulher, exclama: *Rogo-vos, Senhor, que não nos condeneis por esse pecado que tolamente cometemos!* O mesmo fez Saul, para desculpar-se com Davi. *Logo se vê* — diz ele — *que agi como louco!* O próprio Davi, procurando evitar a vingança divina, exclamou: *Senhor! Suplico-vos que canceleis a iniqüidade da parte do vosso servo, pois agimos como loucos!* Bem vedes que não podia esperar ser favorecido, se não aduzisse como desculpa a sua tolice e a sua ignorância.

Mas, de todas as provas, a que corta a cabeça do touro é a prece do Salvador na cruz pelos seus crucificadores: — *Perdoai-lhes, Pai,* — disse ele, e o Deus moribundo não aduziu em favor deles outra desculpa senão a da loucura, acrescentando: *porque*

não sabem o que fazem. Disse São Paulo a Timóteo: *Deus usou de misericórdia para comigo porque a minha incredulidade era efeito da minha ignorância.* Mas, que significa essa ignorância? Não significará mais estultícia do que malícia? Qual é o sentido destas palavras: *Deus usou de misericórdia para comigo porque,* etc.? Não será, talvez, o de demonstrar claramente que, sem o crédito e a recomendação da loucura, São Paulo não teria obtido nenhuma misericórdia?

O místico salmista mostrou-se, igualmente, da minha opinião naquela passagem que eu me esqueci de pôr no seu lugar: *Dignai-vos, Senhor, esquecer os delitos da minha juventude e das minhas ignorâncias.* Refletistes bem sobre esse divino cantor? Escusa-se por dois títulos: um, pela *juventude,* idade de que sou a fiel e inseparável companheira; outro, pelas *ignorâncias,* e notai que exprime a sua ignorância no plural, o que mostra a força imensa da sua loucura.

Para terminar logo uma enumeração que por natureza não acabaria nunca, quero vos fazer ver, sucintamente, que a religião cristã se coaduna perfeitamente com a loucura e não tem a menor relação com a sabedoria. Como essa proposição pareça um verdadeiro paradoxo, não serei tão irrazoável que pretenda me acrediteis baseados apenas em minha boa fé. Vamos, pois, às provas.

Em primeiro lugar, vemos que os que, com maior solicitude, intervêm nos sacrifícios e outras cerimônias do culto, não são as pessoas mais sensatas, mas os meninos, os velhos, as mulheres e os ignorantes. E de onde lhes vem o desejo de se aproximarem tanto do altar e o transporte que experimentam pela devoção? Vem de um impulso totalmente mecânico da natureza. Em segundo lugar, os fundadores da religião cristã, fazendo profis-

são de uma maravilhosa simplicidade, eram os inimigos mais declarados do estudo das ciências. Finalmente, é impossível achar loucos mais extravagantes que os que se abandonam inteiramente ao ardor da piedade cristã. Jogam fora o dinheiro como a água, desprezam as injúrias, deixam-se enganar, não vêem nenhuma diferença entre os amigos e os inimigos, sentem horror pela volúpia: a abstinência, as vigílias, as lágrimas, os padecimentos, os ultrajes, eis todas as suas delícias; além disso, odeiam a vida e desejam a morte, ao ponto de parecerem absolutamente privados de senso comum, não passando de corpos sem alma e sem sentimento. Que nome lhes daremos, se o de loucos não lhes fica bem? Não devemos, pois, estranhar que os judeus tenham considerado os apóstolos como borrachos. O juiz Festo não teria razão ao tomar São Paulo por um extravagante?

Uma vez que, sem o perceber, me arvorei em sábia e em raciocinadora, quero ir até ao fim do assunto. Coragem, meu belíssimo espírito! Sustentemos, diante desses ouvintes, diante dessa ilustre sociedade de loucos, uma tese inteiramente nova e inesperada. Sim, meus caros senhores, quero mostrar-vos que a felicidade dos cristãos, essa felicidade almejada com tantas penas e tantos trabalhos, não é senão uma espécie de loucura e de furor. Como! vós me olhais de soslaio e com desdém? Devagar, devagar: não nos apeguemos às palavras, que não passam de sons articulados e arbitrários. Limitemo-nos ao exame da coisa. Entro no assunto.

O sistema do cristianismo, acerca da felicidade da vida, muito se avizinha do dos platônicos. Segundo o princípio fundamental desses dois sistemas, a alma está encarcerada no corpo, ligada pelos nós da matéria e de tal modo oprimida pelo peso da máquina orgânica que muito dificilmente pode descobrir e apreciar

a verdade. É por essa razão que Platão definiu a filosofia como sendo a *meditação da morte,* porque tanto a filosofia como a morte destacam nossa alma das coisas visíveis e corporais. Por isso, quando a alma emprega os órgãos do corpo de acordo com a economia natural, costuma dizer-se sábia e sã; mas.quando, rompendo os liames, procura fugir do cárcere, pôr-se em liberdade, então se diz em estado de loucura. Quando essa desordem provém da enfermidade ou alteração dos órgãos, dão-lhe todos o nome de furor. Por outro lado, vemos esses felicíssimos loucos que predizem o futuro, que conhecem línguas e ciências sem nunca as terem aprendido, e que mostram ter em si mesmos algo de divino. E de onde provém esse prodígio? Creio não haver dúvida de que provém da alma, que, tornando-se um pouco mais livre da servidão do corpo, começa a utilizar sua força natural.

Creio provir igualmente dessa causa a faculdade que têm os moribundos de dizer coisas prodigiosas, como que inspirados. O amor e o zelo da piedade produzem também essa alienação dos sentidos, que não parece ser, é verdade, o mesmo gênero de loucura, mas desta se aproxima de tal forma que em geral se lhe dá o mesmo nome.

Com efeito, quem não trataria como loucos, e como loucos em último grau, aqueles homenzinhos que levam uma vida totalmente diversa da dos outros mortais? E aqui vem muito a propósito a idéia de Platão. Imaginou ele uma caverna repleta de pessoas presas, da qual conseguiu fugir um dos prisioneiros. Este, depois de levar muito tempo vagando sem destino, voltou e gritou em altas vozes aos companheiros: — Meus caros amigos! Como me inspirais piedade! Só vedes sombras e fantasmas, em suma, sois verdadeiramente tolos. Bem diversa é a minha situação, pois só vi coisas sensíveis, existentes, reais. — Então, do

seu canto, os encarcerados, que nunca jamais saíram do subterrâneo, entreolhando-se com surpresa, exclamaram: — Que nos quer dizer com isso esse louco? Com certeza perdeu o juízo. — O mesmo costuma suceder com homens: os mais sensuais têm maior admiração pelas coisas materiais, quase acreditando que não existam outras; os que se consagram à piedade, ao contrário, quanto mais relação com o corpo tem um objeto, tanto menos lhe dão valor e passam a vida sempre imersos na contemplação das coisas invisíveis.

A principal ocupação dos mundanos é acumular sempre riquezas e contentar em tudo e por tudo o próprio corpo, pouco ou nada se importando com a alma, cuja existência, por ser ela invisível, muitos chegam mesmo a pôr em dúvida. Já as pessoas inflamadas pelo fogo da religião seguem um caminho totalmente oposto e depositam toda a sua confiança em Deus, que é o mais simples de todos os seres: depois dele e dependendo dele, pensam na alma, como sendo a coisa que mais próxima está da divindade. É assim que não pensam no corpo e não só desprezam os bens da fortuna como até os recusam. E quando, por dever, são obrigados, como pais de família, a pensar nos interesses temporais, por aí enveredam contra a vontade e experimentam um vivo pesar, porque *têm* como se *não tivessem* e *possuem* como se *não possuíssem*.

Existem ainda muitos outros graus de diferença entre os que se ocupam somente com o corpo e os que se entregam inteiramente à pia cultivação da alma. Para melhor distinguirmos esses graus, estabeleçamos um princípio incontestável.

Embora todos os sentimentos da alma tenham uma correspondência necessária com o corpo, há contudo duas espécies: uns são materiais, como o tato, a audição, a vista, o olfato e o

paladar; outros têm menor relação com os órgãos, como sejam a memória, o intelecto e a vontade. Disso resulta que a alma tem maior ou menor força à proporção que se aplica mais ou menos a esses diversos sentimentos. Raciocinemos, agora, sobre essa suposição. Assim como os que se abandonam totalmente à piedade se tornam o quanto podem superiores aos sentidos do corpo, mortificando-o a tal ponto que acabam perdendo toda sensibilidade — como São Bernardo, por exemplo, que, segundo a lenda, bebia óleo por vinho sem perceber — assim também os sensuais têm um grande vigor de ânimo no que se refere aos sentidos do corpo e uma fraqueza extrema quanto à alma. Além disso, há algumas paixões que afetam o corpo mais de perto, como o amor, a fome, a sede, o sono, a cólera, a soberba, a inveja, contra as quais movem os verdadeiros devotos, se é que os há, uma perpétua guerra, ao passo que os adeptos da natureza acham que não podem viver sem essas coisas. Existem ainda outras que têm lugar intermédio e são consideradas naturais, como sejam: amar a pátria, os parentes, os filhos diletos, os vizinhos, os amigos. Quase todos os homens possuem algo dessas paixões, mas as pessoas pias fazem tudo para extirpá-las do coração ou ao menos espiritualizá-las. Um filho, por exemplo, ama seu pai: julgais que ele honre a paternidade e ame de fato aquele de quem recebeu a vida? — Ora essa! — Que foi que me deu me pai — diz o devoto — a não ser esse corpo miserável, que é o meu pior inimigo? Aliás, também isso eu o devo a Deus, único e verdadeiro autor do meu ser. Amo meu pai como um homem em quem resplende a imagem daquela suprema inteligência que é o *bem supremo* e fora da qual nada existe de amável nem de desejável. — É também com essa regra que as pessoas de mortificação misturam todos os deveres da vida, de modo que, quando

não desprezam em geral todas as coisas visíveis, pelo menos as põem infinitamente abaixo das invisíveis.

Chegam mesmo a dizer que, nos sacramentos e nas outras funções do culto, não existiria a matéria sem o espírito. Nos dias de jejum, acreditam que seja quase nada a abstinência das carnes e da ceia, se bem que a maioria faça consistir nesses dois pontos toda a obrigação do preceito. Os devotos vos dizem que é preciso jejuar com o espírito, dominar as próprias paixões, suprimir a cólera e o orgulho, a fim de que a alma, mais desembaraçada da massa do corpo, possa melhor gozar dos bens do céu. O mesmo acontece em relação à missa: — Se bem que não desprezemos — dizem eles — tudo o que é visível nesse sacrifício, todavia os sinais não seriam menos inúteis que as cerimônias, quando não perniciosas, se não fosse o socorro do espírito. — Representando esse mistério a paixão do Salvador, faz-se mister que a representem também os fiéis, dominando, extinguindo e sepultando suas paixões, a fim de ressurgirem numa nova vida e se unirem a Cristo e aos seus membros. Os devotos costumam assistir à santa missa com referida disposição, mas o mesmo não acontece com a maior parte dos homens, que, não reconhecendo nesse sacrifício senão a obrigação de comparecer, contentam-se em olhar, ouvir, prestar atenção ao canto e às cerimônias. Mas não é só no que diz respeito às coisas que acabo de vos referir a título de exemplo que os anjos mortais rompem toda relação com os corpos e com a matéria: para se elevarem aos bens eternos, invisíveis e espirituais, fazem o mesmo com tudo o que acontece no curso da vida.

Vós mesmos não podereis negar, quando eu vo-lo tiver brevemente demonstrado, que a infinita recompensa desejada que buscam com tanta ansiedade não é senão uma espécie de furor.

Confirmo o meu sentimento com um oráculo do divino Platão: *O furor dos amantes* — diz o entusiasta filósofo — *é de todos o mais feliz*. Com efeito, um amante apaixonado não vive mais em si mesmo, mas na pessoa que se apoderou do seu coração, e quanto mais sai de si mesmo para transfundir-se no objeto do seu amor, tanto mais sente redobrar-se o seu prazer. Não teremos igualmente razão de qualificar com o nome de furor o próprio estado de uma alma devota que arde de desejo por alcançar a perfeição evangélica e que não procura senão sair do seu corpo pelo desprezo dos sentidos? Trazei à vossa memória os modos de dizer freqüentemente usados: *Está fora de si... Voltou a si... Caiu em si...* Além disso, segundo a idéia de Platão, pelo grau de amor é preciso medir a grandeza do furor e da felicidade. Qual será, pois, a vida dos beatos no paraíso, vida pela qual suspiram as almas devotas com tanto transporte? Como, naquele estado de gozo perfeito e sempre novo, a alma vitoriosa e triunfante absorverá o corpo, resulta que esse absoluto domínio, bem longe de causar o menor sofrimento, torna-se natural, e o espírito se achará como no seu reino e gozará o fruto dos esforços feitos para reduzir o corpo a uma perfeita escravidão. Além disso, a alma verá de maneira incompreensível, como que absorta naquela suprema inteligência por que é infinitamente superada. E assim é que o homem ficará fora de si e não será *feliz senão* quando, não se achando mais em si mesmo, receber uma inexprimível felicidade daquele supremo Bem que tudo atrai a si. Mas como essa felicidade só pode ser destruída pela união da alma com o corpo, e sendo a vida dos santos na terra uma contínua meditação e uma sombra das alegrias inefáveis do paraíso, resulta que principiam a gozar antecipadamente, neste mundo, a recompensa que lhes é prometida. É bem verdade que,

em confronto com a felicidade eterna, não passa de uma gota e de uma sombra a que experimentam os devotos nesta terra. Não obstante, essa gota, essa sombra é incomparavelmente superior a todos os prazeres dos sentidos, mesmo que se pudessem gozar todos ao mesmo tempo, porque todas as coisas espirituais superam infinitamente as materiais e os bens invisíveis ultrapassam de muito os visíveis. É, aliás, o que promete um profeta, quando diz: *Os olhos não viram, os ouvidos não escutaram, o coração do homem não sentiu ainda o que Deus preparou para os que o amam.* É esse gênero de loucura, que, bem longe de se perder quando se passa da terra ao céu, alcança, ao contrário, seu último grau de perfeição.

Para vos falar novamente daqueles aos quais Deus, por um favor todo especial, concede a graça de gozar antecipadamente as delícias da beatitude, dir-vos-ei que são eles em número muito reduzido e que, além disso, estão sujeitos a certos sintomas que muito se assemelham aos da loucura: suas palavras são desconexas e fora do uso humano, ou, mais claramente, não sabem o que dizem; sua fisionomia transforma-se a cada momento, e ora estão alegres, ora melancólicos; choram, riem, suspiram, numa palavra, estão inteiramente fora de si. Acontece que voltam os seus sentidos? Protestam que positivamente não sabem de onde vêm, nem se existem somente na alma ou também no corpo, nem se estarão acordados ou dormindo. E de tudo, depois, que viram, ouviram, disseram, ou não se recordam ou fazem uma idéia tão confusa como se tivessem sonhado.

Só sabem de uma coisa: que se acham felicíssimos no seu delírio. Eis por que sofrem a convalescença do cérebro e tudo sacrificariam de bom grado para serem perpetuamente loucos nessas condições. No entanto, toda essa felicidade não passa de uma

tenuíssima migalha da mesa celeste: imaginai, agora, o que não será o eterno banquete!

Mas parece que, sem refletir no que sou, vou ultrapassando há bastante tempo todos os limites. Por conseguinte, se tagarelei demais e com demasiada ousadia, lembrai-vos de que sou mulher e sou a Loucura. Ao mesmo tempo, porém, não vos esqueçais deste antigo provérbio dos gregos: *Muitas vezes, também o homem louco fala judiciosamente,* a não ser que pretendais que, nesse provérbio, não estejam incluídas as mulheres, pois eu disse *homem* e não *mulher.*

Esperais um epílogo do que vos disse até agora? Estou lendo isso em vossas fisionomias. Mas sois verdadeiramente tolos se imaginais que eu tenha podido reter de memória toda essa mistura de palavras que vos impingi. Em lugar de um epílogo, quero oferecer-vos duas sentenças. A primeira, antiqüíssima, é esta: *Eu jamais desejaria beber com um homem que se lembrasse de tudo.* E a segunda, nova, é a seguinte: *Odeio o ouvinte de memória fiel demais.*

E, por isso, sede sãos, aplaudi, vivei, bebei, ó celebérrimos iniciados nos mistérios da Loucura.

THOMAS MORE

A UTOPIA

Tradução e notas de LUÍS DE ANDRADE

LIVRO PRIMEIRO

DA COMUNICAÇÃO DE RAFAEL HITLODEU

O INVENCÍVEL rei da Inglaterra, Henrique, oitavo do nome, príncipe dum gênio raro e superior, teve, não faz muito tempo, uma querela de certa importância com o sereníssimo Carlos, príncipe de Castela. Eu fui, então, enviado às Flandres, como parlamentar com a missão de tratar e resolver essa questão.

Tinha por companheiro e colega, o incomparável Cuthbert Tunstall, a quem o rei confiara a chancela do arcebispado de Cantuária, com os aplausos de todos. Nada direi, aqui, em seu louvor. Não por temer que se acuse a minha amizade de adulação; porém, a sua doutrina e as suas virtudes estão acima de meus elogios, e sua reputação é tão brilhante que celebrar o seu mérito seria, como diz o provérbio, *chover no molhado.*

Encontramos em Bruges, lugar fixado para a conferência, os delegados do Príncipe Carlos, todos personagens distintíssimos. O governador de Bruges era o chefe e o cabeça dessa deputação, e Jorge de Tomásia, preboste de Mont-Cassel, era a boca e o coração. Este homem, que deve sua eloqüência, menos ainda à arte que à natureza, passava por um dos mais sábios jurisconsultos em questões de Estado; e sua capacidade pessoal, aliada a longa prática dos negócios, fazia dele um habilíssimo diplomata.

A conferência já realizara duas sessões e não pudera ainda concordar sobre muitos artigos. Os enviados de Espanha despediram-se, então, de nós, para ir a Bruxelas consultar o príncipe. Aproveitei esse lazer e fui a Antuérpia.

Durante a minha estada nesta cidade conheci muita gente; mas nenhuma relação me foi mais agradável que a de Pedro Gil, antuerpiense de uma grande integridade. Este moço, que desfruta de honrosa posição entre os seus concidadãos, merece, realmente, uma das mais elevadas, já pelos seus conhecimentos, já por sua moralidade, pois a erudição que possui iguala a independência do caráter. Sua alma está aberta a todos; mas nutre por seus amigos tanta benevolência, amor, fidelidade e devotamento que poder-se-ia qualificá-lo, muito justamente, como o perfeito modelo da amizade. Modesto e sem fingimentos, simples e prudente, sabe falar com espírito, e seu gracejo não é nunca uma injúria. Em suma, a intimidade que se estabeleceu entre nós foi tão cheia de prazer e encanto, que suavizou em mim a saudade da pátria, do lar, de minha mulher, de meus filhos, e acalmou as inquietações de uma ausência de mais de quatro meses.

Um dia, estava eu na *Notre-Dame,* igreja da grande devoção do povo, e uma das obras-primas mais belas da arquitetura; depois de ter assistido ao ofício divino, dispunha-me a voltar para o hotel, quando, de repente, dou de cara com Pedro Gil, que conversava com um estrangeiro já idoso. A tez trigueira do desconhecido, sua longa barba, a capa, quase a cair-lhe, negligentemente, sua aparência e aspecto revelavam um patrão de navio.

Logo que Pedro deu comigo, aproximou-se, e, saudando-me, afastou-se um pouco de seu interlocutor que iniciava uma resposta, e, a propósito deste, me disse:

— Vede este homem; pois bem, ia levá-lo diretamente à vossa casa.

— Meu amigo — respondi-lhe — por vossa causa, ele seria bem-vindo.

— E mesmo por causa dele — replicou Pedro — se o conhe-

cêsseis. Não há sobre a terra outro ser vivo que possa vos dar detalhes tão completos e tão interessantes sobre os homens e os países desconhecidos. Ora, eu sei que sois excessivamente curioso por essa espécie de notícias.

— Não tinha adivinhado muito mal — disse eu então, pois que, logo à primeira vista, tomei o desconhecido por um patrão de navio.

— Enganais-vos completamente; ele navegou, é certo, mas não como Palinuro. Navegou como Ulisses, e até mesmo como Platão. Escutai sua história: Rafael Hitlodeu (o primeiro destes nomes é o de sua família) conhece bastante bem o latim e domina o grego com perfeição. O estudo da filosofia, ao qual se devotou exclusivamente, fê-lo cultivar a língua de Atenas de preferência à de Roma. E, por isso, sobre assuntos de alguma importância, só vos citará passagens de Sêneca e de Cícero. Portugal é o seu país. Jovem ainda, abandonou seu cabedal aos irmãos; e, devorado pela paixão de correr mundo, amarrou-se à pessoa e à fortuna de Américo Vespúcio. Não deixou por um só instante este grande navegador, durante as três das quatro últimas viagens, cuja narrativa se lê hoje em todo o mundo. Porém, não voltou para a Europa com ele. Américo, cedendo aos seus insistentes pedidos, lhe concedeu fazer parte dos VINTE E QUATRO que ficaram nos confins da NOVA-CASTELA. Foi, então, conforme seu desejo, largado nessa margem, pois o nosso homem não teme a morte em terra estrangeira; pouco se lhe dá a honra de apodrecer numa sepultura; e gosta de repetir este apotegma: O CADÁVER SEM SEPULTURA TEM O CÉU POR MORTALHA; HÁ POR TODA A PARTE CAMINHO PARA CHEGAR A DEUS. Este caráter aventureiro podia terlhe sido fatal, se a Providência divina não o tivesse protegido.

Como quer que fosse, depois da partida de Vespúcio ele percorreu, com cinco castelhanos, uma multidão de países, desembarcou em Taprobana, como por milagre, e daí chegou a Calicut, onde encontrou navios portugueses que o reconduziram ao seu país, contra todas as expectativas.

Assim que Pedro acabou essa narrativa, agradeci-lhe o empenho e solicitude em me fazer desfrutar conversação com homem tão extraordinário; depois, abordei Rafael e, após as saudações e cortesias habituais num primeiro encontro, levei-o à minha casa com Pedro Gil. Aí, sentados no jardim, sobre um banco de relva, a conversa começou.

Rafael me contou como, após a partida de Vespúcio, ele e seus companheiros, com afabilidade e bons serviços, granjearam a amizade dos indígenas, e como viveram com eles em paz e na melhor harmonia. Houve mesmo um príncipe, cujo país e nome me escapam, que lhes deu proteção a mais afetuosa. Sua generosidade os proveu de barcos, carros e tudo o mais de que necessitavam para continuar a viagem. Um guia fiel teve ordem de acompanhá-los e apresentá-los aos príncipes com excelentes recomendações.

Depois de vários dias de marcha descobriram burgos e cidades bem administradas, nações inúmeras e Estados poderosos.

No equador — acrescentava Hitlodeu — de uma parte e de outra, no espaço compreendido pela órbita do sol, não viram senão vastas solidões eternamente devoradas por um céu de fogo. Aí, tudo os aturdia de horror e espanto. A terra inculta tinha apenas como habitantes os animais mais ferozes, os reptis mais terríveis, ou homens mais selvagens que os animais. Afastando-se do equador, a natureza se abrandava pouco a pouco; o calor é menos abrasador, a terra se cobre de uma ridente verdura

e os animais são menos selvagens. Mais longe ainda, aparecem povos, cidades, povoações, em que se faz um comércio ativo por terra e por mar, não somente no interior e com as fronteiras, mas entre nações muito distantes.

Estas descobertas inflamavam o ardor de Rafael e de seus companheiros. E o que alimentava essa paixão pelas viagens era o fato de serem admitidos sem dificuldade no primeiro navio a partir, qualquer que fosse o seu destino.

As primeiras embarcações que viram eram chatas, as velas formadas de vimes entrelaçados ou de folhas de papiro, e algumas de couro. Em seguida, encontraram embarcações terminadas em ponta, as velas feitas de cânhamo; e finalmente embarcações inteiramente semelhantes às nossas, e hábeis nautas conhecendo muito bem o céu e o mar, mas sem nenhuma idéia de bússola.

Esses bons homens ficaram pasmados de admiração e cheios do mais vivo reconhecimento, quando nossos castelhanos lhes mostraram uma agulha imantada. Antes, era tremendo que se aventuravam ao mar, e ainda assim atreviam-se a navegar apenas no verão. Hoje, bússola em mão, arrostam os ventos e o inverno mais confiados do que seguros; pois, se não tomam cuidado, essa bela invenção, que parecia dever trazer-lhes tantos benefícios, poderá transformar-se, por sua imprudência, em uma fonte de males.

Seria muito extenso se relatasse, aqui, tudo o que Rafael viu em suas viagens. Aliás não é essa a finalidade desta obra. Completarei talvez a sua narrativa num outro livro em que darei detalhes, principalmente, dos hábitos, costumes e sábias instituições dos povos civilizados, que freqüentou Rafael.

Sobre essas graves questões nós o importunamos com pergun-

tas intermináveis, e ele consentia, prazerosamente, em satisfazer a nossa curiosidade. Nós nada lhe perguntamos sobre esses monstros famosos que já perderam o mérito da novidade: Cila[1], Selenos, Lestrigões, comedores de gente, e outras harpias de mesma espécie que existem em quase toda parte. O que é raro, é uma sociedade sã e sabiamente organizada.

Para dizer verdade, Rafael notou entre esses novos povos instituições tão ruins quanto as nossas, mas, observou também um grande número de leis capazes de esclarecer, de regenerar as cidades, nações e reinos da velha Europa.

Todas essas coisas, repito-o, serão objeto de uma outra obra. Nesta, relatarei apenas o que Rafael nos contou dos costumes e instituições do povo utopiano. Antes, quero mostrar ao leitor de que maneira a conversa foi levada para este terreno.

Rafael entremeava a sua narrativa com as reflexões mais profundas. Examinando cada forma de governo, analisava com uma sagacidade maravilhosa, o que há de bom e verdadeiro numa, de mau e de falso noutra. Ao ouvi-lo discorrer tão sabiamente sobre as instituições e os costumes dos diferentes povos, era de pensar-se que vivera toda a vida nos lugares por onde apenas passara. Pedro não pôde conter a sua admiração.

— Na verdade, — disse — meu caro Rafael, espanto-me que não vos tivésseis posto a serviço de algum rei. Certamente não haveria um só que não encontrasse em vós utilidade e satisfação. Encheríeis de encanto os seus lazeres com o vosso conhecimento

[1] Cila: perigoso penhasco no mar de Messina, vizinho a uma voragem não menos perigosa, chamada pelos antigos de Caribdis. Os poetas antigos contavam que ali morava um monstro — Cila — devorador dos navegantes.
Selenos: outros seres legendários que enchiam a imaginação dos antigos. Provavelmente o autor queria referir-se a algum derivado dos Selenitas, supostos habitantes da Lua.
Lestrigões: gigantes antropófagos, habitantes da Sicília, que comeram vários companheiros de Ulisses, segundo a mitologia homérica.

universal das coisas e dos homens, e os incontáveis exemplos, que poderíeis citar, proporcionar-lhe-iam um sólido ensinamento e conselhos preciosos. Faríeis, ao mesmo tempo, uma brilhante fortuna para vós e os vossos.

— Eu pouco me inquieto com a sorte dos meus — retomou Hitlodeu. — Creio ter cumprido sofrivelmente os meus deveres para com eles. Os outros homens só abrem mão de seus bens já velhos e na agonia, e é ainda chorando, que renunciam ao que suas mãos desfalecentes não mais podem reter. Eu, cheio de saúde e juventude, tudo dei aos meus parentes e amigos. Eles não se queixarão, espero, do meu egoísmo; não exigirão que, para cumulá-los de ouro, eu me faça escravo de um rei.

— Entendamo-nos — disse Pedro — a minha intenção não foi a de que servísseis um príncipe como lacaio e sim como ministro.

— Os príncipes, meu amigo, põem nisto pouca diferença; e, entre estas duas palavras latinas *servire* e *inservice,* vêem apenas uma sílaba a mais, ou a menos.

— Chamai a coisa como quiserdes — respondeu Pedro —; é o melhor meio de ser útil ao público, aos indivíduos, e de tornar mais feliz a própria situação.

— Mais feliz, dizeis! Mas, como aquilo que repugna ao meu sentimento, ao meu caráter, poderia fazer minha felicidade? *Presentemente* sou livre, vivo como quero, e duvido que muitos dos que vestem a púrpura possam dizer o mesmo. Muita gente ambiciona os favores do trono; os reis não sentirão falta, se eu e dois ou três da minha têmpera não nos encontrarmos entre os cortesões.

Então falei assim:

— É evidente, Rafael, que não procurais riquezas nem poder,

e não tenho menos admiração e estima por um homem como vós, do que por aquele que está à frente de um império. Parece-me, entretanto, que seria digno de um espírito tão generoso, tão filosófico, como o vosso, aplicar todos os seus talentos na direção dos negócios públicos, embora houvesse que comprometer o seu bem-estar pessoal; ora, a maneira de o fazer com mais proveito é ainda a de entrar para o conselho de algum grande príncipe; estou certo de que a vossa boca não se abriria jamais, senão para a virtude e para a verdade. Vós o sabeis, o príncipe é a fonte de onde o bem e o mal jorram como uma torrente, sobre o povo; e possuís tanta ciência e tantos talentos que, embora não tivésseis o hábito dos negócios, daríeis mesmo assim, um excelente ministro para o rei mais ignorante.

— Incidis num duplo erro, caro More — replicou Rafael —; e não só quanto ao fato em si como quanto à pessoa; estou longe de ter a capacidade que me atribuís; e mesmo que a tivesse cem vezes maior, o sacrifício de meu sossego seria inútil à causa pública.

Em primeiro lugar, os príncipes cuidam somente da guerra (arte que me é desconhecida e que não tenho nenhum desejo de conhecer). Eles desprezam as artes benfazejas da paz. Trata-se de conquistar novos reinados, e todos os meios lhes parecem bons; o sagrado e o profano, o crime e o sangue, não os detêm. Em compensação, ocupam-se muito pouco de bem administrar os Estados submetidos à sua dominação.

Quanto aos conselhos dos reis, eis aproximadamente a sua composição:

Uns se calam por inépcia, e teriam mesmo grande necessidade de ser aconselhados. Outros são capazes, e sabem que o são; mas partilham sempre do parecer do preopinante, que está em

melhores graças, e aplaudem, com entusiasmo, as pobres imbecilidades que este entende desembuchar; esses vis parasitas só têm uma finalidade: ganhar, por uma baixa e criminosa lisonja, a proteção do primeiro favorito. Os outros são escravos de seu amor-próprio e escutam apenas a própria opinião, o que não é de admirar, pois a natureza insufla cada um a afagar com o amor os produtos de sua invenção. É assim que o corvo sorri à sua ninhada, e o macaco aos seus filhotes.

Que sucede então no seio desses conselhos onde reinam a inveja, a vaidade e o interesse? Intenta, alguém, apoiar uma opinião razoável na história dos tempos passados, ou nos costumes dos outros países? Os outros se mostram surpresos e transtornados; e com o amor-próprio alarmado como se fossem perder a reputação de sábios e passar por imbecis. Eles quebram a cabeça até encontrar um argumento contraditório, e, se a memória e a lógica lhes mínguam entrincheiram-se neste lugar comum: "Nossos pais assim pensaram e assim fizeram; ah! queira Deus que igualemos a sabedoria de nossos pais!" Depois se assentam, pavoneando-se, como se acabassem de pronunciar um oráculo. Dir-se-ia, ao ouvi-los, que a sociedade vai perecer se surgir um homem mais sábio que os seus antepassados. Enquanto isso, permaneçamos indiferentes, deixando subsistir as boas instituições que eles nos legaram; e quando surge um melhoramento novo agarramo-nos à antiguidade para não acompanhar o progresso. Vi, em quase toda a parte, desses julgadores rabugentos, insensatos ou presunçosos. Aconteceu-me uma vez na Inglaterra...

— Perdão — disse eu, então, a Rafael —,estivestes também na Inglaterra?

— Sim, estive lá alguns meses, pouco depois da guerra civil

dos ingleses ocidentais contra o rei que terminou com uma horrorosa matança dos insurretos. Nessa ocasião, recebi enormes obséquios do reverendíssimo padre João Morton, cardeal-arcebispo de Cantuária e chanceler da Inglaterra.

Era um homem (dirijo-me unicamente a vós, meu caro Pedro, porque More não necessita dessas informações), era um homem ainda mais venerável por seu caráter e virtude do que por suas altas dignidades. Sua estatura mediana não se curvava ao peso da idade; sua fisionomia, sem ser dura, impunha respeito; era de trato fácil, mas severo e majestoso. Sentia prazer em experimentar os solicitantes com apóstrofes por vezes um tanto rudes, embora nunca ofensivas, mostrando-se encantado se percebia neles presença de espírito e respostas prontas, mas sem impertinência. Esta prova o ajudava a inferir do mérito de cada qual e a classificá-lo, segundo a especialidade. Sua linguagem era pura e enérgica; sua ciência do direito profunda, seu julgamento seleto, sua memória prodigiosa. Essas brilhantes disposições naturais, ele as tinha ainda desenvolvido pelo exercício e pelo estudo. O rei fazia grande caso de seus conselhos e o considerava como um dos mais firmes esteios do Estado. Levado muito jovem do colégio para a corte, envolvido toda a vida nos acontecimentos mais graves, tangido, sem descanso, pelo mar tempestuoso do destino, adquirira, em meio de perigos sempre renovados, uma consumada prudência, um conhecimento tão profundo das coisas que, por assim dizer, com ele próprio se identificava.

O acaso me fez encontrar um dia, à mesa desse prelado, um leigo reputado como douto legista. Este homem, não sei a que propósito, se pôs a cumular de louvores a rigorosa justiça exercida contra os ladrões. Narrava gostosamente como eles eram enforcados, aqui e ali, às vintenas, na mesma forca.

"Apesar disso — acrescentava — vejam que fatalidade! Mal escapam da forca dois ou tres desses bandidos, e, no entanto, na Inglaterra, eles formigam por toda parte!"

Com a liberdade de palavra que gozava na casa do cardeal, disse eu, então:

"— Nada disso devia surpreender-vos. Neste caso, a morte é uma pena injusta e inútil; é bastante cruel para punir o roubo, mas bastante fraca para impedi-lo. O simples roubo não merece a forca, e o mais horrível suplício não impedirá de roubar o que não dispõe de outro meio para não morrer de fome. Nisto a justiça da Inglaterra e de muitos países se assemelha aos mestres que espancam os alunos em lugar de instruí-los. Fazeis sofrer aos ladrões pavorosos tormentos; não seria melhor garantir a existência a todos os membros da sociedade, a fim de que ninguém se visse na necessidade de roubar, primeiro, e de morrer, depois?

"— A sociedade previu o fenômeno — replicou o meu legista. — A indústria, a agricultura oferecem ao povo inúmeros meios de existência; existem, porém, seres que preferem o crime ao trabalho."

"— Era aí mesmo onde eu vos esperava — respondi. — Não falarei dos que voltam das guerras civis ou estrangeiras com o corpo mutilado. Quantos soldados, entretanto, na batalha de Cornualha, ou na campanha de França, perderam um ou vários membros a serviço do rei e da pátria! Esses infelizes tornaram-se fracos demais para exercer o seu antigo ofício e velhos demais para aprender um novo. Mas deixemos isso, as guerras só se reacendem a longos intervalos. Olhemos o que se passa cada dia ao redor de nós. A principal causa da miséria pública reside no número excessivo de nobres zangões ociosos, que se nutrem do suor e do trabalho de outrem e que, para aumentar seus *rendi-*

mentos, mandam cultivar suas terras, escorchando os rendeiros até à carne viva. Não conhecem outro gênero de economia. Mas tratando-se, ao contrário, de comprar um prazer, são pródigos, então, até à loucura e à mendicidade. E não menos funesto é o fato de arrastarem consigo uma turba de lacaios e mandriões sem estado e incapazes de ganhar a vida.

"Caiam doentes esses lacaios, ou venha o seu patrão a morrer, e são jogados no olho da rua; porque é preferível nutri-los para não fazer nada do que alimentá-los enfermos; muitas vezes o herdeiro do defunto não está em condições de manter a domesticidade paterna.

"Eis aí pessoas expostas a morrer de fome se não têm o ânimo de roubar. Terão eles, na realidade, outras possibilidades? Procurando emprego gastam a saúde e as roupas; e quando se tornam descorados pelas moléstias e cobertos de farrapos, os nobres lhes têm horror, desprezando os seus serviços. Os camponeses mesmo não os querem empregar. Os camponeses sabem que um homem criado molemente na ociosidade e nos prazeres, habituado a trazer a cimitarra e o broquel, a olhar superiormente os vizinhos e a desprezar todo mundo; os camponeses sabem que um tal homem não é apto a manejar a pá e a enxada, a trabalhar, fielmente, por um salário insignificante e uma parca alimentação, a serviço de um pobre lavrador".

Sobre esse ponto meu antagonista respondeu:

"— É precisamente essa espécie de gente que o Estado deve manter e multiplicar com mais cuidado. Há neles mais ânimo e nobreza dalma que no artesão e no trabalhador. São maiores e mais robustos e constituem, portanto, a força do exército na hora de combater".

"— Seria o mesmo que dizer — repliquei então — que se

deve, para a glória e o êxito dos vossos exércitos, multiplicar os ladrões. Porque esses mandriões são uma sementeira inesgotável para o exército. Com efeito, os ladrões não são os piores soldados, como os soldados não são os ladrões mais tímidos; há muita analogia entre esses dois ofícios. Infelizmente, esta praga social não é particular à Inglaterra; corrói quase todas as nações.

"A França está infestada por uma peste ainda mais desastrosa. O seu solo está inteiramente coberto e como que sitiado por inúmeras tropas arregimentadas e pagas pelo Estado. E isto em tempo de paz; se é que se pode chamar de paz às tréguas de um momento. Este deplorável sistema é injustificado pelo mesmo motivo que vos leva a sustentar miríades de lacaios ociosos. Pareceu a esses políticos, timoratos e aflitos, que a segurança do Estado exigia um exército numeroso, forte, permanentemente em armas, e composto de veteranos. Não confiam nos conscritos. Dir-se-ia mesmo que fazem guerras para exercitar os soldados a fim de que, como escreveu Salústio, nesse grande matadouro humano, o coração ou a mão não se lhes entorpeçam no repouso.

"A França aprende à sua custa o perigo de alimentar essa espécie de animais carnívoros. No entanto, bastar-lhe-ia olhar os *romanos*, os cartagineses e muitos outros povos antigos. Que benefícios tiraram, entretanto, de seus exércitos imensos e sempre em pé de guerra? A devastação de suas terras, a destruição de suas cidades, a ruína de seu império. Se, ao menos, tivesse adiantado aos franceses, exercitar, por assim dizer, seus soldados desde o berço! Mas os veteranos da França já combateram contra os conscritos da Inglaterra, e não estou certo se se podem

gabar muitas vezes de ter levado a melhor. Eu me calo sobre esse capítulo; pareceria estar fazendo a corte aos que me ouvem.

"Voltemos aos nossos soldados lacaios.

"Têm eles, dizeis, mais coragem e grandeza dalma do que os artesãos e os trabalhadores. Eu, de mim, não creio que um lacaio faça muito medo nem a uns nem a outros, a não ser àqueles em que a fraqueza do corpo paralisa o vigor dalma e cuja energia foi aniquilada pela miséria. Os lacaios, dizeis ainda, são maiores e mais robustos. Mas não é uma lástima ver homens fortes e belos (porque os nobres escolhem as vítimas de sua corrupção) consumirem-se na inação, amolecerem-se em ocupações de mulheres, quando fácil seria torná-los laboriosos e úteis, dando-lhes um ofício honrado e habituando-os a viver do trabalho de suas mãos?

"De qualquer maneira que se encare a questão, esta massa imensa de gente ociosa parece-me inútil ao país mesmo na hipótese de uma guerra, que poderíeis, aliás, evitar todas as vezes que o quisésseis. Ela é, além do mais, o flagelo da paz; e a paz merece que se trate dela tanto quanto da guerra.

"A nobreza e a lacaiada não são as únicas causas dos assaltos e roubos que vos deixam desolado; há uma outra exclusivamente peculiar à vossa ilha."

"— E qual é ela? — disse o cardeal.

"— Os inumeráveis rebanhos de carneiros que cobrem hoje toda a Inglaterra. Estes animais, tão dóceis e tão sóbrios em qualquer outra parte, são entre vós de tal sorte vorazes e ferozes que devoram mesmo os homens e despovoam os campos, as casas, as aldeias.

"De fato, a todos os pontos do reino, onde se recolhe a lã mais fina e mais preciosa, acorrem, em disputa do terreno, os nobres,

os ricos e até santos abades. Essa pobre gente não se satisfaz com as rendas, benefícios e rendimentos de suas terras; não está satisfeita de viver no meio da ociosidade e dos prazeres, às expensas do público e sem proveito para o Estado. Eles subtraem vastos tratos de terra da agricultura e os convertem em pastagens; abatem as casas, as aldeias, deixando apenas o templo para servir de estábulo para os carneiros. Transformam em desertos os lugares mais povoados e mais cultivados. Temem, sem dúvida, que não haja bastantes parques e bosques e que o solo venha a faltar para os animais selvagens.

"Assim um avarento faminto fecha, num cercado, milhares de jeiras; enquanto que honestos cultivadores são expulsos de suas casas, uns pela fraude, outros pela violência, os mais felizes por uma série de vexações e de questiúnculas que os forçam a vender suas propriedades. E estas famílias mais numerosas do que ricas (porque a agricultura tem necessidade de muitos braços) emigram campos em fora, maridos e mulheres, viúvas e órfãos, pais e mães com seus filhinhos. Os infelizes abandonam, chorando, o teto que os viu nascer, o solo que os alimentou, e não encontram abrigo onde refugiar-se. Então vendem a baixo preço o que puderam carregar de seus trastes, mercadoria cujo valor é já bem insignificante. Esgotados esses fracos recursos, que lhes resta? O roubo, e, depois, o enforcamento segundo as regras.

"Preferem arrastar sua miséria mendigando? Não tardam em ser atirados na prisão como vagabundos e gente sem eira nem beira. No entanto, qual é o seu crime? É o de não achar ninguém que queira aceitar os seus serviços, ainda que eles os ofereçam com o mais vivo empenho. E, aliás, como empregar esses homens? Eles só sabem trabalhar a terra; não há então nada a fazer com eles, onde não há mais nem semeaduras nem colhei-

tas. Um só pastor ou vaqueiro é suficiente, agora, a fazer com que brote, de si mesma, a terra onde outrora, para seu cultivo, centenas de braços eram necessários.

"Outro efeito desse fatal sistema é uma grande carestia de vida em diversos lugares.

"Mas não é tudo. Após a multiplicação dos pastos, uma horrorosa epizootia veio matar uma imensa quantidade de carneiros. Parece que Deus queria punir a avareza insaciável dos vossos açambarcadores com esta medonha mortandade que talvez fosse mais justo lançar sobre suas próprias cabeças. Então, o preço das lãs subiu tão alto que os operários mais pobres não as podem atualmente comprar. E eis aí de novo uma multidão de gente sem trabalho. É verdade que o número de carneiros cresce rapidamente todos os dias; mas nem por isso o preço baixou; porque se o comércio das lãs não é um monopólio legal, está, na realidade, concentrado nas mãos de alguns ricos açambarcadores e nada pode constrangê-los a vender a não ser com altos lucros.

"As outras espécies de gado encareceram proporcionalmente pela mesma causa e por uma causa mais forte ainda, porque a reprodução destes animais está completamente abandonada, desde a abolição das granjas e a ruína da agricultura. Vossos grandes senhores não cuidam da criação do gado, mas unicamente da criação de seus carneiros. Vão comprar, distante, animais magros, quase por nada, engordam-nos nos seus campos e os revendem a preços extraordinários.

"Temo bastante que a Inglaterra não tenha sofrido todos os efeitos desses deploráveis abusos. Até agora os engordadores de gado só provocaram a carestia nos lugares onde vendem; mas à força de transportar o gado do lugar onde compram, sem lhe dar

tempo de reproduzir, o seu número acabará por diminuir, insensivelmente, e o país acabará por cair numa horrível penúria. Assim, o que devia fazer a riqueza de vossa ilha fará a miséria, devido à avareza de um punhado de miseráveis.

"A escassez geral obriga todo mundo a restringir sua despesa e sua criadagem. E os que são despedidos, para onde vão? Mendigar ou roubar, se têm coragem.

"A estas causas de miséria ajuntam-se ainda o luxo e as despesas insensatas. Lacaios, operários, camponeses, todas as classes da sociedade, ostentam um luxo inaudito nas vestes e na alimentação. Que direi dos lugares de prostituição, dos vergonhosos antros de embriaguez e devassidão, das infames casas de tavolagem de todos os jogos, do baralho, do dado, do jogo da péla e da conca que devoram o dinheiro de seus freqüentadores, e os impelem diretamente ao roubo para reparar as perdas?

"Arrancai de vossa ilha essas pestes públicas, esses germens do crime e da miséria. Obrigai os vossos fidalgos demolidores a reconstruir as quintas e burgos que destruíram, ou a ceder os terrenos para os que quiserem reconstruir sobre as ruínas. Colocai um freio ao avarento egoísmo dos ricos; tirai-lhes o direito do açambarcamento e monopólio. Que não haja mais ociosos entre vós. Dai à agricultura um grande desenvolvimento; criai a manufatura da lã e a de outros ramos de indústria, para que venha a ser ocupada utilmente esta massa de homens que a miséria transformou em ladrões, vagabundos ou lacaios, o que é aproximadamente a mesma coisa.

"Se não remediardes os males que vos assinalo, não vos vanglorieis de vossa justiça; é ela uma mentira feroz e estúpida.

"Abandonais milhões de crianças aos estragos de uma educação viciosa e imoral. A corrupção emurchece, à vossa vista,

essas jovens plantas que poderiam florescer para a virtude, e vós as matais quando, tornadas homens, cometem os crimes que germinavam desde o berço, em suas almas. E, no entanto, que é que fabricais? Ladrões, para ter o prazer de enforcá-los".

Enquanto eu assim falava, o meu adversário preparava a réplica. Ele se dispunha a seguir a pomposa dialética desses polemistas categóricos, que repetem mais do que respondem e que fazem ponto de honra de uma discussão os exercícios de memória.

"— Falastes muito bem — disse-me ele — sobretudo vós que sois estrangeiro e que não podeis conhecer estas matérias senão de oitiva. Eu vos darei melhores esclarecimentos. Eis a ordem do meu discurso: antes de tudo, recapitularei tudo o que vos disse; em seguida, realçarei os erros a que vos induziu a ignorância dos fatos; finalmente, refutarei os vossos argumentos e pulverizá-los-ei. Começo, pois, como o prometi. Tendes, se não me engano, enumerado quatro . . .

"— Eu vos detenho aí — interrompeu bruscamente o cardeal, — o exórdio me faz temer que o discurso seja um pouco longo. Nós vos pouparemos hoje desta fadiga. Mas não vos dou por desembaraçado dessa arenga; guardai-a integralmente para a próxima entrevista que tiverdes com vosso adversário. Desejo que estejam ambos aqui, amanhã, a menos que vós, ou Rafael, estejais na impossibilidade de vir. Enquanto isso, meu caro Rafael, far-me-íeis o obséquio de explicar por que o roubo não merece a morte, e por que outra pena a substituiríeis de forma a garantir melhor a segurança pública. Como não pensais que se deva tolerar o roubo, e se a forca não é hoje uma barreira para o banditismo, que terror excercereis sobre os celerados quando eles tiverem a certeza de não perder a vida? Que sanção bastante

forte dareis à lei? Uma pena mais branda não seria um prêmio de incitamento ao crime?

"— Minha convicção íntima, eminência, é que é injusto matar-se um homem por ter tirado dinheiro de outrem, desde que a sociedade humana não pode ser organizada de modo a garantir para cada um uma igual porção de bens.

"Podem objetar-me, sem dúvida, que a sociedade, tirando-lhe a vida, vinga a justiça e as leis, e não pune somente uma miserável subtração de dinheiro. Responderei com este axioma: *Summum jus, summa injuria. O supremo direito é uma injustiça suprema.* A vontade do legislador não é tão infalível e absoluta que seja necessário desembainhar a espada à menor infração aos seus decretos. A lei não é tão rígida e estóica que coloque, no mesmo nível, todos os delitos e crimes, e não estabeleça nenhuma diferença entre matar um homem e roubá-lo. Se a eqüidade não é uma palavra vã, há entre essas duas ações um abismo.

"E como! Deus proibiu o assassínio e nós nos matamos tão facilmente por causa do furto de algumas moedas!

"Alguém dirá talvez: 'Deus, com esse mandamento, tirou o poder de matar ao homem privado, mas não ao magistrado que condena aplicando as leis da sociedade.'

"Mas se é assim, quem impede os homens de fazer outras leis igualmente contrárias aos preceitos divinos, e de legalizar o estupro, o adultério e o perjúrio? Como!... Deus nos proibiu tirar a vida não somente ao nosso próximo mas também a nós mesmos; e nós poderíamos legitimamente convencionar em degolarmo-nos em virtude de algumas sentenças jurídicas! E esta convicção atroz colocaria juízes e carrascos por cima da lei divina, dando-lhes o direito de mandar à morte os que o código penal condena a morrer!

"Resultaria disso esta conseqüência monstruosa: a justiça divina tem necessidade de ser legalizada e autorizada pela justiça humana; e que, em todos os casos possíveis, cabe ao homem determinar quando deve obedecer ou não aos mandamentos de Deus.

"A própria lei de Moisés, lei de terror e vingança, feita para escravos e homens embrutecidos, não punia de morte o simples roubo. Evitemos pensar que, sob a lei cristã, lei de perdão e caridade, em que Deus ordena como pai, nós temos o direito de ser mais desumanos, e de derramar, sob qualquer pretexto, o sangue de nosso irmão.

"Tais são os motivos que me persuadem que é injusto aplicar ao ladrão o mesmo castigo que ao assassino. Poucas palavras vos farão compreender como esta penalidade é absurda em si mesma e como é perigosa à segurança pública.

"O celerado vê que não há menos a temer furtando do que assassinando; então, ele mata aquele a quem apenas despojara; e mata-o para a sua própria segurança. Assim agindo, ele se descarta do seu principal denunciador, e tem maior probabilidade de esconder o crime. Eis o belo efeito desta justiça implacável: aterrorizando o ladrão com a expectativa da forca, faz dele um assassino!

"Chego, agora, à solução deste problema tão controvertido: *Qual é o melhor sistema penitenciário?*

"Na minha opinião, era mais fácil encontrar o melhor do que o pior. Primeiramente, todos vós conheceis a penalidade adotada pelos romanos, povo tão adiantado na ciência de governar. Eles condenavam os grandes criminosos à escravatura perpétua, aos trabalhos forçados nas pedreiras ou nas minas. Esse modo de repressão parece-me conciliar a justiça com a utilidade pública.

Entretanto, para vos dizer o meu modo de pensar sobre esse ponto, não conheço nada de comparável ao que vi nos *polileritas,* nação dependente da Pérsia.

"É aquele um país bastante povoado, e às suas instituições não falta sabedoria. Além do tributo anual que pagam ao rei da Pérsia, gozam de liberdade e se governam por suas próprias leis. Longe do mar, cercados de montanhas, se satisfazem com os produtos do seu solo feliz e fértil; vão raramente a outros lugares e raramente outros vão ao seu país. Fiéis aos princípios e costumes dos seus antepassados, não procuram nunca estender as suas fronteiras e nada têm a temer de fora. Suas montanhas, e o abrigo que pagam, anualmente, ao monarca, põem-nos ao abrigo duma invasão. Vivem comodamente na paz e na abundância, sem exército e sem nobreza, ocupados com sua felicidade e despreocupados de qualquer vã celebridade; pois seu nome, desconhecido no resto da terra, talvez o seja mesmo aos seus vizinhos.

"Quando ali um indivíduo é apanhado em furto, obrigam-no, primeiro, a restituir o objeto roubado ao proprietário e não ao príncipe, como é de uso em outras partes. Os polileritas julgam que o furto não destrói o direito de propriedade. Se o objeto foi danificado ou perdido, o valor dele é descontado dos bens do autor do furto, deixando-se o que sobrar do desconto à sua mulher e filhos. Ele é condenado aos trabalhos públicos; e se o furto não é acompanhado de circunstâncias agravantes, o seu autor não é jogado no calabouço nem posto a ferros; trabalha, o corpo livre e sem entraves.

"Para forçar os preguiçosos e os rebeldes, empregam-se os castigos corporais de preferência às correntes. Os que cumprem bem o seu dever não sofrem nenhum mau trato. De tarde se faz

a chamada nominal dos condenados, encerrando-os nas celas onde passam a noite. Aliás, a única pena que podem vir a sofrer é a continuidade do trabalho; porque lhes são fornecidas todas as coisas necessárias à vida; uma vez que trabalham para a sociedade, é a sociedade que os mantém.

"Os costumes, nesse ponto, variam segundo as localidades. Em certas províncias, o produto das esmolas e das coletas é reservado aos condenados; este recurso, precário por si mesmo, é, na realidade, o mais fecundo devido à humanidade dos habitantes. Em outros lugares destina-se, para este fim, uma parte das rendas públicas, ou então um tributo particular e pessoal.

"Há mesmo regiões em que os condenados não são empregados nos trabalhos públicos. Todo indivíduo que tem necessidade de operários, ou de carregadores, vem alugá-los por dia, pagando-lhes salário pouco menor que o de um homem livre. A lei dá ao patrão o direito de bater nos preguiçosos. Dessa forma, os condenados não faltam nunca ao trabalho; ganham roupas e alimentação, e cada dia contribuem com alguma coisa para o tesouro.

"Eles são reconhecíveis facilmente pela cor do seu uniforme, igual para todos e só a eles reservado. A cabeça não é raspada, exceto um pouco acima das orelhas, uma das quais é mutilada. Os amigos podem lhes dar de beber, comer, e uma roupa. Mas um presente em dinheiro acarreta a morte tanto do que dá como do que recebe. Um homem livre não pode, sob nenhum pretexto, receber dinheiro de um escravo (é assim que são chamados os condenados). O escravo não pode tocar em armas. Estes dois últimos crimes são punidos de morte.

"Cada província marca seus escravos com um sinal particular e característico. Fazê-lo desaparecer é para eles um crime capi-

tal, assim como transpor a fronteira e falar com os escravos duma outra província. O simples projeto de fugir não é menos perigoso que a própria fuga. Por ter-se envolvido em semelhante trama o escravo perde a vida e o homem livre, a liberdade. Ainda mais, a lei confere recompensas ao delator; dinheiro, se este é livre; liberdade, se escravo; impunidade, se cúmplice, a fim de que o malfeitor não se sinta mais seguro perseverando num mau desígnio, do que arrependendo-se.

"Eis aí as penalidades correspondentes ao roubo entre os polileritas. Não é difícil divisar nelas uma grande humanidade aliada a um grande senso utilitário. Se a lei castiga, é para matar o crime, conservando o homem. Trata o condenado com tanta benignidade e justiça que o força a se tornar honesto e a reparar, durante o resto de sua vida, todo o mal que fez à sociedade.

"Também é extremamente raro que os condenados voltem aos seus antigos hábitos. Os cidadãos não têm nenhum medo deles, e é mesmo comum, entre os que empreendem qualquer viagem, escolher seus guias entre os escravos que são trocados de uma província a outra. Na verdade, que se pode temer? A lei tira ao escravo a possibilidade, e até o pensamento, do roubo; suas mãos estão desarmadas; o dinheiro é para ele um crime capital; se aprisionado, a morte é bem próxima e a fuga impossível. Como quereis que um homem vestido de modo diferente dos outros possa dissimular a sua fuga? E se fugisse completamente nu? Mas mesmo assim a sua orelha meio cortada o trairia.

"É impossível igualmente que os escravos possam urdir uma conspiração contra o Estado. A fim de assegurar à revolta alguma probabilidade de êxito, os cabeças teriam necessidade de incitar e arrastar para o seu lado os escravos de diversas províncias. Ora, isto é impraticável. Uma conspiração não é fácil a

pessoas que, sob pena de morte, não se podem reunir, se falar, dar ou retribuir uma saudação. Ousariam mesmo confiar seu projeto aos camaradas que conhecem o perigo do silêncio e a enorme vantagem da denúncia? Por outro lado, todos alimentam a esperança de recobrar, um dia, a liberdade, mostrando-se submissos e resignados, dando, por seu bom comportamento, garantias para o futuro; aliás, não há sequer um ano sem que grande número deles, transformados em boas pessoas, seja reabilitado e emancipado.

"— Por que — acrescentei então — não se estabeleceria na Inglaterra uma penalidade semelhante? Isso valeria infinitamente mais do que esta justiça que desperta tão exaltado entusiasmo ao meu sábio antagonista".

"— Um semelhante estado de coisas — respondeu este — não poderia jamais se estabelecer na Inglaterra, sem acarretar a dissolução e a ruína do império".

"Depois sacudiu a cabeça, mordeu os lábios, e calou.

"Todos os ouvintes aplaudiram com arrebatamento esta magnífica sentença, até que o cardeal fez a seguinte reflexão:

"— Não somos profetas para saber, antes de experimentar, se a legislação polilerita convém ou não ao nosso país. Todavia, parece-me que, depois do pronunciamento da sentença de morte, o príncipe poderia decretar o sursis, a fim de experimentar este novo sistema de repressão, abolindo, ao mesmo tempo, os privilégios dos lugares de asilo. Se a experiência desse bons resultados, adotaríamos o sistema: se não, que os condenados continuem a ser levados ao suplício. Essa maneira de proceder apenas suspende o curso da justiça e não oferece nenhum perigo no intervalo. Irei mesmo além, creio que seria muito útil tomar medidas igualmente moderadas e sábias para reprimir e acabar

com a vagabundagem. Temos acumulado leis sobre leis contra este flagelo e o mal é hoje pior do que nunca".

"Apenas terminara o cardeal, os louvores mais exagerados acolheram as opiniões expendidas por Sua Eminência, as quais não tinham encontrado senão desprezo e desdém quando sozinho as sustentara. O incenso dos cortesões envolvia particularmente as idéias do prelado referentes à vagabundagem.

"Não sei se seria preferível suprimir o resto da conversação; coisas bem ridículas já foram ditas. Entretanto, vou relatá-las; não eram de todo ruins e se relacionam com o assunto.

"Havia na mesa um desses parasitas, cuja honra provém do ofício de fazer-se de louco. A esse respeito a semelhança era tão perfeita, que poderia ser facilmente tomada a sério. Seus gracejos eram tão estúpidos e insípidos que o riso era provocado mais amiúde pela sua própria pessoa do que por suas graças. Mas, de vem em quando escapavam-lhe algumas palavras bastante razoáveis.

"Um dos convivas observou que eu procurava remediar a sorte dos ladrões e o cardeal,a dos vagabundos; mas que existiam ainda duas classes de infelizes às quais a sociedade devia assegurar a existência, porque são incapazes de trabalhar para viver: os *doentes* e os *velhos*.

"— Deixai-me falar — disse o bufão — possuo a este respeito um plano soberbo. Para falar francamente, grande é o meu desejo de poupar-me ao espetáculo desses miseráveis e enclausurá-los longe de todos os olhos. Eles me fatigam com as suas lamúrias, suspiros e lamentáveis súplicas, embora deva convir que esta lúgubre música ainda não conseguiu arrancar-me um cêntimo; aliás, sempre acontece comigo uma destas duas coisas: ou quando posso dar não o quero, ou quando quero não o posso.

Também agora já se mostram bastante avisados: quando me vêem passar se calam para não perder tempo. Sabem que de mim há tanto a esperar quanto de um padre.

"Eis então o decreto que sugiro:

"Todos os mendigos velhos e doentes serão distribuídos e classificados como se segue: os homens entrarão para os conventos dos beneditinos na qualidade de *irmãos leigos;* as mulheres tornar-se-ão religiosas. Tal é o meu bom desejo".

"O cardeal sorriu desse repente, aprovou-o como um rasgo de espírito, enquanto os demais ouvintes o tomaram como uma sentença séria e grave. Causou particular bom humor a um irmão teólogo que ali se achava. Este reverendo, desfranzindo um pouco a carrancuda fisionomia, riu-se maliciosamente, à custa dos padres e frades, e depois, dirigindo-se ao bufo, falou:

"— Não tereis suprimido a mendicidade, se não provirdes à subsistência de nós mesmos, frades mendicantes".

"— Sua Eminência, o cardeal, proveu perfeitamente, quando disse que se devia encerrar os vagabundos e fazê-los trabalhar. Ora, os frades mendicantes são os maiores vagabundos do mundo."

"À vivacidade da resposta, todos os olhos se fixaram sobre o cardeal, que, no entanto, não pareceu se formalizar; o epigrama foi então ruidosamente aplaudido. Quanto ao frade reverendo, ficou petrificado. O dardo satírico, que acabava de lhe ser lançado ao rosto, acendeu subitamente a sua cólera; e, vermelho como fogo, desatou numa torrente de injúrias, tratando o engraçado de velhaco, caluniador, tagarela, ameaçando-o de danação, tudo temperado com as ameaças mais aterradoras da Santa Escritura.

"Então o nosso bufão gracejou com seriedade e, levando a melhor, replicou:

"— Não nos zanguemos, caríssimo irmão. Está escrito: *"Com paciência dominareis as vossas almas"*.

"O teólogo recomeçou, no mesmo instante, e foram estas as suas expressões:

"— Não me agasto, pícaro; ou pelo menos não peço; porque o salmista diz: — *Encolerizai-vos mas não pequeis"*.

"O cardeal, numa admoestação cheia de doçura, convida, então, o frade a moderar os seus transportes.

"— Não, monsenhor — exclamou, — não, não posso calar-me, não o devo. É um zelo divino que me exalta, e os homens de Deus tiveram destas santas cóleras. Está escrito: O ZELO DE TUA CASA ME CONSOME. Não se ouve cantar nas igrejas: AQUELES QUE ZOMBAVAM DE ELISEU ENQUANTO ELE SUBIA PARA A CASA DE DEUS SOFRERAM A CÓLERA DO CALVO? A mesma punição castigará talvez esse gracejador, esse bufão, esse devasso".

"— Sem dúvida — disse o cardeal — a vossa intenção é boa. Mas me parece que procederíeis mais sabiamente, senão mais santamente, evitando comprometer-vos com um louco numa querela ridícula".

"— Monsenhor, meu comportamento não poderia ser mais sábio. Salomão, o mais sábio dos homens, disse: RESPONDEI AO LOUCO CONFORME A SUA LOUCURA. Pois bem, é isso o que faço. Mostro-lhe o abismo onde vai se precipitar, se não se cuida. Aqueles que riam de Eliseu eram em grande número, e foram todos punidos por terem zombado dum único calvo. Qual será, pois, o castigo do único homem que ridiculariza um tão grande número de frades, entre os quais há tantos calvos? Mas o que deve, sobretudo, fazê-lo tremer é que temos uma bula do papa que excomunga aqueles que escarnecem de nós".

"O cardeal, vendo que o caso não acabava, despediu, com um

aceno, o bufão parasita e mudou prudentemente o curso de conversação. Logo depois levantou-se da mesa para dar audiência a seus vassalos, e despediu todos os convivas".

Caro More, fatiguei-vos com a narrativa de uma história bastante longa. Estaria verdadeiramente envergonhado de tê-la prolongado tanto, se não fosse por ter cedido às vossas instâncias, e se a atenção que prestastes aos detalhes não me tivesse obrigado a não omitir nenhum. Poderia ter abreviado, mas quis esclarecer-vos sobre o espírito e o caráter dos convivas. Enquanto, sozinho, desenvolvi minhas idéias, foi com o desprezo geral que foram acolhidas as minhas palavras; mas, assim que o cardeal me trouxe o seu beneplácito, o elogio substituiu o desprezo. Suas cortesanices iam ao ponto de achar judiciosas e sublimes as bufonerias dum bobo, que o cardeal tolerava como uma brincadeira frívola.

Julgais ainda que as pessoas da corte levariam em grande consideração minha pessoa e meus conselhos?

Respondi a Rafael:

— Vossa narrativa fez-me experimentar uma grande alegria. Ela reunia o interesse e a atração a uma profunda sabedoria. Escutando-vos, eu me acreditava na Inglaterra; porque fui educado desde criança no palácio desse bom cardeal, e sua lembrança me reconduz aos primeiros anos da vida. Já vos tinha dado a minha amizade, mas todo o bem que dissestes à memória do piedoso arcebispo, tona-vos ainda mais caro ao meu coração. De resto, persisto na mesma opinião a vosso respeito, estando persuadido de que vossos conselhos seriam de uma alta utilidade pública, se quisésseis vencer o horror que vos inspiram os reis e as cortes. E não é um dever para vós, como para todo bom cidadão, sacrificar ao interesse geral as suas ojerizas particula-

res? Platão disse: *A humanidade será feliz um dia, quando os filósofos forem reis, ou quando os reis forem filósofos.* Ai! Como está longe de nós esta felicidade quando os filósofos nem ao menos se dignam assistir os reis com seus conselhos!

— Caluniais os sábios — replicou-me Rafael —; eles não são bastante egoístas para esconder a verdade; muitos a têm revelado em seus escritos; e se os senhores do mundo estivessem preparados para receber a luz, poderiam ver e compreender. Infelizmente cega-os uma venda fatal, a venda dos preconceitos e dos falsos princípios em que se formaram, dos quais foram infecionados já na infância. Platão não ignorava isso; sabia, como nós, que os reis nunca seguiam os conselhos dos filósofos, se eles próprios já não o eram também. Platão teve disso a triste experiência na corte de Dionísio, o Tirano[2].

Suponhamos, pois, que eu seja ministro de um rei. Proponho-lhe os decretos mais salutares; esforço-me por arrancar de seu coração e de seu império todos os germens do mal. Acreditais que não me expulsará da corte ou que não me exporá ao riso dos cortesões?

Suponhamos, por exemplo, que eu seja ministro do rei de França. Eis-me sentado à mesa do Conselho, ao passo que, no fundo do palácio, o monarca preside, em pessoa, às deliberações dos mais judiciosos políticos do reino. Essas nobres e poderosas cabeças estão procurando laboriosamente por quais maquinações e intrigas o rei, senhor, conservará o ducado de Milão, recobrará o reino de Nápoles, sempre a escapar-lhe, e como, em

[2] Tirano de Siracusa (405-368 a. C.). Platão, em conseqüência de intrigas, foi preso por este da primeira vez que esteve naquela cidade. Da segunda vez que ali esteve o fez como conselheiro do filho do tirano (368-343 a. C.) que sucedeu ao pai no trono. Também desta vez Platão não se deu bem na corte e teve de abandonar as suas funções e voltar à Grécia.

seguida, destruirá a república de Veneza e submeterá a Itália toda; finalmente, como reunirá à sua coroa as Flandres, o Brabante, a Borgonha inteira, e outras nações que sua ambição já invadiu e conquistou há muito tempo.

Este propõe concluir com os venezianos um tratado que durará enquanto não houver interesse em rompê-lo. 'Para melhor dissipar suas desconfianças', acrescenta o mesmo, 'comunicar-lhes-emos as primeiras palavras do enigma; podemos mesmo deixar com eles uma parte do saque; fácil nos será retomá-la depois da execução completa do plano.'

Aquele aconselha aliciar alemães; um terceiro, que se atraiam os suíços com dinheiro. Um outro pensa que se deve tornar propício o deus imperial, sacrificando-lhe outro em expiação; aquele julga oportuno entrar em entendimentos com o rei de Aragão, abandonando-lhe, como garantia de paz, o reino da Navarra, que não lhe pertence. Outro ainda quer engordar o príncipe de Castela com a esperança de uma aliança, e manter, em suja corte, algumas inteligências, pagando gordas pensões a alguns grandes personagens.

Depois, vem a questão difícil e insolúvel, a questão da Inglaterra, verdadeiro nó górdio político. A fim de se prevenir contra qualquer eventualidade, tomam-se as seguintes resoluções:

Negociar com essa potência as condições de paz, e apertar mais estreitamente os laços duma união sempre vacilante; dar-lhe, publicamente, o nome de melhor amiga da França, e, no fundo, dela desconfiar como de seu inimigo mais poderoso.

Manter os escoceses permanentemente em guarda, como sentinelas avançadas, atentas a tudo, e, ao primeiro sintoma de movimento na Inglaterra, lançá-los imediatamente como um exército de vanguarda.

Manter secretamente (por causa dos tratados que se opõem a uma proteção aberta) algum grande personagem exilado, animando-o a fazer valer os seus direitos à coroa da Inglaterra, e, assim, pôr em xeque o príncipe reinante de quem se receiam os desígnios.

Então se, no meio dessa assembléia real onde se agitam tão vastos interesses, na presença desses profundos homens de Estado, a concluir, unânimes, pela guerra, se eu, homem do nada, me levantasse para transtornar suas combinações e cálculos, e dissesse:

"Deixemos a Itália em sossego e fiquemos na França; a França já é grande demais para ser bem administrada por um só homem e o rei não deve cuidar em aumentá-la. Escutai, senhores, o que aconteceu aos *acorianos* numa situação semelhante, e a decisão que então tomaram:

"Esta nação, situada em frente à ilha de Utopia, nas margens do *Euronstons,* fez, outrora, a guerra, porque seu rei pretendia a sucessão dum reinado vizinho, em virtude de antiga aliança. O reino vizinho foi subjugado mas cedo se reconheceu que a conservação da conquista era mais difícil e onerosa do que a própria conquista.

"A todo momento havia revoltas internas a reprimir, ou tropas a enviar para o país conquistado; a cada instante era-se forçado a combater pró ou contra os novos súditos. Em consequência, o exército tinha que ser mantido de pé, e os cidadãos eram esmagados pelos impostos; o dinheiro fugia para fora; e, para lisonjear a vaidade dum só homem, o sangue corria em borbotões. Os curtos instantes de paz não eram menos desastrosos do que a guerra. A depravação das tropas lançara a corrupção nos costumes; o soldado voltava ao lar com o amor da

pilhagem e a audácia do assassinato, resultado adquirido no trato da violência nos campos de batalha.

"Essas desordens, esse desprezo geral pelas leis, provinham de que o príncipe, ao dividir sua atenção e cuidados entre dois reinos, não podia bem administrar nem um nem outro. Os *acorianos* quiseram pôr um termo a tantos males; reuniram-se em conselho nacional, e, polidamente, deram ao monarca a escolher entre os dois Estados, declarando-lhe que não podia mais carregar duas coroas, e que era absurdo que um grande povo fosse governado por uma metade de rei, quando ninguém desejava um almocreve que estivesse ao mesmo tempo a serviço de outro patrão.

"Esse bom príncipe resolveu-se: cedeu o novo reino a um dos seus amigos, que foi expulso dali logo depois, e contentou-se com seu antigo domínio.

"Volto à minha hipótese. Se fosse mais longe ainda; se, dirigindo-me ao próprio monarca, o fizesse ver que essa paixão de guerrear, que transtorna as nações, depois de ter esgotado as finanças e arruinado o povo, poderia ocasionar à França as conseqüências mais fatais: se lhe dissesse:

"— Senhor, aproveitai a paz que um feliz acaso vos concede, cultivai o reino de vossos pais, fazei nele florescer a felicidade, a riqueza e a força; amai vossos súditos, e que o amor deles faça a vossa alegria; vivei como pai no meio deles e não comandeis nunca como déspota; deixai em paz os outros reinos; aquele que vos coube por herança é suficientemente grande para vós."

Dizei-me, caro More, com que espécie de bom ou mau humor seria acolhida semelhante arenga?

— Com péssimo mau humor — respondi.

— E não é tudo — continuou Rafael —: passamos em revis-

ta a política exterior dos ministros de França; a glória era então o de que necessitava o seu senhor; agora é o dinheiro. Vejamos um instante os seus novos princípios de governo e justiça.

Este propõe elevar o valor da moeda quando se trate de reembolsar um empréstimo, e de fazê-lo descer muito abaixo do par quando se trate de tornar a encher o tesouro. Com esse duplo expediente, o príncipe poderá cobrir suas enormes dívidas, e, sem trabalho, fazer uma grande colheita sem recursos.

Aquele, aconselha simular uma guerra próxima. Este pretexto legitimará um novo imposto. Depois da arrecadação do tributo extraordinário, o príncipe fará subitamente a paz; ordenará a celebração desse feliz acontecimento por meio de ações de graça nos templos e de todas as pompas das cerimônias religiosas. A nação ficará deslumbrada e o reconhecimento público elevará até aos céus as virtudes dum rei tão humanamente avaro do sangue de seus súditos.

Um outro vem, e exuma velhas leis carcomidas pelas traças e caídas em desuso pelo tempo. Como todo mundo ignora sua existência, todo mundo as transgride. Restaurando, assim, as multas pecuniárias contidas nessas leis, criar-se-ia uma fonte de renda lucrativa e até honrada, pois que se agiria em nome da justiça.

Um terceiro pensa que não seria de menor proveito lançar, *sob pena* de pesadas multas, uma multidão de novas proibições, a maioria delas em benefício do povo. O rei, mediante soma considerável, dispensaria aqueles cujos interesses privados fossem comprometidos por estas proibições. Dessa maneira o rei ver-se-ia cumulado das bênçãos do povo e faria dupla receita, recebendo, ao mesmo tempo, dinheiro dos contraventores e dos privilegiados. O melhor do negócio é que quanto mais exorbi-

tante fosse o preço das dispensas tanto mais Sua Majestade ganharia em estima e consideração.

"Vejam — diriam — como este bom príncipe violenta seu coração ao vender tão caro o direito de prejudicar o povo".

Outro ainda, enfim, aconselha ao monarca ter à disposição juízes sempre dispostos a sustentar, em todas as ocasiões, os direitos da coroa. 'Vossa Majestade,' acrescenta ele, 'deveria chamá-los à corte, e persuadi-los a discutir, perante a vossa augusta pessoa, os próprios negócios reais. Por pior que seja uma causa, haverá sempre um juiz para julgá-la boa, seja pela mania de contradição, seja por amor da novidade e do paradoxo, seja para agradar o soberano. Então, uma discussão se trava; a multiplicidade e o conflito de opiniões embrulham uma coisa de si mesma muito clara, e a verdade é posta em dúvida. Vossa Majestade aproveita o momento para resolver a dificuldade, interpretando o direito em proveito próprio. Os dissidentes se submetem à opinião real por timidez ou por temor, e o julgamento é dado, segundo as formalidades, com franqueza e sem escrúpulo. Faltarão jamais ao juiz, que dá uma sentença a favor do príncipe, os necessários consideranda? Não há o texto da lei, a liberdade de interpretação, e, acima das leis, para um juiz religioso e fiel, a *prerrogativa real?*'

Ouvi os axiomas de moral política proclamados unanimemente pelos membros do nobre conselho:

'O rei que sustenta um exército nunca tem dinheiro bastante'.

'O rei não poderia fazer o mal mesmo que o quisesse'.

'O rei é o proprietário universal e absoluto dos bens e das pessoas de todos os seus súditos; estes nada possuem senão como usufrutuários pelas boas graças do rei'.

'A pobreza do povo é o baluarte da monarquia'.

'A riqueza e a liberdade conduzem à insubordinação e ao desprezo da autoridade; o homem livre e rico suporta com impaciência um governo injusto e despótico'.

'A indigência e a miséria degradam os caracteres, embrutecem as almas, habituam-nas ao sofrimento e à escravidão, comprimindo-as a ponto de lhes tirar a energia necessária para sacudir o jugo'.

Se outra vez me erguesse, e falasse assim a esses poderosos senhores:

"— Vossos conselhos são infames, vergonhosos para o rei, funestos para o povo. A honra de vosso senhor e a sua felicidade consistem na riqueza de seus súditos mais ainda do que na sua própria. Os homens fizeram os reis para os homens e não para os reis; colocaram chefes à sua frente para que pudessem viver comodamente ao abrigo das violências e dos ultrajes; o dever mais sagrado do príncipe é velar pela felicidade do povo antes de velar pela sua própria; como um pastor fiel, deve dedicar-se a seu rebanho, e conduzi-lo às pastagens mais férteis.

"Sustentar que a miséria pública é a melhor salva-guarda da monarquia, é sustentar um erro grosseiro e evidente; onde se vêem mais querelas e rixas do que entre os mendigos?

"Qual o homem que mais deseja uma revolução? Não será aquele cuja existência atual é miserável? Qual Estado? Não será aquele que com isso só pode ganhar por nada ter a perder?

"Um rei que provocasse o ódio e o desprezo dos cidadãos e cujo governo não pudesse se manter senão pelas vexações, pela pilhagem, pelo confisco e pela miséria universal, deveria descer do trono e depor o poder supremo. Empregando estes meios tirânicos, talvez pudesse conservar o nome de rei, mas de rei não teria mais nem o ânimo nem a majestade. A dignidade real não

consiste em reinar sobre mendigos, mas sobre homens ricos e felizes.

"Fabrício[3], esta grande alma, estava todo penetrado desse sublime sentimento quando respondeu: *'Prefiro governar ricos a eu mesmo ser rico'*. E, de fato, nadar em delícias, saciar-se de voluptuosidade em meio às dores e gemidos de um povo, não é manter um reino e sim uma cadeia.

"O médico que só sabe curar as moléstias de seus clientes dando-lhes moléstias mais graves, passa por ignaro e imbecil; confessai, pois, — ó vós que não sabeis governar senão arrebatando aos cidadãos a subsistência e as comodidades da vida! — confessai que sois indignos e incapazes de dirigir homens livres! Ou então corrigi vossa ignorância, vosso orgulho e vossa preguiça: é isso o que excita o ódio e o desprezo pelo soberano. 'Vivei do vosso patrimônio, segundo a justiça; medi vossas despesas na proporção de vossas rendas; detende as torrentes do vício; criai instituições de benemerência, que previnam o mal e o matem no gérmen, ao invés de inventar suplícios contra os infelizes que uma legislação absurda e bárbara impele ao crime e à morte.

"Não ressusciteis leis carunchosas caídas no olvido e no esquecimento, lançando sobre os vossos súditos toda a sorte de obstáculos. Não eleveis o preço de um delito a uma taxa que o juiz condenaria, como injusta e vergonhosa, entre simples particulares. Tende sempre diante dos olhos este belo hábito dos *macarianos*.

"Nesta nação, vizinha da Utopia, no dia em que o rei toma posse do império, oferece sacrifícios à divindade, comprometendo-se por um juramento sagrado a não ter nunca em seus cofres

[3] Fabrício, general romano, cônsul em 282-275 a. C. Morreu tão pobre que o Estado foi forçado a fazer-lhe os funerais.

mais do que mil libras de ouro ou a soma em dinheiro de valor equivalente. Este uso foi introduzido por um príncipe que tinha mais desejo de trabalhar pela prosperidade do Estado, do que acumular milhões. Quis desse modo pôr um freio à avareza dos seus sucessores e impedi-los de enriquecer pelo empobrecimento de seus súditos. Mil libras de ouro lhe pareceram uma quantia suficiente para um caso de guerra civil ou estrangeira, mas demasiado fraca para apoderar-se da fortuna da nação. Foi principalmente este último motivo que o induziu a decretar esta lei; mas visava ele ainda a duas outras finalidades: em primeiro lugar, ter em reserva, para os tempos de crise, a quantidade de dinheiro necessária à circulação e às transações quotidianas dos cidadãos; em segundo lugar, limitar as cifras dos impostos e da 'lista civil' no intuito de impedir que o príncipe empregasse o excesso da dotação legal em semear a corrupção e cometer injustiças. Um rei como este é o terror dos maus e a veneração das pessoas de bem".

Mas, dizei-me, caro More, pregar uma tal moral a homens que por interesse e por sistema se orientam por princípios diametralmente opostos não é contar histórias a surdos?

— E a surdos como portas — respondi. — Mas isto não me espanta, e, para vos revelar o meu modo de pensar, é perfeitamente inútil dar conselhos quando se tem a certeza de que serão repelidos quer na forma, quer no fundo. Ora, os ministros e os políticos de hoje estão impregnados de erros e preconceitos; como quereis bruscamente modificar suas crenças e fazer penetrar, de chofre, em suas cabeças e em seu coração, a verdade e a justiça? Esta filosofia escolástica está no seu lugar em uma conversação familiar, entre amigos; está fora de propósito nos

conselhos dos reis, onde grandes coisas são tratadas com grande autoridade e em face do poder supremo.

— Era isto o que vos dizia ainda agora — retrucou Rafael, — a filosofia não tem acesso na corte dos príncipes.

— Dizeis a verdade se vos referis a esta filosofia de escola, que ataca de frente, e cegamente, os tempos, os lugares, e as pessoas. Mas existe uma filosofia menos selvagem; esta conhece o teatro em que atua, e, na peça que deve representar, desempenha seu papel com decência e harmonia. É esta a que deveis empregar.

Suponhamos que, durante a representação de uma comédia de Plauto, no momento em que os escravos estão de bom humor, irrompeis em cena, em trajes de filósofo, declamando a passagem de *Otávio,* em que Sêneca repreende e prega moral a Nero; duvido muito que fôsseis aplaudido. Certamente, teríeis agido com mais acerto se vos tivésseis limitado ao papel de um personagem mudo do que oferecer ao público este drama tragicômico. Um monstruoso amálgama destes estragaria todo o espetáculo, mesmo que a vossa citação valesse cem vezes mais do que a peça. Um bom ator põe todo seu talento no papel que vai representar, qualquer que ele seja; e não perturba o conjunto porque lhe ocorre à fantasia de clamar uma tirada magnífica e pomposa.

Da mesma maneira convém agir quando se delibera acerca dos negócios do Estado, no seio do conselho real. Se não se pode desarraigar de uma só vez as máximas perversas, nem abolir os costumes imorais, não é isto razão para se abandonar a *causa* pública. O piloto não abandona o navio diante da tempestade porque não pode domar o vento.

Falais a homens imbuídos de princípios contrários aos vossos; que caso poderão fazer de vossas palavras, se lhes atirais à

face a contradita e o desmentido? Segui o caminho oblíquo — ele vos conduzirá mais seguramente à meta. Aprendei a dizer a verdade com propriedade e a propósito; e, se vossos esforços não puderem servir para efetuar o bem, que sirvam ao menos para diminuir a intensidade do mal; porque tudo só será bom e perfeito, quando os próprios homens forem bons e perfeitos; e até lá, os séculos passarão.

Rafael respondeu:

— Quereis saber o que me sucederia se assim procedesse? Ao querer curar a loucura dos outros, acabaria demente também. Mentiria, se falasse de maneira diferente da que vos falei. A mentira é talvez permitida a certos filósofos, mas não está em minha natureza. Sei que minha linguagem parecerá dura e severa aos conselheiros do rei; apesar disso, não vejo por que sua novidade seja de tal modo estranha que toque ao absurdo. Se me referisse às teorias da República de Platão, ou aos usos atualmente em vigor entre os utopianos, coisas melhores e infinitamente superiores às nossas idéias e costumes, então, poder-se-ia crer que eu vinha de outro mundo, porque aqui o direito de possuir de seu pertence a cada um, enquanto que lá todos os bens são comuns. Mas, o que disse eu que não fosse conveniente e mesmo necessário divulgar? Minha moral mostra o perigo e dele salva o homem ponderado; não fere senão o insensato que se atira de olhos fechados ao abismo.

Há covardia ou má fé em calar as verdades que condenam a perversidade humana, sob o pretexto de que serão escarnecidas como novidades absurdas ou quimeras impraticáveis. De outra forma, seria necessário deitar um véu sobre o Evangelho e dissimular aos cristãos a doutrina de Jesus. Mas Jesus proibia a seus apóstolos o silêncio e o mistério; repetia-lhes sempre: *O que vos*

digo em voz baixa e ao ouvido, pregai por toda parte, em voz alta e às claras. Ora, a moral de Cristo está muito mais em contradição com os costumes deste mundo, do que nossos discursos.

Os pregadores, homens sagazes, seguiram o caminho oblíquo de que me falastes há pouco; vendo que repugnava aos homens acomodar seus maus costumes à doutrina cristã, torceram o Evangelho, como se fosse uma lei de chumbo, para modelá-lo segundo os maus costumes dos homens. Onde os conduziu esta hábil manobra? A dar ao vício a calma e a segurança da virtude.

Quanto a mim, não obteria melhor resultado nos conselhos dos príncipes, porque, ou minha opinião é contrária à opinião geral, e, nesse caso, não seria tomada em consideração, ou coincide com a opinião geral, e então, *deliro também como os loucos,* segundo a expressão de *Micion,* a personagem de Terêncio. Assim, não vejo aonde pode levar o vosso caminho retorcido. Dizeis: "Quando não se pode atingir a perfeição, deve-se, ao menos, atenuar o mal". Mas, aqui, a dissimulação é impossível e a conivência um crime, pois se trata de aprovar as propostas mais execráveis, de votar decretos mais perigosos que a peste, e, neste caso, aprovar perfidamente deliberações infames como essas seria comportar-se tal qual um espião e um traidor.

Não há, pois, nenhuma maneira de ser útil ao Estado nessas altas regiões. O ar que aí se respira corrompe a própria virtude. Os homens que vos cercam, longe de corrigir-se com os vossos ensinamentos, vos depravam com seu contato e pela influência de sua perversão; e, se conservais vossa alma pura e incorruptível, servireis de manto às suas imoralidades e loucuras. Não há, pois, esperança de transformar o mal em bem, trilhando o vosso caminho oblíquo, aplicando os vossos meios indiretos.

Agora, caro More, vou revelar-vos o fundo de minha alma, e dizer-vos os meus pensamentos mais íntimos. Em toda a parte onde a propriedade for um direito individual, onde todas as coisas se medirem pelo dinheiro, não se poderá jamais organizar nem a justiça nem a prosperidade social, a menos que denomineis justa a sociedade em que o que há de melhor é a partilha dos piores, e que considereis perfeitamente feliz o Estado no qual a fortuna pública é a presa dum punhado de indivíduos insaciáveis de prazeres, enquanto a massa é devorada pela miséria.

Também, quando comparo as instituições utopianas com as dos outros países, não me canso de admirar a sabedoria e a humanidade de uma parte, e deplorar, da outra, o desvario e a barbaria.

Na Utopia, as leis são pouco numerosas; a administração distribui indistintamente seus benefícios por todas as classes de cidadãos. O mérito é ali recompensado; e, ao mesmo tempo, a riqueza nacional é tão igualmente repartida que cada um goza abundantemente de todas as comodidades da vida.

Alhures, o princípio do teu e do meu é consagrado por uma organização cujo mecanismo é tão complicado quão vicioso. Há milhares de leis, e que ainda não bastam, para que um indivíduo possa adquirir uma propriedade, defendê-la e distingui-la da propriedade de outrem. A prova é o número infinito de processos que surgem todos os dias e não terminam nunca.

Quando me entrego a esses pensamentos, faço inteira justiça a Platão e não me admiro mais que ele tenha desdenhado legislar para os povos que não aceitam a comunidade dos bens. Esse grande gênio previra facilmente que o único meio de organizar a felicidade pública, fora a aplicação do princípio da *igualdade*. Ora, a igualdade é, creio, impossível num Estado em que a posse

é particular e absoluta; porque cada um se apóia em diversos títulos e direitos para atrair para si tudo quanto possa, e a riqueza nacional, por maior que seja, acaba por cair na posse de um reduzido número de indivíduos que deixam aos outros apenas indigência e miséria.

Muitas vezes até a sorte do rico deveria caber ao pobre. Não há ricos avaros, imorais, inúteis, e pobres simples, modestos, cujo engenho e trabalho trazem proveito ao Estado mas não o trazem a si mesmos?

Eis o que invencivelmente me persuade que o único meio de distribuir os bens com igualdade e justiça, e de fazer a felicidade do gênero humano, é a abolição da propriedade. Enquanto o direito de propriedade for o fundamento do edifício social, a classe mais numerosa e mais estimável não terá por quinhão senão miséria, tormentos e desesperos.

Sei que existem remédios que podem aliviar o mal; mas estes remédios são impotentes para curá-los. Por exemplo:

Decretar um *máximo* de posse individual em terras e dinheiro.

Premunir-se por meio de severas leis contra o despotismo e a anarquia.

Denunciar e castigar a ambição e a intriga.

Não traficar as magistraturas.

Suprimir o fausto e a representação nos altos cargos, a fim de que o funcionário, para sustentar sua posição, não se entregue à fraude e à rapina, a fim de que não se veja obrigado a dar aos mais ricos os cargos que deveriam caber aos mais capazes.

Estes meios, repito-o, são excelentes paliativos que podem adormecer a dor e aliviar as chagas do corpo social; mas não espereis com isto devolver-lhe a força e a saúde, enquanto cada um possuir solitariamente e absolutamente seus bens; podeis

cauterizar uma úlcera, mas inflamareis todas as outras; curareis um doente, e matareis um homem são; porque o que acrescentais ao *haver* de um indivíduo tirais ao de seu vizinho.

Disse eu, então, a Rafael:

— Longe de compartilhar vossas convicções, penso, ao contrário, que o país em que se estabelecesse a comunidade de bens seria o mais miserável de todos os países. Com efeito, como produzir para as necessidades do consumo? Todo mundo fugiria do trabalho e descansaria dos cuidados, com sua existência baseada sobre o trabalho dos outros. E, mesmo que a miséria perseguisse os preguiçosos, desde que a lei não mantém inviolavelmente, para e contra todos, a propriedade de cada um, a rebelião rugiria, sem cessar, esfomeada e ameaçadora, e a matança ensangüentaria vossa república.

Que barreira oporíeis à desordem? Vossos magistrados têm apenas uma autoridade nominal; estão despidos, despojados de tudo o que impõe o temor e o respeito. Não chego nem mesmo a conceber a possibilidade de governo nesse povo de niveladores que repele toda espécie de superioridade.

— Não me espanto que penseis assim — replicou Rafael. — Vossa imaginação não poderia fazer a menor idéia de uma tal república, ou dela tem apenas uma idéia falsa. Se tivésseis estado na Utopia, se tivésseis assistido ao espetáculo de suas instituições e de seus costumes, como eu, que lá passei cinco anos de minha vida, e que não me decidi a sair senão para revelar esse novo mundo ao antigo, confessaríeis que em nenhuma outra parte existe sociedade perfeitamente organizada.

Pedro Gil disse então, dirigindo-se a Rafael:

— Não me persuadireis jamais que haja nesse novo mundo povos melhor constituídos do que neste. A natureza não produz

entre nós espíritos de têmpera inferior. Temos, além disso, o exemplo duma civilização mais antiga, e uma série de descobertas, que o tempo fez brotar, para as necessidades ou para o luxo da vida. Não me refiro às invenções nascidas do acaso, e que o gênio mais sutil não teria podido imaginar.

— A questão da antiguidade — respondeu Rafael, — vós a discutiríeis com mais solidez se tivésseis lido as histórias desse novo mundo. Ora, segundo essas histórias, lá houve cidades, antes que aqui houvesse homens. Pelo que se refere às descobertas devidas ao gênio ou ao acaso, elas podem igualmente surgir em todos os continentes. Admito que tenhamos sobre esses povos a superioridade da inteligência; em compensação, eles nos deixam bem atrás em matéria de atividade e engenho. Ides ter a prova:

Seus anais testemunham que não tinham jamais ouvido falar de nosso mundo, antes de nossa chegada; somente, há aproximadamente mil e duzentos anos, um navio impelido pela tempestade afundou em frente à ilha da Utopia. As ondas jogaram à praia alguns egípcios e romanos, que, desde então, só sem vida, queriam deixar o país. Os utopianos tiraram desse conhecimento um partido enorme; na escola dos náufragos aprenderam tudo que estes conheciam das ciências e artes espalhadas no império romano. Mais tarde, esses primeiros germens se desenvolveram, e o pouco que os utopianos tinham aprendido, levou-os a descobrir o resto. Assim, um único ponto de contato com o mundo antigo bastou para transmitir-lhes a indústria e o gênio.

É possível que depois desse naufrágio, a mesma sorte tenha levado alguns dos nossos à Utopia; mas a lembrança disso está completamente apagada. Talvez a posteridade também esqueça a minha estada nesta ilha afortunada, estada esta que foi infini-

tamente preciosa para os seus habitantes, pois, por este meio, puderam apropriar-se das mais belas invenções da Europa.

Mas para nós, quantos séculos nos serão precisos para aprender deles o que há de perfeito em suas instituições? Eis o que lhes dá a superioridade do bem-estar material e social, embora os igualemos em inteligência e riqueza: essa atividade do espírito dirigida incessantemente para a pesquisa, o aperfeiçoamento e a aplicação das coisas úteis.

— Pois então — disse eu a Rafael, — fazei-nos a descrição desta ilha maravilhosa. Não suprimais nenhum detalhe, suplico-vos. Descrevei-nos os campos, os rios, as cidades, os homens, os costumes, as instituições, as leis, tudo o que pensais que desejamos saber, e, acreditai-me, esse desejo abarca tudo o que ignoramos.

— Com muito gosto — respondeu Rafael —; essas coisas estão sempre presentes à minha memória; mas a narrativa exige tempo.

— Nesse caso — disse-lhe, — vamos então jantar, primeiro; teremos depois todo o tempo necessário.

— Perfeitamente — acrescentou Rafael.

Entramos então em casa para jantar, e depois voltamos ao jardim, onde sentamo-nos no mesmo banco. Recomendei particularmente aos criados afastar os importunos, pois havia associado minhas instâncias às de Pedro, para que Rafael cumprisse sua promessa. Sentindo a nossa curiosidade, ávida e atenta, recolheu-se, um instante, no silêncio e meditação, e começou com estas palavras.

LIVRO SEGUNDO

DA COMUNICAÇÃO DE RAFAEL HITLODEU

O QUE
VOS DIGO
EM VOZ BAIXA
E AO OUVIDO,
PREGAI-O
EM VOZ ALTA E
ABERTAMENTE.

MATEUS 10 27.

A ILHA DA UTOPIA tem duzentos mil passos em sua maior largura, situada na parte média. Esta largura diminui gradual e sistematicamente do centro para as duas extremidades, de maneira que a ilha inteira se arredonda em um semicírculo de quinhentas milhas de arco, apresentando a forma de um crescente, cujos cornos estão afastados onze mil passos aproximadamente.

O mar enche esta imensa bacia; as terras adjacentes que se estendem em anfiteatro quebram o furor dos ventos, mantendo as águas calmas e pacíficas, e dando a esta grande massa líquida a aparência de um lago tranqüilo. Esta parte côncava da ilha é como um único e vasto porto acessível aos navios em todos os pontos.

A entrada do golfo é perigosa por causa dos bancos de areia de um lado, e dos escolhos, do outro. No meio se levanta um rochedo visível de muito longe, e que por isto não oferece nenhum perigo. Os utopianos construíram uma fortaleza, defendida por uma boa guarnição. Outros rochedos ocultos pela água oferecem armadilhas inevitáveis aos navegantes. Unicamente os nativos conhecem as passagens navegáveis e por esse justo motivo ninguém pode entrar no estreito sem ser guiado por um piloto utopiano. Esta precaução seria ainda insuficiente, se os faróis dispostos pela costa não indicassem o rumo a seguir. A simples transposição desses faróis seria suficiente para destruir a frota mais numerosa, dando-lhe uma falsa direção.

Se se der crédito às tradições, aliás plenamente justificadas pela configuração do país, esta terra não foi sempre uma ilha. Chamava-se antigamente Abraxa e se ligava ao continente; Utopus apoderou-se dela, e deu-lhe seu nome.

Este conquistador teve bastante gênio para humanizar uma população grosseira e selvagem e para formar um povo que ultrapassa hoje todos os outros em civilização. Desde que a vitória o fez dono deste país, mandou cortar um istmo de quinze mil passos no lado em que está ligado ao continente; e a terra de Abraxa tornou-se, assim, a ilha da Utopia. Utopus empregou, no acabamento dessa obra gigantesca, os soldados do seu exército, assim como os indígenas, a fim de que estes não olhassem o trabalho imposto pelo vencedor como uma humilhação e um ultraje. Milhares de braços foram então postos em movimento e o êxito, em breve, coroava o empreendimento. Os povos vizinhos que, antes, haviam tachado esta obra de vaidade e loucura, tomaram-se de espanto e de terror.

A ilha da Utopia tem cinqüenta e quatro cidades espaçosas e magníficas. A linguagem, os hábitos, as instituições, as leis são perfeitamente idênticas. As cinqüenta e quatro cidades são edificadas sobre o mesmo plano e possuem os mesmos estabelecimentos e edifícios públicos, modificados segundo as exigências locais. A menor distância entre essas cidades é de vinte e quatro milhas, a maior é de uma jornada a pé.

Todos os anos, três velhos experientes e capazes são nomeados deputados por cada cidade e se congregam em Amaurota, a fim de tratar dos negócios do país. Amaurota é a capital da ilha; sua posição central transformou-a em ponto de reunião mais conveniente para todos os deputados.

Um mínimo de vinte mil passos de terra é destinado em cada

cidade à produção dos artigos de consumo e à lavoura. Em geral, a extensão do território é proporcional ao afastamento das cidades. Estas felizes cidades não procuram os limites fixados pela lei. Os habitantes se olham mais como rendeiros do que como proprietários do solo.

Há pelos campos casas comodamente construídas, providas de toda espécie de instrumentos de agricultura, e que servem de morada aos exércitos de trabalhadores que a cidade envia periodicamente ao campo.

A família agrícola se compõe pelo menos de quarenta indivíduos, homens e mulheres, e de dois escravos. Está sob a direção de um pai e de uma mãe de família, pessoas graves e prudentes.

Trinta famílias são dirigidas por um *filarca*[4].

Todos os anos vinte cultivadores de cada família regressam à cidade; são os que terminaram seus dois anos de serviço agrícola. São substituídos, então, por vinte indivíduos que ainda não serviram. Os recém-chegados recebem instrução dos que já trabalharam um ano no campo, e, no ano seguinte, se tornam instrutores por sua vez. Assim os cultivadores não são, nunca, todos de uma vez ignorantes e novatos, e a subsistência pública não tem nada a temer da imperícia dos cidadãos encarregados de mantê-la.

Esta renovação anual tem ainda outra finalidade que é a de não consumir por muito tempo a vida dos cidadãos nos trabalhos materiais e penosos. Entretanto, alguns tomam naturalmente gosto pela agricultura e obtêm autorização de passar vários anos no campo.

Os agricultores cultivam a terra, criam animais, juntam

[4] De *Philarca*, de *phil* ou *philo (amigo)*, prefixo grego significando *que ama*.

madeira e transportam os aprovisionamentos para a cidade vizinha, por água ou por terra. Eles usam de um processo extremamente engenhoso para conseguir grande quantidade de pintos; não deixam às galinhas a tarefa de chocar os ovos, mas o fazem por meio de um calor artificial convenientemente temperado. E, quando o pinto quebra a casca, é o homem que lhe serve de mãe, que o guia e sabe reconhecê-lo. Criam poucos cavalos, e somente árdegos, destinados a corridas, e que não têm outra aplicação que a de exercitar a juventude na equitação.

Os bois são empregados exclusivamente na lavoura e no transporte. O boi, dizem os utopianos, não tem a vivacidade do cavalo, mas o sobrepuja em paciência e força; é menos sujeito a moléstias, custa menos para ser nutrido, e quando não serve mais para o trabalho serve ainda para a mesa.

Os utopianos convertem em pão os cereais; bebem o suco da uva, da maçã, da pera; bebem também água pura ou fervida com mel e alcaçuz, que possuem em abundância.

A quantidade de víveres necessária ao consumo de cada cidade e de seus territórios é determinada da maneira mais precisa. Não obstante, os habitantes não deixam de semear o grão e criar gado, muito além das necessidades do consumo. O excedente é posto em reserva para os países vizinhos.

Quanto aos móveis, utensílios domésticos e outros objetos que não podem ser encontrados no campo, os agricultores vão procurá-los na cidade. Eles se dirigem aos magistrados urbanos que lhos mandam entregar sem remuneração nem atraso. Todos os meses se reúnem para celebrar uma festa.

Quando chega o tempo da colheita os *filarcas* das famílias agrícolas comunicam aos magistrados das cidades quantos braços auxiliares necessitam; e enxames de ceifadores chegam no

momento convencionado e, se o céu está plácido, a colheita é feita quase num só dia.

DAS CIDADES DA UTOPIA E PARTICULARMENTE DA CIDADE DE AMAUROTA

Quem conhece uma cidade, conhece todas, porque todas são exatamente semelhantes, tanto quanto a natureza do lugar o permita. Poderia portanto descrever-nos indiferentemente a primeira que me ocorresse; mas escolherei de preferência a cidade de Amaurota, porque é a sede do governo e do senado, fato que lhe dá preeminência sobre as demais. Além disso, é a cidade que melhor conheço, pois habitei-a cinco anos inteiros.

Amaurota se estende em doce declive sobre a vertente de uma colina. Sua forma é de quase um quadrado. Começa a estender-se um pouco acima do cume da colina, prolonga-se cerca de dois mil passos sobre as margens do rio Anidra, alargando-se à medida que vai margeando o rio.

A nascente do Anidra é pouco abundante; está situada a oitenta milhas acima de Amaurota. A fraca corrente se engrossa na sua marcha com o encontro de numerosos rios, entre os quais se distinguem dois de grandeza média. Ao chegar diante de Amaurota, o Anidra mede quinhentos passos de largo. A partir daí, segue se avolumando sempre até desembocar no mar, após ter percorrido uma extensão de sessenta milhas.

Dentro de todo o espaço compreendido entre a cidade e o mar, e algumas milhas acima da cidade, o fluxo e o refluxo da maré, que duram seis horas por dia, modificam singularmente o

curso do rio. À maré crescente, o oceano invade o leito do Anidra numa extensão de trinta milhas, rechaçando-o para a nascente. Então a vaga salina comunica seu amargor ao rio; mas este, pouco a pouco, se purifica, e leva à cidade uma água doce e potável, e a reconduz inalterada até perto de sua embocadura, quando a maré baixa. As duas margens do Anidra estão ligadas por uma ponte de pedra, construída em arcadas maravilhosamente curvas. Esta ponte se encontra na extremidade da cidade mais afastada do mar, a fim de que os navios possam ancorar em todos os pontos da baía.

Um outro rio, pequeno é verdade, mas belo e tranqüilo, corre também no perímetro de Amaurota. Este ribeiro brota a pouca distância da cidade, na montanha sobre a qual está ela assentada; e, depois de a ter cortado ao meio, vem unir suas águas às do Anidra. Os amaurotanos cercaram a nascente de fortificações que a ligam aos arrabaldes. Desta forma, no caso de cerco, o inimigo não poderá envenenar o rio, nem barrar ou desviar-lhe o curso. Do ponto mais elevado, ramificam-se em todos os sentidos canos de barro que conduzem a água aos quarteirões baixos da cidade. Onde este meio é impraticável, vastas cisternas recolhem as águas pluviais para os diversos usos dos habitantes.

Uma cadeia de altas e largas muralhas circunda a cidade e, a pequenas distâncias, erguem-se torres e fortalezas. As muralhas, dos três lados, estão cercadas de fossos sempre secos, mas largos e profundos, atravancados de sebes e espinheiros. O quarto lado tem por fossa o próprio rio.

As ruas e as praças são convenientemente dispostas, seja para o transporte, seja para abrigar-se do vento Os edifícios são construídos confortavelmente; brilham de elegância e de conforto e formam duas fileiras contíguas, acompanhando de longo as ruas, cuja largura é de vinte pés.

Atrás, e entre as casas, abrem-se vastos jardins. Em cada casa há uma porta que dá para a rua e outra para o jardim. Estas duas portas se abrem facilmente com um ligeiro toque, e deixam entrar o primeiro que chega.

Os habitantes da Utopia aplicam aqui o princípio da posse comum. Para abolir a idéia da propriedade individual e absoluta, trocam de casa todos os dez anos e tiram a sorte da que lhes deve caber na partilha.

Os habitantes das cidades tratam de seus jardins com desvelo; cultivam a vinha, os frutos, as flores e toda a sorte de plantas. Põem nessa cultura tanta ciência e gosto que jamais vi em outra parte maior fertilidade e abundância combinadas num conjunto mais gracioso. Não é o prazer o único motivo que os incita à arte da jardinagem, há emulação entre os diferentes quarteirões da cidade, que lutam à porfia por quem terá o jardim mais bem cultivado. Na verdade, nada se pode conceber mais agradável, nem mais útil aos cidadãos que esta ocupação. O fundador do império bem o compreendeu, quando tantos esforços envidou para encaminhar os espíritos nessa direção.

Os utopianos atribuem a Utopus o plano geral de suas cidades. Este grande legislador não teve tempo de concluir as construções e embelezamentos que tinha projetado; isso demandava o trabalho de muitas gerações. Assim, legou à posteridade o cuidado de continuar e aperfeiçoar sua obra.

Lê-se nos anais da Utopia, conservados religiosamente desde a conquista da ilha e que abarcam a história de mil setecentos e sessenta anos; lê-se que, no começo, as casas eram muito baixas, não havia senão choupanas, cabanas de madeira, com paredes de barro e tetos de palha, terminados em ponta. As casas, hoje, são elegantes edifícios de três andares, com paredes externas de pedra ou de tijolo e paredes internas de estuque. Os tetos são

chatos, recobertos de uma matéria moída e incombustível, que não custa nada e protege melhor que o chumbo dos danos do tempo. As janelas envidraçadas (faz-se na ilha grande uso do vidro) abrigam do vento. Algumas vezes substitui-se o vidro por um tecido de uma finura extrema revestido de âmbar ou óleo transparente, o que oferece ainda a vantagem de deixar passar a luz e evitar o vento.

DOS MAGISTRADOS

Trinta famílias fazem, todos os anos, a eleição de um magistrado, chamado *sifogrante* na antiga linguagem do país e *filarca* na moderna.

Dez sifograntes e suas trezentas famílias obedecem a um *protofilarca,* antigamente denominado *traníbora.*

Finalmente os sifograntes, em número de mil e duzentos, após o juramento de dar os seus votos ao cidadão mais virtuoso e mais capaz, escolhem por escrutínio secreto e proclamam *príncipe* um dos quatro cidadãos propostos pelo povo; porque a cidade sendo dividida em quatro seções, cada quarteirão apresenta seu candidato ao senado.

O principado é vitalício, a menos que recaia sobre o príncipe a suspeita de aspirar à tirania. Os traníboras são nomeados todos os anos, mas só por graves motivos são eles mudados. Os outros magistrados são renovados anualmente.

Todos os três dias, e ainda mais freqüentemente se o caso o exige, os traníboras se reúnem em conselho com o príncipe para deliberar sobre os negócios do país e terminar rapidamente os processos que surgem entre os particulares, processos aliás excessivamente raros. Os dois sifograntes assistem a cada uma das sessões do senado, e esses dois magistrados populares são alternados em cada sessão.

A lei quer que as moções de interesse geral sejam discutidas

no senado três dias antes de ir a votação e de ser convertido em decreto o projeto.

Reunir-se fora do senado e das assembléias do povo para deliberar sobre os negócios públicos é um crime punido com a morte.

Estas instituições têm por finalidade impedir o príncipe e os traníboras de conspirarem juntos contra a liberdade, de oprimir o povo com leis tirânicas e de mudar a forma do governo. A constituição é de tal modo vigilante a este propósito que as questões de alta importância são relatadas nos comícios dos sifograntes, que as comunicam às suas famílias. O caso é então examinado em assembléia popular; depois, os sifograntes, após terem deliberado, transmitem ao senado seu parecer e a vontade do povo. Algumas vezes mesmo a opinião de toda a ilha é consultada.

Entre os regulamentos do senado, o seguinte merece ser assinalado. Quando uma proposta é feita, é proibido discuti-la no mesmo dia; a discussão é transferida à sessão seguinte.

Desta maneira ninguém fica exposto a desembuchar levianamente as primeiras coisas que lhe passem pela cabeça, e a defender, em seguida, a sua opinião antes do que o bem geral; pois não é freqüente acontecer que se recue diante da vergonha de uma retratação e do reconhecimento de um erro irrefletido? Então, sacrifica-se o bem público para salvar a reputação. Este perigo funesto da precipitação foi previsto, e aos senadores é dado o tempo suficiente para refletir.

DAS ARTES E OFÍCIOS

Há uma arte comum a todos os utopianos, homens e mulheres, e da qual ninguém tem o direito de isentar-se — é a agricultura. As crianças aprendem a teoria nas escolas e a prática nos campos vizinhos da cidade aonde são levadas em passeios recreativos. Aí assistem ao trabalho e trabalham também, e este exercício traz ainda a vantagem de desenvolver as suas forças físicas.

Além da agricultura, que, repito-o, é um dever imposto a todos, ensina-se a cada um um ofício especial. Uns tecem a lã ou o linho; outros são pedreiros ou oleiros; outros trabalham a madeira ou os metais. São esses os principais ofícios.

As roupas têm a mesma forma para todos os habitantes da ilha; esta forma é invariável, e apenas distingue o homem da mulher, o solteiro do casado. Estas vestes reúnem a elegância à comodidade; facilitam todos os movimentos do corpo, defendem-no contra os calores do verão e do frio do inverno. Cada família confecciona suas próprias vestes.

Todos, homens e mulheres, sem exceção, são obrigados a aprender um dos ofícios mencionados acima. As mulheres, sendo mais fracas, trabalham apenas a lã e o linho, os homens são encarregados das coisas mais penosas.

Em geral cada um é adestrado na profissão de seus pais, porque é habitualmente a natureza que inspira o gosto desta profis-

são Entretanto, se alguém sente mais aptidão e é atraído por outra, passa a fazer parte, por adoção, de uma das famílias que a exercem. Seu pai, de acordo com o magistrado, trata de colocá-lo a serviço de um pai de família honesto e respeitável.

Se alguém, tendo já uma profissão, quer aprender outra, pode aprendê-la nas condições precedentes. Deixa-se-lhe a liberdade de exercer a que melhor lhe convier, a menos que a cidade não lhe designe uma por motivo de utilidade pública.

A função principal e quase única dos sifograntes é a de velar por que ninguém se entregue à ociosidade e à preguiça e todos exerçam com ânimo a sua profissão. Não se deve crer que os utopianos se atrelem ao trabalho como bestas de carga desde a madrugada até à noite. Esta vida, embrutecedora para o espírito e para o corpo, seria pior que a tortura e a escravidão. E no entretanto, tal é, em outra qualquer parte, a triste sorte do operário!

Os utopianos dividem o intervalo de um dia e de uma noite em vinte e quatro horas iguais. Seis horas são empregadas nos trabalhos materiais. Eis a sua distribuição.

Três horas de trabalho antes do meio-dia, depois almoçam. Depois do meio-dia, duas horas de repouso, três de trabalho, em seguida jantam.

Contam uma hora onde contamos meio-dia, deitam-se às nove e reservam nove horas para o sono.

O tempo compreendido entre o trabalho, as refeições e o sono, cada qual é livre de empregar à sua vontade. Longe de abusar dessas horas de lazer, abandonando-se à ociosidade e à preguiça, descansam variando suas ocupações e trabalho. Estão aptos a assim fazer, graças a uma instituição verdadeiramente admirável.

Todas as manhãs, antes de o sol se levantar, os cursos públicos são abertos. Somente os indivíduos especialmente destinados às letras são obrigados a seguir esses cursos; mas todo mundo tem direito a assisti-los, as mulheres como os homens, quaisquer que sejam as suas profissões. O povo acorre em massa; e cada um se apega ao ramo de ensino que tem mais relação com sua indústria e seus gostos.

Alguns, durante as horas de liberdade, entregam-se de preferência ao exercício de sua profissão. São os homens cujo espírito não tem o gosto das especulações abstratas. Longe de serem contrariados nessa preferência, são, ao contrário, aplaudidos; pois se tornam, assim, constantemente úteis a seus concidadãos.

À noite, depois da ceia, os utopianos se entregam, durante uma hora, aos divertimentos; no verão, pelos jardins, e no inverno, nas salas comuns onde fazem suas refeições. Fazem música ou se distraem conversando. Desconhecem os dados, o baralho e todos os outros jogos de azar, tão estúpidos como perigosos. Praticam entretanto duas espécies de jogos, que têm muita semelhança com o nosso xadrez; um é a *batalha aritmética,* na qual o número pilha o número; o outro é o *combate dos vícios e das virtudes.* Este último mostra, com destaque, a desordem dos vícios entre si, o ódio que os divide e, contudo, seu perfeito acordo quando se trata de atacar as virtudes. Faz ver ainda quais são os *vícios opostos* a cada uma das virtudes, como aqueles atacam a estas pela violência e a descoberto, ou pela astúcia e meios sinuosos; como a virtude repele os assaltos do vício, derruba-o e aniquila seus esforços; e como, finalmente, a vitória se decide por um ou outro lado.

Aqui espero uma séria objeção e apresso-me em rebatê-la.

Dir-se-á talvez: Seis horas de trabalho por dia não são sufi

cientes para as necessidades do consumo público, e a Utopia deve ser um país muito miserável.

Mas não é este realmente o caso. Ao contrário, as seis horas de trabalho produzem abundantemente para todas as necessidades e comodidades da vida, e ainda um supérfluo bem superior às exigências do consumo.

Compreendereis facilmente se refletirdes no grande número de pessoas ociosas existentes nas outras nações. Antes de tudo, são essas quase todas as mulheres, que em si constituem a metade da população, e a maioria dos homens, ali onde as mulheres trabalham. Em seguida, esta imensa multidão de padres e religiosos vagabundos. Somai ainda todos esses ricos proprietários vulgarmente chamados *nobres* e *senhores;* acrescentai também as nuvens de lacaios e outro tanto de malandros de libré; e o dilúvio de mendigos robustos e válidos que escondem sua preguiça sob o disfarce de enfermidades. E achareis, em resumo, que o número de todas as necessidades é bem menor do que imaginais.

Considerai também como são poucos aqueles que a trabalhar estão empregados em coisas verdadeiramente necessárias. Porque, neste século de dinheiro, onde o dinheiro é o deus e a medida universal, grande é o número das artes frívolas e vãs que se exercem unicamente a serviço do luxo e do desregramento. Mas se a massa atual dos trabalhadores estivesse repartida pelas diversas profissões úteis, de maneira a produzir mesmo com abundância tudo o que exige o consumo, o preço da mão-de-obra baixaria a um ponto que o operário não poderia mais viver de seu salário.

Supondo, pois, que se faça trabalhar utilmente aqueles que não produzem senão objetos de luxo e os que nada produzem, embora comam o trabalho e o quinhão de dois bons operários;

então, concebereis, sem dificuldade, que disporão de mais tempo do que necessitam para prover às necessidades e mesmo aos prazeres da vida, quero dizer, os que se fundam na natureza e na verdade.

Ora, o que afirmo aqui, na Utopia está provado pelos fatos. Em toda a extensão duma cidade utopiana, inclusive seu território, não mais de quinhentos indivíduos, compreendidos os homens e mulheres na idade e força de trabalhar, existem isentos por lei. Neste número estão os sifograntes; mas mesmo esses magistrados trabalham como os outros cidadãos a fim de estimulá-los pelo exemplo. Este privilégio se estende também aos jovens que o povo destina às ciências e às artes, por recomendação dos padres e conforme os sufrágios secretos dos sifograntes. Se um desses eleitos ilude a esperança pública, é transferido para a classe dos operários. Se, ao contrário, e o caso é freqüente, um operário consegue adquirir uma instrução suficiente consagrando suas horas de lazer aos estudos intelectuais, fica isento do trabalho mecânico e sobe à classe dos letrados.

É entre os letrados que se escolhem os embaixadores, os padres, os traníboras e o príncipe, chamado antigamente *barzame* e hoje *ádemo*. O resto da população continuamente ativa não exerce senão profissões úteis e produz, em pouco tempo, uma massa considerável de trabalhos perfeitamente executados.

O que contribui ainda para abreviar o trabalho é que, tudo sendo bem estabelecido e conservado, há muito menos o que fazer na Utopia do que entre nós.

Nas outras partes, a construção e a reparação dos edifícios exigem trabalhos contínuos. A razão disto é que o pai, após ter edificado a sua casa com grandes sacrifícios, deixa seus bens a um filho negligente e dissipador, em cujas mãos tudo se dete-

riora pouco a pouco; o resultado é que o herdeiro deste último não pode empreender reparações sem fazer despesas enormes. Freqüentemente acontece mesmo que um mais requintado no luxo desdenha as construções paternas, e se põe a construir, com maiores despesas ainda, noutro terreno, enquanto a casa de seu pai cai em ruínas.

Na Utopia, tudo está tão bem previsto e organizado que raro é-se obrigado a construir em novos terrenos. Os estragos são consertados no momento em que aparecem, e os que estão iminentes são prevenidos. Assim, as construções se conservam com pouco gasto e trabalho. A maior parte do tempo, os operários permanecem em casa, para, desbastando os materiais, talhar a madeira e a pedra. Quando há uma construção a fazer, os materiais estão todos prontos e a obra é rapidamente terminada.

Ides ver como despendem pouco os utopianos para se vestirem.

No trabalho, vestem de couro ou de pele; este traje pode durar sete anos. Em público, cobrem-se de um casaco ou sobretudo que tapa a roupa grosseira do trabalho. O casaco é de cor natural, e igual para todos. Desta sorte usam muito menos casimira do que em qualquer parte, e a lã lhes vem por menor preço. O linho é de uso muito difundido, porque exige menos trabalho. Eles não dão preço senão à brancura do linho, à nitidez e à limpeza da lã, sem considerar a fineza ou delicadeza da fiação. Um só traje dura de ordinário dois anos; enquanto que alhures cada pessoa carece de quatro a cinco roupas de diferentes cores, outras tantas vestimentas de seda e os mais elegantes não se satisfazem com uma dezena. Os utopianos não vêem motivos para possuir um tão grande número; não se sentiriam por isso nem mais cômoda nem mais elegantemente vestidos.

Assim, todo mundo, na Utopia, vive ocupado em artes e ofícios realmente úteis. O trabalho material é de curta duração e mesmo assim produz a abundância e o supérfluo. Quando há acúmulo de produtos, os trabalhos diários são suspensos e a população é transportada em massa para reparar as estradas esburacadas e estragadas. Na falta de obras comuns ou extraordinárias a realizar, um decreto autoriza uma diminuição nas horas de trabalho, porque o governo não procura fatigar seus cidadãos em labores inúteis.

O fim das instituições sociais na Utopia é de prover antes de tudo às necessidades do consumo público e individual; e deixar a cada um o maior tempo possível para libertar-se da servidão do corpo, cultivar livremente o espírito, desenvolvendo suas faculdades intelectuais pelo estudo das ciências e das letras. É neste desenvolvimento completo que eles põem a verdadeira felicidade.

DAS RELAÇÕES MÚTUAS ENTRE OS CIDADÃOS

Agora passo a expor as relações dos cidadãos entre si, seu comércio e a lei da distribuição das coisas necessárias à vida.

A cidade se compõe de famílias, na sua maioria unidas pelos laços de parentesco.

Desde que uma moça é núbil, é-lhe dado um marido e ela vai morar com ele.

Os varões, filhos e netos, não deixam as suas famílias. O membro mais antigo de uma família é o chefe, e se os anos enfraqueceram sua inteligência, é substituído por aquele que mais se aproxima de sua idade.

As seguintes disposições mantém o equilíbrio da população, impedindo-a de tornar-se muito rara em certos pontos, muito densa em outros.

Cada cidade deve ser constituída de seis mil famílias. Cada família não pode conter senão de dez a dezesseis mancebos na idade da puberdade. O número de crianças impúberes é ilimitado.

Quando uma família cresce além da medida, o excedente é colocado entre as famílias menos numerosas.

Quando há numa cidade mais gente do que deve conter, o excedente vai preencher os claros das cidades menos povoadas.

Finalmente, se a ilha inteira se visse sobrecarregada de habitantes, seria decretada a emigração geral. Os emigrantes iriam

fundar uma colônia no continente mais próximo, onde os indígenas dispõem de mais terreno do que cultivam.

A colônia se governa segundo as leis utopianas, e chama a si os nativos que queiram partilhar de seus trabalhos e gênero de vida.

Se os colonos encontram um povo que aceita suas instituições e costumes, formam com ele uma mesma comunidade social, e esta união é benéfica a todos. Pois, a viver todos, assim, à utopiana, uma terra que, outrora, era ingrata e estéril para um único povo, torna-se produtiva e fecunda para dois povos ao mesmo tempo.

Mas se os colonos encontram uma nação que repele as leis da Utopia, eles expulsam esta nação da região do país que querem colonizar, e, se preciso, empregam, para tal, a força das armas. Segundo os seus princípios, a guerra mais justa é aquela que se faz a um povo que possui imensos territórios incultos e que os conserva desertos e estéreis, notadamente quando este mesmo povo interdiz a sua posse e o seu uso aos que vêm para cultivá-los e deles se nutrir, conforme a lei imprescritível da natureza.

Se acontecesse (e este foi o caso, por duas vezes, em conseqüência de pestes horríveis) que a população do lugar diminuísse a ponto de não poder ser restabelecida sem romper o equilíbrio e a constituição das outras partes da ilha, os colonos regressariam à Utopia. Nossos insulares prefeririam deixar que as colônias perecessem a permitir que decrescesse uma única cidade da mãe-pátria.

Mas voltemos às relações mútuas entre os cidadãos.

O mais idoso, como já o disse, preside a família. As mulheres servem a seus maridos; as crianças, a seus pais e mães; os mais jovens, aos mais velhos.

A cidade inteira se divide em quatro quarteirões iguais. No centro de cada quarteirão, encontra-se o mercado das coisas necessárias à vida. São depositados aí os diferentes produtos do trabalho de todas as famílias. Esses produtos, depositados primeiramente nos entrepostos, são em seguida classificados nas lojas de acordo com sua espécie.

Cada pai de família vai procurar no mercado aquilo de que tem necessidade para si e os seus. Tira o que precisa sem que seja exigido dele nem dinheiro nem troca. Jamais se recusa alguma coisa aos pais de família. A abundância sendo extrema, em todas as coisas, não se teme que alguém tire além de sua necessidade. De fato aquele que tem a certeza de que nada faltará jamais, não procurará possuir mais do que é preciso. O que torna, em geral, os animais cúpidos e rapaces é o temor das privações no futuro. No homem em particular, existe uma outra causa de avareza — o orgulho, que o excita a ultrapassar em opulência os seus iguais e a deslumbrá-los pelo aparato de um luxo supérfluo. Mas as instituições utopianas tornam este vício impossível.

Aos mercados de que acabo de falar juntam-se os mercados de comestíveis, onde se depositam os legumes, as frutas, o pão, o peixe, as aves domésticas e as partes de se comer dos animais quadrúpedes.

Fora da cidade, existem os matadouros onde se abatem os animais destinados ao consumo. Esses matadouros são mantidos sempre limpos graças a correntes de água que arrastam o sangue e as imundícies dos animais. É daí que é levada ao mercado a carne limpa e retalhada pelas mãos dos escravos: pois a lei proíbe aos cidadãos o ofício de carniceiro, temerosa que o hábito da matança destrua pouco a pouco o sentimento de humani-

dade, o sentimento mais nobre do coração do homem. Esses açougues são situados fora da cidade no intuito de evitar também aos cidadãos um espetáculo hediondo, ao mesmo tempo que desembaraça a cidade das sujeiras e matérias animais cuja putrefação poderia provocar moléstias.

Em cada rua amplos palácios estão dispostos a igual distância, distinguindo-se uns dos outros por nomes particulares. É aí que moram os sifograntes; suas trinta famílias estão alojadas nos dois lados, quinze à direita e quinze à esquerda; é no palácio do sifogrante que elas vão fazer as refeições em comum.

Os provedores se reúnem no mercado a uma hora fixa e requerem uma quantidade de víveres proporcional ao número de bocas que têm de nutrir. Começa-se sempre por servir os doentes, que são alojados em enfermarias públicas.

Em torno da cidade e um pouco além de seus muros estão situados quatro hospitais de tal forma espaçosos, que poderiam ser tomados por quatro burgos consideráveis. Evitam-se assim a acumulação e o atravancamento dos doentes, inconvenientes que retardam a cura; além disto, quando um homem é atingido por uma moléstia contagiosa, pode-se isolá-lo completamente. Esses hospitais possuem com abundância todos os remédios e todas as coisas necessárias ao restabelecimento da saúde. Os doentes são aí tratados com um cuidado afetuoso e assíduo, sob a direção dos mais hábeis médicos. Ninguém é obrigado a ir para lá; entretanto, não há quem, em caso de doença, não prefira tratar-se no hospital a tratar-se em sua casa.

Depois que os provedores dos hospitais recebem o que pediram, segundo as prescrições dos médicos, o que há de melhor no mercado é distribuído, sem distinção, entre todos os refeitórios, proporcionalmente ao número dos comedores. Serve-se, ao

mesmo tempo, o príncipe, o pontífice, os traníboras, os embaixadores, os estrangeiros, se os há, o que é muito raro. Estes últimos, ao chegarem à cidade, encontram seus alojamentos já preparados e providos de tudo o que possam necessitar.

Uma trombeta marca a hora das refeições. Então toda a *sifograntia* encaminha-se para o refeitório comum, com exceção dos indivíduos acamados em casa ou no hospital. É permitido ir ao mercado à procura de víveres para o consumo particular, mas só depois que as mesas públicas estiverem completamente providas. Os utopianos, porém, não se utilizam jamais desse direito, a não ser por graves motivos: se cada qual é livre de comer em sua casa, ninguém encontra prazer em fazê-lo. Ademais, seria loucura dar-se ao trabalho de preparar um mau jantar, quando se pode ter um bem melhor a alguns passos.

Os escravos são encarregados dos trabalhos de cozinha mais sujos e penosos. As mulheres cozinham os alimentos, temperam os guisados e servem e tiram as mesas. Revezam-se nestes misteres, família por família.

Preparam-se três mesas ou mais, de acordo com o número de convivas. Os homens assentam-se ao lado da parede, as mulheres ficam dispostas em frente, a fim de que, se alguma for acometida de uma indisposição súbita, o que acontece freqüentemente às mulheres grávidas, possa se retirar sem incomodar ninguém, e ir para os aposentos das amas.

As amas se sentam à parte com as crianças de peito, em salas particulares, sempre aquecidas e providas de água limpa e berços; desta maneira elas podem deitar as criancinhas, desenfaixá-las e fazê-las brincar próximo do fogo.

Cada mãe aleita seu filho, exceto em caso de morte ou de doença. Nestes dois casos, as mulheres dos sifograntes procuram

imediatamente uma ama, o que não é difícil encontrar. As mulheres em situação de prestar este serviço são as primeiras a se oferecer. Aliás, esta função é uma das mais honrosas, e a criança pertence tanto à sua ama-de-leite como à sua mãe.

Na sala das amas vivem também as crianças que não têm ainda cinco anos completos. Os meninos e as meninas, da puberdade até a época do casamento, servem a mesa. Os mais jovens, e que não têm força para servir, conservam-se de pé e em silêncio; comem o que lhes é dado pelos que estão à mesa, e não têm outro momento para fazer suas refeições.

O sifogrante e sua mulher são colocados no centro da primeira mesa. Esta mesa ocupa a extremidade do fundo da sala e de lá se descortina, num golpe de vista, toda a assembléia. Dois velhos, escolhidos entre os mais idosos e mais respeitáveis, assentam-se com o sifogrante, e, assim, todos os convivas são servidos e comem quatro a quatro. Se há um templo na sifograntia, o sacerdote e sua mulher substituem os dois velhos, presidindo a refeição.

Dos dois lados da sala estão enfileirados alternadamente dois jovens e dois indivíduos mais idosos. Esta disposição aproxima os iguais e mistura, ao mesmo tempo, todas as idades; e além disso preenche uma finalidade moral. Como nada se pode dizer ou fazer que não seja percebido pelos vizinhos, assim a gravidade da velhice, o respeito que ela inspira, contêm a petulância dos jovens, impedindo-os de sair da medida tanto nas palavras como nos gestos.

A mesa do sifogrante é servida em primeiro lugar; em seguida as outras, segundo sua posição. Os melhores pedaços são dados aos velhos das famílias que ocupam lugares fixos e de destaque. Todos os demais são servidos com uma igualdade perfeita. As

porções desses bons velhos não são bastante grandes para dar a todo mundo; mas eles as repartem, como entendem, com os vizinhos mais próximos. Assim, rende-se à velhice a honra que lhe é devida, e esta homenagem volve ao bem de todos.

Os almoços e os jantares começam pela leitura de um livro de moral; esta leitura é breve para que não aborreça. Quando terminada, os mais idosos encetam conversações honestas, mas cheias de jovialidade e alegria. Longe de falar exclusivamente, eles gostam de escutar os jovens; provocam mesmo seus repentes, a fim de apreciar-lhes a natureza do caráter e do espírito. Ao calor e liberdade reinantes nas horas de refeição, essa natureza facilmente se trai.

O almoço é rápido; a ceia é demorada; porque ao almoço seguem-se os trabalhos, enquanto que, depois da ceia, vêm o sono e o repouso da noite. Ora, os utopianos acreditam que o sono da noite é mais favorável do que o trabalho a uma boa digestão. A ceia não se realiza sem música e sem uma sobremesa copiosa e delicada. Os perfumes, as essências mais delicadas, nada é poupado para o bem-estar e o gozo dos convivas. Poder-se-á talvez, por isto, acusar os utopianos de uma tendência excessiva ao prazer? Eles têm por princípio que a volúpia que não engendra nenhum mal é perfeitamente legítima.

É assim que vivem entre si os utopianos das cidades. Aqueles que trabalham no campo estão muito apartados uns dos outros para comer em comum; tomam suas refeições em casa, particularmente. De resto, as famílias agrícolas têm assegurada uma alimentação abundante e variada. Nada lhes falta: não são elas as provedoras, as mães nutrizes das cidades?

DAS VIAGENS DOS UTOPIANOS

Quando um cidadão deseja ir ver um amigo que mora noutra cidade, ou quer simplesmente ter o prazer de uma viagem, os sifograntes e os traníboras consentem de boa vontade em sua partida se não houver impedimento razoável.

Os viajantes se reúnem para partir em conjunto; munem-se duma carta do príncipe que é um certificado de licença e que fixa o dia de regresso. Fornecem-lhes uma carruagem e um escravo para guiar a carruagem e cuidar dos animais. Mas habitualmente, a menos que levem mulheres em sua companhia, os viajantes dispensam o carro como um obstáculo. Não se provêm de nada durante o percurso; porque nada lhes pode faltar e em qualquer lugar estão em sua casa.

Se um viajante passa mais de um dia numa localidade, tem que trabalhar no seu ofício e recebe o mais carinhoso acolhimento dos operários de sua profissão.

Aquele que por sua própria vontade se permite franquear os *limites* de sua província é tratado como criminoso; apanhado sem a licença do príncipe, é reconduzido como desertor e severamente punido. Em caso de reincidência, perde a liberdade.

Se algum cidadão deseja fazer uma excursão nos campos que dependem de sua cidade, pode fazê-lo com o consentimento de sua mulher e do pai de família. Mas é necessário que compre e pague o seu sustento trabalhando antes do almoço e da ceia

tanto quanto os que aí moram. Sob esta condição, cada indivíduo tem o direito de sair da cidade e percorrer o território adjacente, porque ele é tão útil ali como aqui.

Vede que na Utopia a ociosidade e a preguiça são impossíveis. Não se vêem nem tabernas, nem lugares de prostituição, nem oportunidade para deboches, nem antros ocultos, nem assembléias secretas. Cada um, continuamente exposto ao olhar de todos, se sente na feliz contingência de trabalhar e de repousar, conforme as leis e os costumes do país. A abundância de todas as coisas é o fruto desta vida pura e ativa. O bem-estar se reparte igualmente por todos os membros desta admirável sociedade; a mendicidade e a miséria são aí monstros desconhecidos.

Já disse que cada cidade da Utopia enviava três deputados ao senado de Amaurota. As primeiras sessões do senado são consagradas a levantar *a estatística econômica* das diversas partes da ilha. Desde que se verificam os pontos onde há demais e os pontos onde não há bastante, o equilíbrio é restabelecido enchendo-se a carência das cidades infelizes com a superabundância das cidades mais favorecidas. Esta compensação é gratuita. A cidade que dá nada recebe em troca da parte que entrega; e, reciprocamente, recebe de graça duma outra cidade à qual nada deu.

Assim, toda a república utopiana é como uma única e mesma família.

A ilha é sempre abastecida por dois anos, na incerteza de uma boa ou má colheita para o ano seguinte. Exportam-se para fora da ilha os gêneros supérfluos, tais como trigo, mel, lã, linho, madeiras, matérias para tinturas, peles, cera, sebo, animais. A sétima parte dessas mercadorias é distribuída aos pobres do país para onde se exporta; o resto é vendido a um preço moderado. Este comércio permite à Utopia importar não somente objetos

de necessidade, o ferro, por exemplo, como também uma massa considerável de ouro e prata.

Desde que os utopianos praticam este negócio que acumularam uma quantidade incrível de riquezas. É por isso que lhes é indiferente, hoje, vender a vista ou a prazo. Habitualmente, recebem vales em pagamento; mas não se fiam em assinaturas individuais. Os vales devem estar revestidos das formas legais e garantidos pelo selo da cidade que os emite. No dia do vencimento, a cidade signatária exige o reembolso aos devedores particulares; o dinheiro é depositado no tesouro público e o seu valor é garantido até que os credores utopianos o reclamem.

Estes não reclamam quase nunca o pagamento da dívida inteira; acreditariam cometer uma injustiça, tirando a um outro uma coisa que lhe é necessária e que para eles é inútil. Entretanto, há casos em que retiram toda a soma que lhes é devida; isto acontece quando querem se servir desta para emprestar a uma nação vizinha ou para empreender uma guerra. Neste último caso, juntam todas as suas riquezas para fazer como que uma trincheira de metal contra os perigos urgentes e imprevistos. Estas riquezas são destinadas a engajar e a pagar copiosamente as tropas estrangeiras; porque o governo da Utopia prefere expor à morte os estrangeiros e não os seus cidadãos. Ele sabe também que o inimigo mais encarniçado se vende algumas vezes, se o preço da venda está à altura de sua cobiça; sabe que, em geral, o dinheiro é o nervo da guerra, quer para comprar traições, quer para combater abertamente.

Para tais fins, os utopianos têm sempre à sua disposição imensos tesouros; mas, longe de conservá-los com uma espécie de culto religioso, como fazem outros povos, eles os empregam em coisas que mal ouso dizer-vos. Temo que não acrediteis, pois eu

mesmo, confesso-vos francamente, se não o tivesse visto não acreditaria sobre palavra. Isso é muito natural; quanto mais os costumes estrangeiros são opostos aos nossos, menos estamos dispostos a acreditar neles. Contudo, o homem sábio que julga judiciosamente, ao saber que os utopianos pensam e agem de modo exatamente contrário aos outros povos, não se surpreenderá que eles empreguem o ouro e a prata de modo inteiramente diverso de nós.

Na Utopia não se utiliza jamais dinheiro em moeda nas transações mútuas; são elas reservadas para os acontecimentos críticos sempre possíveis, ainda que incertos.

O ouro e a prata não têm, nesse país, mais valor do que lhes deu a natureza. Esses dois metais são ali considerados bem abaixo do ferro, o qual é tão necessário ao homem quanto a água e o fogo. Com efeito, o ouro e a prata não têm nenhuma virtude, nenhum uso, nenhuma propriedade cuja privação acarrete um inconveniente natural e verdadeiro. Foi a loucura humana que pôs tanto valor em sua raridade.

A natureza, esta excelente mãe, escondeu-os em grandes profundidades, como produtos inúteis e vãos, enquanto que expõe a descoberto a água, o ar, a terra, e tudo o que há de bom e realmente útil.

Os utopianos não escondem seus tesouros nas torres, ou em outros lugares fortificados e inacessíveis. O vulgo, numa extravagante malícia, poderia suspeitar que o príncipe e o senado enganassem o povo, enriquecendo-se e pilhando a fortuna pública. Com o ouro e a prata não se fabricam nem vasos, nem obras artisticamente trabalhadas. Porque, se houvesse necessidade de um dia fundi-los, para pagar o exército em caso de guerra, os

que tivessem posto sua afeição e suas delícias nesses objetos de arte e de luxo, sentiriam, ao perdê-los, uma dor amarga.

A fim de prevenir esses inconvenientes, os utopianos imaginaram um uso perfeitamente em harmonia com o restante de suas instituições, mas em completo desacordo com as do nosso continente, onde o ouro é adorado como um deus, procurado como o bem supremo. Eles comem e bebem em louça de barro ou vidro, que, se é elegante na forma, é, no entanto, despida do menor valor; o ouro e a prata são destinados aos usos mais vis, tanto nas residências comuns, como nas casas particulares; são feitos com eles até os vasos noturnos. Forjam-se cadeias e correntes para os escravos, e marcas de opróbrio para os condenados que cometeram crimes infames. Estes últimos trazem argolas de ouro nas orelhas e nos dedos, um colar de ouro no pescoço, um freio de ouro na cabeça.

Assim, tudo concorre para manter o ouro e a prata na ignomínia. Entre outros povos a perda da fortuna é um sofrimento tão cruel como um dilaceramento das entranhas; mas quando se arrancasse à nação utopiana todas as suas imensas riquezas ninguém pareceria ter perdido um cêntimo.

Os utopianos recolhem pérolas na sua costa, diamantes e pedras preciosas em certos rochedos. Sem ir à cata desses objetos raros, eles gostam de polir os que a sorte lhes presenteia, a fim de adornar os seus filhinhos, que ficam orgulhosos de trazer esses ornamentos. Mas, à medida que crescem, percebem logo que estas frivolidades não convêm senão às crianças pequenas. Então, não esperam pela observação dos pais; espontaneamente e por amor-próprio livram-se desses enfeites. É como entre nós, quando as crianças que vão crescendo abandonam as bolas e as bonecas.

Estas instituições, tão diferentes das dos outros povos, gravam no coração do utopiano sentimentos e idéias inteiramente contrários às nossas. Fiquei singularmente chocado com esta diferença por ocasião duma embaixada *anemoliana*. Os enviados de *Anemólia* vieram a Amaurota quando eu lá estava, e, como deviam tratar de negócios de alta importância, o senado esteve reunido na capital. Até então, os embaixadores das nações limítrofes que tinham vindo à Utopia, aí levaram vida mais simples e modesta, porque estavam já a par dos costumes utopianos. Sabiam que o luxo de seus atavios não tem lá nenhum valor, a seda é desprezada e o ouro uma coisa infame.

Mas os anemolianos, muito mais afastados da ilha, tinham tido muito poucas relações com ela. Ao saberem que os seus habitantes vestiam-se de modo grosseiro e uniforme, imaginaram que esta extrema simplicidade era causada pela miséria, e, mais vaidosos do que sagazes, resolveram apresentar-se com a magnificência digna de enviados celestes e ofuscar esses miseráveis insulares com o brilho de fausto deslumbrante.

Os três ministros, que eram grandes senhores de Anemólia, ao entrar em Amaurota, faziam-se seguidos de cem pessoas, vestidas de trapos de seda de diversas cores. Os próprios embaixadores traziam uma vestimenta rica e suntuosa; trajavam uma roupa de lã tecida com ouro, traziam colares e brincos de ouro nas orelhas, anéis de ouro nos dedos e os seus chapéus resplandeciam de pedrarias. Enfim, estavam cobertos do que na Utopia constitui o suplício do escravo, a marca vergonhosa da infâmia, o brinquedo da criança.

Era divertido ver a orgulhosa satisfação dos embaixadores e das pessoas do seu séquito, que comparavam o luxo de seus paramentos às vestes simples e negligentes do povo utopiano,

espalhado em massa à sua passagem. De outro lado, não era menos curioso observar a atitude da população, e como esses estrangeiros se enganavam em sua expectativa, e como estavam longe de despertar a estima e as honras que tinham imaginado.

À parte um pequeno número de utopianos, que tinha viajado ao exterior por graves motivos, todos os outros olhavam com piedade todo este aparato suntuoso; os utopianos saudavam os mais ínfimos lacaios do cortejo, tomando-os por embaixadores, e deixavam passar os embaixadores, sem lhes dar mais atenção do que aos lacaios, porque os viam carregados de cadeias de ouro como seus escravos.

As crianças que já tinham abandonado os diamantes e as pérolas e que as viam nos chapéus dos embaixadores, puxavam suas mães gritando:

"Veja este grandalhão que ainda traz pedrarias como se fosse pequenino."

E as mães respondiam gravemente:

"Calai-vos, meu filho; é, eu penso, um dos bufões da embaixada".

Muitos criticavam a forma dessas correntes de ouro.

"Elas são, diziam, muito finas, e poderiam ser quebradas facilmente; além disso, não estão bem fechadas e apertadas, e o escravo poderia se desembaraçar delas, se quisesse, e fugir."

Dois dias depois de sua entrada em Amaurota, os embaixadores compreenderam que os utopianos desprezavam o ouro tanto quanto ele era venerado no seu país. Tiveram ocasião de observar no corpo de um escravo mais ouro e prata do que o que trazia toda a sua escolta. Então, humilhados em sua vaidade e envergonhados da mistificação de que tinham sido vítimas, despojaram-se apressadamente do fausto que tão orgulhosa-

mente tinham exposto. As relações íntimas que entretiveram na Utopia ensinaram-lhes quais eram os princípios e os costumes de seus habitantes.

Os utopianos admiram-se de que seres razoáveis possam se deleitar com a luz incerta e duvidosa de uma pedra ou de uma pérola, quando têm os astros e o sol com que encher os olhos. Encaram como louco aquele que se acredita mais nobre e mais estimável só porque está coberto de uma lã mais fina, lã tirada das costas de um carneiro, e que foi usada primeiro por este animal. Admiram-se que o ouro, inútil por sua própria natureza, tenha adquirido um valor fictício tão considerável que seja muito mais estimado do que o homem; ainda que somente o homem lhe tenha dado este valor e dele se utilize, conforme seus caprichos.

Espantam-se também que um rico, de inteligência de chumbo, estúpido como uma acha de lenha, tão tolo quanto imoral, mantenha em sua dependência uma multidão de homens sábios e virtuosos, apenas porque a sorte lhe deixou algumas pilhas de escudos.

Mas, dizem, a fortuna pode traí-lo e a lei (que tanto quanto a sorte precipita freqüentemente o homem do pináculo ao lodo) pode arrancar-lhe o dinheiro, fazendo-o passar às mãos do mais ignóbil de seus lacaios. Então, este mesmo rico se sentirá feliz em passar também, na companhia de seu dinheiro, a serviço de seu antigo criado.

Há uma outra loucura que os utopianos detestam ainda *mais*, e que dificilmente concebem: é a loucura dos que rendem homenagens quase divinas a um homem porque é rico, sem serem, entretanto, nem seus devedores nem seus súditos. Os insensatos sabem, não obstante, como é sórdida a avareza desses Cresos

egoístas; sabem, perfeitamente, que nunca terão um vintém de todos os tesouros destes últimos.

Nossos insulares adquirem semelhantes sentimentos, parte no estudo das letras, parte na educação que recebem no seio de uma república, cujas instituições são formalmente opostas a todas as nossas espécies e gêneros de extravagância. É verdade que um número muito pequeno é dispensado dos trabalhos materiais, entregando-se exclusivamente à cultura do espírito. São, como já disse, aqueles que, desde a infância, demonstraram aptidões raras, um gênio penetrante, vocação científica. Mas nem por isso se deixa de dar uma educação liberal a todas as crianças; e a grande massa dos cidadãos — homens e mulheres — consagra, cada dia, seus momentos de repouso e liberdade aos trabalhos intelectuais.

Os utopianos aprendem as ciências em sua própria língua, rica e harmoniosa, intérprete fiel do pensamento; ela é difundida, mais ou menos alterada, sobre uma grande extensão do globo.

Antes de nossa chegada, os utopianos nunca tinham ouvido falar nesses filósofos tão famosos no nosso mundo; entretanto, fizeram as mesmas descobertas que nós, no terreno da música, da aritmética, da dialética, da geometria. Se igualam em quase tudo os nossos antigos, são bastante inferiores aos dialéticos modernos, porque ainda não inventaram nenhuma dessas regras sutis de *restrição, amplificação, suposição,* que se ensinam à juventude nas escolas de lógica. Ainda não aprofundaram as *idéias segundas;* e, quanto ao homem *em geral,* ou *universal,* segundo a gíria metafísica, este colosso, o maior dos gigantes, que nos mostram aqui, ninguém na Utopia pôde ainda percebê-lo.

Em compensação, conhecem de uma maneira precisa o curso

dos astros e o movimento dos corpos celestes. Imaginaram máquinas que representam com grande exatidão os movimentos e as posições respectivas do Sol e da Lua e dos astros visíveis acima do seu horizonte. Quanto aos ódios e às amizades dos planetas e às demais imposturas de adivinhação pelo céu, nem mesmo em sonhos disso se ocupam. Sabem prever, por indícios confirmados por uma longa experiência, a chuva, o vento e as outras revoluções do ar. Fazem apenas conjeturas sobre as causas desses fenômenos, sobre o fluxo e o refluxo do mar, sobre a composição salina dessa imensa massa líquida, a origem e a natureza do céu e do mundo. Seus sistemas coincidem em certos pontos com os dos nossos antigos filósofos; e, em outros, se afastam. Mas, na nova teoria que imaginaram, há dissidências entre eles, como entre nós.

Em filosofia moral, agitam as mesmas questões que os nossos doutores. Procuram na alma do homem, no seu corpo e nos objetos exteriores, o que pode contribuir para sua felicidade; perguntam, procuram saber se o nome de *Bem* convém indiferentemente a todos os elementos da felicidade material e intelectual, ou só ao desenvolvimento das faculdades do espírito. Dissertam sobre a virtude e o prazer; mas a primeira e principal de suas controvérsias tem por fito determinar a condição única, ou as diversas condições da felicidade do homem.

Talvez possais acusá-los de propender demais para o epicurismo, porque, se a volúpia não é, para eles, o único elemento da felicidade, é um dos mais essenciais. E, fato singular, invocam em apoio dessa moral voluptuosa a religião tão grave e severa, tão triste e rígida. Têm por princípio não discutir jamais sobre o *Bem* e o *Mal,* sem partir dos axiomas da religião e da filosofia; de outra maneira, temeriam raciocinar em bases falhas e edificar falsas teorias.

Eis aqui seu catecismo religioso:

A alma é imortal: Deus, que é bom, criou-a para ser feliz. Depois da morte, as recompensas coroam a virtude, suplícios atormentam o crime.

Embora esses dogmas pertençam à religião, os utopianos pensam que a razão pode induzir, por si mesma, a crer neles e aceitá-los. Não hesitam em declarar que, na ausência desses princípios, fora preciso ser estúpido para não procurar o prazer por todos os meios possíveis, criminosos ou legítimos. A virtude consistiria, então, em escolher, entre duas volúpias, a mais deliciosa, a mais picante; e em fugir dos prazeres a que se seguissem dores mais vivas do que o gozo que tivessem proporcionado.

Mas praticar virtudes severas e difíceis, renunciar aos prazeres da vida, sofrer voluntariamente a dor e nada esperar depois da morte em recompensa às mortificações da terra, é, aos olhos dos nossos insulares, o cúmulo da loucura.

A felicidade, dizem, não está em toda espécie de voluptuosidade; está unicamente nos prazeres bons e honestos. É para esses prazeres que tudo, até a própria virtude, arrasta irresistivelmente a nossa natureza; são eles que constituem a felicidade.

Os utopianos definem a virtude: *viver segundo a natureza.* Deus, criando o homem, não lhe deu outro destino.

O homem que segue o impulso da natureza é aquele que obedece à voz da razão, em seus ódios e seus apetites. Ora, a razão inspira, em primeiro lugar, a todos os mortais o amor e a adoração da majestade divina, à qual nós devemos o *ser* e o *bem-estar.* Em segundo lugar, ela nos ensina e nos instiga a viver alegremente e sem lamentações, e a proporcionar aos nossos semelhantes, que são nossos irmãos, os mesmos benefícios.

De fato, o mais enfadonho e o mais fanático zelador da virtude, o inimigo mais odiento do prazer, ao vos propor imitar seus

trabalhos, sua vigílias e mortificações, ordena-vos, também, mitigar, com todas as vossas forças, a miséria e as aflições dos outros. Esse moralista severo cumula de elogios, em nome da humanidade, o homem que consola e que salva o homem; e crê, assim, que a virtude mais nobre e mais humana, em qualquer terreno, consiste em suavizar os sofrimentos do próximo, arrancá-lo ao desespero e à tristeza, restituir-lhe as alegrias da vida, ou, em outros termos, fazê-lo ter parte também da volúpia.

E por que a natureza não induziria cada um de nós a se fazer, a si mesmo, o mesmo bem que aos outros? Pois, das duas uma: ou uma existência agradável, isto é, a volúpia, é um bem ou um mal. Se é um mal, não somente não se deve ajudar seus semelhantes a fruí-la, mas ainda deve-se arrancá-la como coisa perigosa e condenável. Se é um bem, pode-se e deve-se procurá-la para si próprio como para os outros. Por que iríamos ter menos compaixão de nós do que dos outros? A natureza, que inspira em nós a caridade por nossos irmãos, não ordena que sejamos cruéis conosco mesmos.

Eis o que leva os utopianos a afirmarem que uma vida honestamente agradável quer dizer que a volúpia é o fim de todas as nossas ações; que tal é a vontade da natureza e que obedecer a esta vontade é ser virtuoso.

A natureza, dizem eles, convida todos os homens a se ajudarem mutuamente e a partilharem em comum do alegre festim da vida. Este conceito é justo e razoável, pois não há indivíduo tão altamente colocado acima do gênero humano que somente a Providência deva cuidar dele. A natureza deu a mesma forma a todos; aqueceu-os todos com o mesmo calor, envolve todos com o mesmo amor; o que ela reprova é aumentar o próprio bem-estar agravando a infelicidade de outrem.

É por isto que os utopianos pensam que é necessário observar

não só as convenções privadas entre simples cidadãos, mas ainda as leis públicas, que regulam a distribuição das comodidades da vida, em outros termos, que distribuem a matéria do prazer, quando estas leis foram justamente promulgadas por um bom príncipe, ou sancionadas pelo consentimento geral de um povo, nem oprimido pela tirania, nem embaído pelo artifício.

A sabedoria reside em procurar a felicidade sem violar as leis. A religião é trabalhar pelo bem geral. Calcar aos pés a felicidade de outrem, em busca da sua, é uma ação injusta.

Ao contrário, privar-se de algum prazer, para comunicá-lo a outrem, é indício de um coração nobre e humano, e que encontra prazer em sacrificar-se para os outros. Primeiro que tudo, esta boa ação é recompensada pela reciprocidade dos serviços; em seguida, o testemunho da consciência, a lembrança e o reconhecimento dos que foram obsequiados causam à alma delícia maior que não poderia ter dado ao corpo o objeto de que se foi privado. Finalmente, o homem que tem fé nas verdades religiosas deve estar firmemente persuadido de que Deus recompensa a privação voluntária de um prazer efêmero e passageiro, com alegrias inefáveis e eternas.

Assim, em última análise, os utopianos reduzem todas as ações e mesmo todas as virtudes ao prazer, como finalidade.

Eles chamam volúpia todo o estado ou todo movimento da alma e do corpo, nos quais o homem experimenta uma deleitação natural. Não é sem razão que eles acrescentam a palavra *natural,* porque não é somente a sensualidade, é também a razão que nos atrai para as coisas naturalmente deleitáveis; e por isto devemos compreender os bens que se podem procurar sem injustiça, os gozos que não privem de um prazer mais vivo, e que não arrastem consigo nenhum mal.

Há coisas fora da natureza que os homens, por uma convenção absurda, intitulam prazeres (como se tivessem o poder de

transformar a essência tão facilmente como modificam as palavras). Elas, longe de contribuir para a felicidade, são outros tantos obstáculos em seu caminho; aos que seduzem, elas impedem gozarem satisfações puras e verdadeiras; viciam o espírito, preocupando-o com a idéia de um prazer imaginário. Há, com efeito, uma quantidade delas, às quais a natureza não juntou nenhuma doçura, às quais chegou até a misturar amargura e que, no entanto, os homens olham como altas volúpias de algum modo necessárias à vida, apesar de, na sua maioria, serem essencialmente más e só estimularem as paixões perversas.

Os utopianos classificam nessa espécie de prazeres bastardos a vaidade daqueles que já falei, que se crêem melhores porque usam uma roupa mais bonita. A vaidade desses tolos é duplamente ridícula.

Em primeiro lugar, consideram suas roupas acima de suas pessoas; pois, quanto ao que é de uso, em que, vos pergunto, uma lã mais fina prevalece sobre uma lã mais grossa? Entretanto, os insensatos, como se se distinguissem da multidão pelo que há de excelente em sua natureza, e não pela loucura de seu comportamento, erguem orgulhosamente a cabeça, imaginando que valem um grande preço. Exigem, em virtude da rica elegância de suas vestes, honras que não ousariam esperar com um traje simples e comum; mostram-se indignados quando se olha a sua roupa com um olhar de indiferença.

Em segundo lugar, esses mesmos homens não são menos estúpidos por se alimentarem de honras sem realidade e sem proveitos. É natural e verdadeiro o prazer que se sente em frente de um adulador que tira o chapéu e dobra humildemente o joelho? Uma genuflexão cura alguém da febre ou da gota?

Entre aqueles que ainda seduz uma falsa imagem do prazer,

estão os *nobres* que se comprazem com orgulho e amor no pensamento de sua nobreza. E de que se gabam? Do acaso que os fez nascer em uma longa série de ricos antepassados, e, sobretudo, de ricos proprietários (porque a nobreza de hoje é a riqueza). Todavia, se esses insensatos nada tivessem herdado de seus pais, ou tivessem devorado todo seu patrimônio, ainda assim não se sentiriam, por isso, diminuídos na sua nobreza dum só cabelo.

Os utopianos classificam os amadores de pedrarias na categoria dos maníacos de nobreza. Os homens que têm essa paixão julgam-se uns pequenos deuses, quando encontram uma pedra bela e rara, particularmente apreciada na sua época e no seu país, pois a mesma pedra não conserva sempre e por toda a parte o mesmo valor. O amador de pedras as compra nuas e sem ouro; leva mesmo a precaução a ponto de exigir do vendedor uma caução e até o juramento que o diamante, o rubi, o topázio são de bom quilate, de tal modo teme que um falso brilhante impressione os seus olhos! Que prazer há, pois, em olhar uma pedra natural de preferência a uma artificial, já que o olho não apreende a diferença? Tanto uma como outra não têm realmente mais valor para um que enxerga do que para um cego.

Que dizer dos avarentos que acumulam dinheiro e mais dinheiro, não para seu uso, mas para se consumir na contemplação duma enorme quantidade de metal? O prazer desses ricos *miseráveis* não é pura quimera? Será mais feliz aquele que, por uma extravagância mais estúpida ainda, enterra as suas moedas? Este último nem ao menos vê o seu tesouro, e o medo de perdê-lo faz com que o perca de fato. Mas enterrar ouro não é o mesmo que roubar a si próprio e aos outros? No entanto, o avarento sente-se tranqüilo, salta de alegria quando enterrou bem suas riquezas. Agora, suponhamos que alguém se apodere desse

depósito confiado à terra, e que o nosso avarento sobreviva dez anos à sua ruína, sem o saber; eu vos pergunto, que lhe importou nesse intervalo ter conservado ou perdido o tesouro? Enterrado ou roubado, ele lhe deu exatamente a mesma serventia.

Os utopianos encaram também como imaginários os prazeres da caça e dos jogos de azar. Dos últimos não conhecem os desatinos senão de nome, não os praticando jamais. Que divertimento podereis encontrar, dizem eles, em jogar um dado sobre a mesa? E supondo que houvesse nisso qualquer prazer, vos fartastes tantas vezes dele que deve ter-se tornado enfadonho e insípido.

Não é mais fatigante do que agradável ouvir os cães ladrarem e ganirem? Em que é mais divertido ver correr um cão atrás de uma lebre do que vê-lo atrás de outro cão? Entretanto, se é a corrida que faz o prazer, a corrida existe nos dois casos. Mas não é antes a expectativa da morte ou a espera da carniceria que apaixonam os homens pela caça? E como não abrir a alma à piedade, como não ter horror a esta matança, em que o cão forte, cruel e audaz, dilacera a lebre fraca, tímida e fugitiva?

É por isso que os nossos insulares proíbem a caça aos homens livres, como um exercício indigno deles; ela só é permitida aos magarefes, que são todos escravos. E, mesmo na opinião deles, a caça é a parte mais vil da arte de matar os animais; as outras partes desse ofício são muito mais consideradas, porque trazem maior lucro e porque nelas só matam os animais por necessidade, enquanto que o caçador procura no sangue e na morte um divertimento estéril.

Os utopianos desprezam todas essas alegrias, e muitas outras semelhantes em número quase infinito, e que o vulgo considera como bens supremos, mas cuja suavidade aparente não se

encontra na natureza. Mesmo que esses prazeres enchessem os sentidos da mais deliciosa embriaguez (o que parece ser o efeito natural da volúpia), os utopianos sustentam que os mesmos nada têm de comum com a verdadeira voluptuosidade; porque, dizem, esse prazer sensual não vem da própria natureza do objeto, é o fruto de hábitos depravados que fazem achar doce o que é amargo. É assim que as mulheres grávidas, cujo gosto está corrompido, acham a resina e o sebo mais doce que o mel.

Os utopianos distinguem diversas espécies de prazeres verdadeiros: uns se relacionam com o corpo, outros com a alma.

Os prazeres da alma estão no desenvolvimento da inteligência e nas puras delícias que acompanham a contemplação da verdade. Nossos insulares acrescentam ainda o testemunho duma vida irreprochável e a esperança certa duma imortalidade bem-aventurada.

Eles dividem em duas espécies as voluptuosidades do corpo:

A primeira espécie compreende todas as volúpias que exercem sobre os sentidos uma impressão atual, manifesta, e cuja causa é o restabelecimento dos órgãos consumidos pelo calor interno. Essa impressão nasce, de um lado, da ação de beber e comer que devolve as forças perdidas; de outro lado, das funções animais que expelem do corpo as matérias supérfluas. Tais são as secreções intestinais, o coito e o alívio duma comichão qualquer, ao *esfregar*-se ou ao coçar-se.

Algumas vezes o prazer dos sentidos não provém das funções animais que reparam os órgãos esgotados, ou os aliviam duma exuberância penosa; mas pelo efeito duma força interior e indefinível que comove, encanta e seduz; tal é o prazer que nasce da música.

A segunda espécie de volúpia sensual consiste no equilíbrio

estável e perfeito de todas as partes do corpo, isto é, numa saúde isenta de mal-estar. Com efeito, o homem que não é afetado pela dor, experimenta em si um certo sentimento de bem-estar, mesmo que nenhum objeto exterior agite agradavelmente os seus órgãos. É verdade que esta espécie de volúpia não afeta nem atordoa os sentidos, como por exemplo os prazeres da mesa; apesar disso, muitos a colocam em primeiro lugar; e quase todos os utopianos declaram que ela é a base e o fundamento da verdadeira felicidade. Porque, dizem, só uma saúde perfeita torna a condição da vida humana tranqüila e apetecível; sem saúde, não há voluptuosidade possível; sem ela, a própria ausência da dor não é um bem, é a insensibilidade do cadáver.

Uma viva disputa travou-se outrora na Utopia a este respeito. Alguns pretendiam que não se devia contar no número dos prazeres uma saúde estável e tranqüila, porque esta não dá a perceber um gozo atual e diferente, como as sensações que nos vêm de fora. Mas hoje, todos, com pequeníssima exceção, concordam em proclamar a saúde como uma volúpia essencial. Com efeito, para eles, é a dor que, na moléstia, é a inimiga da saúde; por que então não haveria prazer na saúde, da mesma forma que há dor na moléstia? Pouco importa que a doença seja a dor ou que a dor seja inerente à moléstia, desde que os resultados são de todo semelhantes. Ainda que se considere a saúde como a própria voluptuosidade, ou como a causa que a produz necessariamente, assim como o fogo produz necessariamente o calor, o homem de saúde inalterável deve nos dois casos experimentar *um certo* prazer.

Quando comemos, perguntam os utopianos, não é a saúde que, começando a desfalecer, luta contra a fome com a ajuda dos alimentos? Estes avançam, repelindo o seu inimigo cruel, e

dão ao homem a alegria que acompanha o retorno do seu vigor normal. Mas a saúde, que lutara com tanto gosto, não teria o direito de rejubilar-se após a vitória? O que ela procurava na luta era a sua força primitiva; e, obtido este resultado, é admissível que venha a cair num entorpecimento estúpido, sem conhecer e apreciar a própria felicidade?

Em conseqüência disto, os utopianos rejeitam completamente a opinião de que o homem sadio não tem consciência de seu estado. Segundo eles, é necessário estar-se doente ou adormecido para não sentir que está são; seria preciso ser-se de pedra, ou estar-se atacado de letargia, para não se comprazer com uma saúde perfeita, e nisso sentir encanto. Ora, este encanto, esta satisfação, que outra coisa é senão a voluptuosidade?

Eles se entregam acima de tudo aos prazeres do espírito, que encaram como o principal e mais essencial de todos os prazeres; colocam no plano dos mais puros e mais desejáveis a prática da virtude e a consciência de uma vida sem mancha. Entre as volúpias corporais, dão preferência à saúde, porque não se deve procurar a boa mesa e os outros prazeres da vida animal senão visando à conservação da saúde, visto que essas coisas não são deleitáveis em si mesmas, mas unicamente em virtude de se oporem à invasão secreta da moléstia.

O homem prudente previne o mal, de preferência a empregar os remédios; evitar a dor antes de recorrer aos alívios. De conformidade com essas normas, os utopianos usam de todos os prazeres corporais, para cuja privação fosse preciso o emprego de meios curativos. Mas não depositam toda sua felicidade nesses prazeres; do contrário, o cúmulo da felicidade humana seria a fome e a sede permanentes, pois que seria preciso então comer

e beber sem cessar. Certamente semelhante vida seria tão miserável quão ignóbil.

Os prazeres animais são os mais vis, os menos puros, e sempre uma dor os acompanha. Não está presa a fome ao prazer de comer, e isto em proporções desiguais? Com efeito, a sensação da fome é a mais violenta; ela é também a mais durável, pois nasce antes do prazer e não morre senão com ele.

Os utopianos, formados nesses princípios, pensam que se não deve dar importância às volúpias carnais senão na medida em que são úteis. Todavia, eles se entregam alegremente a elas, agradecidos à natureza, que, ao cuidar do homem, tem a ternura duma mãe e mistura impressões tão doces e suaves com as funções indispensáveis da vida.

Que triste destino seria o nosso, se nos fosse preciso expulsar, à força de venenos e drogas amargas, a fome e a sede de cada dia, como expulsamos as moléstias que nos assaltam de longe em longe!

Eles mantêm e cultivam de boa vontade a beleza, o vigor, a agilidade do corpo, os dons mais agradáveis e felizes da natureza. Admitem também os prazeres que a natureza criou exclusivamente para o homem e que fazem a graça e o encanto da vida. Porque o animal não demora a olhar sobre a magnificência da criação, sobre a ordem e o arranjo do Universo. Sente o odor para distinguir a alimentação, mas não saboreia a delícia dos perfumes; não conhece as relações dos sons, e não aprecia nem a dissonância nem a harmonia.

Finalmente, em toda espécie de satisfações sensuais, os utopianos não esquecem jamais esta regra prática: *Fugir à volúpia que impede gozar uma volúpia maior ou que é seguida de qualquer dor*. Ora, a dor é, a seus olhos, a conseqüência inevitável de toda volúpia desonesta.

Eis ainda um de seus princípios:

Desprezar a beleza do corpo, enfraquecer suas forças, converter sua agilidade em entorpecimento, esgotar seu temperamento pelo jejum e pela abstinência, arruinar a saúde, em uma palavra, repelir todos os favores da natureza, no intuito de devotar-se mais eficazmente à felicidade humana, na esperança de que Deus venha recompensar essas penas de um dia por êxtases de alegria eterna, é dar mostra de religião sublime. Mas crucificar a carne, sacrificar-se por um vão fantasma de virtude, ou para habituar-se antecipadamente a misérias que talvez não aconteçam nunca, é dar mostra de loucura, de uma covarde crueldade para consigo mesmo, de orgulhosa ingratidão para com a natureza. É pisar aos pés os benefícios do Criador, como desdenhando ser-lhe obrigado em alguma coisa.

Tal é a teoria utopiana no que se refere à virtude e ao prazer. A menos que uma revelação descida do céu inspire ao homem algo de mais santo, eles crêem que a razão humana não pode conceber nada de mais verdadeiro.

Esta moral é boa, é má? É o que não discutirei; não tenho tempo para tanto e não é, aliás, necessário ao meu objetivo; faço apenas história e não uma apologia. O que é certo para mim, é que o povo da Utopia, graças às suas instituições, é o primeiro de todos os povos, e que não existe em parte alguma república *mais feliz*.

O utopiano é agil e nervoso; sem ser de pequeno talhe, é mais vigoroso do que parece exteriormente. A ilha não é de igual fertilidade em todos os lugares; o ar não é em toda parte igualmente puro e salubre. Os habitantes combatem pela temperança as influências funestas da atmosfera; corrigem o solo por meio duma excelente cultura; de modo que em nenhuma outra parte vi jamais gado tão robusto, nem mais abundantes colheitas. Em

país nenhum a vida do homem é mais longa e as moléstias menos numerosas.

Não somente os cidadãos agricultores executam com grande perfeição os trabalhos que tornam fértil uma terra naturalmente ingrata, mas o povo em massa é empregado algumas vezes em derrubar florestas mal situadas para a comodidade de transporte, e plantar novas perto do mar, dos rios ou das cidades; porque de todos os produtos do solo, a madeira é o mais difícil de transportar por terra.

O povo utopiano é espiritual, amável, engenhoso, ama o lazer, é paciente no trabalho, quando o trabalho é necessário; sua paixão favorita é o exercício e o desenvolvimento do espírito.

Durante a nossa estada na ilha tivemos ocasião de dizer algo aos seus habitantes das letras e ciências da Grécia. Era verdadeiramente curioso ver o ardor com que esses bons insulares nos suplicavam interpretar-lhes os autores gregos; não lhes falamos dos latinos, pensando que não apreciariam desses últimos senão os historiadores e poetas. Afinal foi forçoso ceder às suas súplicas; e, confessar-vos-ei, foi de nossa parte um ato de pura complacência de que não esperávamos tirar grande proveito. Mas, depois de algumas lições, tínhamos razão em nos felicitar pelo êxito do empreendimento. Ficamos maravilhados da facilidade com que nossos discípulos copiavam a forma das letras, da nitidez de sua pronúncia, da presteza de sua memória e da fidelidade de suas traduções. É verdade que a maior parte dos que se tinham entregue a esse estudo, a princípio, espontaneamente, com tão belo ardor, depois foi obrigada a fazê-lo por um decreto do senado; eram eles os sábios mais notáveis da classe dos letrados, e homens de idade madura. Em menos de três anos não havia nada nas obras dos bons autores que não compreendessem

perfeitamente à simples leitura, exceto as dificuldades provenientes de erros tipográficos.

Sou de opinião que a grande facilidade com que aprenderam o grego prova que esta língua não lhes era inteiramente desconhecida. Creio que são gregos de origem e ainda que o seu idioma se aproxime muito do persa; nos nomes das suas cidades e magistraturas encontram-se alguns traços da língua grega.

Quando de minha quarta viagem à Utopia, em lugar de mercadorias, embarquei com uma lindíssima coleção de livros, resolvido que estava a só regressar à Europa depois de longo tempo. Ao deixar os utopianos, leguei-lhes minha biblioteca; ficaram assim, por meu intermédio, com quase todas as obras de Platão, um grande número das de Aristóteles, o livro de Teofrasto *Acerca das Plantas,* que estava rasgado em várias passagens, o que lastimo infinitamente.

Durante a travessia descuidei-me dele e por infelicidade um macaco deu com o livro, e pôs-se a divertir-se arrancando-lhe as folhas ao acaso. Dentre os gramáticos, só pude dar aos nossos insulares Lascaris, por não ter trazido o grande Teodoro; em matéria de dicionários dei-lhes Hesichius e Dioscórido.

Plutarco é o autor favorito deles; a jovialidade, a sedução de Luciano os encantam. Entre os poetas possuem Aristófanes, Homero, Eurípides e Sófocles. Como historiadores, deixei-lhes Tucídides, Heródoto e Herodiano.

De medicina, têm algumas obras de Hipócrates e o *Microtecné,* de Galeno, que meu companheiro de viagem, Tricius Apinas, levara consigo. Os dois últimos livros são muito apreciados entre eles porque se não há país algum onde a medicina seja menos necessária do que na Utopia, em compensação em parte alguma é mais respeitada. Os utopianos a situam entre as partes

mais úteis e mais nobres da filosofia natural. O médico, costumam dizer, que se aplica em penetrar os mistérios da vida, não somente tira deste estudo admiráveis prazeres, como ainda se torna agradável ao divino obreiro, autor da vida. Nas idéias utopianas, o Criador, assim como os operários da terra, expõe sua máquina do mundo aos olhos do homem, único ser capaz de compreender esta bela imensidade. Deus olha com amor aquele que admira essa grande obra e procura descobrir suas molas e leis; olha com piedade o que permanece frio e estúpido perante esse maravilhoso espetáculo, como um animal sem alma.

É fácil compreender agora por que os utopianos, cujo espírito é cultivado incessantemente pelo estudo das ciências e das letras, são tão dotados para as artes e invenções úteis ao bem-estar da vida. Devem a nós a imprensa e a fabricação do papel; mas nisto seu próprio gênio lhes serviu tanto quanto as nossas lições, pois não conhecíamos bem a fundo nenhuma dessas duas artes. Não fizemos senão mostrar as invenções tipográficas dos Aldos e falar-lhes em termos vagos da matéria empregada na fabricação do papel, e demais processos de impressão. Logo adivinharam o que apenas havíamos indicado.

Antes escreviam em peles, cascas, folhas de papiro; ensaiaram logo depois fabricar papel e imprimir. Estas primeiras tentativas foram estéreis, mas à força de experiências mil vezes repetidas chegaram a obter um êxito completo; e se tivessem à mão todos os manuscritos gregos poderiam tirar numerosas edições. Eles não possuem hoje outros livros além dos deixados por mim; mas estes livros já foram multiplicados por milhares de exemplares.

O estrangeiro que aporta à Utopia é bem recebido, se se recomenda por um mérito real, ou se longas viagens lhe deram uma ciência exata dos homens e das coisas. Foi por este último título

que fomos recebidos de braços abertos ali, onde enorme é a curiosidade de conhecer-se o que se passa no estrangeiro. O comércio com a ilha atrai pouca gente; porque, à exceção do ferro, que se pode levar à Utopia? Ouro? Prata? Mas quem o fizesse certamente seria obrigado a voltar com um e outro. Quanto ao comércio de exportação, são os próprios utopianos que o fazem; e ao fazê-lo têm em vista dois objetivos: primeiro, pôr-se ao corrente de tudo o que se passa no exterior; e depois, manter e aperfeiçoar sua navegação.

DOS ESCRAVOS

Nem todos os prisioneiros de guerra são indistintamente entregues à escravidão; mas unicamente os indivíduos capturados de armas na mão.

Os filhos de escravos não são escravos. O escravo estrangeiro torna-se livre ao tocar na terra da Utopia.

A servidão recai particularmente sobre os cidadãos culpáveis de grandes crimes e sobre os condenados à morte pertencentes ao estrangeiro. Estes são muito numerosos na Utopia; os utopianos vão mesmo procurá-los no exterior onde os compram a vil preço; algumas vezes obtêm-nos até de graça.

Todos os escravos são submetidos a um trabalho contínuo, e trazem correntes. Os que são tratados, porém, com mais rigor, são os indígenas, que são tidos como os mais miseráveis dos celerados, dignos de servir de exemplo aos outros por uma pior degradação. Com efeito, eles receberam todos os germens da virtude; aprenderam a ser felizes e bons, e, no entanto, abraçaram o crime.

Há ainda uma outra espécie de escravos, os trabalhadores pobres das regiões vizinhas que vêm se oferecer voluntariamente para trabalhar. São em tudo tratados como cidadãos; apenas são obrigados a trabalhar um pouco mais, uma vez que têm o hábito de fadiga maior. São livres de partir quando querem e nunca são devolvidos de mãos vazias.

Já disse dos cuidados afetuosos que têm os utopianos pelos enfermos; nada é poupado que possa contribuir para sua cura, quer em remédios, quer em alimentos.

Os infelizes afetados de males incuráveis recebem todos os consolos, todas as atenções, todos os alívios morais e físicos, capazes de lhes tornar a vida mais suportável. Mas quando a esses males incuráveis se juntam sofrimentos atrozes, que ninguém pode suprimir ou suavizar, os padres e magistrados se apresentam ao paciente e lhe levam a exortação suprema.

Mostram-lhe que ele está despojado dos bens e das funções da vida; que não faz senão sobreviver à própria morte, tornando-se assim um peso para si e os outros. Persuadem-no, então, a alimentar mais o mal que o devora, e a morrer com resolução, uma vez que a existência não é para ele senão uma horrenda tortura.

Confiai — dizem-lhe — quebrai as cadeias que vos amarram, e desprendei-vos, por vossas próprias mãos, da masmorra da vida; ou pelo menos consenti que os outros dela vos libertem. Vossa morte não é uma ímpia repulsa aos bens da existência, mas o termo de um cruel suplício.

Obedecer, neste caso, à voz dos padres, intérpretes da divina vontade, é fazer obra religiosa e santa.

Os que se deixam persuadir põem fim a seus dias pela abstinência voluntária ou são adormecidos por meio de um narcótico mortal, e morrem sem se aperceber. Os que não querem a morte, nem por isso passam a receber menos atenções e cuidados; quando cessam de viver a opinião pública honra sua memória.

O homem que se mata sem motivo reconhecido pelo magistrado e pelo padre, é julgado indigno da terra e do fogo; seu corpo é privado de sepultura e atirado ignominiosamente nos pântanos.

As raparigas não se podem casar antes dos dezoito anos; os rapazes, antes dos vinte e dois.

Os indivíduos dum e doutro sexo, convictos de se terem entregue ao prazer antes do casamento, são passíveis de uma censura severa; e o casamento lhes é completamente interdito, a menos que o príncipe releve a falta. O pai e a mãe de família, em cuja casa foi o delito praticado, ficam desonrados por não terem velado com bastante cuidado pelo comportamento de seus filhos.

Esta lei parece-vos, talvez, rígida em excesso; porém, na Utopia, pensa-se que o amor conjugal não tardaria a extinguir-se entre dois seres condenados a viver eternamente um em face do outro, e a sofrer os mil inconvenientes desse comércio íntimo, se amores vagabundos e efêmeros fossem tolerados e impunes.

Aliás, os utopianos não se casam às cegas; e, para melhor se escolherem, seguem um uso que, à primeira vista, nos pareceu eminentemente ridículo, mas que praticam com um sangue-frio e uma seriedade verdadeiramente notáveis.

Uma dama honesta e grave mostra ao prometido sua noiva, donzela ou viúva, em estado de completa nudez; e, reciprocamente, um homem de probidade comprovada mostra à rapariga seu noivo nu.

Este costume singular nos fez rir muito e o consideramos mesmo sofrivelmente estúpido; mas, a todos os nossos epigramas, os utopianos respondiam que nunca se cansariam de admirar a loucura da gente dos países estranhos.

"Quando, diziam eles, comprais um poldro, negócio de alguns escudos, tomais precauções infinitas. O animal está quase nu, e entretanto tirais-lhe a sela ou o arnês, temendo que esses fracos invólucros escondam alguma úlcera. E, quando se trata de escolher uma mulher, escolha que influi sobre o resto da vida, e que

pode fazer desta uma delícia ou uma tortura, procedeis com a maior incúria! Como?! Prendei-vos indissoluvelmente a um corpo todo oculto em vestes que o envolvem; julgais a mulher inteira por um pedaço de sua pessoa, tão grande quanto a mão, pois só o rosto está à vista! E não temeis encontrar depois disto alguma deformidade secreta, que vos leve a maldizer esta união arriscada?!"

Os utopianos tinham alguma razão em falar assim porque todos os homens não são bastante filósofos para estimar uma mulher apenas por seu espírito e coração, os próprios filósofos não se aborreceriam por encontrar reunidas a beleza do corpo e as qualidades da alma. É certo que o mais belo ornato pode encobrir a mais repugnante deformidade; então, o coração e os sentidos do infortunado marido repelirão para bem longe a mulher da qual não poderá jamais se separar fisicamente; pois se a mistificação não se deu senão após a consumação do enlace, não destrói a sua indissolubilidade, e ao marido não lhe resta mais do que guardar consigo a sua desventura.

É pois necessário que as leis forneçam meios infalíveis de não se cair na armadilha, sobretudo na Utopia, onde a poligamia é severamente proscrita e onde o casamento não se dissolve, na maioria das vezes, senão pela morte, excetuando-se o caso de adultério e de costumes absolutamente dissolutos.

Nos dois casos o senado dá ao cônjuge ofendido o direito de se casar novamente; o outro é condenado a viver perpetuamente na infâmia e no celibato.

Não é permitido, sob nenhum pretexto, repudiar uma mulher de comportamento irrepreeensível, sob o fundamento de alguma enfermidade corporal que haja adquirido. Abandonar assim uma esposa, no momento em que tem maior necessidade de socorros,

é, aos olhos dos utopianos, uma cruel covardia; é ainda tirar à velhice toda esperança no futuro, pois não é a velhice a mãe de todos os achaques, e não é ela, já em si, uma doença?

Acontece algumas vezes na Utopia que o marido e a mulher, não podendo conviver juntos por incompatibilidade de gênios, procuram novas metades, que lhes prometam uma vida mais feliz e mais doce. A demanda de separação deve ser levada aos membros do senado que, após terem escrupulosamente examinado a questão, juntamente com suas mulheres, rejeitam ou autorizam o divórcio. Neste último caso, as duas partes queixosas separam-se com mútuo consentimento e casam-se em segundas núpcias.

O divórcio é raramente permitido; os utopianos sabem que dar a esperança de poder casar novamente, com facilidade, não é o melhor meio de estreitar os laços do amor conjugal.

O adultério é punido com a mais dura escravidão.

Se os dois culpados eram casados, os esposos ultrajados têm, cada qual, o direito de repúdio respectivo, e podem casar-se entre si ou com quem bem lhes pareça.

Entretanto, se o cônjuge, homem ou mulher, que sofreu a injúria ama ainda o esposo indigno, o casamento não é rompido, com a condição, entretanto, de que o inocente siga o culpado aonde ele foi condenado a trabalhar.

A reincidência no adultério é punida com a morte.

As penas dos outros crimes não são invariavelmente determinadas pela lei. O senado proporciona a pena conforme a extensão do delito.

Os maridos castigam suas mulheres; os pais, seus filhos; a menos que a gravidade do delito exija uma reparação pública.

A pena ordinária, mesmo para os maiores crimes, é a escravi-

dão. Os utopianos crêem que a escravidão não é menos terrível para os celerados do que a morte, sendo, além disso, mais vantajosa para o Estado.

Um homem que trabalha, afirmam, é mais útil que um cadáver; e o exemplo de um suplício perpétuo inspira um terror muito mais duradouro do que uma matança legal, que faz o culpado desaparecer num instante.

Quando os condenados escravos se revoltam, são mortos como animais ferozes e indomáveis que a cadeia e a prisão não puderam conter.

Mas os que suportam pacientemente sua sorte não perdem de todo a esperança. Vêem-se infelizes que, domados pelo tempo e pelo rigor dos sofrimentos, testemunham verdadeiro arrependimento, mostrando que o crime lhes pesa com mais força do que o castigo. Então, a prerrogativa do príncipe, ou a voz do povo, concede-lhes a liberdade.

A simples solicitação ao deboche é passível da mesma pena que o estupro cometido. Em toda matéria criminal, a tentativa bem definida é reputada igual ao fato. Os obstáculos que impedem a execução de uma má intenção não justificam aquele que a concebeu, e que, por certo, teria cometido o mal se tivesse podido.

Os bufões da Utopia fazem as delícias dos habitantes; maltratá-los é coisa vergonhosa. Assim, o prazer que se tira da loucura de outrem não é proibido. Os utopianos não confiam os bobos a esses homens tristes e severos que as palavras e as ações *mais* cômicas não conseguem desanuviar. Temem que tão sérias personagens não possuam a indulgência precisa para aturar e cuidar de um pobre louco que não serve para nada e que nem ao menos os consegue fazer rir, único talento com que a natureza o dotou.

É igualmente vergonhoso insultar a fealdade ou a mutilação; o que reprocha a um infeliz os defeitos físicos, que não estava em si evitar, passa por insensato.

Menosprezar o zelo pela beleza natural é dar prova de uma preguiça ignóbil; mas chamar em seu auxílio o artifício e o enfeite é infame impertinência. Os nosso insulares sabem, de experiência própria, que as graças do corpo recomendam menos uma mulher ao amor de seu marido, do que a probidade dos costumes, a doçura e o respeito. Muitos se deixam seduzir pela beleza; mas nem um só é constante e fiel, se não encontra, com a beleza, a bondade e a virtude.

Os utopianos não somente afastam o crime pelas leis penais, como incitam à virtude com honrarias e recompensas. Estátuas são erguidas nas praças públicas aos homens de gênio e àqueles que prestaram à república serviços relevantes. Assim, a memória das grandes ações se perpetua e a glória dos antepassados é um aguilhão a estimular a conquista da posteridade e o incitamento ao bem.

Aquele que afronta um só magistrado perde toda esperança de exercer algum dia qualquer magistratura.

Os utopianos vivem em família. Os magistrados não se mostram nem orgulhosos nem terríveis; são chamados *pais,* e realmente destes têm a justiça e a bondade. Recebem com simplicidade as honras que às suas funções são rendidas voluntariamente; essas provas de deferência não constituem obrigação para ninguém. O próprio príncipe não se distingue da massa nem pela púrpura nem pelo diadema, mas apenas por um feixe de trigo que traz à mão. As insígnias do pontífice reduzem-se a um círio que é levado à sua frente.

As leis são em muito pequeno número e não obstante bastam às instituições. O que os utopianos desaprovam especialmente

nos outros povos é a quantidade infinita de volumes, leis e comentários, que, apesar de tudo, não são suficientes para garantir a ordem pública. Consideram como injustiça suprema enlear os homens numa infinidade de leis, tão numerosas que se torna impossível conhecê-las todas, ou tão obscuras que se torna impossível compreendê-las.

Não há advogados na Utopia. Os demandistas de profissão, que se esforçam por torcer a lei, e decidir uma questão com a maior astúcia, foram dali excluídos. Os utopianos pensam que é preferível que cada um defenda sua causa e confie diretamente ao juiz o que teria a dizer a um advogado. Desta maneira há menos ambigüidade e rodeio e a verdade se descobre mais facilmente. As partes expõem seus negócios simplesmente, pois não há advogados para ensinar-lhes as mil artimanhas da chicana.

O juiz examina e pesa as razões de cada um com bom senso e boa fé; defende a ingenuidade do homem simples contra as calúnias do velhaco.

Seria bem difícil praticar semelhante justiça nos outros países, enterrados num montão de leis, tão embrulhadas e tão equívocas. De resto, toda a gente na Utopia é *doutor em direito;* porque, repito-o, as leis são em muito pequeno número e a interpretação mais grosseira e mais material é admitida como a mais razoável e mais justa.

As leis são promulgadas, dizem os utopianos, com a única finalidade de que cada qual seja advertido de seus direitos e deveres. Ora, as sutilezas de vossos comentários são acessíveis a pouca gente e esclarecem apenas um punhado de sábios; ao passo que uma lei claramente formulada, cujo sentido não é equívoco e se apresenta naturalmente ao espírito, está ao alcance de todos.

Que importa à massa, isto é, à classe mais numerosa e à que mais importa ter normas se não há leis ou que as leis estabelecidas sejam de tal maneira embrulhadas que para obter-se sua significação verdadeira se faça necessário um gênio superior, ou longas discussões e longos estudos? O julgamento do vulgo não é bastante metafísico para penetrar essas profundidades; aliás toda uma existência ocupada incessantemente em ganhar o pão de cada dia não deixaria tempo suficiente para tal mister.

Os povos vizinhos invejam o governo desta ilha afortunada; sentem-se fortemente atraídos pela sabedoria de suas instituições e pelas virtudes de seus habitantes. As nações livres e que se governam por si mesmas (muitas dentre elas foram outrora libertadas da tirania pelos utopianos) vão pedir na Utopia magistrados para um ou cinco anos. Na expiração do prazo de suas fundações, esses magistrados de empréstimo são reconduzidos ao seu país com as honras que merecem, enquanto outros partem a fim de substituí-los.

É certo que os povos que assim agem resolvem favoravelmente seus interesses. A salvação ou a perda de um império dependem dos costumes dos que o administram. Ora, nossos insulares oferecem à escola dos que os requerem para chefes as melhores garantias de probidade política. O utopiano não se deixará corromper pelos atrativos da riqueza, por mais brilhante que ela possa ser, porque dentro de pouco já não lhe serviria para nada: quando tivesse de retornar à pátria dentro de poucos anos ou meses. Tampouco o utopiano deixar-se-ia levar pelo amor ou pelo ódio, pois é completamente desconhecido dos seus administrados.

Infeliz do país onde a avareza e as afeições privadas sentam-se no banco do magistrado! Adeus justiça! o esteio mais firme dos Estados!

A república utopiana reconhece como *aliados* os povos que lhe vêm pedir chefes, e por *amigos* os que lhe devem um benefício. Quanto aos tratados que as outras nações assinam tão freqüentemente para rompê-los e renová-los em seguida, ela nunca os assina.

Para que servem os tratados? interrogam os utopianos. Não uniu a natureza o homem ao homem por laços bastante indissolúveis? Aquele que despreza esta aliança íntima e sagrada terá escrúpulo em violar um protocolo?

Consolida-os nesta opinião o fato de que nas terras desse novo mundo é raro que as convenções entre príncipes sejam observadas de boa fé.

Na Europa, e principalmente nas regiões onde reinam a fé e a religião de Cristo, a majestade dos tratados é santa e inviolável. Isso decorre em parte da justiça e da bondade dos monarcas, em parte do temor e do respeito que lhes inspiram os soberanos pontífices. Os papas em nada se comprometem que não executem religiosamente; por isso obrigam os outros soberanos a cumprirem exatamente as suas promessas, empregando o interdito pastoral e a severidade canônica para forçar os que tergiversam. Os papas crêem com razão que seria vergonhoso para a cristandade ver aqueles que se glorificam acima de tudo do nome de *Fiéis,* se mostrarem infiéis às suas próprias convenções.

Mas, nesse novo mundo separado do nosso, menos ainda pelo círculo equatorial do que pelos usos e costumes, não se presta nenhuma confiança aos tratados. Uma repentina ruptura segue de ordinário aos juramentos de paz mais solenes e que receberam a consagração das mais santas cerimônias. É muito fácil descobrir matéria para chicana no texto de uma aliança; os negociadores insinuam de má fé, nos textos, manhosas escapató-

rias, a fim de que o príncipe não fique jamais indissoluvelmente preso, e possa encontrar sempre uma saída secreta para seus compromissos.

E, entretanto, este mesmo ministro que se vangloria de falsificar assim as negociações, por conta do rei, seu senhor, se percebesse que semelhantes embustes, ou melhor, velhacarias, eram introduzidos num contrato entre simples particulares, este mesmo diplomata, franzindo o sobrolho do alto de sua probidade, condenaria a fraude como um sacrilégio digno da forca.

Por este exemplo, dir-se-ia que a justiça é uma virtude plebéia e de baixo nível, a rastejar muito abaixo dos tronos dos reis. A menos que se distingam duas espécies de justiças; uma boa para o povo, que anda a pé e de cabeça baixa, encerrada em estreitos limites que não pode transpor; outra, para uso dos reis, infinitamente mais augusta e mais elevada, infinitamente mais livre, e a qual só está inibida de fazer o que não quer.

Sou levado a pensar que a deslealdade dos príncipes nesses países longínquos é a causa que determina os utopianos a não assinar nenhuma espécie de convenção diplomática. Mudariam talvez de opinião se morassem na Europa.

Contudo, em tese, encaram como um mal a introdução de tratados entre os povos, mesmo que fossem observados religiosamente. Este uso habitua os homens a se considerarem mutuamente inimigos, nascidos para se guerrearem sempre e para legitimamente se entredevorarem, na falta de um tratado de paz; como se não houvesse mais uma sociedade natural entre duas nações só porque uma colina ou um rio as separa.

Ainda se as alianças garantissem a amizade dos confederados, mas, na realidade, nunca eliminam elas todos os pretextos de rompimento, e por conseguinte, de saque e de guerra, dada a

leviandade dos diplomatas que redigem os artigos. É raro que os plenipotenciários possam abarcar todos os casos possíveis de proibições e compromissos, ou que os formulem de uma forma perfeitamente clara e precisa.

Os utopianos têm por princípio que não se deve ter por inimigo senão aquele que se torna culpado de injustiça ou violência. A comunhão na mesma natureza parece-lhes um laço mais indissolúvel do que todos os tratados.

O homem, afirmam, está unido ao homem de uma maneira mais íntima e mais forte pelo coração e pela caridade do que pelas palavras e protocolos.

DA GUERRA

Os utopianos abominam a guerra como uma coisa puramente animal e que o homem, no entanto, pratica mais freqüentemente do que qualquer espécie de animal feroz. Contrariamente aos costumes de quase todas as nações, nada existe de tão vergonhoso na Utopia como procurar a glória nos campos de batalha. Não se quer dizer com isto que eles não se exercitem com muita assiduidade na disciplina militar; as próprias mulheres são a isto obrigadas tanto quanto os homens; certos dias são fixados para os exercícios, a fim de que ninguém fique sem habilitação para o combate quando chegar o momento de combater.

Mas os utopianos não fazem a guerra sem graves motivos. Só a empreendem para defender suas fronteiras ou repelir uma invasão inimiga nas terras de seus *aliados,* ou ainda para libertar da escravidão e do jugo de um tirano um povo oprimido. Neste caso, não consultam os seus interesses; vêem apenas o bem da humanidade.

A república da Utopia presta gratuitamente socorros a seus *amigos,* não só no caso de agressão armada, mas também para vingar e obter reparação de uma injúria. Entretanto, no caso, ela só age assim quando foi consultada antes da declaração de guerra; examina então concienciosamente a justiça da causa, e se o povo que cometeu o dano não o quer reparar, é, então, declarado o único autor e o único responsável pelos males da guerra.

Os utopianos tomam esta deliberação extrema todas as vezes que se dá um saque em conseqüência de uma invasão armada. Mas a sua cólera nunca é tão horrível como quando os negociantes de uma nação amiga, sob o pretexto de algumas leis iníquas, ou de conformidade com uma interpretação pérfida de leis justas, sofreram no estrangeiro vexações injustas em nome da justiça.

Tal foi a origem da guerra que empreenderam pouco antes da atual geração contra os *alaopólitas* e a favor dos *nefelógitas*.

Os *alaopólitas*, no dizer dos *nefelógitas*, causaram a alguns de seus comerciantes prejuízos consideráveis, sob um pretexto legal qualquer. Fosse ou não a queixa fundamentada, o fato é que resultou uma guerra atroz. Aos ódios e às forças dos dois inimigos principais, juntaram-se as paixões e os socorros dos países vizinhos. Nações poderosas foram violentamente sacudidas, outras derrotadas. Esta deplorável sucessão de males só terminou com a derrota completa e a escravidão dos *alaopólitas*. Estes últimos foram submetidos à dominação dos *nefelógitas*, dado que a guerra não envolvia interesse direto dos utopianos. Entretanto, os *nefelógitas* estavam longe da situação florescente dos primeiros.

É com tamanho vigor que os nossos insulares vingam o ultraje feito a seus amigos, mesmo que esteja em jogo apenas o dinheiro destes últimos. São menos ciosos quanto a seus próprios negócios. E se acontece que alguns de seus cidadãos são despojados de seus bens no estrangeiro, vítimas de alguma trapaça, vingam-se do povo que cometeu o ultraje cessando todo o comércio com ele, a menos que tenha havido atentado contra as pessoas.

Não é que tenham menos apego aos interesses de seus conci-

dadãos do que aos de seus aliados; porém suportam com menos paciência as trapaças praticadas em prejuízo desses últimos, porque o negociante que não é utopiano perde então uma parte de sua fortuna privada, e esta perda representa para ele uma pura desgraça, ao passo que o utopiano não perde senão parte da fortuna pública, ou melhor, parte da abundância e do supérfluo de seus países; e, então, a exportação é proibida. É por isso que as perdas em dinheiro só debilmente afetam na Utopia os indivíduos. Eles julgam, e com razão, que seria demasiado cruel vingar, com a morte de um grande número de pessoas, um dano que não pode afetar nem a vida nem o bem-estar de seus concidadãos.

Aliás, caso um utopiano seja maltratado ou morto injustamente, em conseqüência de deliberação pública ou premeditação privada, a república encarrega seus embaixadores de verificarem o fato; pede que lhe sejam entregues os culpados e, no caso de recusa, somente a imediata declaração de guerra pode apaziguá-la. No caso contrário, os autores do crime são punidos com a morte ou com a escravidão.

Os utopianos choram amargamente sobre os louros de uma vitória sangrenta; envergonham-se mesmo, considerando absurdo comprar as mais brilhantes vantagens ao preço do sangue humano. Para eles, o mais belo título de glória é o de ter vencido o inimigo à força de habilidade e engenho. É então quando celebram os triunfos públicos e erguem os troféus, como após uma ação heróica; é então quando se vangloriam de ter agido como homens e como heróis, uma vez que venceram unicamente pela força da razão, coisa de que não é capaz nenhum animal, exceto o homem. Os leões, dizem, os ursos, os javalis, os lobos, os cães e outros animais ferozes não sabem empregar no combate senão

as forças corporais; a maioria deles nos sobrepuja em audácia e vigor, mas todos, entretanto, se dobram ao império da inteligência e da razão

Fazendo a guerra, os utopianos não têm outra finalidade senão obter o que lhes teria evitado declará-la, caso suas reclamações fossem satisfeitas antes da ruptura da paz. Quando toda satisfação é impossível, vingam-se sobre os provocadores, de forma a impedir, no futuro, pelo terror, os que ousassem tentar repetir semelhantes cometimentos. Tal é o fito dos utopianos na execução dos seus projetos, fito que se esforçam por atingir com presteza, procurando antes evitar o perigo que colher uma fama inútil.

Uma vez declarada a guerra, eles tratam de mandar pregar, secretamente, no mesmo dia, nos lugares mais visíveis do país inimigo, proclamações revestidas com o selo do Estado. Essas proclamações prometem magníficas recompensas ao assassino do príncipe inimigo; outras recompensas menos consideráveis, ainda que bastante sedutoras, pelas cabeças de um certo número de indivíduos, cujos nomes são escritos nessas fatais proclamações. Os utopianos proscrevem, desta maneira, os conselheiros ou os ministros, que são, depois do príncipe, os principais autores da ofensa.

O preço prometido pelo homicídio é dobrado para quem entregar vivo um dos proscritos. Mesmo aqueles cujas cabeças foram postas a prêmio são convidados a trair seus partidários por oferecimento de iguais recompensas e pela promessa de impunidade.

Esta medida tem por efeito colocar imediatamente os chefes do partido adverso em estado de suspeição mútua. Não há mais confiança entre eles, e não se sentem mais seguros; temem uns

aos outros e este temor não é quimérico. Não é raro acontecer que muitos sejam traídos, sobretudo o príncipe, por aqueles em que depositavam mais confiança. Tal é o poder que tem o ouro para arrastar ao crime! Também, os utopianos não poupam dinheiro nessa circunstância. Recompensam com a gratidão mais generosa aqueles que impelem aos perigos da traição; eles têm o cuidado de fazer com que a grandeza do perigo seja largamente compensada pela magnificência do prêmio.

É por isso que prometem aos traidores não só imensas somas em dinheiro, mas ainda a propriedade perpétua de terras de grande rendimento situadas em lugar seguro no país aliado. E cumprem fielmente a palavra.

O uso de negociar os seus próprios inimigos, pondo suas cabeças a prêmio, é reprovado nos outros países como uma infâmia digna unicamente de almas degradadas. Os utopianos, porém, se gabam disso como de uma ação de alta sabedoria que termina sem combate as guerras mais terríveis. Honram-se disso como de uma ação humanitária e misericordiosa, que resgata, ao preço da morte de um punhado de culpados, a vida de vários milhares de inocentes, de um como de outro lado, destinados a morrer nos campos de batalha. A piedade dos utopianos também se estende aos soldados de todas as bandeiras; sabem que o soldado não vai por sua própria vontade à guerra, mas é arrastado pelas ordens e pelos furores dos príncipes.

Se os meios precedentes não dão resultados, os nossos insulares semeiam e alimentam a discórdia, dando ao irmão do príncipe ou a alguma outra personagem a esperança de se apoderar do trono. Se as facções internas definham amortecidas, então eles instigam as nações vizinhas do inimigo, jogando-as contra eles, exumando mesmo alguns desses velhos títulos que nunca

faltam aos reis; ao mesmo tempo, prometem socorros aos novos aliados, dando-lhes dinheiro.

Os cidadãos são para a república da Utopia o tesouro mais caro e mais precioso: a consideração que os habitantes da ilha têm uns pelos outros é de tal modo elevada que não consentiriam de bom grado em trocar qualquer dos seus por um príncipe inimigo. Prodigalizam ouro sem pena porque este não é empregado senão para os usos já referidos e porque nenhum deles seria exposto a viver menos comodamente, mesmo que lhes fosse necessário gastar o último escudo.

Aliás, além das riquezas guardadas na ilha, são os utopianos ainda, creio já tê-lo dito, credores para muitos Estados de imensos capitais. É com parte deste dinheiro que eles alugam soldados de todos os países e principalmente do país dos *zapoletas,* situado a leste da Utopia, numa distância de quinhentos mil passos.

O *zapoleta,* povo bárbaro, feroz e selvagem, não sabe viver senão no meio das florestas e rochedos em que foi nutrido. Calejado na fadiga, suporta pacientemente o frio, o calor, o trabalho. As delícias da vida lhe são desconhecidas; menospreza a agricultura, a arte de bem morar e de bem vestir. Não possui outra indústria que a criação dos rebanhos, e as mais das vezes não conhece outros meios de vida além da caça e da pilhagem.

Nascidos exclusivamente para a guerra, os *zapoletas* a procuram avidamente e não perdem nenhuma oportunidade de fazê-la; então descem aos milhares das montanhas e vendem a baixo preço seus serviços à primeira nação que deles necessite. O único ofício que sabem exercer é o de matar; batem-se com bravura e incorruptível fidelidade a serviço dos que os contratam. Nunca se alistam por tempo determinado; e sempre sob a condi-

ção de passar no dia seguinte para o inimigo se lhe oferecer melhor paga, ou voltar à primeira bandeira se aí lhes concedem ligeiro aumento no soldo.

É raro haver uma guerra nessas regiões sem que haja *zapoletas* nos dois campos. É também comum verem parentes muito próximos, amigos estreitamente ligados, enquanto serviam a mesma causa, combatendo-se com o mais vivo encarniçamento, desde que a sorte os dispersou pelas fileiras das duas partes contrárias. Eles esquecem família, amizade e se matam furiosamente só pelo fato de dois soberanos inimigos pagarem alguns patacos por seu sangue e seu furor. A paixão do dinheiro é entre eles tão forte que um vintém a mais no soldo diário basta para fazê-los mudar de campo. Esta paixão degenerou numa avareza desenfreada, mas inútil; porque o que o *zapoleta* ganha pelo sangue derramado, gasta-o na devassidão.

Este povo faz a guerra pelos utopianos, contra todo o mundo, porque em parte alguma encontra melhor pagamento. De seu lado, os utopianos, que tratam a gente honrada com honestidade, ajustam com muito gosto essa infame soldadesca para enganá-la e destruí-la. Quando precisam dos *zapoletas* começam por seduzi-los com brilhantes promessas; depois expõem-nos sempre nos postos mais perigosos. A maior parte perece e não volta para reclamar o que se lhes prometera; os que sobrevivem recebem exatamente o preço convencionado e esta boa fé anima-os a afrontar outra vez o perigo com a mesma audácia. Aos utopianos pouco se lhes dá perder grande número desses mercenários, pois estão persuadidos de que serão beneméritos do gênero humano se puderem um dia expurgar a terra desta raça impura de bandidos.

Além dos *zapoletas,* os utopianos empregam ainda, em tempo

de guerra, as tropas dos Estados de que tomam a defesa, e mais as legiões auxiliares de seus outros aliados; só depois, por último, recorrem a seus próprios concidadãos, entre os quais escolhem um homem de talento e coragem para colocar à frente de todo o exército.

Este general-chefe tem sob suas ordens dois lugares-tenentes que não possuem nenhum poder enquanto ele pode comandar. Assim que o general é morto ou aprisionado, um dos seus dois lugares-tenentes lhe sucede como por direito de herança; este último é, por sua vez, substituído por um terceiro. Resulta disto que os perigos a que está exposto pessoalmente o general, sujeito como qualquer um aos azares da guerra, não poderá jamais comprometer a sorte do exército.

Cada cidade recruta e exercita suas tropas, formadas pelos que se alistam voluntariamente. Ninguém é alistado contra a vontade para as expedições longínquas, pois um soldado naturalmente medroso, em lugar de se comportar valorosamente, não pode senão infundir nos camaradas sua própria covardia. Entretanto, em caso de guerra intestina, todos os poltrões robustos e válidos são utilizados; enquanto uns são postos entre os melhores soldados, a bordo dos navios do Estado, os outros são disseminados pelas praças fortes.

Aí, não há possibilidade de retirada; o inimigo está a dois passos, a fuga é impossível, e os camaradas os observam. Esta posição extrema sufoca o temor da morte; e muitas vezes o excesso do perigo faz leão o mais covarde dos homens.

Se a lei não obriga ninguém a marchar contra sua vontade para a fronteira, permite às mulheres que o queiram acompanhar seus maridos no exército. Longe de serem impedidas, são, ao contrário, estimuladas a seguir, constituindo tal gesto para elas

brilhante título de honra. Durante o combate, os esposos são colocados no mesmo posto, cercados de seus filhos, de seus aliados e parentes, a fim de que se prestem um mútuo e rápido socorro, os que a natureza impele a se protegerem entre si com mais afinco.

A desonra e a infâmia esperam o esposo que volta sem a mulher e o filho sem o pai. Também quando os utopianos são forçados a passar às vias de fato e o inimigo resiste, uma longa e lúgubre refrega precipita a carnificina e a morte. Lançam mão de todos os meios para não se expor pessoalmente ao combate e terminar a guerra apenas por meio dos auxiliares que mantêm às suas custas. Mas se surge a necessidade imperiosa de entrar realmente em combate, sua intrepidez, na ação, não é menor do que a prudência despendida quando era possível.

Não põem todo o entusiasmo no primeiro choque. A resistência e a duração duma batalha reforçam pouco a pouco o seu valor, exaltando-os a ponto de tornar-se mais fácil matá-los que fazê-los recuar.

O que lhes inspira esse valor sublime, esse desprezo pela morte e pela vitória é a certeza de ter, sempre em sua terra, de que viver perfeitamente, sem carecer inquietar-se sobre a sorte da família, inquietação essa que, em todos os outros lugares, alquebra as almas mais generosas. O que ainda aumenta a confiança é a habilidade extrema na tática militar; é enfim, acima de tudo, a excelente educação que recebem, desde a infância, nas escolas e instituições da república. Desde cedo aprendem a não desdenhar tanto a vida, para esbanjá-la estouvadamente; mas também a não amá-la tanto para guardá-la com vergonhosa avareza, quando a honra exige que seja arriscada.

No mais forte da peleja, um troço seleto de jovens, conjurados

e devotados até à morte, tem por objetivo perseguir a todo o transe o chefe do exército inimigo. Ataca-o de surpresa ou a descoberto, de perto ou de longe. Esta pequena tropa disposta em triângulo não faz alto nem conhece repouso. É continuamente renovada com novos recrutas perfeitamente descansados que substituem os soldados fatigados; é raro que não consiga o seu fim, isto é, matar o general inimigo ou aprisioná-lo, à menos que este escape pela fuga.

Os utopianos, uma vez vitoriosos, não matam inutilmente os vencidos. Preferem prender a matar os fugitivos, e nunca os perseguem sem ter ao mesmo tempo um corpo de reserva disposto em ordem de batalha e preparado. Salvo no caso em que, desbaratadas as suas primeiras linhas, a retaguarda arrebate a vitória, os utopianos preferem deixar escapar todos os inimigos a ter que correr atrás deles e a habituar, com isso, os soldados a romperem as próprias filas, desordenadamente. Não se esquecem que muitas vezes deveram sua salvação a esta tática.

Realmente, muitas vezes o inimigo, depois de ter derrotado completamente o grosso do exército utopiano, tem-se arremessado, sem ordem, embriagado pelo triunfo, no encalço dos fugitivos. Nesse momento uma pequena reserva, atenta às oportunidades, pode mudar rapidamente a face do combate, atacando os vencedores de improviso quando estes, dispersos aqui e ali, se esquecem de toda a precaução por excesso de confiança. Desta forma, a vitória mais segura tem sido algumas vezes arrebatada das mãos que a detinham e, por seu turno, os vencidos batem os vencedores.

É difícil afirmar-se se os utopianos são mais hábeis em armar emboscadas do que prudentes em evitá-las. Acreditaríeis que preparam uma fuga quando preparam justamente o contrário; e,

reciprocamente, se tinham intenção de fugir não o poderíeis adivinhar. Quando se sentem bastante inferiores em posição ou em número, levantam o acampamento de noite, em profundo silêncio, ou então contornam o perigo com qualquer outro estratagema. Algumas vezes retiram-se em pleno dia, mas em tão boa ordem que não é menos perigoso atacá-los durante a retirada do que quando oferecem batalha.

Têm o maior cuidado em defender o próprio campo com fossos grandes e profundos; a terra dali retirada é amontoada no interior do campo. Estas construções não são entregues a operários mas aos próprios soldados; todo o exército trabalha, excetuando-se as sentinelas que velam armadas em redor do campo, prontas a fazer abortar qualquer surpresa. Por esse meio, poderosas fortificações são erguidas prontamente, abrangendo uma imensa extensão de terreno.

As armas defensivas dos utopianos são muito sólidas, e, entretanto, prestam-se tão bem a toda espécie de movimentos e gestos que não embaraçam nem mesmo o soldado a nado. Um dos primeiros exercícios militares ensinados aos soldados da Utopia, é o de nadar armado. Combatem de longe com a azagaia, que lançam com vigor e segurança, tanto cavaleiros como infantes. De perto, em lugar de espadas, combatem com machados, cujo corte ou peso ocasionam inevitavelmente a morte, qualquer que seja a direção do golpe. São extremamente engenhosos em inventar máquinas de guerra, e as novas máquinas ficam cuidadosamente secretas até o momento de ser postas em uso, por temor de que, sendo conhecidas anteriormente, se tornem mais um brinquedo ridículo do que um objeto de real utilidade. O que mais procuram, ao fabricá-las, é a facilidade de transporte e a aptidão de girar em todos os sentidos.

Os utopianos observam tão religiosamente as tréguas concluídas com o inimigo que não as violam mesmo em caso de provocação. Não devastam as terras do país conquistado; não queimam suas colheitas; vão até a impedir, tanto quanto possível, que elas sejam esmagadas sob os pés dos homens e dos cavalos, na previsão de que venham a necessitar delas um dia.

Nunca maltratam um homem sem armas, a menos que seja espião. Conservam as cidades que se rendem e não abandonam à pilhagem as que tomam de assalto. Apenas, matam os principais chefes que puseram obstáculos à rendição da praça, e condenam à escravidão o resto dos que enfrentaram o sítio. Quanto à massa indiferente e pacífica, deixam-na em paz. Se sabem que um ou mais sitiados haviam aconselhado a capitulação, dão-lhes uma parte dos bens dos condenados; a outra parte é para as tropas auxiliares. Não tocam no despojo.

Com a terminação da guerra, não são os aliados em favor dos quais foi a guerra empreendida que suportam os seus gastos; são os vencidos. Em virtude desse princípio, os utopianos exigem dos últimos, primeiramente, dinheiro, que empregam para os fins que já conheceis, em caso de guerra futura; em segundo lugar, a concessão de vastos domínios situados no território conquistado, domínios que trazem à república pingues rendas.

Atualmente, esta república conta em vários países do estrangeiro com imensas rendas desta espécie; oriundas de diversas causas, foram pouco a pouco se acumulando e dão hoje mais de setecentos mil ducados. O Estado envia para essas propriedades cidadãos com o título de *questores* que vivem magnificamente, possuem grande séquito e fornecem ainda fortes somas ao tesouro. Muitas vezes, também, os utopianos cedem o produto dessas propriedades ao povo do país onde elas se acham, enquanto não

sentem necessidade dele. É raro que reclamem o reembolso total. Uma parte desses domínios é reservada aos que, cedendo à sedução, afrontam os perigos de que já vos falei.

Assim que um príncipe pegou em armas contra a Utopia e se prepara para invadir uma das terras de seu domínio, os utopianos reúnem imediatamente um exército formidável e o expedem para atacar o inimigo fora das suas fronteiras. Só em medida extrema fazem nossos insulares a guerra em sua terra; e não há necessidade no mundo que os force a deixar entrar na ilha um socorro de tropas estrangeiras.

DAS RELIGIÕES DA UTOPIA

As religiões, na Utopia, variam não unicamente de uma província para outra, mas ainda dentro dos muros de cada cidade; estes adoram o Sol, aqueles divinizam a Lua ou outro qualquer planeta. Alguns veneram como Deus supremo um homem cuja glória e virtude brilharam outrora de um vivo fulgor.

Não obstante, a maior parte dos habitantes, que é também a mais sábia, repele estas idolatrias e reconhece um Deus único, eterno, imenso, desconhecido, inexplicável, acima das percepções do espírito humano, enchendo o mundo inteiro com sua onipotência e não com sua vastidão corpórea. Este Deus é chamado *Pai;* é a ele que atribuem as origens, o crescimento, o progresso, as revoluções e o fim de todas as coisas. É a ele unicamente que rendem homenagens divinas.

De resto, apesar da diversidade de suas crenças, todos os utopianos concordam numa coisa: que existe um ser supremo, ao mesmo tempo Criador e Providência. Este ser é designado, na *língua* do país, sob o nome comum de *Mitra.* A dissidência consiste em que *Mitra* não é o mesmo para todos. Mas qualquer que seja a forma pela qual um represente seu Deus, cada um adora, sob esta forma, a natureza majestosa e potente, a quem somente pertence o soberano império de todas as coisas, por consentimento geral dos povos.

Esta variedade de superstições tende, dia a dia, a desaparecer

e a converter-se numa única religião, a qual parece muito mais razoável. É mesmo provável que a fusão já se teria operado, sem os infortúnios imprevistos e pessoais que impedem a conversão de um grande número. Muitos, em lugar de atribuir ao acaso acidentes desse jaez, metem-se a interpretá-los, sob o terror supersticioso que sentem, como uma vingança do Deus que estavam prestes a abandonar. Temem que este Deus se vingue de sua apostasia.

Entretanto, quando aprenderam conosco o nome do Cristo, sua doutrina, sua vida, seus milagres, a admirável constância de tantos mártires, cujo sangue voluntariamente vertido submeteu à lei do Evangelho a maioria das nações da terra, não podeis imaginar com que afetuosa inclinação ouviram esta revelação. Talvez que Deus agisse secretamente em suas almas; talvez o cristianismo lhes parecesse em todos os pontos conforme à seita que entre eles goza de maior prestígio.

O que na minha opinião contribuiu sobretudo para inspirar-lhes estas felizes disposições foi a narração da vida em comum dos primeiros apóstolos, tão cara a Jesus Cristo, e atualmente ainda em uso nas sociedades dos verdadeiros e perfeitos cristãos.

Como quer que seja muitos dentre os utopianos abraçaram nossa religião e foram purificados pelas águas sagradas do batismo; infelizmente, de nós quatro (a morte de outros dois companheiros nos tinha reduzido a este número), nenhum era padre. Eles não puderam, portanto, ainda que já iniciados nos outros mistérios, receber os sacramentos que, entre nós, unicamente os padres têm o poder de conferir; não obstante, têm uma idéia perfeitamente exata desses sacramentos e de tal modo os desejam que ouvi-os discutir acaloradamente a questão de saber se um cidadão, escolhido por eles, não poderia adquirir o caráter

de *padre*. À minha partida, não tinham ainda eleito ninguém, mas pareciam resolvidos a fazê-lo.

Os habitantes da ilha que não crêem no cristianismo, não se opõem à sua propagação e não maltratam de nenhuma maneira os neoconvertidos. Apenas um dos nossos neófitos foi preso em minha presença. Recém-batizado, pregava em público, não obstante os meus conselhos, com mais zelo que prudência. Arrebatado por seu ardente fervor, não se contentava em elevar ao primeiro plano o cristianismo; e condenava todas as outras religiões vociferando contra seus mistérios, que classificava de ímpios e sacrílegos, dignos do inferno. Este neófito, depois de ter deblaterado neste tom durante muito tempo, foi preso, não sob prevenção de ultraje ao culto, mas por ter provocado tumulto entre o povo. Foi a julgamento e condenado ao exílio.

Os utopianos incluem no número de suas mais antigas instituições a que proíbe prejudicar uma pessoa por sua religião. Utopus, na época da fundação do império, apurou que, antes de sua chegada, os indígenas viviam em guerras contínuas por motivos religiosos. Notara também que tal situação lhe facilitara a conquista do país porque as seitas dissidentes, em vez de se reunirem em massa, combatiam isoladamente e à parte. Assim que se viu vitorioso e senhor do país, apressou-se em decretar a liberdade de religião.

Entretanto, não proscreveu o proselitismo, que propaga a fé pelo raciocínio, com doçura e modéstia; que não procura destruir pela força bruta a religião contrária, quando não consegue persuadir; que, finalmente, não emprega a violência nem a injúria.

Utopus, decretando a liberdade religiosa, não tinha unicamente em vista a manutenção da paz outrora perturbada por

combates contínuos e ódios implacáveis; pensava ainda que o próprio interesse da religião exigia tal medida. Nunca ousou ele estatuir temerariamente qualquer regra, em matéria de fé, na incerteza de que o próprio Deus não tenha inspirado aos homens as diversas crenças no intuito de experimentar, por assim dizer, esta grande variedade de cultos. Quanto ao emprego da violência e de ameaças para constranger alguém a adotar a mesma crença que outrem, pareceu-lhe tirânico e absurdo. Previa que se todas as religiões fossem falsas, à exceção de uma, tempo viria em que, com o auxílio da doçura e da razão, a verdade se destacaria espontaneamente, luminosa e triunfante, da noite do erro.

Ao contrário, quando a controvérsia se faz pelo tumulto e de armas na mão, dado que os piores homens são os mais teimosos, sucede que a melhor e mais santa das religiões acabaria sepultada sob uma multidão de vãs superstições, como uma bela seara coberta pelo mato e os espinhos.

Foi por isto que Utopus deixou a cada um inteira liberdade de consciência e de fé.

Não obstante, castigou severamente, em nome da moral, o homem que degrada a dignidade de sua natureza a ponto de pensar que a alma morre com o corpo ou que o mundo marcha ao léu sem que exista alguma providência.

Os utopianos crêem, pois, numa vida futura, onde castigos são preparados para os crimes e recompensas para as virtudes. Não dão o nome de homem àquele que nega estas verdades e que rebaixa a natureza sublime de sua alma à vil condição de um corpo de animal; com mais forte razão, não o honram com o título de cidadão, persuadidos de que, se o tal não estivesse amarrado pelo temor, calcaria aos pés como flocos de neve os hábitos e as instituições sociais. Quem pode duvidar, com efeito, que um

indivíduo que não tem outro freio senão o código penal, outra esperança que a matéria e o nada, não encontre prazer em iludir, astuciosa e secretamente, as leis de seu país, ou violá-las pela força, desde que satisfaça a sua paixão e o seu egoísmo?

A esses materialistas não se rendem homenagens, não se confiam magistraturas ou cargos públicos. São desprezados como seres de natureza inerte e impotente. Entretanto, não são condenados a pena, na convicção generalizada de que não está no poder de ninguém sentir segundo sua fantasia. Não se fazem ameaças para obrigá-los a dissimular a própria opinião. A dissimulação é proscrita na Utopia e a mentira é detestada tanto quanto a trapaça. Unicamente, não têm o direito de sustentar seus princípios em público perante o vulgo; podendo fazê-lo entretanto em particular junto aos padres e outras graves personagens. São mesmo insistentemente convidados para essas conferências, na esperança de que seu delírio ceda enfim à razão.

Grande número de utopianos professa um sistema diametralmente oposto ao materialismo; e, como suas idéias não são perigosas nem totalmente desprovidas de bom senso, a propaganda não lhes é proibida. Estes últimos, caindo no extremo oposto, pretendem que as almas dos animais são imortais como as nossas, ainda que muito inferiores quanto ao quinhão da dignidade e da felicidade que lhes são destinadas.

Todos os utopianos, à parte pequena minoria, alimentam a convicção íntima de que uma felicidade imensa aguarda o homem além-túmulo. É por isto que choram pelos doentes e jamais pelos mortos, excetuado o caso em que o moribundo deixa a vida inquieto ou a contragosto. O temor da morte é para eles mau augúrio; parece-lhes que este temor não existe senão nas almas sem esperança e cujas consciências intranqüilas tremem

diante da eternidade, como se sentissem já o aproximar do suplício. Além disso acreditam que Deus não recebe com prazer o homem que não acorre de bom grado ao seu chamado, mas é pela morte arrastado à sua presença entre rebelde e aflito.

Aqueles que vêem alguém morrer assim tomam-se de horror; levam o defunto, tristes e silenciosos; e, após suplicar à divina clemência perdão às suas fraquezas, enterram-no.

Ninguém, ao contrário, lamenta um cidadão que sabe morrer alegremente, cheio de esperança. Cânticos de alegria acompanham seus funerais. Recomenda-se com fervor sua alma a Deus, e queima-se-lhe o corpo com respeito mas sem lamentações. Sobre o lugar da sepultura, levanta-se uma coluna em que são gravados os títulos do morto. Seus amigos, reunidos, conversam sobre seus hábitos e ações; e o que mais freqüentemente lhes agrada relatar é a história de sua morte gloriosa.

Estas homenagens dedicadas à memória das pessoas de bem são, aos olhos de nossos insulares, um incitamento eficaz à virtude e um nobre culto aos mortos. Porque os mortos, segundo os preconceitos da maioria dos utopianos, assistem às conversações dos vivos, ainda que invisíveis ao pequeno alcance dos olhos dos mortais. Não conviria à sorte dos bem-aventurados não serem livres de se transportar aonde bem lhes parecesse; e poder-se-ia justamente acusá-los de ingratidão, se se mostrassem indiferentes ao desejo de rever os amigos a que na terra estavam presos pelos laços do amor e da caridade. Mas tal não poderia dar-se visto que o amor e a caridade, longe de se extinguirem após a morte no coração dos eleitos, devem provavelmente crescer, como todas as outras perfeições. Por conseguinte, segundo as idéias utopianas, os mortos se misturam à sociedade dos vivos e são testemunhas de suas ações e de suas palavras. A

crença na presença dos antepassados inspira a este povo uma confiança extrema nas suas ações, porque lhe assegura a proteção e o apoio de poderosos defensores; além disso, impede uma enorme quantidade de crimes ocultos.

Quanto aos augúrios e outros meios supersticiosos de adivinhação, tão freqüentes em outros países, os nossos insulares rejeitam-nos e deles se riem.

Veneram os milagres que surgem sem o concurso das leis da natureza, considerando-os como fatos que atestam a presença da divindade. Afirmam mesmo que muitos milagres têm-se verificado em seu país, e que não raro em meio a terríveis calamidades as preces públicas e uma grande fé logram obter prodígios capazes de salvar o império.

Crêem que contemplar o universo, louvar o autor das maravilhas da criação é um culto agradável a Deus.

Entretanto, encontra-se entre eles uma classe numerosa de cidadãos que, por espírito religioso preconcebido, abandonam a ciência, desdenham aplicar-se ao conhecimento das coisas, renunciam, enfim, a toda espécie de contemplação e lazer. Estes homens procuram merecer o céu unicamente pela vida ativa e pelos bons serviços prestados ao próximo. Uns cuidam dos doentes; outros consertam as estradas e as pontes, limpam os canais, nivelam os terrenos, tiram dos caminhos as pedras e os obstáculos, abatem e cortam as árvores; transportam, para as cidades, em carros puxados a cavalo, a madeira, o grão, os frutos e os outros produtos do campo.

Não só trabalham para o público, mas se põem ainda a serviço dos particulares, como simples domésticos, mais diligentes e submissos que escravos. Encarregam-se com alegria dos trabalhos mais rudes e mais difíceis, dos serviços mais repugnantes,

para cuja realização as penas, o desespero e o nojo afugentam a maioria dos homens. Entregam-se, sem descanso, ao trabalho e à fadiga, a fim de obter para o próximo um repouso maior. Não exigem para tanto nenhum agradecimento. Não censuram a vida dos outros e não se vangloriam de todo o bem que fazem. Quanto mais, por devotamento, se rebaixam ao nível dos escravos, tanto mais se elevam na estima pública.

Esta classe de homens devotados divide-se em duas seitas:

Uns renunciam ao matrimônio. Não só se abstêm do comércio com as mulheres, como ainda rejeitam o uso de qualquer carne. Privam-se de todos os prazeres da vida, como coisas perigosas; não aspiram senão a merecer as delícias da vida futura à força de vigílias e suores. A esperança de cedo gozar dessas delícias torna-os alegres e sãos.

Os outros, não menos ávidos de trabalhos, preferem o estado de casados, do qual apreciam as obrigações e as doçuras. Julgam que têm obrigações para com a natureza e que devem filhos à pátria. Não fogem dos prazeres, contanto que estes não os distraiam do trabalho. Comem carne dos quadrúpedes, a fim de se tornarem mais robustos e mais capazes de suportar as fadigas.

Os utopianos crêem os últimos mais sábios e os primeiros mais santos. Se, não obstante, aqueles que preferem o celibato ao casamento, as fadigas ao repouso, fundamentassem tal comportamento no bom senso da razão, os utopianos se ririam deles com piedade. Mas professam por estes homens uma viva admiração, porque a religião é o móvel de seu devotamento e na Utopia todo mundo evita, escrupulosamente, tomar qualquer decisão a respeito da religião. Estes rígidos sectários se chamam na língua do país *butrescos;* denominação que corresponde entre nós a *religiosos.*

Os padres da Utopia são de uma santidade perfeita, e, por conseqüência, em número muito restrito; para cada cidade não há senão treze a serviço de igual número de templos. Entretanto, em caso de guerra, sete padres devem acompanhar o exército, e neste caso é forçoso nomear outros sete em lugar dos que partem. Os titulares retomam suas *funções* assim que regressam. Os suplentes sucedem por ordem aos antigos, à proporção e à medida que estes morrem; como suplentes, assistem o *pontífice*.

Em cada cidade há um pontífice acima dos outros padres.

Os padres, da mesma forma que os outros magistrados, são eleitos pelo povo em escrutínio secreto, a fim de evitar a intriga; o colégio sacerdotal da cidade consagra os novos eleitos. Presidem as coisas divinas, velam sobre a religião, e são, de algum modo, os censores dos costumes. É vergonhoso ser citado a comparecer perante eles e receber suas reprimendas; é esse um indício de vida pouco regular. De resto, se têm o direito de aconselhar e de repreender, somente ao príncipe e aos magistrados cabe o direito de prender e processar criminalmente os culpados. O poder dos padres se limita a interditar os sagrados mistérios aos homens reconhecidamente pervertidos. Não existe suplício nenhum que faça mais horror, na Utopia, que esta excomunhão; ela os marca de infâmia, causa à consciência mil temores religiosos e não deixa, a quem fere, tranqüilidade quanto à própria segurança pessoal; pois, se os reprovados não se apressam em dar mostra de arrependimento verdadeiro perante os padres, o senado manda prendê-los e lhes é aplicada a penalidade dos ímpios.

A educação da infância e da juventude é confiada ao sacerdote, para quem os primeiros cuidados são para o ensino da moral e da virtude de preferência ao das ciências e das letras. O mestre,

na Utopia, emprega toda a sua experiência e talento em imprimir, na alma ainda tenra e impressionável da criança, os bons princípios que são a salvaguarda da república. A criança que recebeu o gérmen desses princípios guarda-os em sua carreira de homem, tornando-se mais tarde um elemento útil à conservação do Estado. É o vício que destrói os impérios e o vício é engendrado pelas más opiniões.

Os padres escolhem suas mulheres na fina flor da população. As próprias mulheres não são excluídas do sacerdócio, contanto que sejam viúvas e de idade avançada.

Não há magistratura mais honrada que o sacerdócio. A veneração que se dedica aos padres é de tal modo profunda que, se algum deles comete uma infâmia, não comparece em juízo mas é abandonado a Deus e à sua própria consciência. Os utopianos não julgam permitido tocar-se com mão mortal naquele que foi consagrado a Deus, como uma oferenda santa, como uma coisa inviolável e à parte.

Esta lei é tanto mais fácil de praticar quanto é pequeno o número dos padres e quão grandes as precauções postas em elegê-los. Assim, deve ser extremamente raro que um homem elevado a um tão alto grau de dignidade, em conseqüência mesmo de suas virtudes e de ser o melhor entre os bons, venha a cair no vício e na depravação. E, se tamanho escândalo viesse a dar-se (pois a natureza humana é fraca e inconstante), a segurança do Estado não se sentiria gravemente comprometida por uma classe tão pouco numerosa e que possui somente brilhantes honras, sem influência e poder.

Os utopianos, ao limitar a tão pequeno número a quantidade de padres, procuram não baratear a dignidade de uma ordem que goza atualmente da mais alta consideração, transmitindo

esta dignidade a muitos indivíduos. A razão principal é que lhes parece difícil encontrar muitos homens dignos de preencher uma função cujo exercício exige uma perfeição invulgar.

Os padres da Utopia não são menos estimados nas nações estrangeiras que entre seus concidadãos. Eis a explicação para o fato:

Durante os combates, os padres, retirados a um lado, mas não muito longe dos campos de batalha, rezam de joelhos, as mãos erguidas ao céu e paramentados com os hábitos sagrados. Imploram a paz acima de tudo, e só em segundo lugar a vitória do seu país, e, ainda assim, uma vitória que não seja sangrenta para nenhum dos dois lados. Se são os seus concidadãos os vencedores, atiram-se no mais forte da refrega e evitam a matança dos vencidos. O infeliz que deles se aproxima, os vê ou os chama, tem sua vida poupada; aquele que consegue tocar suas vestimentas sagradas, longas e flutuantes, conserva, com a vida, a fortuna.

Esta bela atitude fez ressaltar tanto a real majestade de seu caráter, e inspira aos povos vizinhos tanta veneração, que muitas vezes a intervenção dos padres não tem sido menos salutar aos próprios utopianos do que aos exércitos inimigos. De fato, tem acontecido às tropas utopianas se submeterem e fugirem depois de perdidas todas as esperanças; mas, no momento em que o inimigo se entregava ao saque e ao assassínio, a mediação dos padres suspendia a carnificina, separava os contendores e conseguia que se concluísse a paz sob condições razoáveis. Nunca, naquelas plagas, houve povo bastante bárbaro, ou bastante feroz e cruel, para não respeitar os padres da Utopia como um corpo sagrado e inviolável.

Os utopianos celebram uma festa nos primeiros e últimos dias

do mês e do ano. Dividem o ano em meses lunares e o medem pela revolução solar. Esses primeiros e últimos dias se chamam *cinemerne* e *trapemerne* segundo a língua utopiana, nomes que aproximadamente significam festa inicial e festa final.

Podem-se ver na Utopia templos magníficos, de rica estrutura e de extensão capaz de conter uma imensa multidão, o que é necessário em vista do pequeno número existente. Neles reina uma semi-obscuridade mesmo com a claridade do dia; esta disposição não é motivada pela ignorância dos arquitetos; foi adotada de propósito e a conselho dos padres. A razão disso é que uma luz excessiva dispersa as idéias, enquanto que uma luz fraca e dúbia recolhe o espírito, desenvolve e exalta o sentimento religioso.

Se bem que os utopianos não professam a mesma religião, entretanto todos os cultos desse país, em suas múltiplas variedades, convergem por diversos caminhos para o mesmo fim — que é a adoração da natureza divina. É por isto que não se vê e não se encontra nada nos templos que não sirva a todas as crenças em conjunto. Cada um celebra em sua casa, em família, os mistérios particulares à sua fé. O culto público é organizado de maneira a não contradizer em nada o culto doméstico e privado. Não se encontra nos templos nenhuma imagem de deuses, a fim de que fique cada um livre de conceber a Divindade sob a forma que corresponda à sua crença. Não se invoca jamais Deus sob outro nome que o de *Mitra,* termo que exprime em geral a essência da majestade divina, qualquer que seja esta essência. Não se faz ali nenhuma prece que todos não possam repetir sem ferir sua própria consciência religiosa.

Nos dias de *trapemerne* o povo se reúne nos templos à tarde e ainda em jejum. Aí, agradecem a Deus as graças alcançadas

durante o ano ou mês de que a festa é o último dia. No dia seguinte, dia de *cinemerne,* o povo enche os templos já pela manhã implorando aos céus um futuro feliz durante o ano ou mês que esta solenidade inaugura.

Nos dias de *trapemerne,* antes de ir ao templo, as mulheres se atiram aos pés de seus maridos, as crianças aos pés de seus pais. Assim prosternadas, confessam seus pecados por atos ou negligências no cumprimento dos deveres, e depois pedem perdão de seus erros. No meio desta confissão em família, desta satisfação piedosa, as nuvens de ódio que obscureciam a paz doméstica são rapidamente dissipadas e todo mundo pode, então, assistir aos sacrifícios com a alma tranqüila e pura, pois os utopianos teriam escrúpulos se a eles assistissem com o ódio e a perturbação no coração. Se sua consciência estivesse carregada de cólera ou ressentimento, não ousariam jamais participar da celebração dos mistérios antes de se terem reconciliado e purificado seus sentimentos. Temem que Deus exerça qualquer vingança terrível por essa impiedade.

Dentro do templo, os homens ficam à direita e as mulheres à esquerda, separados. Os lugares são distribuídos de forma que os indivíduos de cada um dos dois sexos estejam respectivamente sentados em frente do pai e da mãe da família. Isto é assim ordenado a fim de que os chefes de família possam observar o comportamento exterior daqueles que eles instruem e governam na intimidade. Tem-se o cuidado de distribuir os mais jovens entre os mais velhos, a fim de que as crianças, não estando muito aglomeradas, não percam, em tolices pueris, o tempo que devem empregar em impregnar-se da crença religiosa nos deuses, crença que é, nessa idade, o incentivo mais urgente e talvez mais capaz de estimulá-las à virtude.

Os utopianos não imolam animais nos seus sacrifícios. Pensam que a clemência divina, que deu a vida aos seres animados para que vivam, não pode se alegrar com a visão do sangue e da morte. Queimam incenso e outros perfumes, e velas em grande número. Sabem muito bem que a natureza divina não tem necessidade dessas coisas nem das preces dos homens; mas gostam de render a Deus este culto de paz. Aliás, não sei como, sob a influência dessas luzes, desses perfumes, dessas cerimônias, o homem sente sua alma elevar-se e, com fervor, entrega-se à adoração do Todo-Poderoso.

O povo, no templo, veste-se de branco; o padre leva uma vestimenta de diversas cores, admirável de confecção e de forma, ainda que a fazenda não seja muito preciosa. A vestimenta do padre não é nem brochada de ouro nem presa por pedrarias; é um tecido de penas de pássaros, dispostas com tanta arte e gosto que o mais rico paramento ficaria abaixo desse maravilhoso trabalho. Além disso, a ordem com que são distribuídas as penas e plumas obedece a símbolos que encerram mistérios secretos. Os sacrificadores conservam e comunicam fielmente a interpretação desses símbolos, cuja vista recorda perenemente aos utopianos os benefícios que Deus lhes prodigaliza, o reconhecimento que devem, em retribuição, e os deveres que têm a cumprir uns para com os outros.

Desde que o padre revestido de seus paramentos se apresenta à entrada do santuário, todo mundo se prosterna, com um respeito e silêncio tão profundos que este espetáculo fere a alma de uma espécie de terror como se um deus aparecesse no templo. Após alguns instantes, a um sinal do padre, todos se erguem. Então os assistentes começam a cantar louvores a Deus, interrompidos, a intervalos, pela música instrumental.

Os instrumentos da música utopiana têm formas, em grande parte, diferentes das que vemos entre nós. Na sua maioria são mais harmoniosos que os nossos, e alguns não lhes podem mesmo ser comparados. Mas o que dá à música utopiana, seja instrumental, seja vocal, uma superioridade incontestável, é que ela imita e exprime todos os sentimentos da natureza com rara perfeição. Os utopianos acordam tão bem o som, pintam tão vivamente as súplicas da prece, a alegria e a piedade, a inquietação, o pesar, a cólera; a forma de sua melodia, numa palavra, representa com tal verdade os sentimentos mais íntimos, que a alma de quem escuta fica maravilhosamente comovida, embevecida e inflamada.

No fim do ofício divino, o povo e o padre rezam juntos rezas solenes, formuladas em termos determinados por lei, e de maneira a cada um reportar a si mesmo o que todos recitam em comum.

Nessas preces, os ouvintes reconhecem Deus como autor da criação e da conservação de todos os bens; rendem-lhe graças pelos numerosos benefícios recebidos. Agradecem a Deus, em particular, tê-los feito nascer, por insigne favor, no seio da república mais feliz e da religião que lhes parece ser a verdadeira. Entretanto, se esta crença for um erro, se existir um governo e um culto melhores, mais propícios ao Eterno, suplicam sua divina bondade de lhes trazer esta revelação, declarando-se prontos a obedecer, em tudo, à sua vontade. Mas, ao contrário, se o culto e o governo da Utopia são os mais perfeitos, pedem então a Deus que lhes conceda o favor de perseverar, e que conduza o resto dos homens às mesmas instituições religiosas e sociais; a não ser que, nos seus desígnios impenetráveis, tenha por bem esta grande diversidade de religiões. Finalmente suplicam à

misericórdia divina recebê-los em paz, depois de uma boa morte. Não ousam pedir ao céu prolongar ou abreviar a duração da própria vida; mas o que dizem a Deus, sem temer ofender sua majestade, é que prefeririam chegar a ele pela morte mais penosa do que ficar muito tempo privado de sua presença na vida mais venturosa.

Terminada esta prece, todo mundo se prosterna de novo e se ergue momentos depois para ir jantar. O resto do dia é empregado em jogos e exercícios militares. . .

Tenho tentado, continuou Rafael, descrever-vos a forma desta república, que julgo ser, não somente a melhor, como a única que pode se arrogar, com boa justiça, o nome de *república*. Porque, em qualquer outra parte, aqueles que falam do interesse geral não cuidam senão do seu interesse pessoal; enquanto que lá, onde não se possui nada em particular, todo mundo se ocupa seriamente da causa pública, pois o bem particular realmente se confunde com o bem geral. Qual o homem que, em outro lugar, não sabe que se abandonar os seus próprios negócios, por mais florescente que esteja a república, não deixará, por isso, de morrer de fome? Daí a necessidade com que pensam em si antes de pensar em seu país, isto é, no seu próximo.

Na Utopia, ao contrário, onde tudo pertence a todos, não pode faltar nada a ninguém, desde que os celeiros públicos estejam cheios. A fortuna do Estado nunca é injustamente distribuída naquele país; não se vêem nem pobres nem mendigos, e ainda que ninguém tenha nada de seu, no entretanto todo mundo é rico. Existe, na realidade, mais bela riqueza do que viver alegre e tranqüilo, sem inquietações nem cuidados? Existe sorte mais feliz do que não tremer pela existência, não ser azoinado pelos pedidos e queixas da esposa, não temer a pobreza para seu filho,

não apoquentar-se pelo dote da filha; mas estar sempre seguro e certo da existência do bem-estar, seu e dos seus, mulher, filhos, netos, bisnetos, até à mais longínqua posteridade de que poderia orgulhar-se um fidalgo?

A república utopiana garante essas vantagens aos que, inválidos hoje, outrora trabalharam tão bem quanto os cidadãos ativos aptos a trabalhar.

Gostaria de ver alguém, aqui, que ousasse comparar esta justiça à justiça das outras nações. Eu, de mim, estou pronto a morrer se me mostrarem nas outras nações o menor sinal de eqüidade e justiça.

É justo que um nobre, um ourives, um usurário, um homem que não produz senão objetos de luxo, inúteis ao Estado, é justo que tais indivíduos levem uma vida caprichosa e esplêndida por entre a ociosidade e ocupações frívolas, enquanto que um trabalhador, um carreteiro, um artesão, um lavrador vivam na negra miséria, mal podendo alimentar-se? E, no entanto, os últimos estão amarrados a um trabalho tão pesado e tão penoso que as bestas de carga mal suportariam; tão necessário que nenhuma sociedade poderia subsistir um ano sem ele. Na verdade, a condição de uma besta de carga parece mil vezes preferível; esta trabalha menos tempo, sua alimentação não chega a ser pior, e é mesmo mais conforme aos seus gostos. E depois, o animal não *teme o futuro*.

Mas qual é o destino do operário? Um trabalho infrutífero, estéril, a esmagá-lo agora, e a expectativa de uma velhice miserável no futuro; o seu salário diário não chega para todas as necessidades quotidianas; como, então, poderá ele aumentar sua fortuna e reservar dia a dia um pouco do supérfluo para as necessidades da velhice?

Não é iníqua e ingrata a sociedade que prodigaliza tantos bens aos que se intitulam *nobres,* aos joalheiros, aos ociosos ou a esses artesões de luxo que só sabem lisonjear e servir a frívolas volúpias; quando, de outra parte, não tem nem coração nem cuidados para o lavrador, o carvoeiro, o carregador, o operário, sem os quais não existiria sociedade? Em seu cruel egoísmo, ela abusa do vigor da juventude dessa gente para tirar dela maior proveito; e logo que fraquejam esses pobres homens, sob o peso da idade e da doença, justamente quando tudo lhes falta, é que ela esquece das suas canseiras infindas, dos seus numerosos serviços, e os recompensa deixando-os morrer de fome.

E não é tudo. Os ricos diminuem cada dia alguma coisa no salário dos pobres, não só por meio de manobras fraudulentas, mas ainda decretando leis para tal fim. Recompensar tão mal aqueles que mais merecem da república, parece-nos à primeira vista uma evidente injustiça; mas os ricos fazem desta monstruosidade um direito, sancionando-o em leis.

É por isto que, quando considero e observo as repúblicas mais florescentes, hoje, não vejo, Deus me perdoe, senão uma conspiração de ricos a gerir do melhor modo os seus negócios sob o rótulo e o título pomposos de república. Os conjurados procuram por todas as manhas e meios possíveis atingir um duplo fim:

Primeiramente, assegurar a posse certa e indefinida de uma fortuna mais ou menos mal adquirida; em segundo lugar, abusar da miséria dos pobres, abusar de suas pessoas, e comprar pelo preço mais baixo suas habilidades e labores.

E essas maquinações decretadas pelos ricos em nome do Estado, e, por conseguinte, em nome dos pobres também, são transformadas em leis.

Entretanto, embora tenham esses homens perversos parti-

lhado entre si, com insaciável cobiça, bens suficientes à felicidade de todo um povo, longe ainda estariam da felicidade que gozam os utopianos.

Na Utopia a avareza é impossível, porque o dinheiro ali não é de uso algum, e, por isso mesmo, que abundante fonte de males não estancou? Que enorme seara de crimes não cortou pela raiz? Quem não sabe, com efeito, que as fraudes, os roubos, as rapinas, as rixas, os tumultos, as querelas, as sedições, os assassínios, as traições, os envenenamentos; quem não sabe, digo, que todos esses crimes dos quais se vinga a sociedade com suplícios permanentes, sem, entretanto, poder preveni-los, seriam suprimidos no dia em que o dinheiro desaparecesse? Então, desapareceriam também o temor, a inquietude, os cuidados, as fadigas e as canseiras. A própria pobreza, que parece ser a única a carecer de dinheiro, diminuiria no instante mesmo, caso o dinheiro fosse completamente abolido.

E veja-se esta prova evidente:

Suponde que venha um ano mau e estéril, durante o qual uma horrível fome roube muitos milhares de vidas. Sustento que, ao fim da calamidade, se fossem pesquisados os celeiros dos ricos, neles se encontrariam imensas provisões de grãos. De sorte que, se essas provisões tivessem sido distribuídas em tempo, nenhum dos infelizes que morreram de fraqueza e debilidade teria sido tocado pela inclemência do céu e a avareza da terra. Vedes, pois, que, sem o dinheiro, a existência teria podido e poderá ser assegurada a todos; e que a chave de ouro, esta bem-aventurada invenção que nos devia abrir as portas da felicidade, no-las fecha impiedosamente.

Os próprios ricos, não o duvido, compreendem estas verdades. Sabem que é infinitamente preferível não lhes faltar jamais

o necessário a ter em abundância quantidades de coisas supérfluas; que mais vale verem-se livres de males inúmeros do que se cercarem de grandes riquezas. Creio mesmo que de há muito teria o gênero humano abraçado as leis da república utopiana, seja em interesse próprio, seja em obediência às leis do Cristo, pois a sabedoria do Salvador não poderia ignorar o que há de mais útil aos homens, e sua bondade divina certamente já soube recomendar-lhes o que sabia ser bom e perfeito.

Mas o orgulho, paixão feroz, rainha e mãe de todas as pragas sociais, opõe uma resistência invencível a essa conversão dos povos. O orgulho não mede a felicidade de acordo com o bem-estar pessoal, mas de acordo com a infelicidade alheia. O orgulho recusaria mesmo ser Deus, se não lhe restassem mais infelizes a insultar e a tratar como escravos, se o luxo de sua felicidade não fosse mais exaltado pelas angústias da miséria e se a ostentação de suas riquezas não torturasse mais a indigência e acendesse o seu desespero. O orgulho é uma serpente do inferno, que se introduziu no coração dos homens, que os cega com seu veneno e os afasta da senda de uma vida melhor. Este reptil agarra-se tão fortemente à carne que se torna difícil arrancá-lo.

Desejo, do fundo da alma, a todos os países, uma república semelhante à que vos acabo de descrever. Alegra-me, ao menos, saber que os utopianos encontraram e fundaram o seu império sobre instituições que lhes asseguram não somente a prosperidade mais brilhante como, tanto quanto pode conjeturar a previsão humana, uma duração eterna.

Porque nela todos os germens da ambição, do facciosismo, foram extirpados com os demais vícios. Desde então, o Estado não teme as discórdias civis que aniquilavam a potência e a

riqueza de tantas cidades. A união dos cidadãos sendo assim fortemente consolidada no interior, a excelência e a solidez das instituições defendem a república contra os perigos de fora. A inveja reunida de todos os reis vizinhos seria impotente para abalar e perturbar o império; já o experimentaram muitas vezes e todas as vezes viram seus projetos desmoronar.

Assim que Rafael terminou sua narrativa, veio-me à mente quantidade de coisas que me pareceram absurdas nas leis e costumes utopianos, tais como seu sistema de fazer a guerra, o culto, a religião e várias outras instituições. O que sobretudo transtornava todas as minhas idéias era o alicerce sobre que foi erguida esta estranha república, quero dizer, a comunidade de vida e de bens, sem tráfico de dinheiro. Ora, esta comunidade destrói radicalmente toda nobreza e magnificência, todo esplendor e majestade — coisas que, aos olhos da opinião pública, fazem a honra e o verdadeiro ornamento de um Estado. Não apresentei, entretanto, a Rafael, nenhuma objeção, porque o sabia fatigado da longa narrativa. Por outro lado, não estava certo de que suportasse pacientemente a contradição. Lembrava-me tê-lo visto censurar com vivacidade a certos contraditores, repreendendo-lhes temerem passar por imbecis, se nada encontravam a objetar às invenções dos outros.

Pus-me, então, a louvar as instituições utopianas e a narrativa feita. Depois tomei pela mão o narrador, a fim de levá-lo a cear, e prometi que, de outra feita, teríamos ocasião de meditar mais profundamente sobre essas matérias, e de juntos conversar mais demoradamente.

Praza a Deus que isto aconteça algum dia!

Porque, se de um lado não posso concordar com tudo o que disse este homem, aliás incontestavelmente muito sábio e muito hábil nos negócios humanos, de outro lado confesso sem dificuldade que há entre os utopianos uma quantidade de coisas que eu aspiro ver estabelecidas em nossas cidades.

Aspiro, mais do que espero.

Este livro integra a coleção
OS PENSADORES — HISTÓRIA DAS GRANDES IDÉIAS DO MUNDO OCIDENTAL
Composto e impresso nas oficinas da
Abril S. A. Cultural e Industrial, caixa postal 2732, São Paulo